

Disney

*E se a mãe de Bela tivesse
amaldiçoado a Fera?*

UM CONTO ÀS AVESSAS DE

A BELA E A FERA

LIZ BRASWELL



novo século®



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Disney

*E se a mãe de Bela tivesse
amaldiçoado a fera?*

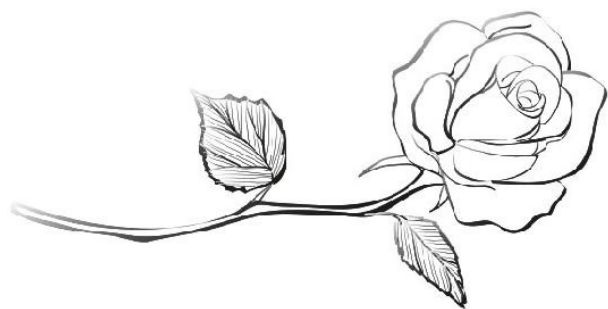
UM CONTO ÀS AVESAS DE

A BELA E A FERA

LIZ BRASWELL



novo século®



Sentimentos são...



como uma canção...

A black silhouette of Belle and the Beast from Disney's 'Beauty and the Beast'. Belle is on the left, wearing her iconic yellow dress and holding a book. The Beast is on the right, leaning towards her. The background is white.

para

a Bela e a

Fera

UM CONTO ÀS AVESSAS DE

LIZ BRASWELL

A BELA E A FERA

tradução
Marcia Men

Disney

Disney
CLASSICS

Um conto às avessas de A Bela e a Fera

As old as time: A twisted tale

Copyright © 2016 Disney Enterprises, Inc.

All rights reserved. Published by Disney Press, an imprint of Disney Book Group.

No part of this book may be reproduced or transmitted in any form or by any means, electronic or mechanical, including photocopying, recording, or by any information storage and retrieval system, without written permission from the publisher. For information address Disney Press, 1101 Flower Street, Glendale, California 91201.

Copyright © 2017 by Novos Século Editora Ltda.

COORDENAÇÃO EDITORIAL EDITORIAL

Vitor Donofrio

Giovanna Petrólio

GERENTE DE AQUISIÇÕES

Renata de Mello do Vale

João Paulo Putini

Nair Ferraz

Rebeca Lacerda

TRADUÇÃO

Marcia Men

DESIGN DE CAPA ORIGINAL

Scott Piehl

PREPARAÇÃO

Equipe Novo Século

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Jim Tierney

REVISÃO

Cláudia Renata Costa Colognori

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA

João Paulo Putini

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK

Loope – design e publicações digitais | www.loope.com.br

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Braswell, Liz

Um conto às avessas de a Bela e a Fera

Liz Braswell ; tradução de Márcia Men.

Barueri, SP: Novo Século Editora, 2017.

(Um conto às avessas ; 1)

Título original: As old as time: A twisted tale

ISBN: 978-85-428-1177-3

1. Ficção norte-americana 2. Contos de fadas I. Título II. Men, Márcia.

17-0203 CDD-813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana 813.6



NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

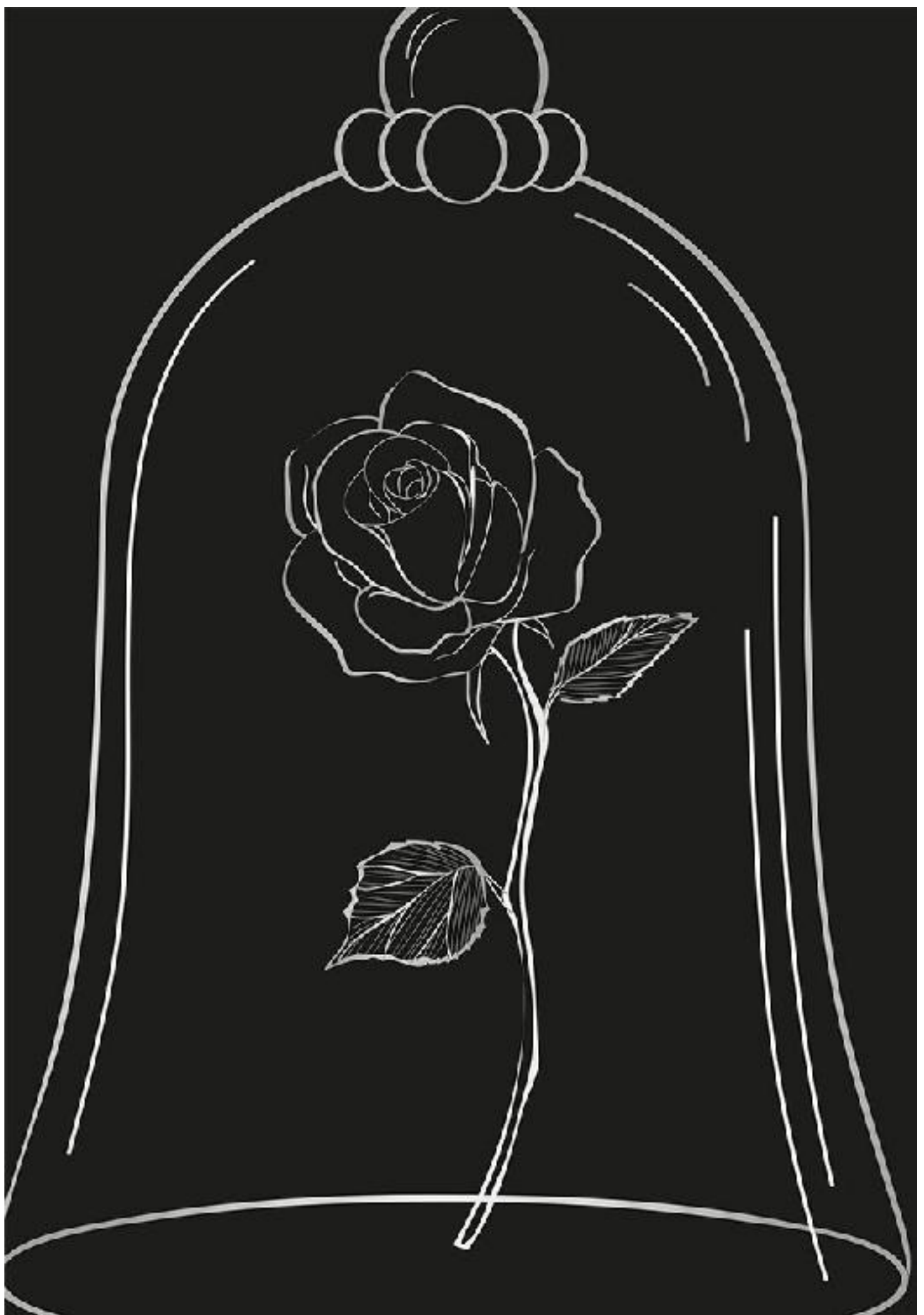
*Para meu marido, Scott. Sem o seu apoio,
amor e presença, esses livros – e certos dias
terminados em a e o – seriam muito mais difíceis.*

*E um OBRIGADA gigante e fofinho para minha editora,
Brittany, cujos senso de diversão e ideias brilhantes
fizeram mais de mil páginas passarem voando.*

- L. B.



Parte I



Era Uma Vez...

Era uma vez, em uma terra muito distante, um jovem príncipe que morava em um castelo reluzente. Embora tivesse tudo que seu coração desejasse, o Príncipe era mimado, egoísta e nada cortês. Mas então, em uma noite de inverno, uma mendiga idosa foi até o castelo e lhe ofereceu uma rosa vermelho-sangue em troca de abrigo contra a noite fria. Sentindo aversão pela aparência desfigurada da mulher, o Príncipe debochou do presente e a expulsou – apesar de ela o avisar para que não se enganasse com as aparências, pois a verdadeira beleza encontra-se no interior das pessoas. E quando a rejeitou novamente, a feiura da idosa desapareceu, revelando uma linda feiticeira.

O Príncipe tentou se desculpar, mas era tarde demais, pois ela vira que não havia amor no coração dele. Como punição, o transformou em uma fera horrenda e colocou um feitiço poderoso no castelo e em todos que ali moravam.

– Você tem até a véspera do seu vigésimo primeiro aniversário para se tornar tão belo por *dentro* quanto era por fora. Se não aprender a amar outra pessoa, e ser amado em troca, quando a última pétala dessa rosa cair, você, seu castelo e todos dentro dele serão amaldiçoados e esquecidos *para sempre*.

Envergonhado de sua aparência monstruosa, a Fera se escondeu dentro de seu castelo, com um espelho mágico como sua única janela para o mundo exterior.

Conforme os anos se passavam, ele caiu em desespero e perdeu toda a esperança – pois quem algum dia aprenderia a amar uma fera?



Era uma história muito boa.

Com frequência, entretinha a mulher que jazia no buraco negro de seu quarto, agrilhoadada a uma cama fria e dura.

Ela desfrutara a repetição em sua mente por anos. Às vezes, ela se lembrava de algumas partes de modo diferente: às vezes a rosa era cor-de-rosa como o alvorecer junto ao mar. Porém, aquilo nunca soava tão bem como *vermelho-sangue*.

E a parte do *finalzinho*, em que a Feiticeira sofria uma emboscada ao sair do castelo, jogada em uma carruagem negra e levada noite adentro – bem, aquilo não soava tão épico ou grandioso. Ela nunca

incluía essa parte.

Praticamente qualquer outra pessoa teria esgotado seus pensamentos a essa altura. Qualquer pessoa teria se entregado à finalidade da masmorra até que se esquecesse totalmente de si mesma.

Alguns de seus pensamentos *eram* malucos, girando e rodopiando pela chaleira seca que era agora o interior de sua cabeça. Se não tivesse cuidado, eles se tornariam velozes demais, se libertariam e tentariam escapar pelas fissuras de sua mente. Porém esse caminho levava à loucura, e ela ainda não tinha chegado lá.

Dez anos e ela *quase* se esquecera de si mesma. Mas não de todo.

Passos no corredor.

Ela fechou os olhos com toda força contra a loucura exterior que tentava se intrometer sobre sua loucura sombria particular.

Vozes conversando. Mais passos. O arrastar úmido de um esfregão malcheiroso contra os pisos infinitamente escorregadios. O tilintar de chaves.

– Não precisa limpar essa aí. Está vazia.

– Mas está trancada. Por que estaria trancada, se está vazia?

Ela precisava gritar, precisava tremer, precisava explodir – *qualquer coisa* que não fosse deixar que o diálogo se repetisse mais uma vez como acontecera durante os últimos quatro mil dias, em iterações apenas levemente diferentes:

“*Aah, essa aqui está trancada. Mas você está ouvindo algo lá dentro?*”

“*Essa porta está fechada. Você acha que está trancada?*”

“*Essa aqui embaixo está trancada, mas eu não me lembro de ninguém ter sido colocado lá.*”

Era como se Deus estivesse tentando todas as falas diferentes possíveis na pantomima farsesca que era sua vida e ainda não tivesse pegado o jeito.

Os dois minutos seguintes eram tão previsíveis quanto as palavras de um pai para uma criança que sabe que se comportou mal e se irrita ante a inevitabilidade das sentenças lançadas sobre ela.

Virando a chave na fechadura.

A porta se abrindo aos poucos.

Um rosto horrível, horrível apenas em sua familiaridade, a mesma expressão de surpresa de sempre, de todo dia, desde o início da eternidade. A dona do rosto carregava uma bandeja na mão em que não estavam as chaves. Atrás dela, no corredor, encontrava-se a mulher com o esfregão. E atrás *dela* estava um homem grande e silencioso, pronto para subjugar qualquer prisioneiro que não estivesse acorrentado.

A prisioneira se flagrou abrindo os olhos, a curiosidade superando seu instinto de sobrevivência. A bandeja daquele dia tinha *quatro* tigelas de caldo. Às vezes eram cinco, às vezes eram três. Às vezes havia só uma.

– Para sua sorte, eu peguei uma extra – disse a mulher com a bandeja, se ajeitando em um montinho imundo de saias e aventais.

Essa fala nunca mudava. Jamais.

A prisioneira gritou, incapaz de se conter, incapaz de impedir-se de ansiar por essa única coisa a cada dia – o mingau ralo que passava por nutrição.

A mulher com o esfregão resmungou, indignada.

– Eu num ouvi nada sobre uma nova prisioneira, isso eu lhe digo. Apesar de eles terem feito um belo serviço limpando esses tipinhos do mundo.

– Bem, aqui está uma agora. Aí vai, acabe logo.

A mulher disse isso com a mesma ternura falsa que expressava toda vez. A tigela se inclinou mais depressa, o caldo escorrendo pelas laterais do pescoço da prisioneira e, mesmo sem querer, ela ficou desesperada, esforçando-se contra as correntes e esticando a língua para engolir até a última gota antes que a tigela fosse retirada.

– Essa aqui tem idade bastante pra ser mãe – disse a mulher do caldo, sem nenhum traço de emoção ou sentimento. – Pense nisso, elas tendo filhos e criando eles e tudo mais.

– Animais, todas elas. Animais também criam seus filhos. Eu não sei por que eles as mantêm por aqui. Podiam matar logo elas e acabar com isso.

– Ah, muito em breve, muito em breve, sem dúvida – disse a velha do caldo, filosoficamente, levantando-se. – Elas não duram muito tempo por aqui.

Exceto, é claro, que agora já haviam passado dez anos.

Dessa vez a velha não se incomodou em jogar algum clichê sobre o ombro enquanto saía; a existência da prisioneira era esquecida no momento em que ela tocava a porta de saída.

Seria tudo novidade outra vez para ela e sua horrível companheira amanhã... e no dia seguinte... e no dia depois desse...

A prisioneira gritou uma última vez, finalmente e incontrolavelmente, conforme a escuridão se fechava em torno dela.

Precisava começar a história de novo. Se ela simplesmente começasse a história e a levasse até o fim, tudo daria certo.



Era uma vez, em uma terra muito distante, um jovem príncipe que morava em um castelo reluzente...

Antes do Início

Era uma vez, um pouco mais antigamente que antes, um reino cujo nome e própria existência havia muito tinham sido esquecidos. Enquanto o resto do mundo estava lutando pelo controle de novas terras do outro lado do mar, inventando armas cada vez mais mortais e generosamente doando sua própria religião para pessoas estrangeiras que não a queriam, esse reino apenas *existia*, esplendidamente.

Nesse reino, havia terras férteis, densas florestas para caça, um belo vilarejo arrumadinho e o castelo de cartão postal mais bonito que qualquer um já tinha visto.

Em anos mais felizes, por estar em uma região afastada, em um vale remoto, o lugar era atrativo para as pessoas artísticas, diferentes, inteligentes: *les charmantes*. Elas fugiam para lá enquanto o mundo moderno se fechava sobre o resto da Europa. O pequeno reino passou pela Idade das Trevas e pela Renascença pacificamente, sem sobressaltos. Só agora as doenças do homem civilizado finalmente chegavam por lá.

Mesmo assim, ainda havia videntes que podiam realmente ler o futuro, fazendeiros que podiam tirar leite de pedra durante uma estação seca e artistas que podiam realmente transformar garotos em pombas. E, às vezes, devolver-lhes a forma antiga.

O reino também atraía aqueles que não tinham *poderes*, precisamente, mas seus próprios talentos e peculiaridades – aqueles que se sentiam confortáveis entre o outro pessoal. Desajustados e sonhadores. Poetas e músicos. Esquisitões gentis, buscando refúgio de um mundo que não os queria.

Um desses era um jovem chamado Maurice. Filho de um funileiro, seu desejo de perambular era tão grande quanto a habilidade de consertar e inventar. Contudo, ao contrário do pai, sentiu uma mudança no antigo ar da Europa. Mudança maravilhosa, mecânica: um futuro cheio de fábricas de tecelagem impulsionadas por vapor, balões que podiam carregar as pessoas para terras distantes e fogões que podiam preparar refeições sozinhos.

Determinado a fazer parte de tudo isso, Maurice olhava tanto para o passado – as máquinas a vapor de Hero de Alexandria – quanto para o presente, conversando desesperadamente com quem tivesse um relato em primeira mão das maravilhas sobre as quais ele lia. Seu anseio o levou a todos os cantos, perseguindo engrenagens, pistões e demonstrações científicas.

Entretanto, ele se deu conta de que uma vida de peregrinação não o levaria a lugar algum; ele precisava de algum ponto onde pudesse se sentar e pensar por algum tempo, xeretando em coisas realmente grandes – máquinas que exigiam fogos imensos e fundições poderosas. Um lugar onde pudesse guardar todas as suas tranqueiras.

Em suma, ele precisava de um *lar*.

Seguindo seu coração e os rumores, ele acabou em um canto da Europa que estava apenas um pouquinho fora de sincronia com o resto do mundo.

Primeiro parou em um vilarejo minúsculo, onde corria um rio que era perfeito para impulsionar moinhos d'água. No entanto, após observar a vida provinciana das pessoas de lá e suportar os olhares horrorizados dirigidos a seu carrinho de mão cheio de óculos, equipamentos e livros, percebeu que ali não era o lugar certo para ele.

Maurice atravessou o rio e cruzou as florestas, acabando no estranho reino onde não era incomum que alguém fosse visto sussurrando para um gato preto – e que o gato cochichasse de volta – ou tomando um trago na taverna local, ainda coberto de pó prateado do dia de trabalho e usando óculos de mica escura. Onde ele se sentiria em casa.

Ele imediatamente fez amizade com alguns rapazes locais e acabou alugando um lugar com um deles. Alaric, mais chegado a animais do que a máquinas, conseguiu arranjar para ambos um quarto barato nos fundos dos estábulos, onde vendia seus serviços de cavalaria.

Embora o quarto em si fosse minúsculo e fedesse a cavalos, tinha acesso a um grande quintal compartilhado. Maurice imediatamente se colocou a construir uma forja, um forno e uma mesa de trabalho.

Ele assumia, feliz, qualquer trabalho duro que fosse deixá-lo mais próximo de conseguir as partes certas para seu projeto mais recente. Enquanto apanhava rochas nos campos ou carregava feixes de grãos nos ombros, sua mente estava distante, pensando sobre a força elástica de diferentes metais, as possibilidades de ligas e como alcançar a forma perfeitamente cilíndrica e lisa que precisava para o passo seguinte.

“Velho Maurice Cabeça-Nas-Nuvens”, diziam seus colegas, rapazes fortes, dando-lhe tapinhas nos ombros. Todavia, isso era sempre dito com um sorriso e com respeito, do mesmo modo que chamavam Josepha, a taverneira, de “a Bruxa Negra”. O soco dela era forte – e os choques que ela podia dar com um estalo dos dedos em clientes irritantes eram ainda mais.

No final do verão, todos os jovens saudáveis trabalhavam nos campos – até Alaric, que preferia cavalos à aveia que eles comiam. Queimados de sol e com as costas doloridas, eles voltavam à cidade, trôpegos, todas as noites, com as gargantas secas, mas ainda cantando. E, é claro, iam diretamente para a taverna de Josepha.

Uma noite, enquanto seus amigos se amontoavam no interior da taverna, Maurice ficou para trás para se espanar o melhor que podia – e para dar uma olhada com mais atenção na pequena comoção que ocorria do lado de fora.

Um homem gigantesco e de aparência sólida estava de pé, com as pernas abertas de modo agressivo e uma expressão perigosa nos olhos. Isso era interessante, mas não tão intrigante quanto o que *mais* acontecia.

Encarando o sujeito estava uma das mulheres mais lindas que Maurice já vira. Ela tinha a postura de uma bailarina e o corpo de uma deusa. Seu cabelo brilhava dourado ao pôr do sol. Porém, manchas de um vermelho vivo de fúria coravam suas belas bochechas, e os olhos dela chispavam, verdes e indignados.

Ela agitava uma varinha fina de amieiro no ar para dar ênfase:

– *Não há nada de antinatural a nosso respeito!* – As palavras dela possuíam dicção e sotaque perfeitos; era a emoção que quase a fazia cuspir. – Tudo o que Deus faz é natural, por definição. E nós, todos nós, somos filhos de Deus!

– Vocês são filhas do demônio – disse o homem, calma e preguiçosamente. Como alguém que sabia que venceria. – Colocadas aqui como um teste. Vocês serão apagadas da terra como os dragões antinaturais de antigamente, sua bruxa bocuda. A menos que você se purifique.

– *Purificar?* – A garota cuspiu *de verdade* dessa vez. – Eu fui batizada pelo próprio monsenhor, o que faz desse um banho a mais do que *você* já tomou na vida, seu filho de um porco!

O homem fez um movimento, muito sutil, levando a mão à cintura. Por mais bondoso que Maurice fosse, já havia viajado o bastante para saber o que isso indicava: uma faca, uma pistola, um golpe com as costas da mão. *Algo violento*. Ele agiu de imediato, preparando-se para correr até lá e ajudá-la.

Entretanto, tudo tinha acabado antes mesmo que ele desse um passo: ocorreu um clarão mais forte do que um relâmpago, completamente silencioso. Tudo ficou muito branco.

Depois de alguns momentos, Maurice pôde enxergar de novo. A garota estava saindo, pisando duro, furiosa, mas o sujeito ainda se encontrava ali. Havia de fato uma pistola em sua mão, que ele pretendia usar. Ela estava caída perto dele, esquecida agora. Coisas mais urgentes ocupavam a atenção do sujeito. Onde estivera seu nariz, havia agora um focinho rosado.

– *Filho de um porco...* – repetiu Maurice devagar, começando a sorrir. – *Porco!*

Ele riu para si mesmo e finalmente entrou na taverna.

Encontrou Alaric com a turma de sempre, mais alguém novo: um jovem magro, de aparência cansada, que minguava o corpo e encolhia os ombros como um inseto, bastante infeliz. Suas roupas eram escuras e a expressão em seu rosto, nervosa e amarga – de todas as formas, o exato oposto do cavaleiro de cabelos claros e disposição ensolarada.

Maurice dirigiu-se a eles lentamente, ainda pensando no incidente do lado de fora. Não no clarão ou na briga ou no focinho de porco, mas no jeito como o sol poente tinha cintilado nas madeixas da moça.

Alaric o puxou, impaciente, para um banco entre ele mesmo e o companheiro taciturno.

– Aqui, sente-se logo! Você já foi apresentado ao doutor? Eu acho que não. Frédéric, Maurice. Maurice, Frédéric.

Maurice fez um cumprimento com a cabeça, distraído. Ele torcia para que não estivesse sendo rude. Sem que lhe pedissem, Josepha colocou uma caneca de sidra diante dele.

– Prazer em conhecê-lo – disse Frédéric com clareza, embora melancolicamente. – Mas eu não sou um doutor, estou lhe dizendo. Eu *deveria* ser um, há muito tempo...

– O que aconteceu? – indagou Maurice, tentando se lembrar de seus bons modos. Frédéric, ele reparou, tinha uma tacinha de algo caro. Ele devia vir de um meio culto, profissional.

– Meus pais me mandaram embora antes que eu pudesse concluir meus estudos. Eles me mandaram para este... *adorável* lugarzinho. Pagaram-me para vir até aqui.

– O Frédéric aqui tem um talento – disse Alaric, expressivo, puxando a ponta de seu barrete. – Ele pode ver o futuro.

– Ah, é? – perguntou Maurice, impressionado.

– Não realmente, não sempre, só um pouquinho – protestou Frédéric, balançando a cabeça. – Só o bastante para a minha família me exilar aqui... para estar com “gente como eu”, que “entenderia isso”. Ou, possivelmente, removeria isso com mais magia. Eu estava na universidade. Eu seria o aprendiz de um grande cirurgião. Eu *ia ser* um doutor.

Alaric capturou o olhar de Maurice acima da cabeça de Frédéric e fez uma careta.

– Eu estou tentando convencê-lo a ir morar com a gente – declarou o cavaliço, tomando um gole de cerveja e limpando a espuma com um movimento rápido e bem ensaiado.

– Eu não preciso – disse Frédéric, sem maldade. – Eu tenho dinheiro e não desejo morar com animais, muito obrigado. Além disso, eu já tenho um pouco de renda adicional. O rei e a rainha me convocaram para cuidar de seu bebê real. Um *resfriado* – acrescentou ele, rapidamente. – Nenhum outro problema com ele, e nada que eu, ou um médico de verdade, pudesse curar. *Ignorantes!* Enfim, eles me contrataram como seu consultor médico ocasional, e eu não preciso de sua caridade, muito agradecido.

– O que é isso, você não quer morar com um par de rapazes da sua idade, que podem lhe mostrar a área, em vez de alugar um quarto sozinho em cima do sótão gelado de alguma viúva?

– Obrigado pela preocupação – disse Frédéric, outra vez, sem maldade. Era mais como se ele não soubesse como ser outra coisa além de per-fei-ta-men-te educado. Mas aquilo deixava um vazio estranho na conversa.

– Alaric, aquela garota... – começou Maurice. – Mais cedo, do lado de fora da taverna... havia uma linda moça, com cabelos dourados... Ela transformou o nariz de um homem em um focinho de porco...

– Ah, você deve estar falando da Rosalind! Aquela ali é biruta! – disse Alaric, rindo.

– É meio exagerada – disse Frédéric, fazendo uma cara azeda. – Esse é o problema com as bruxas.

– Ele estava sendo bem ofensivo – disse Maurice, flagrando-se saindo em defesa de uma garota cujo nome ele nem conhecia até um momento atrás. – Ele a acusava de ser antinatural, e dizia que a magia é impura.

Alaric estalou a língua.

– Ah, tem havido muito disso ultimamente, temo eu. Antes de você chegar, aconteceu um desentendimento terrível. Dois garotos, um *charmante* e um normal, como nós, brigaram por causa de uma garota. Eles chegaram às vias de fato; o *charmante* ganhou e o outro rapaz morreu. Por magia. Os guardas do palácio foram enviados para acabar com a disputa e houve um princípio de tumulto, acusações sendo lançadas de um lado para o outro. Alguns dos guardas ficaram presos no meio da briga... com danos mais permanentes que focinho de porco... o qual, conhecendo Rosalind, ela removerá da próxima vez que o vir.

– Não se pode culpar os *normais*, “como vocês” – disse Frédéric, amargo. – Aqui estão essas pessoas que têm poderes e conseguem fazer coisas que você não consegue. Não há nenhum controle sobre o comportamento deles e nada que alguém, guardas do palácio ou gente com mosquetes, possa fazer a respeito deles. Eles... nós, suponho... precisamos ser controlados. Ou que nos deixem menos perigosos.

– Eram dois rapazes brigando por uma moça – destacou Alaric, pacientemente. – Acontece o tempo todo. Meninos morrem por causa desse tipo de coisa em duelos normais. Esse só calhou de envolver magia. Você não pode ficar todo incomodado por causa disso.

– No mínimo, se há... coisas antinaturais... as pessoas deveriam esconder isso, em vez de exhibir. Além do mais, a magia sempre retorna ao ponto de origem. Todo mundo sabe disso. *Ela deveria* saber disso. Rosalind, digo.

– *Rosalind* – disse Maurice, experimentando o nome em sua língua.

– Ah, não – disse Alaric, os olhos arregalados. – Maurice! Diga que não é verdade! Não tão cedo em nossa amizade!

– O cabelo dela – disse Maurice, pensativo – tem a cor exata da parte de dentro do meu forno, quando está quente o bastante para derreter ferro.

– Ah, que bom, então estamos a salvo – disse Alaric com um suspiro, batendo o ombro contra o de Frédéric de forma amigável. – Com cantadas desse tipo, não precisamos nos preocupar em chegar em casa e dar de cara com uma fita na porta, sendo forçados a encontrar outro lugar para passar a noite.

– Eu já disse que não vou morar com vocês – repetiu Frédéric, paciente.

Maurice, contudo, já não estava mais escutando.

A Garota É Estranha

– Sem Dúvida

Bela sempre se esquecia de pegar a trilha escondida para a livraria de Lévi. Ou ela estava lendo, ou sonhando, ou cantando, ou apenas genuinamente interessada em como era o mundo fora de sua casa e da vida sossegada que ela e seu pai levavam. Assim, ela sempre acabava no caminho que atravessava diretamente a aldeia e, portanto, conversando *com* os aldeões – e sendo o *assunto* das conversas deles.

E, honestamente, ela talvez fizesse isso de propósito. A minúscula fazenda em que moravam era agradável, mas solitária. Bela estava sempre ansiosa para começar conversas e sempre desapontada em como terminavam sempre do mesmo jeito, toda vez.

- Que legal, Bela.
- Quer comprar um pãozinho, Bela?
- Será que vai chover, Bela?
- Por que você não para de ler e... arruma o seu cabelo?
- Meu bebê não é lindo, Bela? Ela é igualzinha aos outros seis...
- Você já disse sim para o Gaston?

Ela queria que, ao menos uma vez, alguém demonstrasse interesse nas mesmas coisas que ela gostava. Porém aquilo simplesmente não era possível na minúscula aldeia com as mesmas cem pessoas que sempre tinham morado ali – e nunca seria.

Ao menos hoje todos estavam um pouco mais dóceis, e parecia haver menos aldeões andando à toa, fofocando. Talvez a porção de sidra de alguém estivesse finalmente pronta, ou alguma vaca tivesse parido um bezerro com dois rabos.

Não, até isso seria empolgante demais para acontecer por aqui.

Ela suspirou e entrou na livraria, colocando uma mecha solta de cabelo atrás da orelha.

- Bom dia, monsieur Lévi.
- Bom dia, Bela! – respondeu o velhinho, animado. Ele sempre tinha um sorriso gentil para ela, e sempre ficava contente em vê-la, não importava quantas vezes ela o visitasse. – Como vai o seu pai?
- Ah, ele está colocando os últimos retoques em um cortador de lenha movido a vapor para a feira – disse ela, girando delicadamente nas pontas dos pés para olhar as prateleiras ao redor. Seu rabo de

cavalo castanho se ergueu atrás dela e, por um momento, ela se sentiu quase uma criança.

– Maravilha! – disse Lévi, a boca se abrindo em um grande sorriso. – Ele é um homem que merece um prêmio. Ou algum reconhecimento de sua genialidade!

– Você é a única pessoa aqui que pensa assim – disse Bela, com um sorriso triste. – Todos acham que ele é maluco, ou que está perdendo seu tempo.

– Todo mundo pensou que eu estava louco por abrir uma livraria aqui, de todos os lugares possíveis – disse Lévi com um sorriso, empurrando os óculos para cima no nariz e olhando para ela por cima deles. – Mas certamente é muito tranquilo sem tantos clientes. Eu posso ler bastante.

Bela respondeu com um sorriso, aquele meio sarcástico pelo qual ela era famosa – ou mal-afamada.

– Falando em ler...

– Nada novo nessa semana, temo eu – disse ele com um suspiro. – A menos que você queira ler um desses panfletos religiosos que Madame de Fanatique encomendou.

– São filosóficos? – perguntou ela, desesperada por qualquer coisa. – Algo como réplicas a Voltaire? Ou Diderot? Eu não me incomodaria em ler pontos de vista opostos.

– Ah, não. Eles são do mesmo tipo de sempre. Nem mesmo alguma canção ou hino. Realmente, bem entediantes. Eu também tenho alguns tratados... deveras mórbidos... para o monsieur D'Arque apanhar e levar para o, hã, asilo – disse ele, a boca espremida em repugnância. – Porém creio que não possa permitir que você sequer toque nesses. Ele é muito minucioso.

Bela suspirou.

– Tudo bem. Acho que vou só pegar emprestado um dos antigos, talvez...

– Fique à vontade – disse Lévi com um sorriso, gesticulando para toda sua loja. – Qualquer livro.

Ela teria que achar um dos bons. A vida podia ser ainda mais sonolenta e quieta com seu pai distante. Ela não via nada entre o momento presente e o retorno do pai além de dias claros e frios de outono, a alimentação do gado e uma ocasional caminhada longa e decepcionante até a aldeia.

Bela precisava de algo fantástico, algo excitante que durasse até a volta de seu pai – ou até que a vida finalmente começasse a acontecer.

Felizes Para Sempre

Fosse por acaso ou não, Maurice começou a ver a linda garota de cabelos loiros em todo lugar: consertando coisas comuns para fazendeiros e comerciantes, distribuindo rosas enfeitiçadas para curar essa ou aquela aflição, rindo com amigos, passando tempo na taverna conversando com Josepha ou, mais provável, lendo um livro sozinha.

Ele sempre conseguia percebê-la na multidão, embora ela nem sempre estivesse de cabelos loiros.

Ou olhos verdes.

Ou daquela mesma altura.

Ou com a pele daquela cor.

Era fascinante.

Porém, ainda *mais* maravilhoso que isso era o modo como ela conversava com outros rapazes – e depois lhes dava as costas. Maurice ficava atônito por eles não correrem atrás dela.

Seus amigos começaram a chamá-lo de “olhos de coraçãozinho”. Frédéric o azucrinava para encontrar uma boa garota que fosse normal em vez dela. Uma sem poderes. Alaric, por outro lado, o encorajava a efetivamente ir até lá e falar com ela. A se apresentar. A fazer com que ela soubesse de sua existência.

Contudo, do jeito como aconteceu, Maurice não precisou fazer isso.

Um dia, ele foi para a taverna cedo, sozinho, levando pedacinhos de metal com que estava trabalhando para mexer enquanto estava ali sentado. À primeira vista, eles lembravam um quebra-cabeça forjado de pregos com que um cavaleiro do interior poderia brincar enquanto tomava um drinque, mas as peças tinham uma aparência muito mais estranha: um pedaço pequenino de cano de cobre embaçado e uma bolha cinzenta de metal fosco que ele tentava encaixar dentro do cano.

Ainda fitava, sério e concentrado, a parte menor da bolhinha quando percebeu subitamente que havia alguém sentado em uma cadeira perto dele, ajustando suas saias volumosas para se encaixar naquele espaço.

– Sabe, você precisa *falar* com o metal.

Ele virou os olhos para aquela visão perto dele e piscou.

A garota com olhos verdes e cabelos loiros o observou calmamente com um sorrisinho no rosto e um livro semifechado na mão.

O normal a se fazer neste ponto seria oferecer uma bebida, dizer a ela como ele a vira pela cidade, ou mesmo balbuciar nervosamente sobre como era bonita e perguntar por que ela estava sentada junto dele.

Ela, contudo, estava falando sobre o metal.

– *Falar* com ele? – indagou ele. – O que você quer dizer?

– Pergunte a ele do que ele *precisa* para fazer o que você quer que ele faça. Pelo menos é isso que diz uma amiga minha que sabe sobre essas coisas.

– Bem, eu tentei todo o resto – disse ele, suspirando. Ele levantou os nacos feios de metal e pigarreou. – *OLÁ, METAL. O QUE EU PRECISO FAZER PARA QUE VOCÊ FUNCIONE?*

A mulher riu, um som rouco e cheio de mel que não era nem um pouco maldoso. Maurice se viu rindo também, e até o atendente rabugento deu um sorriso.

A garota afastou uma mecha caída de cabelos loiros para longe do rosto e terminou de fechar o livro, colocando-o de lado.

– Não assim, acho. Ao menos, não em *nossa* linguagem. Você precisa conhecer a linguagem do metal. Meu nome é Rosalind, aliás. – Ela estendeu a mão.

– *Enchanté* – disse Maurice com franqueza, sem se incomodar em fingir que já não sabia o nome dela, que não o sussurrava à noite, às vezes, só para saber qual era a sensação. Ele tomou-lhe a mão e a beijou. – Não é esse o meu nome, claro. Meu nome é *Maurice*.

– Eu já te vi por aí – disse ela, indicando o mundo fora da taverna com a ponta da varinha de amieiro. – Não importa o que você esteja fazendo: colhendo nabos, assentando pedras, cavando, você está sempre pensando em outra coisa... seu metal. Você sempre carrega pedacinhos dele, e está sempre coberto de pó feito um ferreiro. O que você está fazendo?

– Estou tentando desenvolver uma *má-qui-na a va-por ú-til* – disse Maurice, batendo os pedaços de metal no bar a cada sílaba para ênfase. – O problema é que, até o momento, tudo se reduz a alguém abrindo válvulas e fechando válvulas e extraíndo água... Eles estão tentando usar essas máquinas para drenar minas na Inglaterra e na Escócia, eles têm muitos problemas com água por lá, mas ela poderia fazer muito mais. Em vez de puxar e empurrar água, a pessoa poderia puxar e empurrar um pistão, e aí, é claro, aí está você.

– É claro – disse a mulher com outro sorriso. – Aí estamos nós.

Maurice a encarou por um momento, tentando adivinhar se ela estava zombando dele. E então riu, zombando de si mesmo.

– Eu não falo tão bem quanto as imagens na minha cabeça falam. Não consigo... totalmente... as possibilidades... É complicado explicar tudo de uma só vez. Mudaria o mundo.

– Ah – disse a mulher. – Como a pólvora.

– Não, *não* como a pólvora. Isso seria para construção e criação, não para matar e conquistar.

– Nem toda a pólvora é para matar. Eu tenho uma amiga que faz os fogos de artifício mais incríveis. E que, meio como você, passa todo o tempo livre tentando lançar coisas cada vez mais alto no céu,

usando pólvora e uma coisa chamada canhão apontada para o céu.

– Você tem muitas amigas interessantes, me parece – disse Maurice, suspirando. – Eu queria poder conhecê-las.

– Não sei se eu gostaria disso – falou a moça, pensativa. – Se eu te apresentasse às minhas amigas, você passaria todo o seu tempo conversando com elas, e não *comigo*.

Maurice fitou-a por um longo instante, tentando decidir se o que ele achava que ela queria dizer com aquilo era o que ela realmente quisera dizer.

E, com um sorriso, ficou claro que ela queria.



Com uma sensação de irreabilidade que se avizinhava do maravilhoso, Maurice começou a cortejar Rosalind. Ou talvez fosse o inverso. Não importava – e ele certamente não ligava para isso.

Ele a levou para um festival de dança e lhe ofereceu uma rosa de metal que ele meticulosamente fizera. Ela prendeu a flor graciosamente no corpete do vestido – que, honestamente, foi puxado para baixo de forma quase indecorosa pelo peso dela.

E então Rosalind o levou para ver as rosas *dela*, um jardim encantador escondido por magia dentro de um pequeno parque, cheio com rosas perfeitamente saudáveis e perfeitamente formadas em todos os tons de rosa e vermelho, e algumas cores que Maurice não tinha certeza de já ter visto antes em *qualquer* flor.

Ele descobriu que ela ficava frequentemente entediada com a própria aparência, e era por isso que sua fisionomia e seus trajes pareciam mudar por conta própria tão assiduamente. Assim, se ela estava ajudando Maurice com algo perigoso, quente e pegajoso no pátio do forno, quando eles emergiam para dar um passeio pela cidade, seu avental e as saias velhas desapareciam e ela surgia com os trajes de uma dama elegante, usando o último estilo de Paris – mas com a pele púrpura.

Maurice nunca conseguiu ver a transformação enquanto ela ocorria; ela sempre havia terminado quando ele reparava.

Os poderes dela não se limitavam a rosas, moda e focinhos de porco, entretanto. Quando a nascente no lado ocidental da cidade ficou ruim no final do verão, uma delegação veio atrás *dela* em busca de uma solução.

Da mesma maneira que Maurice passava semanas seguidas com seu forno, seus metais e ferramentas, ela se aprofundava em textos antigos dia e noite, resmungando consigo mesma e agitando a mão no que parecia ser o mesmo padrão várias e várias vezes. E do mesmo jeito que Maurice escrevia para grandes cientistas e inventores no mundo todo, ela falava com criaturas tímidas que pareciam elas mesmas com água, e procurava velhas antigas e poderosas em busca de conselho.

Tudo culminou com o que *parecia* ser um encantamento simples e rápido que deixou a água potável de novo. Todo mundo comemorou, mas poucos compreenderam a quantidade de tempo e esforço

necessários para aqueles poucos minutos de cantos.

Todavia, nem tudo era trabalho e invenção. Algumas noites Maurice passava se divertindo com Alaric e Frédéric, e Rosalind, com Adeline e Bernard, quando a ciência e a magia eram esquecidas e beber e rir eram os assuntos da noite.

E assim os dois enamorados passavam longas tardes na companhia um do outro ou cuidando dos próprios interesses, e longas noites nos braços um do outro, cercados pelo perfume inebriante das rosas.

Foi quando veio o dia em que Maurice testemunhou dois jovens arrastando um adolescente para um beco. Era uma parte sossegada da cidade e eles tentavam fazer isso furtivamente, mas não estavam tendo sucesso, já que o rapaz esperneava e gritava.

– *Parem* exatamente onde estão! Soltem-no! – gritou o inventor. – O que é tudo isso?

– Não é da sua conta – disparou um dos homens. – Faça um favor a si mesmo e finja que nunca viu isso.

– Ele é um daqueles *charmantes* – disse o outro pesadamente, como se todos pudessem compreender o que acontecia só de ouvir essa palavra.

– E daí? Desde quando isso é um crime? – perguntou Maurice, contrariado e perplexo.

– Isso *sempre* foi um crime contra a natureza, como você devia saber se for... *natural*... intocado pelo mal.

Maurice soltou o eixo do carrinho que estava puxando, deixando claro que estava pronto para brigar. Suas roupas, embora sujas, faziam um ótimo serviço, destacando seus braços grossos e pernas sólidas.

Além disso, ainda havia a faca comprida que ele mantinha na cinta, como faziam todos os trabalhadores. Ele agitou o polegar na direção dela.

Os bandidos tentaram aparentar hostilidade. Não funcionou.

– Sugiro que vocês vão embora – rosnou Maurice. – *AGORA!* Antes que eu chame os guardas, ou lhes ensine uma lição eu mesmo!

– Os amigos daqueles que se unem ao demônio são tão amaldiçoados quanto o próprio demônio! – cuspiu um deles. – Você também vai receber o que merece!

Eles saíram pisando duro e Maurice suspirou profundamente. Virou-se para o prisioneiro, agora livre.

– Tudo bem com você, rapaz?

– Agora, tudo. – Ele não disse isso com ingratidão; era mais como uma ironia seca. Maurice podia ver, à medida que o adolescente se alongava e chacoalhava seu corpo ferido, os ossos altos da bochecha, a pele perolada e o maxilar delicado que o faziam parecer *diferente*. – Eles virão atrás de mim de novo, quando ninguém estiver por perto para me salvar. Suponho que eu terei que... fugir... de vez.

O inventor rangeu os dentes, frustrado.

– E os guardas do palácio estão simplesmente permitindo que esse tipo de coisa aconteça? Com cidadãos?

Em resposta, o menino ergueu o queixo, apontando para o lado oposto ao que se encontravam. Ali, recostados nas sombras como se estivessem desempregados, estavam dois guardas do castelo que assistiram a todo o ocorrido. Ambos direcionaram a Maurice olhares de desconfiança e nojo.

– Algo tem de ser feito a respeito disso – começou a dizer o inventor, voltando-se de novo para o rapaz.

Ele havia desaparecido.

Rosalind, entretanto, surgiu de repente, correndo adiante e jogando os braços ao redor dele.

– Eu vi tudo! Case comigo – disse ela.

– O quê? Sim... O quê? – disse Maurice.

– Você é o melhor, mais bondoso, mais corajoso, o homem mais gentil que já conheci. Quero ter certeza de que você jamais vai me deixar. Um juramento.

– Bem, é claro. Digo, eu estava planejando em te pedir eu mes...

Porém suas palavras foram interrompidas por um beijo apaixonado.

– Você não era o rapaz que estava apanhando, era? Não estava me testando, não é?

– Não seja ridículo! Eu vim te procurar, usando um feitiço para “encontrar amigo”. Preciso de você e do carrinho para levar uns pacotes grandes para casa.

– Ah.

– Além disso, esses dois vândalos já seriam peixes cegos e sem barbatanas se tivessem tentado me atacar. Agora cale a boca e me beije! – acrescentou ela, plantando os lábios firmemente nos dele outra vez.



E assim eles se casaram. A cerimônia talvez tenha sido escondida, tanto por sua localização secreta quanto por feitiços de proteção. Os convidados podiam ser um tanto estranhos: homenzinhos minúsculos com conselhos para Maurice a respeito do funcionamento dos metais; garotas de orelhas compridas com cascos nos pés, que batucavam impacientemente para que o padre terminasse logo; bibliotecários de óculos e estudantes; e os jovens bebedores com quem Maurice ainda convivia. A festa depois da cerimônia, todavia, foi tão entusiasmada quanto qualquer outra que o reino já tivesse visto.

Exceto, talvez, para Frédéric, que não estava empolgado e passou a noite toda parecendo desconfortável e azedo sobre a presença de tantos *charmantes*.

No entanto, além da rabugice geral dele, houve apenas um percalço em toda a noite: um javali selvagem, atraído pelo odor da comida, conseguiu abrir caminho pelas florestas e xeretar por um bom pedaço do jardim mágico das rosas antes que os convidados bêbados pudessem contê-lo.

– É esquisito acontecer algo assim – comentou Maurice.

– Magia sempre retorna ao ponto de origem – disse uma fauna alegrinha, empurrando o dedo contra o nariz para imitar um focinho.

Maurice então se lembrou do sujeito cujo nariz Rosalind havia transformado. Sua nova esposa xingava a plenos pulmões o porco em seu jardim agora – mas sem usar nenhuma magia para afastá-lo, notou ele.

– Espere... não é *ele*, é? – perguntou Maurice, alarmado.

– Não! – A garota gargalhou. – É um *porco*! Mas é tudo igual. Tudo volta ao ponto de origem. Amor, ódio, magia, focinhos de porco. É como funciona.

– Parece razoável – disse Maurice, pensativo, talvez um pouco mais tocado pela bebida do que aparentava a princípio.

Que lugar maravilhoso esse aqui, e que mulher incrível com quem me casei, pensou ele. E que cerimônia magnífica. Com porco e tudo.

Sempre a Madrinha

Bela saiu pisando duro pela colina, querendo correr, querendo manter a dignidade, e sem conseguir fazer nenhum dos dois. Ela manteve uma estranha rapidez em uma marcha em linha reta, precisa demais, que nem a levou embora de tudo depressa o bastante, nem fez com que parecesse indiferente a tudo.

Atrás dela, no gramado ao lado da casa, acontecia a festa de casamento.

A festa do *seu* casamento.

Era lindo; tinha que admitir.

Havia um dossel de muito bom gosto, entretecido com flores de cheiro agradável. Sinos de papel e fitas cor-de-rosa decoravam um arco alto. Havia mesas guarnecidas de tecidos brancos brilhantes e bandeirinhas rosadas, lotadas com uma variedade de acepipes salgados. Baldes prateados continham garrafas de champanhe gelado; gotículas perfeitas de umidade cobriam as laterais deles como pérolas. Como uma pintura.

Havia uma banda, que era horrível na verdade, mas muito empolgada.

Havia um bolo de aparência absolutamente extraordinária – a única coisa que Bela estava realmente triste em deixar para trás. Ele tinha três andares e sua cobertura branca e rosada combinava à perfeição com todo o resto. Coroando o topo do bolo havia um noivo e uma noiva minúsculos, que ela teria jogado fora sem pestanejar para chegar ao bolo embaixo. Monsieur Boulanger podia ser o aborrecimento em pessoa, mas suas habilidades como confeito estavam definitivamente em sua melhor forma naquele dia.

Também havia um futuro noivo desapontado e escarranchado numa poça de lama feita pelos porcos.

Ela não queria ter empurrado com tanta força. Mas, tendo feito isso, não estava exatamente insatisfeita com o resultado.

O barulho atrás dela era aterrador: os sons agudos dos trigêmeos loiros; o estrondo da tuba e do acordeão, que agora não tinham propósito algum; os sussurros não exatamente contidos de LeFou, tranquilizando Gaston; as risadinhas pesarosas do padre.

O padre.

Por algum motivo, era a presença *dele* o que mais chateava Bela.

Ela podia quase desconsiderar a ridícula banda, o bolo, a mesa e tudo mais como os acompanhamentos de um maluco apaixonado – mas um padre significava que Gaston estava falando muito sério. Ele tinha toda a intenção de se casar com ela, “até que a morte os separe”.

– *Amor não vincit omnia*,* seu ignorante – resmungou Bela – ... não quando a mulher não te *amat* de volta!

Ela deu um passo rápido e deselegante para o lado para se esconder atrás do mato em volta de um carvalho, depois espiou dali. Seu coração afundou. Além dos personagens principais da festa de casamento, parecia que todo o resto da cidade tinha comparecido para testemunhar o dia triunfante de Gaston. Ali estavam o ourives, monsieur LeClerc; monsieur Hebert, o peruqueiro e dono da loja de vestuário masculino; madame Baudette, a costureira... o açougueiro, o padeiro, o fazedor de velas – *todo mundo* estava lá.

Todos, exceto monsieur Lévi.

Sua ausência era extremamente notável. Ele sabia o tipo de rapaz com que ela se casaria, caso se casasse.

E certamente não era Gaston.

Ausente também estava o pai dela, é claro, que se encontrava a caminho da feira. E sua mãe – mas Bela não a via desde que era um bebê, então essa parte não era de fato tão surpreendente.

Trechos de conversas chegaram até ela quando a brisa mudou de direção.

– Terrível, mas isso chega a ser surpresa? Aquela garota não é muito certa da cabeça...

– Rejeitando Gaston? O solteiro mais bonito e mais cobiçado da cidade?

– Tipozinho idiota. Eu daria meu dedinho direito para usar a aliança dele.

– Quem ela pensa que é?

– Será que ela acha que pode arrumar alguém melhor?

– Talvez ela vá tentar algo com o filho do Dupuis, em vez disso... Sabe, aquele bobinho que conta pedrinhas o dia todo. Mais do gosto dela.

Bela cerrou os punhos e se jogou contra o tronco da árvore em fúria. *Nenhum deles* achava que ela fosse boa o bastante para Gaston, o filho favorito da cidade... o rapaz mais belo, com os olhos mais azuis e o melhor físico, com a melhor mira com uma arma...

Ninguém jamais perguntou se ele era bom o bastante para *ela*.

Aquele era apenas o jeito dos aldeões dali.

Por um lado, eles não faziam nada – nunca tinham feito nada – além de falar mal, sem cessar, sobre Bela e seu pai. Sobre como eles eram esquisitos. Como *ela* era esquisita. Sempre lendo. Sem amigos. Sem pretendentes.

Como Maurice raramente vinha à taverna para beber. Como ele não tinha uma profissão respeitável. Como sua esposa havia desaparecido.

Sobre como, cochichavam alguns, ele se associava com o demônio lá embaixo, em seu porão.

O pai dela havia finalmente colocado um fim *nesses* rumores, convidando alguns poucos eleitos para virem inspecionar sua casa em busca de evidências de manobras demoníacas. Eles foram escolhidos cuidadosamente: monsieur LeClerc, que conhecia algo sobre tecnologia e metais, e madame Bussard, a maior fofoqueira da cidade, que certamente espalharia as notícias sobre o que vira ali. O que eles encontraram foram engenhocas e máquinas semiconstruídas de alguém que presumiram imediatamente ser um louco. Mais tarde, Bela não tinha certeza se preferia o medo que os aldeões exibiam antes dessa experiência ou a piedade e o ridículo que surgiram depois.

Contudo, por outro lado, havia Gaston, que, apesar da estranheza de Bela, a perseguia com a implacabilidade de um cão de caça atrás de um javali. Não que ele ignorasse a esquisitice de pai e filha; era mais provável que isso fosse irrelevante, comparado ao status de Bela como a mais linda garota da cidade.

Além disso, ele sentia que podia consertá-la. Torná-la *normal*. Sua masculinidade e sua presença devastadoras exorcizariam sua vontade de ler e pensar e ficar sozinha.

Havia uma parte ínfima de Bela que via alguma graça em ser o centro das atenções de um rapaz tão bonito, o favorito da cidade?

É claro. Sim.

O bolo estava caprichado. Parecia que Boulanger havia gastado muito tempo nele.

Porém ela renunciaria a tudo isso num instante em troca de ser deixada em paz... em troca de ser tratada por Gaston da mesma forma que o resto da cidade a tratava.

A aglomeração parecia minúscula de onde ela estava, lá no alto. Bela se afastou da árvore, observando a festa de casamento ficar ainda menor. No lusco-fusco estranho e suave da tarde, a cena parecia mais brilhante e menos real – como uma pintura em miniatura. Ela ergueu o polegar e conseguiu bloquear tudo com a ponta do dedo, apagando todos da paisagem.

Era como o que ela fazia quando lia.

Assim que abria um livro, essa cidadezinha desaparecia em um vasto mapa de países, reais e imaginários.

As pessoas lá embaixo, limpando as coisas do não casamento e apagadas pela ponta de seu polegar, não achavam que nada de interessante ou importante existisse depois da curva seguinte do rio. Elas não tinham curiosidade alguma sobre as novas terras além-mar ou as antigas terras do oriente. Não tinham apreciação alguma pela descoberta recente de que outros planetas possuíam luas similares àquela que sorria acima deles.

Bela queria mais. Ela queria *ver* mais. Queria viajar para as terras sobre as quais lia, onde as pessoas comiam com palitos delicados, não com garfos.

Pelo menos, ela queria ser carregada até lá por sua imaginação.

Bela abaixou o polegar e os cidadãos ressurgiram.

Ela se jogou sobre a grama, derrotada.

A verdade era que... ler já não era mais suficiente.

Não era o bastante captar um vislumbre dessas terras e ideias através da pequena janela das páginas que ela virava. Ela queria adentrar nas páginas e sentir as águas amareladas do Yangtzé *por si mesma*, escutar a música celestial de flautas estrangeiras, provar as comidas descritas por aventureiros que viajaram de propósito até áreas que os mapas descreviam como *Aqui Existem Tygres*.

Olhando para o oeste, onde a tarde se aproximava de um fim sombrio, ela não viu a paisagem infinita que com frequência a fazia sonhar.

Em vez disso, viu espessas nuvens negras que se estendiam até o mais alto céu, rolando e fervilhando com o vento e piscando com relâmpagos. Ótimo. Combinava com seu humor. Ela apertou os punhos de maneira inconsciente, desejando poder trazer a tempestade mais depressa, como uma maga ou uma feiticeira em um de seus livros. Ela queria poder ficar de pé no topo da colina entre as rajadas de vento e o trovão, intocada, sozinha, enquanto todos os pretensos convidados ao casamento fugiam para a segurança de suas casas.

E então se lembrou de seu pai, que estava lá fora na estrada, dirigindo-se para a feira.

Culpada, ela descontraiu os punhos e forçou os ombros a relaxar – como se realmente tivesse algum controle sobre o clima.

Ela rolou o corpo, ficando de barriga para baixo, e analisou a estrada o melhor que pôde, mas ou ele já estava muito distante, na floresta, ou a poeira no ar escondera Phillipe, ele e a carroça.

Ela suspirou e, acidentalmente, apanhou um dente de leão. Sob uma lona de proteção naquela carroça estava a obra-prima de seu pai, sua mais requintada invenção. Quando abastecida e funcionando adequadamente, ela podia cortar uma pilha de lenha em metade do tempo que dois homens levariam. Uma façanha incrível, que certamente conquistaria um prêmio.

Bela franziu os lábios e soprou o dente de leão.

Você podia ver quantas sementes ficavam presas à cabeça e fingir que era aquela hora, ou podia fazer um pedido.

Ela escolheu o pedido.

Se Maurice ganhasse o prêmio, e se fosse um prêmio grande, então talvez ela conseguisse convencê-lo a se mudar para uma cidade maior. Talvez até uma das que ele às vezes falava a respeito, onde eles tinham morado quando ela era bebê. Lá seu pai poderia passar todo o seu tempo inventando – não batalhando para prover a si mesmo e a sua filha entre interioranos que o achavam maluco.

E aí Bela poderia ter todos os livros que desejasse. E ninguém a veria como sendo esquisita; não em uma cidade cheia de gente esquisita.

Ou talvez algum membro rico da nobreza veria a invenção dele como o sinal do gênio que ele verdadeiramente era e o patrocinaria... levando Maurice e Bela para longe, como uma fada madrinha, e transportando-os a um mundo de academicismo, ciência e pessoas exatamente como eles. Eles fariam parte de todas as coisas interessantes que esse século prometia, bem distantes dessa cidade provinciana e de seus estúpidos casamentos arranjados.

(Ela estava contente por seu pai não estar por ali para ver *aquilo*. Ele não teria ficado zangado, como ela ficou; ele teria ficado apenas muito, muito confuso. O que não ajudaria as coisas em nada.)

Ela pousou a cabeça sobre as mãos, observando a festa de casamento se dispersar rapidamente conforme os ventos ganhavam força. LeFou tentou agarrar uma bandeirinha que se agitava entre galhos e cadeiras como uma enguia. Os aldeões já teriam desaparecido em alguns minutos, mas ela queria poder voltar antes, esgueirar-se sorrateiramente entre eles de alguma forma, para estar dentro de casa quando a tempestade finalmente caísse. Talvez ela pudesse tentar descer pelo lado leste da casa, atravessando o jardim das rosas...

Ela suspirou, virando-se para olhar os bonitos pontos brancos e rosados que coloriam o panorama um pouco além dos convidados do casamento. *Eles* eram a razão principal pela qual seu pai se sentia relutante em deixar a casinha deles no interior. Parte dele ainda acreditava que havia uma chance de que, algum dia, sua esposa voltasse para suas rosas, seu marido e sua filha. Se ele simplesmente continuasse cuidando dos arbustos e mantendo as flores bonitas e saudáveis, talvez ela se sentisse tentada a retornar.

Se eles fossem embora, de que maneira ela os encontraria?

Todavia, apesar do mecanismo automático de irrigação que Maurice construíra para o jardim, as rosas que eram normalmente tão saudáveis – florescendo mesmo no inverno mais profundo – começavam a parecer um pouco amarronzadas e passadas.

Bela se levantou, rabugenta. Ela mal se lembrava de sua mãe. Tinha o melhor pai do mundo. Isso era tudo de que ela precisava.

Ela deu uma última olhada no horizonte, dando adeus à tempestade e às terras mais além – quando viu uma estranha comoção na estrada.

Era Phillipe, galopando descontrolado na direção da casa, ainda preso à carroça.

E o pai dela não estava com ele.

* Conquista tudo. (N.T.)

Um Reino Se Amargura

Maurice e Rosalind começaram imediatamente seu “felizes para sempre”. Eles se mudaram para um apartamento apertado no terceiro andar na região do castelo, bem no meio da vizinhança mais elegante e movimentada. Um jardim pequenino nos fundos bastava para a maioria das necessidades mágicas mais imediatas de Rosalind, e Maurice fez um trato com Alaric para continuar usando o pátio do forno apesar de não morar mais lá.

Durante o primeiro ano, o apartamento deles ficou lotado com trabalhos e festas, discussões acadêmicas com amigos até tarde e canções de bar muito altas, dias e noites de pesquisa, rosas e metal. Então, quando a vida dos recém-casados se acalmou um pouco, sua casa se tornou um lugar sereno e pacífico retirado do mundo.

Era da altura e distância perfeitas para ser imperceptível da rua, e surpreendentemente quieto para a parte da cidade em que se encontrava. Era raro uma pessoa aleatória seguir o beco estreito e sombreado até os fundos do prédio e subir os velhos degraus de madeira até o terceiro andar – e amigos sabiam como dar a volta ou desligar o sistema de alarme barulhento de Maurice.

E foi por isso que ele ficou surpreso e estava despreparado no dia em que os alarmes soaram.

Paneles bateram, pedacinhos quebrados de cerâmica se fragmentaram ainda mais e uma buzina alimentada por algo que lembrava um velho acordeão soprou, dissipando a sonolência do fim da tarde no jardim e fazendo criaturas e mariposas saírem voando.

– Viu? Eu disse que isso seria útil – Maurice afirmou sobre o ombro para Rosalind enquanto ia ver quem era. Ele tinha algumas ideias para a porta também: instalar um tipo de periscópio ou monóculo que permitisse ao morador ver quem estava lá fora sem, digamos, deixar o ar frio do inverno entrar.

Sim... algo com um refletor dentro de um tubo, talvez...

Ele abriu a porta e se surpreendeu ao ver um rapazinho de pé ali, chocado e assustado, a mão erguida no ar.

– Olá – disse Maurice, amigável. – Meu sistema de alarme te assustou?

O menino não disse nada.

– Porque eu estou tentando decidir se ele deveria ser silencioso para aqueles que se aproximam, para eu poder surpreendê-los melhor, ou se ele deveria ser barulhento para assustá-los antes que possam cometer qualquer travessura. O que você acha? Pode... ah!

Maurice subitamente reparou no que estava na mão do menino. Era um pedaço de carvão. Ele seguiu a direção da mão até o batente da porta e viu o início de uma palavra mal-escrita e um tanto rude rabiscada ali.

– O que – perguntou o inventor, a princípio mais confuso que zangado – significa isso?

– Dizem que uma grande e terrível bruxa mora aqui! – gritou o menino, assustado e desafiador. Havia uma expressão feia em seus olhinhos suínos.

– Ah. – Maurice era, por natureza, uma pessoa generosa e caridosa; viajantes, sonhadores e inventores precisavam ser. No entanto, lembrava-se do homem que tentara ameaçar Rosalind no dia em que a vira pela primeira vez. E o menino ferido e surrado no dia em que ela lhe pedira em casamento. – Ah... então... E daí?

– *ELA TRANSFORMOU UM HOMEM EM PORCO!* – gritou o menino.

– Não, ela só transformou o nariz dele em focinho de porco. E ele foi bastante rude. Inclusive ela o transformou *de volta*. Ele está muito bem.

– *ADORADORA DO DIABO!* – cuspiu o menino, virando-se e saindo correndo.

Com um suspiro, Maurice voltou para dentro e fechou a porta, trancando-a, algo que ele raramente fazia.

Sua esposa adorável estava reclinada em uma cadeira de balanço, cintilando, mas cansada, usando a ponta do dedinho para fazer um movimento giratório e, assim, encorajando a colher do outro lado do recinto a colocar mel em seu chá e a misturá-lo.

– Querida – disse ele, se sentando no banco perto dela –, acho que vamos ter um pouco de problemas... Um rapazinho estranho estava pichando o batente da nossa porta... xingando para todo lado sobre magia, parece...

– Ah, esses camponeses ignorantes – resmungou Rosalind, cansada, levando a mão à cabeça. – Eu estou tão cansada deles. Estão em todo lugar agora. E alguns também são uns brutos violentos. Eu pensei que tudo iria sossegar depois daquele incidente com a garota...

– Isso aconteceu muito antes de eu vir para cá, e ainda não parece que sossegou. Não acho que aquele menino soubesse escrever. Acho que alguém o fez aprender aquela expressão horrorosa.

– Ele ainda está aqui? Cadê ele? – exigiu Rosalind, a cor voltando a ruborizar suas bochechas à medida que ela se forçava a sentar.

Maurice fez ruídos tranquilizantes e tomou-lhe a mão.

– Não se agite. Não é bom para você, nem para o bebê. Já acabou agora.

Rosalind segurou a mão dele, apertando-a e beijando-a, depois a colocou sobre sua barriga.

– Tem *certeza* de que é uma menina? – sussurrou ele.

– Tanta certeza quanto se pode ter – disse Rosalind com um sorriso débil. – Uma feiticeira sabe dessas coisas. Não se esqueça: quando você sair essa tarde, passe na casa da Vashti. Eu quero que ela seja minha parteira. Ela foi parteira da minha tia, e minha tia simplesmente a amou.

– Claro, querida. *Qualquer coisa* por você e minha filhinha.



Mas a parteira não foi encontrada.

Quando Maurice passou na casa dela, a porta estava aberta, pendendo ali como um mau presságio.

– Olá? – chamou Maurice, hesitante.

Após alguns momentos sem resposta, ele entrou por conta própria – mantendo uma das mãos pousada casualmente sobre sua faca.

– Vashti? Olá? É o Maurice, marido da Rosalind...

A parteira era velha, mas tinha boa saúde. No fundo de sua mente, Maurice temera encontrá-la no chão com a bacia quebrada ou algo pior, mas suspeitava que não fosse esse o caso. Aqui e ali, as coisas pareciam fora de ordem na casa minúscula: uma das três cadeiras estava bem afastada, um único pote jazia no chão, quebrado. E na mesa se encontrava metade de uma baguete, um bom pedaço de queijo e algumas uvas. Jantar, intocado.

– Olá?

O inventor se preocupou. Não parecia um assalto – nada tinha sido roubado, nem mesmo os excelentes cobertores de lã. Era como se ela tivesse simplesmente... desaparecido.

Depois de mais alguns minutos de procura, ele saiu e perguntou aos vizinhos sobre o paradeiro dela, mas ninguém sabia para onde a parteira havia ido. Ou mesmo se tinha ido.

Ou, ele percebeu enquanto observava alguns pares de olhos inquietos, eles *não queriam* saber.

Ele resolveu ver se algum dos outros amigos de Rosalind tinha ouvido notícias de Vashti – talvez houvesse acontecido algum tipo de emergência, um nascimento problemático que a tivesse obrigado a sair.

Porém, enquanto caminhava pela cidade, Maurice notou outras portas contendo pichações maldosas, às vezes em carvão e, ocasionalmente, em algo que parecia muito com sangue.

Se os amigos que ele procurava estavam em casa, eles tiravam Maurice das ruas rapidamente – ou faziam questão de falar com ele muito alto, onde outros pudessem ouvir, sobre nada em especial, enfatizando repetidas vezes como era bacana ter um amigo tão normal que não fosse um dos *les charmantes*.

Nenhum deles sabia onde Vashti estava. Ninguém sequer sabia que ela havia sumido.

Com um coração confuso e pesado, Maurice decidiu que, antes de ir para casa de mãos vazias, iria ao menos se fortificar na taverna com uma bebida e um bate-papo com seus amigos.

Havia uma placa na porta.

SOB NOVA DIREÇÃO. PROIBIDA A ENTRADA DE CACHORROS, ITALIANOS OU CHARMANTES.

Maurice hesitou, sem saber o que fazer. Porém o hábito tomou seus pés e ele se viu seguindo adiante.

O lugar parecia mais escuro. Pequenos grupos conversavam em tons animados e altos, mas soava forçado. Uma mulher jovem e de aparência azeda passava um trapo imundo no balcão com grande

agitação.

Frédéric e Alaric estavam em seus lugares de sempre. O doutor nunca havia se mudado para junto do cavaleiro, mesmo depois que Maurice saíra; existiam algumas diferenças de posição social que eram insuperáveis para além de beber em um bar juntos. Contudo, eles tinham conseguido se manter amigos. Ambos se animaram ao ver Maurice.

– Onde está Josepha? – perguntou ele baixinho, indicando a balconista com uma inclinação da cabeça.

– Ela foi... comprada – disse Alaric, grosseiramente. – Não por sua espontânea vontade. Disseram para ela se mudar para uma parte da cidade mais... acolhedora.

– Ela foi paga – destacou Frédéric. No entanto, ele fitava sua taça de licor com uma expressão cética, obviamente sem convicção de sua limpeza.

– Para onde ela foi? Ela já montou negócio em outro lugar? Nós devíamos ir procurá-la...

– Ninguém a viu desde que... isso aconteceu – disse Alaric. – Alguns suspeitam de jogo sujo.

– Ou ela meramente viu para que lado o vento estava soprando, pegou seu dinheiro e deixou a cidade – sugeriu Frédéric.

Alaric revirou os olhos.

– Isso está saindo do controle – disse Maurice. – Tudo isso! Esse... *menino*... escreveu umas coisas horríveis na nossa porta. Em muitas portas, parece. E minha esposa está decidida em ter essa tal de Vashti como parteira, e ela não está em lugar nenhum. E ninguém fala nada a respeito dela. Eu tenho um pressentimento terrível sobre isso. O que está havendo por aqui?

Alaric suspirou e brincou com seu copo.

– As coisas estão piorando entre... as pessoas *regulares*...

– *Les naturels* – interrompeu Frédéric, empertigado – e *les charmantes*.

Alaric lançou-lhe um olhar sombrio, depois continuou.

– Eu nunca vi as coisas tão ruins. Está fora de controle. Tem idiotas perturbando qualquer um que seja um tiquinho incomum, desde uma autodeclarada parteira vendendo poções do amor, até Babbo, que canta sozinho e faz aqueles brinquedinhos de gravetos e musgo. Eles os importunam, os incomodam e, de vez em quando, lhes dão surras de criar bicho.

– As coisas *não estão* fora de controle – disse Frédéric, com a paciência de alguém que vinha argumentando a mesma coisa com um amigo por um longo tempo. – *Não mais*. Esse é precisamente o ponto. As pessoas normais estão tentando manter controle das coisas, para manter tudo a salvo. E elas não estão perturbando ninguém que seja inocente.

– Inocente de quê? – exigiu saber Maurice. – Magia? Desde quando isso é crime?

– É um crime contra a natureza.

– Mas você mesmo é...

– Maculado! – sibilou Frédéric. – Sim, eu sei! *Fale baixo!*

Maurice bateu com o punho no balcão, exasperado.

– Mas... mas e a Vashti? Rosalind vai ficar terrivelmente aborrecida se eu não a contratar para o parto. Aonde ela foi?

– Provavelmente partiu depois de encontrar sangue de porco manchando sua porta – disse o cavaleiro, melancólico. – *Les charmantes* estão indo embora... desaparecendo do último refúgio seguro para os feéricos e os mágicos que restavam neste mundo.

– Sugiro que a sua esposa escolha outra parteira para o parto iminente, e não a procure mais – sugeriu Frédéric, rigidamente. – Encontre um bom *médico*, talvez.

Maurice o ignorou.

– Mas com certeza o rei e a rainha... digo... bem, todo o *sentido* desse lugar é que ele é seguro, e diferente, e...

– O rei e a rainha não estão fazendo nada a respeito – disse Alaric, suspirando. – Exatamente como não estão fazendo nada sobre a escassez de sal e o embargo comercial com Guerende. Talvez eles se sintam ameaçados, desde que perderam alguns guardas para feitiços errantes. Ou talvez sejam preguiçosos e não liguem. Eu não tenho certeza do *que* eles fazem em suas torres o dia todo. Acho que vou descobrir. Eles certamente não levam seus preciosos garanhões para se exercitar com frequência. – De súbito, ele se animou. – O que me faz lembrar! Eu tenho ótimas notícias! Bebidas por minha conta essa noite, velho amigo!

– Qual é a ocasião? – perguntou Maurice, cautelosamente esperançoso por algo que afastasse a tristeza do dia.

Frédéric lhe deu um sorriso contraído.

– Você está olhando para o novo Mestre dos Estábulos Reais. Faça uma reverência, pois é apropriado... mas não respire fundo, pois a aura de cavalos é difícil de evitar.

– E é tudo graças a esse camarada aqui – disse Alaric, brindando com seu drinque e derrubando um tanto dele no médico. – Ele me recomendou para o rei em pessoa!

Maurice sorriu e apertou a mão de Alaric com formalidade, porém com sentimento.

– Notícias maravilhosas, Alaric! Está subindo na vida!

– Ah, em mais de um sentido – disse o cavaleiro, com um movimento sugestivo das sobrancelhas. – Tem uma criada lá no castelo, que em breve será dona de casa...

Frédéric revirou os olhos.

– Toda boa ação é castigada.

– E você? Alguma notícia boa em sua vida? – pressionou Maurice.

O rosto azedo de Frédéric pareceu estranha e timidamente contente.

– Para dizer a verdade, sim. O rei e a rainha, ainda impressionados com minha capacidade de curar seu filho, uma bobagem total, aliás, me deram minhas próprias instalações para pesquisa. É tudo muito secreto, mas confie em mim quando digo que a liberdade de que disponho é maior do que eu imaginei ser possível quando frequentei uma faculdade tradicional... Vou dizer apenas que posso praticar minha

habilidade em cirurgia com tranquilidade, cortando aquilo que está infectado demais para salvar. Posso até conseguir curar... *a mim mesmo*, algum dia.

Alaric e Maurice trocaram um olhar e um tremor.

– O lado negativo é que a instalação fica longe, perto daquela aldeiazinha do outro lado do rio – disse rapidamente o cavaleiro, tentando mudar de assunto.

– Nunca mais vamos te ver – protestou o inventor.

– Não vou desaparecer do planeta – disse Frédéric, empertigado, apesar de obviamente contente por alguém se importar o bastante para sentir sua falta. – Vim hoje especificamente para ver você e lhe parabenizar pela gravidez de sua esposa.

– Muito obrigado, monsieur Doutor! – disse Maurice com uma pequena reverência. – Você teve alguma visão sobre a minha menininha? Pode me contar algo sobre o futuro dela?

Frédéric desviou o olhar.

– Não funciona assim, e eu não encorajo que elas... venham até mim. Francamente, o próprio fato de você saber o sexo do seu bebê já é perturbador.

Alaric corou com a palavra *sexo*. Maurice apenas suspirou e balançou a cabeça para seus amigos. Era estranho pensar neles como possíveis tios de sua filhinha. Bem, talvez ela pudesse aprender algo com eles, pelo menos – as habilidades de um médico, talvez o básico de equitação...

Um Castelo Encantado

Bela correu até Phillipe, cautelosamente se desviando do caminho de seus cascos. Ela tentou não entrar em pânico, mas o medo que o grande cavalo sentia era contagioso. Normalmente nada conseguia assustar o animal sério e imperturbável. Ele vinha de uma antiga linhagem de montarias de guerra, criadas por seu tamanho, sua resistência e, principalmente, sua *calma* no meio da batalha.

Phillipe também havia passado a maior parte da vida em torno das invenções de Maurice, que explodiam com frequência. Quase nada podia distraí-lo de uma moitinha de trevos ou uma soneca.

Agora, entretanto, ele corcoveava, bufava e revirava os olhos como se uma matilha de lobos estivesse atrás dele.

– Cadê o papai, Phillipe? Vocês chegaram até a feira? O que aconteceu?

O aparelho de cortar lenha parecia estar mais ou menos intacto na carroça, embora algumas das peças mais delicadas estivessem faltando. Se tivesse sido um assalto, os ladrões provavelmente teriam levado qualquer coisa que parecesse valiosa, inclusive a grelha da engenhoca, que brilhava, dourada. Bela soltou a carroça com cuidado e a colocou de lado, ainda segurando as rédeas.

– Você precisa me levar até ele, Phillipe – disse ela, se jogando sobre as costas do cavalo. Ela puxou a mordedura com firmeza, forçando a cabeça enorme dele novamente na direção da floresta.

Phillipe resistiu no início, tentando tirar o pescoço da velha corda. Quando finalmente cedeu, foi com uma fungada cansada – como se *até ele* soubesse que eles precisavam voltar para buscar Maurice.

Bela estivera na estrada que cortava a floresta apenas uma ou duas vezes, e nunca tinha ido tão longe. Embora instintivamente ela começasse a guiar Phillipe para a esquerda, onde o caminho se dividia e levava, em algum momento, para a cidade vizinha, o cavalo bufou e puxou à direita, por uma estrada antiga e dominada pelas ervas daninhas que obviamente levava a lugares menos visitados.

A tempestade já emprestava uma escuridão estranha ao fim do dia. Aquilo, em conjunto com a folhagem espessa, quase monstruosamente exuberante que os cercava, deixava a trilha sobrenaturalmente sombria. Pequenas mariposas brancas, que deveriam ter esperado até muito mais tarde para emergir dos lugares onde dormiam durante o dia, esvoaçavam ao redor do rosto de Bela como se ele fosse uma lanterna para a qual se sentiam atraídas. Insetos estranhos e quase invisíveis faziam ruídos diferentes de

seus primos nos campos ou pomares cuidadosamente cultivados da aldeia. Folhas secas estalavam na vegetação rasteira, agitadas por coisas que Bela não podia ver.

Ela se viu, muito contra a própria vontade, pensando em como seria útil ter alguém como Gaston junto com ela nessa jornada.

Ou, na verdade, alguma outra pessoa com uma arma. Qualquer outra pessoa, realmente.

Minutos se passaram no que pareciam horas na trilha escura e solitária. A empolgação e a adrenalina iniciais de Bela foram desgastadas pelo tempo e pela falta de qualquer coisa iminentemente perigosa. A floresta era sinistra, nada mais.

Seu temor pelo pai, contudo, crescia; não havia nem sinal dele, além de um rastro de carroça ocasional que se revelava em um banco de areia ou uma cunha espessa de lama.

Lentamente, o terreno começou a mudar em torno deles: o chão se elevou de forma acentuada dos dois lados da trilha, formando uma ravina que se estendia em um pequeno vale. O que restava do céu se encontrava obscurecido por colinas altas e pontiagudas e pinheiros negros. Plantas espessas e espinhosas se aglomeravam de forma artificial junto às raízes atarracadas e quadradas das árvores.

Espere aí. Quadradas?

Bela ofegou ao perceber que o que ela havia confundido com vegetação especialmente não natural eram as ruínas de antigas construções. Ela deixou de prestar atenção para onde Phillipe se dirigia e tentou distinguir contornos e padrões nas pedras e tijolos. Os cipós que os cobriam não eram grossos; certamente, não tinham mais do que cinquenta ou cem anos. Bela, entretanto, nunca tinha ouvido falar de uma aldeia tão no interior da floresta e ninguém na cidade jamais a mencionara.

– *O que é este lugar?* – murmurou ela.

Phillipe parou, fungando nervosamente. Eles estavam diante de um imenso portão de ferro enferrujado que pendia semiaberto – mas não tão arruinado que caísse de suas dobradiças. O espaço era apenas suficiente para alguém passar.

Phillipe escavou o chão com o casco e bufou.

Ele não entraria.

Bela respirou fundo e desmontou. Ela deu um tapinha carinhoso no flanco morno e reconfortante do cavalo e, com pesar, deixou-o para trás. Em seguida, passou pelo vão no portão, sem tentar abri-lo um pouco mais para não fazer barulho.

Mais além ficava um pátio mal-iluminado, vasto e cinzento, com uma fonte seca e empoeirada de três andares no centro. Em toda a cena, havia apenas uma mancha de cor: um chapéu de sol amarelo-mostarda encardido, jogado no chão.

– Papai! – gritou Bela, apressando-se e apanhando o chapéu. Não havia nenhum outro sinal de seu pai, de ninguém, na verdade, e nenhuma pegada nas pedras arredondadas do pavimento. Ela olhou ao redor, depois para a edificação principal, e se espantou com o que viu.

Aquilo não era nenhuma hospedaria ou retiro de caça; o que ela julgara ser a entrada de uma fileira de estábulos era a base do que aparentava ser um castelo pequeno, mas perfeitamente preservado.

Na penumbra, era difícil enxergar a coisa toda, mas havia sombras de torreões, torres, balaustradas e eiradas delicadas, com merlões e ameias estreitas e decorativas em demasia para ter qualquer uso real.

Bela franziu o cenho. Embora não tivesse viajado pelo mundo nem feito o “Grand Tour”, lera o suficiente para saber que aquele não era um castelo antigo. Ele era pequeno demais, perfeito demais, e livre demais de fortificações para ser das eras sombrias de outrora, quando reinos vizinhos com frequência guerreavam uns com os outros.

Não era despropositado imaginar o pai dela, tendo notado as ruínas misteriosas, decidindo, num capricho, investigá-las. *Como Dom Quixote e seu elmo dourado de Mambrino*, pensou ela, olhando para o chapéu amarelo dele. *Partindo em uma missão tola.*

Aquela ideia e a noção de que ele estava em algum lugar da propriedade lhe deram coragem.

– Papai? – chamou ela, passando pela gigantesca porta dianteira de ferro bandado, estranhamente destrancada.

O prédio abandonado estava quase escuro como breu, é claro.

– Papai?

Sua voz rapidamente ecoou de volta para ela sobre paredes cobertas por tapeçarias, móveis e estátuas que ela mal conseguia enxergar... Estátuas com o que pareciam ser olhos mortos, garras e presas.

Será que ela havia mesmo ouvido passos adiante, tamborilando depressa?

Seria aquilo o lampejo dourado de uma lanterna, piscando em um espelho frio e ensebado?

– Olá? Papai?

Insegura se essa era a coisa certa a se fazer, ela seguiu em direção ao som.

O carpete sob seus pés era frio, mas macio e, em sua maior parte, sem sinais de uso. O terraço com colunas além do saguão era diferente de tudo que Bela já vira; ela apenas suspirara por imagens semelhantes em livros sobre países quentes no mundo. Armaduras, urnas de alabastro e enormes pinturas antigas decoravam cada milímetro possível.

Sem prestar atenção a seus pés ou para onde estava indo, Bela quase tropeçou na gigantesca escadaria que levava ao mezanino.

Ali estava outra vez, um tamborilar muito leve contra o piso. Normalmente ela não diria que seu pai era delicado ou ágil, mas os ruídos ecoavam de modo estranho no castelo...

E não havia mais ninguém ali... certo?

Ladrões, ela disse a si mesma, muito racional, *e salteadores – eles já teriam me abordado.*

Certo?

Eles a teriam agarrado e levado... fosse lá o que quisessem dela. Ela havia gritado; eles saberiam onde ela estava.

Ela subiu pelo castelo, dirigindo-se ao ponto onde achou que os sons se originavam. As paredes ficaram mais próximas, e as escadas, mais estreitas, até que finalmente os degraus começaram a espiralar

de maneira íngreme e ela teve que se abaixar. *Provavelmente, estou em uma das torres*, pensou ela. O ar era mais frio e úmido ali, e as teias de aranha, mais espessas.

Inconscientemente, ela levou a mão ao pescoço, esquecendo-se por um momento de que não tinha trazido seu manto e, portanto, não podia fechá-lo.

– *Papai?*

Um nicho na parede estava iluminado pelo cintilar feliz de um pequeno candelabro, o que deveria ter alegrado Bela. Em vez disso, aquilo apenas a fez estremecer – *quem o acendeu?* E o deixou ali? Seu pai não o teria levado consigo?

Mais batidinhas. O deslizar de algo de madeira contra um piso acarpetado.

– Olá? – chamou ela, tentando fazer ao menos *sua voz* soar corajosa. – Tem alguém aí? Estou procurando meu pai! Por favor...?

– ... *Bela?*

O coração dela deu um pulo enquanto a voz de seu pai ecoava fracamente pelas paredes de pedra.

– *PAPAI!*

Ela correu por um corredor sombrio cujos acessórios insinuavam o propósito cruel daquele lugar: grilhões de ferro e hastes pútridas, há muito sem uso. Contornando a sala havia um número de portas idênticas, pesadamente trancadas e bloqueadas.

Uma única luz tremeluzia em um candeeiro perto da primeira porta, e Bela correu para lá.

– Papai! – gritou ela.

– Bela!

Ele enfiou o máximo que pôde de seu rosto no espaço entre as barras estreitas da porta. Em seguida, se afastou quando um acesso de tosse o dominou.

– Ah, papai...

Bela estendeu a mão entre as barras e ele a segurou ansiosamente. Ela ofegou, em choque.

– Papai! Suas mãos estão tão frias... Temos que tirar o senhor daqui!

Maurice, apesar de sua palidez, lançou-lhe um olhar irônico.

– Bela, minha querida, acho que a minha saúde é o menor dos nossos problemas neste momento. Escute, por favor: vá buscar ajuda.

– Absolutamente não! Eu não vou te deixar!

– Bela, você *tem* que sair daqui! Estou falando sério! *Fuja!*

E então foi como se as próprias sombras subitamente se solidificassem e tomassem forma perto dela.

Algo negro e cheio de garras pegou o ombro de Bela e a rodopiou.

– *O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO AQUI?* – rugiu a sombra.

Porém, uma parte dela notou que aquilo não a ameaçou. Não diretamente, ao menos.

– Quem está aí? – perguntou ela, apertando os olhos na penumbra. – Quem é você?

– *Eu sou o mestre deste castelo. E mais uma vez, exijo saber o que você está fazendo aqui!*

– Eu vim atrás do meu pai – disse Bela, uma centelha de raiva se acendendo dentro dela. – Solte-o.

Ele está doente e não fez nada de errado.

– *Ele não deveria ter invadido a propriedade!*

A voz soava petulante. Não diabólica.

Aquilo deu esperança a Bela, o quanto a voz soava humana. Em todos os seus livros de contos de fadas e aventuras – aqueles com os heróis que eram espertos, em vez de fortes –, *era assim* que você superava um oponente. Encontrando uma brecha em sua armadura, um defeito para explorar em sua personalidade. Em seguida era preciso fazer com que ele exibisse seu poder, transformando-se em um minúsculo (e facilmente pisável) ratinho, ou abrindo seu próprio estômago.

Tudo de que ela precisava era um defeito e tempo.

– Não há *nada* que possamos fazer? Eu posso lhe pagar... – Ela pensou na casa deles, cheia de nacos de metal, livros, poeira e, ocasionalmente, comida. – Alguma coisa – completou ela, sem graça.

A voz retumbou em uma risada.

– *Eu sou o mestre de tudo o que você vê aqui. O que você poderia me dar que eu já não possua?*

Bela olhou ao redor, desesperada.

– Eu – disse, irrefletida.

– Bela, não! – gritou Maurice.

– Eu. Aceite-me – repetiu ela, respirando fundo. – Eu serei sua prisioneira. Apenas liberte o meu pai.

Ela pensaria em algo, eventualmente. Todos os heróis pensavam.

– Bela, não! Eu te proíbo!

– *Eu concordo com isso* – disse a voz, finalmente. – *Mas você deve prometer ficar aqui para sempre.*

O vento urrou nos ouvidos de Bela enquanto esse estranho ponto de mudança em sua vida subitamente se erguia diante dela, consumindo-a, e ficava para trás. Apenas algumas horas antes, ela evitara um casamento de emboscada, e sonhara com a possibilidade de uma vida distante da aldeia quando seu pai ganhasse dinheiro na feira.

E, agora, trocava todos esses futuros possíveis por uma vida prisioneira em um castelo assombrado.

Ela precisava ver contra o que estava lutando. Todos os heróis em suas histórias recebiam *essa dádiva*, no mínimo – um último pedido.

– Venha para a luz – ordenou ela.

A voz riu de maneira desagradável.

Com o silêncio profundo de um terrível predador, *algo* se arrastou para a área mal-iluminada pelo pequeno candelabro.

Bela ficou sem fôlego, chocada.

Partes desiguais de criaturas juntas combinavam-se em um corpo horrendo: patas monstruosas com garras, maiores do que as de um urso ou de um leão; cintura fina; peito imenso. Pescoço ainda maior. Pelagem espessa, emaranhada e castanha... *um casaco*.

Aquilo vestia um casaco púrpura esfarrapado com um broche de ouro fechado no pescoço. Calças azuis e amarrotadas pendiam em trapos por pernas parecidas com as de um cachorro gigante.

Ele tinha um rosto do tamanho de um fogão. Um focinho preto e brilhante, inflado e molhado. Presas que se projetavam de seu crânio como um erro. Olhos surpreendentemente azuis... com inteligência brilhando através deles...

Hálito quente e úmido e língua pendendo para fora.

Bela recuou, mesmo sem querer. Se aquilo fosse totalmente um animal, ela talvez pudesse ter sido capaz de lidar com ele. Como um cão. Se ele fosse um demônio ou fantasma, ela ao menos saberia em que pé se encontrava com seu oponente. Ela tinha lido muitas, muitas histórias sobre esse tipo de coisa.

Mas *aquilo*...

Algum tipo de aberração, meio fera, meio humana, doentia, monstruosa...

Bela se forçou a levantar a cabeça, embora não conseguisse olhar aquilo nos olhos.

– Eu lhe dou minha palavra.

Ela disse isso devagar... onerando cada sílaba com o peso do significado.

– Não, Bela! – gritou seu pai. – Não vou permitir que faça isso!

– *FEITO!* – rugiu a Fera.

Movendo-se mais rápido do que algo daquele tamanho deveria ser capaz de fazer, e em silêncio total, a Fera arremeteu adiante e abriu a porta da cela com um único gesto de sua pata imensa.

Maurice correu para sua filha.

– Não, Bela, me escute... Eu estou *velho*, eu já vivi a minha vida!

A Fera, contudo, o agarrou e começou a descer as escadas aos saltos, puxando o velho consigo.

E Bela desabou no chão e começou a chorar.

O Fim dos Contos de Fadas

Maurice obediamente contou a Rosalind tudo sobre a violência crescente contra *les charmantes* e como ele não tinha conseguido encontrar a parteira – apesar de saber qual seria o resultado disso. Pelo jeito como a esposa arregalou os olhos ao ouvir sobre o sumiço de Vashti, até um estreitamento frio de suas pupilas verde-musgo ante a notícia de Josepha e sua taverna, Maurice podia ter previsto com facilidade cada tique facial e aonde ele levaria.

– Eu tenho que encontrá-la – anunciou Rosalind, levantando-se com a lentidão desajeitada que seu ventre arredondado e as estranhas dores nas juntas lhe deram. Seus olhos cintilavam seriamente pela sala, procurando por coisas: um casaco, um cajado, talvez... – Tem havido muitos desses “sumiços” ultimamente. Eu vou investigar isso *agora*...

– Rosalind... – disse seu marido com firmeza.

– Você não pode me impedir! – gritou ela, os olhos se acendendo e as bochechas corando, rosadas. Algumas mulheres ficavam mais calmas e tranquilas durante a gravidez; Rosalind parecia ter se tornado mais do que já era antes: ferozmente feliz, ferozmente raivosa, ferozmente produtiva. – Vashti era madrinha da minha prima! É como se ela fosse da família!

– Não vou tentar te impedir – disse Maurice. – Estou simplesmente pedindo cautela. Você é... bem conhecida... pelo que faz. Este já não me parece o lugar mais seguro para quem lida com magia. Sair por aí batendo em portas e exigindo informação das pessoas pode não ser uma boa ideia. Isso atrairia atenção demais para você.

– Eu não ia sair por aí batendo em portas e exigindo informação – disse Rosalind, com tamanho orgulho que ficou óbvio que aquele, precisamente, era o seu plano. – Nós... que fazemos o que *nós* fazemos temos meios muito mais sutis de obter informações.

Maurice esperou pacientemente.

– Eu... visitarei o monsieur Lévi – disse ela, após um instante rápido pensando. – Com seus livros e óculos divinatórios, ele deverá ter pouco trabalho para resolver isso.

– Esse é um excelente plano. Somente seja... discreta.

– É claro que é um excelente plano. E *sim*, serei discreta! – disparou ela, depositando um manto com magia sobre os ombros em exasperação.



Bater os pés inchados nas pedras duras e irregulares das melhores estradas do reino era mais cansativo e árduo do que havia imaginado. Entretanto, milhares de mães e avós antes dela tinham trabalhado nos campos e jardins e caçado nas florestas, e mesmo assim tiveram filhos perfeitamente saudáveis. Ela não reclamaria.

A loja de monsieur Lévi não precisava estar no centro da cidade. Aqueles que desejavam visitá-lo davam um jeito de encontrá-lo. Ainda que sua loja nunca estivesse duas vezes no mesmo lugar.

– Eu não tenho tempo para isso – disse Rosalind, soprando rapidamente com os lábios franzidos, tentando acalmar seu coração. Ela fechou os olhos, balançou a cabeça para clarear o universo de seus pensamentos, depois se adiantou para a porta da loja mais próxima.

Qualquer que fosse a propaganda na placa lá fora, o interior da loja era recheado de papel e vidro. Pilhas de livros e montes de rolos de pergaminhos disputavam espaço com espelhos de mão de prata polida, janelinhas minúsculas do tamanho preciso para uma casa de boneca e tigelas que lembravam pequenos lagos de pedra com água perfeitamente imóvel – água que *permanecia* imóvel, a despeito da porta batendo e do sino tocando com a entrada dramática de Rosalind.

Nada disso estava organizado; tudo parecia ter sido arrancado das prateleiras vazias ao redor do recinto bem recentemente.

– Rosalind! – disse o lojista com uma faísca nos olhos, enquanto se voltava para cumprimentá-la. Ele estava polindo uma lente e continuou a fazê-lo, exalando ar sobre ela para embaçar a superfície. O sujeito era magro e provavelmente velho, mas não aparentava ter mais do que 70 anos. Seu cabelo crescia desalinhado ao redor da cabeça e na extremidade de seu queixo pontudo. – Como vão as coisas?

Apesar da urgência de sua missão, Rosalind se distraiu com a situação do lugar.

– Monsieur Lévi, o que está havendo aqui? O senhor está *fechando*?

– Bem, do jeito que as coisas estão indo... Prefiro eu mesmo desaparecer antes que *alguma outra* pessoa desapareça comigo. Está na hora de minha velhinha e eu – ele olhou ao redor para a loja com amor – juntarmos as coisas e nos mudarmos.

– Não, não – disse Rosalind. – As coisas não estão tão ruins!... Estão? – acrescentou ela, menos segura.

– Estão ruins o bastante – disse Lévi, desolado. – Eles acabaram de fechar o Mercado da Meia-Noite... Todo mundo está preocupado com a falta de segurança e massacres. Florent foi encontrado em uma soleira, todo roxo e surrado quase até a morte. E eu creio que o único motivo para a minha loja ter escapado das pedras e tentativas de incêndio criminoso que outros lugares suportaram é nossa tendência... a nos mover...

Rosalind deixou que sua mente recentemente lenta absorvesse e refletisse sobre essa notícia.

– Então fique e lute. Nós podemos mudar as coisas antes que piorem.

Lévi deu um sorriso seco.

– Dito por uma jovem linda e vivaz que vai mudar o mundo, de um jeito ou de outro. Minha querida, eu sou *velho*. – Ele inclinou-se adiante sobre seu balcão para enfatizar esse fato. – E... eu já vi esse tipo de coisa antes. E vi acontecer de novo. Não sei se devo sobreviver aos tempos que virão depois desse. Porém, enquanto houver vida, há esperança. E com a vida e a esperança, lá vou eu... e os livros que sem dúvida tentarão queimar em breve. Com sorte, encontraremos algum lugar onde essa febre horrorosa da qual todos estão falando não tenha chegado ainda. Não sei se eu poderia sobreviver a uma doença como essa nessa idade.

– Ah, você vai viver para sempre – disse Rosalind, com um gesto de pouco caso e um sorriso. – Mas onde mais na Europa você passou por esse tipo de coisa antes? Existem outros lugares onde a magia ainda seja forte?

– Você não precisa ser uma bruxa para que eles a odeiem – disse ele, com leveza. – Agora, em que lhe posso ser útil? Eu acabo de receber uma pilha absolutamente maravilhosa de ficções históricas não estritamente precisas sobre a falecida República. Hã, a romana, quero dizer... nada sérias, mas boas para uma noite aconchegante diante da lareira. O que me diz?

– Temo que eu não esteja aqui para livros dessa vez – disse Rosalind, triste, olhando ao redor para as pilhas atrativas. – Estou aqui para uma leitura. Digo, uma leitura *do outro tipo*.

O rosto de Lévi pareceu se encolher para longe dela, recuando para o fundo de sua cabeça, como se todas as suas feições estivessem tentando fugir. Ele empalideceu.

– As coisas devem estar realmente preocupantes, se a grande Rosalind vem procurar *a mim* para uma coisa dessas.

– Vashti está desaparecida – disse Rosalind, inconscientemente colocando a mão sobre o ventre. – Eu queria que ela fosse a minha parteira. Maurice encontrou o apartamento dela vazio, o jantar ainda na mesa. Eu suspeito do pior.

– Muito bem – disse Lévi, suspirando. Ele cuidadosamente alargou as lentes em forma de lua nas quais trabalhava.

– O que é isso? – indagou ela, curiosa.

– Ah, só uma ideia que tive – disse ele, enquanto procurava por algo dentro de uma caixa recentemente fechada. – Algo que me permita fazer minhas coisas ao mesmo tempo em que me misturava com os nativos. Ah, esse aqui vai servir.

Ele puxou um espelho de mão prateado, do tipo que um cavalheiro poderia possuir, com um cabo não muito ornado e linhas simples e ousadas ao redor da superfície refletiva.

– Aqui, *você* o segura e pergunta. Você a conhece melhor. Ela... não era uma grande leitora. Do tipo *usual* de leitura.

Rosalind apanhou o espelho. Era mais pesado do que parecia, ou ela estava mais fraca do que esperava; ele fez sua mão afundar.

– Mostre-me Vashti – ordenou ela.

Lévi olhou por cima do ombro dela, curioso.

Nada aconteceu.

O espelho continuou sendo um espelho, refletindo o rosto dela com apenas um traço de névoa. Seu nariz, Rosalind notou, distraída, estava vermelho e nada atraente em sua situação atual.

– Espelho – disse ela, mais alto dessa vez. – *Mostre-me Vashti*. Onde ela está?

A superfície cintilante dessa vez realmente *se nublou*. Todavia, não revelou nada além de trevas profundas, opacas. Eventualmente isso também se dissipou e ele voltou a ser apenas um espelho.

– Não está funcionando – disse Rosalind, teimosa, devolvendo o espelho para seu fabricante.

– Rosalind – disse Lévi, suavemente. – Ela se foi. Você sabe disso.

Rosalind mordeu o lábio, determinada a não chorar. Seu rosto parecia imenso, como se todas as lágrimas que ela reprimia estivessem lotando seu crânio, seus olhos e sua testa. Se Vashti estava morta, não havia nada que ela pudesse fazer agora.

A Feiticeira empurrou o espelho para as mãos de Lévi e deu-lhe as costas, soluçando e com ânsia de vômito. Seu enjoo matinal, que havia sumido magicamente no primeiro dia do segundo trimestre de gravidez, subitamente voltava com tudo.

– Ah, Rose... – disse Lévi, pesaroso, sem olhar para o espelho. Ele colocou um braço ao redor dela.

– Ela... ela *já* teria simplesmente abandonado sua casa daquele jeito. Ela teria colocado as coisas em ordem. As pessoas da família dela estão aqui há séculos como curandeiras... Ela deve ter sabido que iria morrer... de algo *natural*. Algo aconteceu com ela, Lévi. Alguém *fez* alguma coisa com ela.

O livreiro não disse nada, mas observou-a em silêncio, vendo a mudança no rosto dela, um reflexo das emoções se agitando em seu interior.

– Ela será vingada. Eu terei justiça – murmurou Rosalind, dividida entre vomitar, ser reconfortada e destruir tudo em um fogo sem fim. – *Nós não estamos na Idade das Trevas!*

– Toda era tem suas sombras – disse Lévi, baixinho. – Rosalind. Pegue a sua família e se mude para longe daqui. Estou falando sério. Você não está a salvo. Nenhum de nós está. Eu mesmo estou partindo para o Novo Mundo. Acho que eles praticamente acabaram com os julgamentos de bruxas. E supostamente Providence é uma cidade com grande liberdade religiosa.

A mente de Rosalind girava. Ela era a maior feiticeira naquela era pobre em magia, mas não tinha nem o poder nem a habilidade de derrotar os grupos anônimos e de conexões vagas de alcoviteiros e semeadores do ódio que pareciam estar tomando conta do reino. Uma vez que os encontrasse, ela podia transformar todos em porcos, pedras ou insetos, é claro.

Rosalind achava.

– Eu devo ir até o rei e a rainha. Eles são os únicos que podem parar com isso. Eles *têm* que parar. Certamente, agitação e crime devem ser uma ameaça ao reino. Mesmo... mesmo apesar do que aconteceu com os guardas deles. Eles precisam ver que isso não pode continuar.

– E como você vai conseguir entrar para vê-los? – perguntou Lévi, curioso.

– O... filho deles. O pequeno príncipe. Eu não fui ao batizado – disse ela, gostando cada vez mais do plano conforme o elaborava. Parecia correto. Antigo. Grandioso. – Vou até lá levando algum tipo de amuleto ou bênção para entregar. Exatamente como fazíamos nos velhos tempos, quando havia alguém recém-nascido na realeza.

Lévi suspirou.

– Não é uma má ideia. Só não espere muita coisa. E talvez seja bom ter um plano de fuga à mão.

Ele olhou em torno para suas caixas semiembrulhadas e depois para a barriga de Rosalind, que ela segurava com as duas mãos.



Vestindo os trajes mais impressionantes, angélicos e cobertos de magia que pôde arranjar, Rosalind entrou no castelo com a cabeça erguida, a varinha de amieiro segura com firmeza na mão direita. Os guardas deram um passo para o lado quando ela se aproximou; ela ignorou a expressão desconfiada nos olhos deles.

Na sala do trono, o jovem rei e a jovem rainha estavam sentados com o príncipezinho – bem, a criança estava no colo da ama de leite –, todos os três usando tons profundos de veludo, combinando entre si.

– Vossas altezas – disse Rosalind com um leve meneio de cabeça, geralmente inaceitável como modo de saudar a realeza, mas, afinal, *ela* era uma feiticeira.

– Feiticeira – disse a rainha, em um tom igualmente neutro. Suas feições eram belas, apesar de severas: cabelos brancos de tão loiros e ossos das maçãs do rosto muito pronunciados, com olhos azuis como gelo. A maternidade não havia suavizado nem um pouco sua aparência.

– Essa é uma visita incomum – disse o rei com um sorriso que não lhe chegava aos olhos. Ele tinha cabelo castanho-escuro comprido e preso em um rabo de cavalo, com a parte da frente enrolada sobre sua testa de uma forma que estava muito em moda naquela época.

Nenhum dos dois usava uma coroa, pois isso não era considerado moderno. Contudo, ambos estavam cobertos de broches faiscantes e pingentes incrustados de gemas, fivelas douradas e tecido muito, muito rico.

– Vim para oferecer uma bênção a seu filho, o príncipe real – começou Rosalind, voltando-se para ele.

– Isso não será necessário – disse o rei, languidamente. – Estes são tempos modernos. Apreciamos seu sentimento e permitimos sua presença por respeito às tradições antigas, mas a sua bênção não é nada mais que palavrório, seu amuleto não é nada além de bons votos, sem sentido algum.

Rosalind fitou fixamente o rei, tentando não demonstrar como estava atônita. *Neste reino!* O último refúgio de tradições antigas e *les charmantes*.

A magia estava sendo totalmente expulsa do mundo. Ela estremeceu – será que aquele realmente era o fim?

– Neste caso, deixe-me entrar no outro assunto que me trouxe até aqui – disse ela, espalmando as mãos e agora abaixando os olhos. – Eu imploro pela sua intercessão em nome do meu povo. Eles estão sendo perseguidos, surrados, às vezes assassinados. Permita que a perseguição deles chegue ao fim e defenda seus cidadãos inocentes.

– E quais seriam esses cidadãos, Feiticeira? – perguntou o rei, zombeteiro. – Os cidadãos bons e naturais deste reino? Ou você está se aliando com algumas das criaturas menos patrióticas e mais desnaturadas que moram em nossa bela terra, ameaçando nossos cidadãos e perturbando nossa vida pacífica?

Rosalind rangeu os dentes, tentando manter a aparência de uma suplicante moderada. Tentando controlar a raiva sobre a qual Maurice sempre lhe alertava. Ela olhou pela sala, mas todos os servos e o séquito real pareciam estar fazendo um belíssimo trabalho em não prestar atenção ao que estava acontecendo. O Príncipe brincava com uma bola que parecia ter sido feita de ouro verdadeiro.

Ela respirou fundo.

– Se eu posso ousar perguntar, que criaturas *nada patrióticas*? Quem tem ameaçado o senhor?

– A *existência* delas é ameaça suficiente – disse a rainha. – Eles, *vocês* todos têm habilidades que fazem nossos mosquetes e espadas parecerem brinquedos. E não demonstram nenhuma hesitação em usar esses poderes à menor provocação... como se isso fosse algum conto de fadas medieval e não a era de leis e da razão!

– Um menino está morto por causa de seu interesse em uma garota *charmante* e da raiva do namorado mago dela – apontou o rei. – E a inquietação que se seguiu, os ataques sobre nossos próprios soldados, destruiu ainda mais vidas.

– Vocês estão permitindo a completa subjugação de um povo porque dois rapazes brigaram por causa de uma *garota*? – Rosalind exigiu saber. – Uma mulher está morta por causa dessa insanidade, desse... preconceito! Uma mulher inocente que nunca feriu *ninguém*... que nem mesmo estava lá quando as brigas começaram. O que uma parteira já fez, além de manter jovens mães saudáveis e colocar bebês no mundo? A morte dela está nas mãos de vocês!

O rei deu de ombros.

– Eu não tenho ideia do que você está falando. Essas coisas não nos dizem respeito. Temos outros assuntos, mais importantes, para nos ocupar. A administração de um reino. Assuntos de Estado. O ressurgimento do que se parece muito com a praga em países próximos demais de nós. Precisamos considerar o fechamento de nossas fronteiras.

– Então se um ou dois... dos residentes mais... estranhos... dessa terra desaparecerem, e assim mantiverem os outros em ordem nessa época de problemas e possível quarentena, *c'est bon, n'est-ce pas?*

A rainha mandou um beijinho para seu filho.

O principezinho balbuciou de modo incoerente em resposta.

Rosalind analisou a cena com nojo, ódio e fúria. Ela queria dar as costas, partir com alguma resposta espirituosa, algo como *vocês vão se arrepender disso*, e se transformar em uma bola dourada de luz e explodir para fora dali.

Porém, do jeito que as coisas pareciam estar andando, talvez não fosse uma boa ideia fazer uma exibição dessas.

Portanto, ela se virou e saiu pisando duro como...

... como *uma humana*.

Como um fracasso.

O Castelo Encantado

Bela chorou no chão da cela. Uma parte surpreendentemente grande dela pensava que talvez, se ela fechasse os olhos e chorasse bastante, tudo desapareceria. Era tudo tão improvável, de qualquer forma – o castelo, o monstro, seu encarceramento... Tudo podia facilmente ser um pesadelo que ela estava sofrendo depois de pegar no sono lendo uma daquelas histórias de horror sobre as quais seu pai a alertara.

Porém havia o chão gelado sob seus joelhos e molhado por suas lágrimas.

Não havia como negar a realidade.

Qualquer sonho que ela tivesse de escapar da entediante aldeiazinha na qual crescera e sair em aventuras havia se acabado para sempre; ela passaria o resto de seus dias acorrentada em uma sala escura, perdida e esquecida. Imaginou brevemente se Gaston procuraria por ela... Se ele organizaria uma equipe de busca mesmo depois de toda aquela coisa do casamento.

Eu nunca mais verei o papai.

Bela se levantou de um salto e correu para a pequena janela existente, pressionando seu rosto contra o frio montante de pedra. No pátio lá embaixo, algo que lembrava muito uma carruagem antiga, empoeirada e sem rodas se arrastava em seus eixos como um inseto gigantesco. Bela arfou ao ver aquela esquisitice. Seu pai estava lá dentro, desesperadamente tentando abrir a porta; ela mal podia discernir o rosto ansioso dele. E então os portões se abriram sozinhos e a carruagem passou correndo por ali, levando seu passageiro para o interior da floresta.

Bela podia *sentir* a presença silenciosa da Fera mesmo sem vê-la. Ele era aterrorizante, com certeza, mas era um terror muito menos iminente do que as ondas de desespero que a engolfavam.

– Você nem deixou que eu me despedisse – soluçou ela, sem desviar o olhar da janela. – Eu nunca mais o verei.

Houve um estranho ruído, como se a Fera estivesse remexendo os pés.

– Eu vou... – Ele fez uma pausa, tossindo. – Vou levá-la para o seu quarto.

Bela engoliu o choro, surpresa. Ela havia ouvido direito?

– Meu *quarto*? – perguntou ela, olhando para cima. Deu uma espiada pela cela. – Mas eu pensei que...

– Você *quer* ficar aqui na torre? – rosnou a Fera, impaciente.

– Não, claro que não, mas...

– *Então siga-me!*

Com um movimento que era ao mesmo tempo elegante e poderoso, a Fera deu meia-volta para seguir em frente, o candelabro em uma das mãos. Sem hesitar, ele passava de uma posição ereta para apoiado nas quatro patas, depois voltava para as duas traseiras, dependendo do que o terreno exigisse: passar por uma porta, descer pelas escadas, segurar as velas no alto para iluminar o caminho. Seus movimentos eram antinaturais e estranhos, como um poodle andando nas patas traseiras.

Sem ver nenhuma outra opção e totalmente exausta, Bela o seguiu. Eles caminharam em silêncio por alguns momentos, o único ruído era o dos pés de Bela no piso.

– Eu... – A Fera tossiu de novo. – Eu espero que você goste daqui.

Como é?

Ele esperava que ela *gostasse* dali? Como uma hóspede? Mas que coisa mais estranha para se dizer a um prisioneiro! Esse monstro estava conversando com ela quase como se fosse humano. Um humano com quem se podia argumentar. A esperança começou a soltar uma faísca brilhante dentro dela.

– Desculpe, não entendi – disse ela, educadamente.

– O castelo é o seu lar agora, então você pode ir para qualquer lugar nele. Exceto a Ala Oeste.

– O que tem na Ala Oeste?

Contudo, aparentemente ela havia criado esperanças demais, expectativas demais, rápido demais.

A Fera se virou para ela e rosnou, exibindo as presas muito perto do rosto dela.

– É PROIBIDO!

Bela se encolheu contra a parede. O hálito quente dele a envolveu do mesmo modo que ela imaginava o de um leão antes de devorar um cristão na Roma antiga. Com um último grunhido no fundo de sua garganta, a Fera se afastou dela e continuou descendo as escadas.

Bela o acompanhou com relutância. Que escolha tinha?

A menção à Ala Oeste encerrou a conversa na longa caminhada pelo castelo sombrio. Ela tentou olhar ao redor, se orientar e fingir que não estava sendo levada para o que, essencialmente, era apenas uma cela melhor – por uma criatura que poderia devorá-la em duas mordidas.

Finalmente, a Fera parou em um longo corredor de quartos e abriu uma porta, convidando-a a entrar.

Bela ficou surpresa com a grandiosidade do quarto. No centro havia uma linda cama com dossel que parecia ter sido arrumada naquela manhã, não abandonada anos atrás. Grossas cortinas de veludo pendiam em frente às delicadas janelas com sacada e escondiam um pufe de aparência confortável, de onde se podia observar o mundo lá fora. Um guarda-roupa dourado do tamanho da despensa de sua casa a aguardava perto da cama. Requintados medalhões de tinta e gesso enfeitavam as paredes. O quarto era rodeado por arandelas espelhadas em dourado, que a Fera acendeu com seu candelabro. Logo o lugar parecia realmente feliz e confortável.

A Fera tornou a sair para o corredor em silêncio e ficou de pé na porta por um momento, como se não soubesse bem o que dizer.

Bela também estava insegura. *Obrigada* não parecia adequado. Não para seu carcereiro.

– Se, hã, você precisar de alguma coisa... – rosnou a Fera, desconfortável –, meus criados a servirão.

Criados? Que criados? Exceto pela Fera e Bela e seu pai, não havia nenhum outro sinal de vida no castelo. E se, além de ser monstruoso, seu captor fosse também insano?

– *VOCÊ JANTARÁ COMIGO!* – rugiu ele, de súbito. – Isso não é um pedido.

E, com isso, ele saiu do quarto e desapareceu nas sombras, batendo a porta atrás de si.

Por mais que Bela tentasse resistir, isso fez com que ela caísse no choro de novo. Seu cérebro exausto e confuso estava trabalhando sob a dicotomia dolorosamente estranha de “menininha sendo punida em seu quarto” e “prisioneira aterrorizada de uma fera”.

Nos intervalos entre seus soluços, ela ouviu uma batida muito suave na porta.

Não soava certa. Era ossuda demais para pertencer a dedos humanos normais. Pequena demais para pertencer mesmo à mão mais idosa e fraca. Soava quase frágil. Delicada. Seria uma garra?

Que outros horrores e mistérios essa noite ainda lhe reservava?

Bela respirou fundo e se forçou a levantar.

– Quem é?

– É Madame Samovar, querida. A governanta.

Ah, então existem outras pessoas aqui. Sentindo outra explosão de esperança, Bela ajeitou seu cabelo e tentou ficar mais apresentável. Ela abriu a porta. Talvez fosse encontrar algum consolo em...

– Pensei que talvez você fosse apreciar uma boa xícara de chá.

O coração de Bela quase parou.

A voz veio de baixo, perto do chão.

Um bule de cerâmica, um açucareiro, uma leiteirinha e uma xícara entraram pulando no quarto como um minúsculo exército de porcelana, tilintando – *tink-tink-tink*. O bule manteve seu bico – nariz? – apontado para Bela enquanto – ela? ele? – falava.

Bela recuou, quase entrando no guarda-roupa.

– Vocês... mas... vocês... – gaguejou ela.

– Ei, tome cuidado – disse o guarda-roupa em uma voz feminina tonitruante.

Bela pulou para longe daquela coisa e aterrissou na cama.

Imediatamente se levantou da cama, apavorada que ela também fosse começar a falar.

– Isso é tudo... impossível – murmurou Bela. Ela se perguntou se os eventos recentes a fizeram delirar. De algum modo, era mais fácil acreditar na Fera do que em mobília falante.

A bule estava calmamente servindo seu interior na xícara. Ela falava enquanto o fazia, soando um pouco gorgolejante.

– Devagar agora... não derrube...

A xicrinha tinha um caco faltando, Bela reparou, distraída, enquanto a xícara saltava até onde ela se encontrava, sentada no chão. Ela esperou pacientemente, sua – *cabeça* – inclinada para cima, na direção

de Bela.

Tonta, Bela estendeu a mão e cuidadosamente ergueu a chávena de chá, um mindinho esticado como sempre ensaiara depois de ler um livro sobre etiqueta. Nos pontos em que ela tocava a xícara, o objeto era duro, liso, quente pelo chá, e totalmente imóvel. Porcelana sólida. Como ela se movia?

– Quer me ver fazer um truque? – perguntou a xícara, movendo-se na mão dela.

Bela quase a derrubou. A coisa não tinha nenhum rosto, mas a voz soava tão real, tão cheia de vida. Como um menininho ou uma menininha. E a cerâmica ainda parecia dura sob seus dedos; não era nem um pouco flexível.

A xícara estremeceu. Bolhas começaram a subir pelo chá. Elas quase passaram da borda.

– Zip! – censurou a bule.

A xícara tremeu de novo e Bela podia ter jurado que a ouviu rir.

Sentindo-se estranha a respeito, mas sem encontrar muitas alternativas, Bela tomou um golinho. Era um chá excelente, preto, fresco e forte, com açúcar na medida certa. Muito revigorante.

– Foi muito corajoso o que você fez lá atrás – disse a bule, confidencialmente. – Trocar de lugar com o seu pai. Todos nós achamos isso.

Bela piscou, tentando se concentrar *no que* a bule estava dizendo em vez de no fato de que ela falava. A xícara parecia estranha em sua mão e ficou ali, ainda quase cheia.

– Não que isso não seja incrível – disse Bela, erguendo a xícara e observando-a com atenção. Zip se encolheu e voltou a rir, dificultando a tarefa de segurá-la. – Isso é tipo... eu nem sei *com que* isso se parece. O conto de fadas mais inacreditável que eu já li. Papai vai ficar tão... – Ela parou, lembrando-se de que nunca mais o veria. – Mas eu estou presa aqui para sempre.

– Alegre-se, menina. Tudo vai dar certo no final. Você vai ver – disse a bule, compreensiva. Em seguida pulou, com vapor escapando de seu bico. – Olha só pra mim, falando sem parar, quando o jantar está prestes a ser servido, pela primeira vez em sei lá quanto tempo!

Bela tentou processar as palavras de conforto alegres, embora insossas, da bule. Elas pareciam totalmente deslocadas em um castelo sombrio governado por uma fera.

Madame Samovar saltou para fora do quarto, desajeitada, e seu pequeno séquito a acompanhou. Bela engoliu o resto de seu chá e colocou a xícara no final da fila. Ele saltou rapidamente para acompanhar os outros.

Ela se sentiu estranhamente decepcionada depois que a porta se fechou após a saída deles. Bela queria que a bule pudesse ter ficado mais um pouco e contado a história do castelo, de quem quer que fosse o mago que dera vida a suas formas inanimadas, e do que a Fera tinha a ver com isso.

Porque, exceto por mandar nos outros, Bela não vira nenhuma indicação de que ele pudesse executar alguma magia. Definitivamente não era um Próspero, administrando suas ilhotas de fadinhas encantadas. Não, a Fera se assemelhava mais a um intruso principesco, assombrando o castelo arruinado e enfeitado enquanto ele lentamente se desgastava ao longo dos séculos.

Magia, Bela se deu conta de súbito. *Deve ter muito a ver com o motivo de nunca ter ouvido falar nesse lugar.*

Magia.

Magia era *real*.

Não era algo confinado a fantasias alemãs sobre a Floresta Negra ou histórias antigas envolvendo gigantes e golens.

Ela estava em um castelo *cheio* de magia, completamente escondido do mundo exterior.

E tão perto do lugarejo normal e entediante onde ela havia crescido!

Se fosse um castelo “assombrado” do tipo mais prosaico, como os “desassombrados” normalmente encontrados em florestas, ninguém na aldeia conseguiria *parar* de falar nele. Adolescentes desafiariam uns aos outros para passar a noite em seu interior; gente como Gaston marcharia para dentro dele e atiraria em tudo que parecesse mesmo remotamente interessante. O lugar teria sido pilhado de todos os seus espelhos, arandelas e estátuas anos atrás. E sem dúvida turistas britânicos o lotariam semanalmente, implorando para serem levados ao romântico castelo abandonado para pintar retratos, fumar ópio e escrever poesia ruim sobre suas experiências ali.

Não, esse castelo havia sido bem camuflado. Ela imaginou como seu pai e Phillipe tinham conseguido encontrá-lo da primeira vez. O velho e esperto Phillipe...

Bela mordeu o lábio, sentindo outra onda de solidão. O que seria tão importante para que a bule não pudesse ficar nem mais um momento conversando com ela? E como é que um bule *poderia* fazer o jantar? Ela havia se apresentado como a governanta, então talvez apenas mandasse nos outros empregados. Será que *eles* eram reais? Ou apenas outros objetos *vivos*? Ou feras? Ou...

A guarda-roupa pigarreou.

– Bem, agora, com que roupa devemos vesti-la para o jantar?

Estou sonhando, Bela tornou a dizer para si mesma, um tanto esperançosa.

A guarda-roupa escancarou suas portas. Dentro, havia algumas coisas interessantes – um dos maiores e mais límpidos espelhos que Bela já vira, algumas traças e uma coleção extremamente bela de vestidos de luxo que teria feito as trigêmeas loiras, Paulette, Claudette e Laurette, desmaiarem.

Bela examinou os vestidos, cética. É claro, se as coisas corressem como costumam correr nos contos de fadas, tudo lhe serviria à perfeição. A pergunta era: seria essa uma situação como a do “Barba Azul”? Ou algo parecido?

A garota cansada se virou e caminhou até a cama. Até ali, pelo menos *ela* parecia ser inanimada.

– Eu não vou descer para jantar.

– Oh! – disse a guarda-roupa, chocada. – Mas você deve ir!

– Não. Sou uma prisioneira, tudo bem. Mas ele não pode me forçar a fazer algo que eu não quero.

Bem, talvez ele pudesse. Bela realmente não fazia ideia. Ela descobriria quais eram os limites dos poderes dele – e de sua raiva. Mais pistas para ajudá-la a fugir.

– Mas... você não pode recusar um convite real! – gaguejou a guarda-roupa.

– *Real?* – indagou Bela rapidamente, sentando-se. – Aquela... *fera*... é um membro da *realeza*?

A guarda-roupa conseguiu parecer culpada.

– Digo... – ela balbuciou. – Não podemos falar sobre essas coisas, na verdade.

– É proibido? Tipo, por uma maldição ou feitiço? – pressionou Bela, ansiosa por qualquer informação.

– Não, é só... deselegante.

Bela arqueou uma sobrancelha.

A guarda-roupa deu de ombros.

– A criadagem deve ser vista, nunca ouvida – disse ela, contrita. – Qualquer coisa que o mestre queira que você saiba, ele vai lhe contar pessoalmente.

– Quem *ele* é? De verdade?

– Qualquer coisa – repetiu a guarda-roupa, paciente – que o mestre queira que você saiba, ele vai lhe contar pessoalmente.

– Bem, e sobre o que você *pode* conversar? *Você mesma*, talvez? De que tipo de madeira você é feita?

– Docinho, se eu soubesse alguma coisa sobre madeiras, eu seria um machado encantado – disse a guarda-roupa com um suspiro. – Eu sei sobre corpetes e fitas e cinturas que caibam na palma da mão e que sapatos usar em cada tipo de ocasião, e como fazer mil nós diferentes nas cintas e que chapéu usar para cada tipo de diversão ao ar livre.

A mente rápida de Bela revisou o que ela acabara de ouvir.

– Sabe, eu nunca soube muito de moda, morando no interior e tudo mais – disse ela, inocentemente. – Que tipo de chapéu uma dama como eu usaria para um chá da tarde ao ar livre, no jardim, com outras damas? Presumindo que eu algum dia seja convidada para um, é claro.

– Ah, isso é fácil... Um chapéu de palha adorável, com abas largas, com cachos *em grecque* se vocês forem lanchar entre as ruínas, ou pilhas de flores e plumas, e de ladinho, bem assim...

Bela permitiu-se um sorrisinho.

– Ninguém usa chapéus assim, mesmo nesse canto remoto do mundo, há pelo menos dez anos. Nem mesmo madame Bussard retirou algum de seu guarda-roupa recentemente. E ela é bastante muquirana com seus acessórios. Então, *seja lá o que for* que tenha havido aqui, deve ter ocorrido há pelo menos uma década.

A guarda-roupa se movimentou, nervosa.

– Você é uma garota esperta – disse ela, com uma admiração relutante. – Eu gosto disso. Mas acho que... talvez... seja melhor eu segurar minhas gavetas com você por algum tempo. A menos, é claro, que você realmente queira se aprontar para o jantar – acrescentou ela, esperançosa.

– Não – disse Bela, com um meneio firme da cabeça. – Meu pai e eu acabamos aqui por acidente e é incrivelmente incivilizado, até mesmo *maldoso*, considerar-nos responsáveis por um erro tão simples. Eu

dei a ele minha palavra sobre não ir embora, mas isso é tudo. Prefiro morrer de fome a consentir em jantar com tal monstro.

E, com isso, ela voltou a se deitar na cama, a cabeça no sentido oposto à guarda-roupa, para que ela não visse a lágrima traiçoeira que escapou do olho de Bela, valente em tudo exceto por isso.

A guarda-roupa não disse nada. Na verdade, quando ela ficava quieta, não havia como discernir que ela *não era* apenas uma peça de mobília e Bela não estava inventando conversas em sua mente feito uma maluca.

Seus olhos se abriram de súbito.

Só porque a cama não tinha falado, não significava que ela não era capaz disso. E o que dizer das janelas, dos tapetes, das próprias pedras das paredes? *Qualquer coisa* podia ganhar vida nesse lugar esquisito e falar com ela. Ou apenas vigiá-la...

Ela fechou os olhos com força outra vez e agarrou o travesseiro. *Eu simplesmente não vou olhar, então.*

Além daquela, Bela não tinha mais nenhuma ideia. Ela não tinha nenhum plano verdadeiro além de uma greve de fome.

Então, a porta se abriu de leve. Uma nova voz, aguda e anasalada, anunciou, obsequiosa:

– O jantar está servido.

Outro criado. Possivelmente um mordomo. Ela estava curiosa sobre o que ele seria – uma escova, um cabide, uma bandeja, talvez? –, mas resolveu manter-se firme em sua decisão de fazer birra e ignorar qualquer comunicação vinda do mestre do castelo que a mantinha prisioneira.

Ela permaneceu deitada, mas entreabriu os olhos. Felizmente, nada se moveu na parede, nem mesmo uma aranha.

– Senhorita? – persistiu a voz. – Minha jovem? O jantar...?

Finalmente ele foi embora.



Castelos, mesmo os mais modernos, não estalavam como casas. Ao menos, aquele ali não estalava. O vento ganhou força por um momento lá fora; ela podia escutá-lo para lá dos vidros muito caros nas janelas. Entretanto, nada guinchava ou balançava ou se movia. Sólido.

O silêncio era absoluto.

Bela devia ter pegado no sono; era difícil diferenciar entre o silêncio das sombras, suas lágrimas, sua fome e – se ela admitisse totalmente – seu medo. Ela jazia de lado como uma criança desajeitada e doente. Exatamente como aquela vez que Maurice tentara forçá-la a sair para brincar com as três meninhas que ele reunira como companhia para ela. Ela não *precisava* de companheiras. Já tinha o *pai*. E seus livros. Isso era tudo de que ela precisava.

– Elas são más – insistira ela, com uma tromba. Podia ouvir seu pai dando desculpas gaguejadas e abafadas na cozinha, para as meninas ou a mãe delas.

– Você só precisa conhecê-las – disse Maurice, animado, entrando no quarto dela para buscá-la. – Faz parte da natureza humana evitar o que é novidade... Talvez elas só precisem conhecer você... para ver que você não é... má.

– *O senhor* não tem amigos – apontou Bela.

– Bem, eu estou ocupado demais agora. Mas eu tinha... amigos bem estranhos antigamente – disse Maurice. – Não consigo, por mais que me esforce, me lembrar dos nomes deles... ou como eles eram... Ah, bem. Isso foi em outra vida. Mas o negócio é que precisamos nos conhecer uns aos outros e nos unir. A pessoa mais assustadora, mais intimidante pode se revelar alguém adorável... se você lhe der tempo.

A jovem Bela se sentou, considerando isso. Teve aquela vez em que Gaston a empurrou em uma poça... e Paulette lhe emprestara seu lencinho para limpar as piores manchas de lama. Talvez até houvesse um traço de compaixão nos olhos da garota.

Ela respirou fundo e enxugou o rosto. Abriu a boca para chamar as menininhas...

– Nós não queremos ser amigas dela mesmo – veio a vozinha inesperada. Provavelmente a de Laurette. – Só estamos aqui porque a mamãe e o padre nos mandaram vir. *Por caridade*.

Bela se jogou de volta na cama em caráter definitivo.

– *EU NÃO QUERO AMIGAS*.

Tentando não chorar com a declaração insensível da outra garota, ela apanhou seu livro mais recente e, de modo deliberado e firme, voltou à última página que havia lido, aquela logo antes da imagem de um galeão sendo jogado pelas ondas.

O toc-toc rápido de seis pés soou na sala ao lado, a transportando para o mundo lá fora. As meninas tinham ido embora, livres para desfrutar do dia como quisessem, o que provavelmente significava evitar a luz do sol para que não arruinassem sua pele clara.

O pai de Bela suspirou e se sentou pesadamente na beira da cama dela. Ele sorriu quando viu qual livro ela estava lendo e balançou a cabeça.

– Bela, menina, você não pode encontrar aventuras de verdade assim. Tem que sair no mundo... precisa *encontrar* pessoas...

– *Você* não faz isso – protestou ela.

– Fazia, quando era mais novo – disse ele, gentilmente. – Foi assim que eu conheci a sua mãe. O amor verdadeiro não cai no seu colo desse jeito. Você precisa sair e encontrar sua outra metade.

– Mas a sua... minha... ela caiu *do* seu colo. Ela simplesmente seguiu adiante.

Maurice piscou, obviamente surpreso com essa observação sucinta e inteligente vinda de sua filha. Em seguida, colocou os braços em volta dela e a puxou até que ela estivesse sentada em seu colo como uma menina muito mais nova. Ela não resistiu, aconchegando-se a ele.

– Não se pode ter aventuras sem riscos. Não se pode ter nada de ótimo se a gente tiver o medo constante da perda. E eu sou uma pessoa muito, muito melhor do que era por causa da sua mãe. No

mínimo, ela me deu você.

Ele deu-lhe um beijo na testa e a abraçou demoradamente.

– Ah, Bela, o que a gente faz com você, minha pequena sonhadora?

A Bela adulta se remexeu desconfortavelmente na cama e derramou mais algumas lágrimas com essa memória. Estava vivendo sua aventura, afinal, e ela lhe custara *tudo*: seu pai, seu lar, seus livros, sua vida. Era demais.

Ela foi retirada de seus devaneios por uma pancada forte na porta. Trovejante, na verdade; a porta toda chacoalhou. Uma porta mais simples teria sido arrancada de suas dobradiças.

É claro que dessa vez era a Fera.

– EU PENSEI QUE HAVIA DITO PARA VOCÊ DESCER PARA O JANTAR!

– EU NÃO ESTOU COM FOME! – respondeu, com uma fúria mais intensa do que imaginara ser possível. Pensar nas trigêmeas e no comportamento delas não melhorara seu humor.

– SAIA DAÍ OU... EU VOU DERRUBAR A PORTA!

– PODE SOPRAR E SOPRAR O QUANTO QUISER, SEU LOBO MONSTRUOSO! – vociferou ela.

– VÁ EM FRENTE! É O SEU CASTELO, AFINAL. FAÇA O QUE QUISER COM ELE. EU SOU APENAS A SUA PRISIONEIRA!

Houve uma pausa. Ela pensou ter ouvido vozes suplicantes no corredor além da voz da Fera.

– você pode descer para o jantar? – a Fera finalmente resmungou.

– NÃO!

– Seria... um prazer... imenso... para mim... se você... se juntasse... a mim... para o jantar. POR FAVOR.

– Não. Obrigada – retrucou Bela, de modo tão formal quanto ele e duplamente fria.

– VOCÊ NÃO PODE CONTINUAR AÍ DENTRO PARA SEMPRE! – rugiu a Fera.

– POIS FIQUE ESPERANDO! – Bela disparou de volta.

– ÓTIMO! VÁ EM FRENTE ENTÃO E *PASSE FOME!*

– ERA O QUE EU *PLANEJAVA FAZER!*

A Fera soltou um rosnado sem palavras. Ele não fez nenhum ruído ao se afastar, não saiu pisando duro. Muito semelhante à guarda-roupa agora imóvel, o que restava era apenas o silêncio completo da ausência.

O Batizado

Maurice não pensou que fosse possível se apaixonar por outro ser humano ainda mais do que ele era apaixonado por sua querida esposa... contudo, teve de ser forçosamente persuadido a entregar a minúscula bebê Bela quando era hora de alimentá-la. Ele a entregava com relutância, totalmente conquistado por seus olhos de topázio brilhantes e suas bochechinhas fofas e rosadas.

A mãe dela a amava de modo diferente: com uma ferocidade que ficava cada vez mais cautelosa conforme os dias se passavam.

A fumaça de incêndios propositais era uma visão progressivamente assídua logo pela manhã, e se tratava sempre de um comércio ou uma casa de *charmantes*. Já não era mais seguro para os *charmantes* andar pela rua à noite; sumiços estavam se tornando mais comuns, e os corpos deles raramente apareciam.

Era difícil dizer o que era mais assustador: a lista crescente dos desaparecidos ou o mistério total de como isso era levado a cabo.

A febre que tomara diversas cidades ao norte havia finalmente alcançado o pequeno reino; o rei e a rainha fecharam as fronteiras, mas talvez tarde demais. Portanto, o lugar parecia ainda mais claustrofóbico e inescapável – e, ao mesmo tempo, mais frágil, como se estivesse lentamente diminuindo de dentro para fora. Desaparecendo, junto com *les charmantes*.

Muito menos amigos do que Rosalind gostaria compareceram ao batizado de Bela – nem mesmo alguma de suas antigas inimigas, que talvez tivessem amaldiçoado o bebê zombeteiramente com uma tendência a odiar cenouras ou a espirrar quando exposta de súbito à luz do sol.

– Deveria haver sete de nós aqui – preocupou-se Rosalind, balançando Bela protetoramente em seus braços. – Sete de nós para tecer os amuletos para manter a bebê a salvo. Sempre foi assim.

– Eu só estou aqui ainda por sua causa, da bebê e da celebração de hoje – disse Adeline, a fauna. Ela cruzava e descruzava suas pernas de bode, alongando-as depois de tirar as botas gigantes que agora se sentia inclinada a usar pela cidade. – Quando nos despedirmos essa noite, vou partir para as ilhas ao sul daqui, para me juntar a meus primos na Terra do Verão, se eles ainda estiverem vivos. Rosalind, você não está sendo gentil. Seus amigos viriam se pudessem. Alguns não podem porque *não podem*.

Seu presente era uma castanha abençoada para crescer rapidamente em uma árvore que protegeria a nova família. Rosalind a segurava em seus dedos, rolando-a ansiosamente.

– Eu vou ficar – disse Bernard. Não havia nada de *encantador* exteriormente nele, ao menos não literalmente. Ele precisava se encolher para caber na casa, e apertar os braços em torno dos joelhos para se encaixar no círculo de amigos. – Minha família está aqui há séculos. Sempre fomos pacíficos. Certamente as pessoas vão se lembrar disso. Tudo vai passar. Sempre passa... esse tipo de bobagem.

O presente dele era uma pedra de aparência comum que garantiria o auxílio da terra para qualquer coisa que a família tentasse fazer, onde quer que a enterrasse.

– Sim? E essa febre que todo mundo no quarteirão oriental está pegando? – Adelise interrogou. – Quanto tempo vai levar até que alguém culpe um bruxo por amaldiçoar o reino, ou uma parteira por ter cozinhado a febre em seu caldeirão, ou uma dríade como vingança por algo que um lenhador fez? Digo para partirmos agora, antes que a quarentena esteja em plena vigência e você não possa mais partir.

– Se dermos a outra face, digamos, e cooperarmos... e mostrarmos que somos cidadãos tão bons e leais quanto todos os outros, ficaremos bem.

– *Cooperar?* – monsieur Lévi riu. – Talvez, se por “cooperar” você quer dizer educadamente esticar nossa cabeça para os camponeses golpearem... Não, meus queridos. É por isso que eu transferi minha livraria para o vilarejo depois das florestas, perto do rio.

O presente dele era um belo livro de figuras cujas imagens vivamente coloridas pareciam se mover sempre que a pessoa não estava olhando diretamente para elas. E talvez suas histórias não terminassem sempre do mesmo jeito.

Rosalind se virou para olhar para ele.

– Pensei que você estivesse indo para o Novo Mundo.

– Bem... – Ele tirou os pequenos óculos em forma de lua que passou a usar com frequência e poliu as lentes com cuidado em sua camisa. Quando tornou a colocá-los, olhou atentamente para a bebê. – Como você me convidou para ser o padrinho, imaginei que seria melhor se eu ficasse por aqui tempo suficiente para vê-la crescer... na vizinhança, pelo menos.

Rosalind se sentou, mas continuou se movendo com nervosismo, afagando Bela no colo. A bebê bateu palmas quando uma grande borboleta rosada apareceu, suas asas frágeis e improváveis propelindo-as em círculos lentos acima da cabeça da menina.

Maurice estava enchendo as xícaras e tacinhas de todos na cozinha, ouvindo tudo atenciosamente.

– Não quero ir embora – disse sua esposa. – Adoro esse lugar. Adoro as pessoas, adoro...

– As pessoas que você adora se foram – disse Lévi com franqueza. – Todos os outros estão ou virando a cara, ou ajudando a perseguir os *charmantes* que ainda restam. Os moradores do vilarejo para onde me mudei podem ser fazendeiros xucros com seus próprios preconceitos, mas certamente ainda não prenderam ninguém. Eles são *naturels* saudáveis, ainda que entediantes. Sem querer ofender, Alaric.

O cavaleiro deu de ombros.

– Não existe nada disso de tipos diferentes de pessoas, exceto pelas boas e as ruins. E as ruins parecem estar na vantagem hoje em dia.

Seu presente era uma ferradura perfeitamente forjada, para pendurar acima da porta do quarto de Bela para dar sorte.

A porta se abriu com um tinido; um Frédéric tenso e nervoso mais caiu do que entrou no apartamento, como um espantalho em busca de abrigo.

– Desculpem o atraso – resmungou ele. Seus trajes eram, como sempre, perfeitos; o cabelo para trás em um rabo de cavalo simples e discreto, amarrado com uma fita preta simples.

– Frédéric! – gritou Maurice, deliciado, vindo receber o amigo com tapinhas nos ombros. – Pensei que você não conseguiria vir!

Frédéric deu um sorriso ténue ante essa recepção, embaraçado e contente. Em seguida, olhou ao redor do recinto e seu rosto empalideceu.

– Você ia tecer um amuleto com *isso aí* como um dos sete? – cochichou Adelise dramaticamente para Rosalind.

– *Tecer um amuleto?* – reclamou Frédéric, horrorizado. – O que é isso? O que vocês estão fazendo? Eu nunca concordei em fazer parte de nenhuma... *magia*...

– E o que *você* tem contra a magia? – disse Adelise, levantando-se e colocando as mãos nos quadris. – Eu pensei que, além de também ser na verdade um *charmante*, você fosse educado, ao contrário dos porcos que andam por aí como bandidos, assassinando todo mundo!

– O que é isso, o que é isso, vamos sossegar, todo mundo – interrompeu Maurice, colocando-se entre os dois. – Isso é uma festa de batizado. Isso é tudo, até onde lhe toca, Frédéric. Podemos simplesmente deixar isso para lá, por alguns momentos? Por Bela?

Culpados, todos os adultos se voltaram para a bebê. Ela havia desmaiado apesar de todo o barulho, e dormia com uma expressão totalmente tranquila sobre o peito da mãe.

– Eu tenho um presente – disse Frédéric, sem graça, no silêncio que se seguiu. Ele estendeu a mão. Nela, via-se uma carruagem de brinquedo, de aparência delicada e cara.

Até Bernard, o ogro, olhou para o objeto com ceticismo.

– Ela é um *bebê* – disse ele em sua voz grave e baixa. – Ela pode comer isso aí.

– Vamos guardar para quando ela for mais velha. Realmente, um presente adorável – disse Maurice rapidamente, tomando o brinquedo e admirando obviamente a qualidade do acabamento.

– Eu, hã, também usei meu próprio “dom” maldito – admitiu Frédéric. – Pela última vez... antes de o remover. Eu descobri uma cura! Mas podemos falar mais sobre isso depois. Eu invoquei uma visão... para você.

Todos na sala olharam para ele, surpresos.

– Obrigado... – disse Maurice, maravilhado. – Mas... por quê?

– Porque você é um amigo. E porque ela é inocente. – Ele apontou para a bebê adormecida com um dedo longo e magro.

– E o que você quer dizer com *inocente*, monsieur? – exigiu saber Adelise, com uma repulsa mal-disfarçada.

– Você sabe exatamente o que eu quero dizer – disse Frédéric. – A criança não tem nenhum poder. Ela é pura.

– *Pura?* Seu...

Entretanto, quando Adelise tentou se adiantar, Bernard colocou uma mão gigante sobre o pé dela.

– Por favor, escutem. Eu vi o futuro dela... Você precisa partir, Rosalind – disse Frédéric, sem titubear. – Escute seus amigos. Vá embora. A febre vai se espalhar. Ninguém vai conseguir partir por causa da quarentena. As coisas vão... escapar do controle. Eles vão procurar por alguém a quem culpar. Eles virão aqui. Você jamais deveria ter se revelado para o rei e a rainha. Aquilo foi um ato tolo.

– Eu tinha que resistir em nome do meu povo!

– *O SEU POVO* – disse Frédéric, sarcástico. – Suas versões doentias, pervertidas da humanidade verdadeira? Sua comunidade de leprosos sobrenaturais?

– Já basta, Frédéric! – praguejou Alaric, levantando-se. – Eu sou “puro” e nunca me senti ameaçado pelos *charmantes*. E eles também são o seu povo, não se esqueça. Eles virão atrás de você exatamente como de todos os outros, não importa o quanto você lisonjeie e choramingue para se juntar às fileiras deles... ou tente se tratar com enxofres e sangrias.

– Você viu isso? – Rosalind exigiu saber do médico, ignorando tudo mais.

– Sim – disse ele, sem desviar os olhos de Alaric, cuja mão tinha começado a se mover na direção de seu cinto. – Você e a bebê serão pisoteadas fugindo de um tumulto. Maurice vai ser surrado quase até a morte e perderá a visão.

Ele tentou falar com a mesma frieza de sempre, mas a voz ficou presa na garganta.

– Mesmo que parta agora, não há garantia para a *sua* segurança, Rosalind – acrescentou ele, baixinho. – Apenas a de Maurice e da bebê. As coisas ficam... embaçadas quando o futuro se abre e os caminhos se multiplicam, mas você não pode escapar totalmente do seu destino.

Todos na sala ficaram em silêncio por um momento.

– Você fez o melhor que pôde, Feiticeira – disse Adelise gentilmente, pousando a mão no braço dela. – Sempre fez. Mas acho que a guerra acabou, e nosso tempo nesse lugar acabou. Sua prioridade agora é criar essa criança, a salvo e livre e compreendendo que as coisas pelas quais estamos passando não são corretas, e não deveriam ser. E jamais devem acontecer de novo.

– Nós *deveríamos* ficar. E lutar... – Rosalind disse, meio que perguntando, meio que afirmando para Maurice.

– Então você vai perder – disse Frédéric, simplesmente. – *Tudo*.

Fique à Vonta...

Ah, Vocês Sabem o Resto!

Bela se recusou a ceder à fome.
No entanto, depois de dormir e chorar o quanto seu corpo aguentava, sua *mente* ficou faminta.
Por toda a sua vida, você esteve à espera de aventuras, disse sua mente. E agora que a aventura a encontrou, você fica apenas deitada aí?

Se Bela fechasse os olhos e se enrolasse em posição fetal, poderia fingir que estava em sua própria cama, em casa.

Isso é idiotice, sua voz interior persistiu. Ficar deitada nessa cama – apesar de ser absurdamente confortável e linda – quando está em um castelo com bules e guarda-roupas falantes. Gulliver por acaso tinha feito isso quando virou prisioneiro na corte de Brobdingnag? Feito uma tromba e se deitado? Não, ele desfrutou da aventura enquanto fazia tudo o que podia para voltar para casa!

Bela fungou uma última vez e se deu conta de que sua mente tinha razão. Ela estava agindo feito um bebê.

Ela havia jurado que ficaria ali para sempre.

Porém onde, precisamente, era “ali”?

Certamente não na cela – ele a tirara de lá.

Certamente não neste quarto; ele a esperava para o jantar.

Então...

Ela respirou fundo e se levantou da cama tão silenciosamente quanto conseguiu. A guarda-roupa não fez nada; não falou, não movimentou sua madeira de modos estranhos e elásticos, imitando os movimentos humanos, nem mesmo estalou. Talvez estivesse dormindo ou hibernando ou fazendo seja lá o que móveis falantes faziam quando não estavam tagarelando.

Bela alisou depressa seu vestido e afastou o cabelo do rosto, prendendo-o atrás da orelha. Em seguida, com movimentos gentis e furtivos, foi até a porta pisando nas pontas dos pés e saiu.

Para onde ir primeiro?

A bule. Vou encontrá-la e ver se conversa comigo.

Bela franziu a testa, pensativa. Em residências menores, as cozinhas com frequência se situavam na parte dos fundos do prédio, para que o calor não sufocasse todos no verão. Ela resolveu apenas seguir

naquela direção e descer pela primeira escadaria que encontrasse.

Os ricos tapetes no piso pareciam em sua maior parte limpos, mas ainda levantavam nuvenzinhas de poeira a cada nove ou dez passos. Ela colocou o dedo no corrimão quando desceu pelos degraus de pedra lisos e potencialmente fatais – e a ponta de seu dedo ficou meio cinzenta. Este deveria ter sido um lugar lindo, quando limpo e polido, as arandelas cheias de velas de cera de abelha.

A mente de Bela povoou o castelo com realeza de todas as eras que pôde imaginar.

As mais recentes, com perucas empoadas e chapéus em formatos fantásticos, como navios, saias enormes que se enfunavam para fora, maquiagem feia e espalhafatosa nos rostos daquelas que fofocavam por trás de leques de seda bordada.

Regentes da Renascença com colarinhos grossos e curvados e anéis de veneno, com intelecto e conspirações em todo jantar.

Reis e rainhas antigos em vestidos e casacos compridos e pesados, expressões sábias em seus rostos e coroas de ouro maciço em suas cabeças, inocentes em um mundo que acreditavam possuir unicórnios e dragões, e mapas onde os mares caíam pelas bordas, para além das quais ficavam os *tygres*.

É claro, talvez *existissem mesmo* dragões e unicórnios por ali. Quem sabia? Eles tinham xícaras falantes.

Bela congelou ao pensar nisso.

A guarda-roupa parecia exatamente com qualquer outro guarda-roupa quando estava quieta. Quantas dessas outras coisas estavam apenas esperando seu momento, observando-a em silêncio, até que fossem chamadas a despertar?

Ela esperou um longo instante... o mesmo tempo que uma criança espera na meia-luz de um esconderijo assustador, ou de uma cama, ou de uma estrada vazia, para ver se as sombras são, de fato, um monstro vindo pegá-la – ou apenas o pai dela.

Espere – o que foi isso?

Ela levou a mão à boca para sufocar um grito. Seu coração martelava no peito como se estivesse tentando se libertar.

– Nada tentou me ferir até agora – sussurrou Bela em voz alta para se encorajar.

Ela tentou ficar calma e simplesmente escutar a escuridão.

Nada.

Entretanto, virou a cabeça uma fração de centímetro, forçando seus ouvidos a discernirem aquele som outra vez. Gaston, um caçador soberbo a despeito de tudo, provavelmente não teria problema algum perseguindo esta presa.

Ali.

Não era nada na sala com ela; era em algum lugar mais distante. Na direção para a qual ela seguia, o leve tagarelar de vozes e o estalar de louça sendo guardada. Bela estremeceu, aliviada. Nada mortal.

Recomeçou a se mover, ainda nas pontas dos pés, desajeitada.

Os ruídos ficaram mais altos conforme ela se aproximava. Várias vozes discutiam. Nenhuma delas, por sorte, era a da Fera. Ela reconheceu a da Madame Samovar e a aguda que havia escutado antes, o mordomo, ou fosse lá o que fosse...

Um conjunto de degraus de pedra levava para baixo por metade de um andar. Cheiros maravilhosos e calor se irradiavam de uma grande passagem aberta no final deles. Bela desceu com cautela e espiou do outro lado do batente.

A apenas alguns metros de distância, na mesa de jantar da criadagem, encontrava-se uma das coisas mais maravilhosas e desconcertantes que ela já havia visto.

A bule, um relógio de aparador e um pequeno candelabro discutiam entre si, fazendo reverências, gesticulando e demonstrando emoções de forma tão encantadora quanto um trio de crianças que não sabem que estão sendo observadas.

Bela mordeu o lábio. Isso *realmente era* a aventura pela qual sempre procurara. Se não estivesse simplesmente enlouquecendo.

– Mas se o mestre não aprender a controlar seu mau humor, ele nunca vai quebrar o...

Bela tossiu educadamente.

De súbito, todos caíram em silêncio e deram meia-volta para encará-la – exatamente como criados apanhados em flagrante fazendo algo inteligente, mas ilícito, em uma peça de Molière.

– É esplêndido vê-la de pé, Mademoiselle – disse o relógio, e realmente era a voz que havia soado junto à sua porta mais cedo. Ele caminhou adiante em seus estranhos pés de madeira borrachuda, floreios dourados abaixo de seus ponteiros desdobrando-se para se tornarem braços enquanto ele se abaixava em uma pequena reverência, mas graciosa.

Isso é esquisito, pensou Bela. Será que os ponteiros não seriam mãos melhores para ele? Ao menos filosoficamente?

– Eu sou Horloge, o chefe dos criados.

Ele estendeu sua mãozinha dourada para ela, erguendo a mão de Bela para lhe dar um beijo educado.

O candelabro de repente estava entre os dois. Ele tinha três braços; aparentemente, o do meio era tanto sua cabeça quanto seu corpo. Os outros dois eram, bem, braços. E as chamas, suas mãos.

– Este é Lumière – disse o relógio, com uma fungada descontente.

– *Enchanté, ma chérie* – disse Lumière, beijando a parte de trás do pulso dela. Sua pele ficou quente por um momento, como se uma brasa tivesse saltado do fogo e pousado nela. Mas não era desagradável.

O candelabro se virou como que para lançar um olhar de triunfo para o relógio. Horloge, contudo, obviamente achou que isso era excessivo e tentou empurrar Lumière para longe.

O candelabro respondeu apenas tocando a orla de madeira do relógio com uma mão de chama.

– *AI!* – berrou Horloge, contra sua vontade.

Bela não sabia se ria ou ficava com pena deles. Seriam adultos? Crianças? Seriam algo totalmente diferente?

O relógio se recuperou e, com a dignidade levemente ferida, abanou os ponteiros dos minutos e das horas como se estivesse ajeitando um bigode.

– Se houver algo que pudermos fazer para tornar sua estadia mais confortável... Travesseiros extras, talvez um par de chinelos...

– Bem – disse Bela –, na verdade, eu estou com um pouco de fome...

– Ouviram isso, queridos? – disse Madame Samovar para o resto do recinto, empolgada. – *Ela está com fome*. Aticem o fogo, retirem a prataria, acordem a porcelana!

Bela olhou para cima ao ouvir o súbito ruído no resto da sala, um tanto alarmada.

Quase tudo estava tremulando e se movendo: a porcelana, de fato, despertava do sono de que havia desfrutado; os pratos cuidadosamente estremeciam, ganhando vida; xícaras de chá saltitavam e tentavam escapar de sua prisão na cristaleira. O fogão, que parecia tão alegre, quente e feroz na extremidade do cômodo, agora começava a bocejar e estender seus grandes braços pretos de ferro e o cano de escape. Bela se encolheu um pouco, assustada. Histórias de bruxas com seus fogos e fogões e finais terríveis, terríveis, passaram por sua cabeça. Baba Yaga,* João e Maria...

– Lembrem-se do que o mestre disse – Horloge advertiu, severo.

– Ah, que disparate – respondeu Madame Samovar. – Eu não vou permitir que a pobre menina passe fome.

– Se você deve, então... Um copo de água, casca de pão, e então...

– Horloge, estou surpreso com você – disse Lumière, em tom de censura. – Ela não é nossa prisioneira. É nossa convidada. Devemos fazer com que se sinta bem-vinda aqui.

– Na verdade, tenho certeza de que é exatamente isso que sou. Uma *prisoneira* – disse Bela, ironicamente. Todavia, foi distraída pela comoção ao seu redor. Panelas se movimentavam no fogão, inclinando as tampas para deixar o vapor escapar. Todo o fogão parecia estar segurando a respiração, ou forçando-a para dentro do forno; de repente, o fogo se expandiu e ficou mais alaranjado. O fogão começou a resmungar para si mesmo, indignado, algo sobre preparar um banquete e depois ser forçado a abandoná-lo e tudo acabar esfriando.

Talheres marchavam como soldadinhos pela longa extensão da mesa na direção de Bela. Peças de porcelana empurravam umas às outras para fora do caminho de forma precária, disputando para ficar no único lugar colocado diante dela. Pequenos potes de mostarda, chutney e outros condimentos saltavam, uns após os outros, para fora das prateleiras que forravam o cômodo, aterrissando surpreendentemente intactos em bandejas de prata.

Coisas demais estavam se movendo pela cozinha – coisas que nem deveriam estar se movendo. Era vertiginoso, e mais do que levemente sinistro.

– É sério, não precisa... – disse Bela, preparando-se para fugir. Um pão redondo, as fissuras em sua casca emitindo vapor com um cheiro incrível, foi carregado até ela por uma cesta com aspecto aracnídeo e preocupantes pernas prateadas.

– Não, não, não, *ma chérie* – disse Lumière, gesticulando para que ela se sentasse. A parte de trás das pernas de Bela foram empurradas, desequilibrando-a, e ela caiu em uma cadeira nada desconfortável. Ainda assim, era assustador e angustiante. Os odores de tantos pratos diferentes estavam fazendo sua cabeça girar. Nos mundos das fadas, a pessoa não devia comer a comida, ou ficaria presa por lá para sempre...

Por outro lado, que fadas ofereciam *patê*?

– Nosso mestre, ele é um pouco... *indelicado* – disse o pequeno candelabro, cheio de tato. – E ele tem estado sozinho há tanto tempo... que seus bons modos podem ter enferrujado um pouco. Ele realmente queria que você pudesse partilhar desse banquete com ele.

– Ele jogou o meu pai, *meu paizinho, velho e inofensivo*, em uma cela na prisão e depois o trocou por mim. Isso não são maus modos, isso é comportar-se feito um pirata – apontou Bela. – Além disso, tem as garras... e as presas...

– Prove os *gougères*** – interrompeu Lumière, jogando um na boca de Bela antes que ela pudesse prosseguir. Estava quente devido à chama dele e se derreteu na língua; nada parecido com os que ela e seu pai faziam, perfeitamente bons, mas normalmente duros como pedra.

– Ohhh... – ela não pôde se conter de dizer.

– Faz *tanto tempo* que não temos um hóspede! – Madame Samovar dançava sobre a mesa, contente, de algum modo conseguindo dobrar um guardanapo com seu bico-nariz. Ela o jogou no colo de Bela: um formato de cisne que se desdobrou com elegância conforme caía, quase como se estivesse voando. Bela se afastou, preocupada que ele fosse realmente voar.

– Não posso imaginar o motivo – resmungou ela.

E então se distraiu com a comida.

Pilhas de comida. Mais do que um banquete – um festim.

Havia um pernil inteiro de cordeiro, múltiplas terrinas e suflês, três sopas diferentes, um peixe delicado no caldo de vinho branco, um sorvete de laranja no meio de tudo para limpar o palato...

Havia uma taça de água, uma taça dourada para vinho tinto, uma de cristal para vinho branco, e um prato fundo para o *consommé*. Havia sete garfos de tamanho decrescente e diversos números de dentes – os três últimos ela nem conseguia entender como funcionavam.

Era isso que a Fera planejava para o jantar com ela? Como o que, um pedido de desculpas por mantê-la prisioneira? Pelo modo como tratara seu pai?

Talvez... talvez os pequenos acessórios estivessem mesmo certos. Talvez ele simplesmente não soubesse como pedir com gentileza.

Não.

Bela balançou a cabeça. Ela já tinha lido sobre isso. As vítimas de sequestro com frequência acabavam simpatizando com o sequestrador. Era uma doença, uma muito previsível pela ciência.

Ela estava no século 18. A era da razão. E um homem-fera havia lançado seu pai na prisão simplesmente por invasão de propriedade. Isso não era apenas uma falha em polidez. Era quebrar as leis

da França. Mesmo que o pequeno castelo mágico ficasse escondido, bem distante dos mundos de Paris e Versalhes.

Mas...

O caldo era quase transparente e incolor, cantando com notas do mar – e Bela nunca havia estado de fato no mar. Quando ela partiu o pão para mergulhá-lo no caldo, a casca se despedaçou, o miolo por dentro úmido quase a ponto de creme.

A terrina havia sido servida fartamente, mas ela conseguiu engolir apenas uma colherada semicheia.

Ela e seu pai não comiam com elegância, mas comiam bem o bastante e tinham até carne, uma ou duas vezes por semana. As ervas que ainda floresciaam no jardim de sua mãe temperavam os pratos mais do que aparentemente deveriam. Eles comiam bem, como todos os franceses.

Contudo, nem o Natal se comparava a isso.

Bela subitamente percebeu que estava devorando tudo como uma personagem de uma daquelas histórias, convencida a comer comida mágica até explodir ou ficar grande demais para fugir.

E uma parte um pouco mais pragmática dela se agitou em alerta, no que ela gostava de fingir ser a voz de sua mãe: *Você vai, no mínimo, ficar com um estômago extremamente embrulhado devido a toda essa comida tão diferente e requintada.*

– Vocês realmente fizeram tudo isso para mim? – perguntou ela, pausando para limpar a boca.

– É claro, querida – disse a bule, enfaticamente. – Você é nossa primeira hóspede em séculos. Anos de pular por aí nesse castelo empoeirado sem nada para fazer e ninguém a quem servir.

– Ninguém? Mas o seu mestre...

– Ele, hã, não tem gostos nem desejos muito refinados – disse o candelabro, demonstrando muito tato, admirando a chama em uma de suas mãos. – Na verdade, não nos colocou de fato para trabalhar.

– Ele nem mesmo dorme em uma cama propriamente dita – disse Madame Samovar, severa. – Apenas se aninha como um gatinho em qualquer lugar macio ou quente.

Horloge lhe lançou um olhar – mesmo com números no lugar de olhos, estava fácil dizer que ele não aprovava esse tipo de fofoca sobre o chefe deles.

Mas também não discordou.

– Não existe nenhum criado humano por aqui?

– Por quê? – indagou Horloge, um tanto ofendido. – Você precisa de um?

– Nós mesmos fazemos tudo – explicou Madame Samovar com gentileza. – Os espanadores precisam de um pouco de incentivo, e convencer os esfregões a fazer seu trabalho de maneira adequada requer supervisão direta de minha parte, mas, no geral, sim, nós mesmos cuidamos do castelo nós mesmos. Não que tenha havido muito de que cuidar nos últimos...

– Dez anos? – sugeriu Bela, inocentemente.

– Sim, dez anos – continuou a bule, perdida em suas memórias, sem perceber os olhares e meneios de cabeça que os outros dois lhe lançavam.

– Por que dez anos? – perguntou Bela. – O que aconteceu dez anos atrás?

As três criaturinhas olharam uma para a outra, muito cautelosamente.

– Bem, digamos apenas que passou esse tempo todo desde que fomos agraciados com um visitante – disse Horloge.

– Vocês não vão me contar – disse ela, suspirando.

Lumière parecia à beira de dizer algo.

– Já é bem tarde – interrompeu Horloge, esticando-se de maneira estranha, como se para olhar para seu próprio rosto. – Há tempo suficiente para histórias em outra noite. Vamos para a cama agora, sim?

– Ah, eu não tenho como ir para a cama agora – disse Bela, provocando. A comida havia se assentado, aquecendo sua barriga. E o vinho também. Era difícil sentir medo de qualquer coisa com uma barriga cheia e descanso adequado. E quanta ameaça aqueles três objetos falantes adoráveis podiam representar, afinal? – Isso estava delicioso, muito obrigada. Mas acho que agora eu gostaria de dar uma olhada pelo castelo em que ficarei prisioneira pelo resto da minha vida.

– Ah, para sempre é só modo de dizer – disse Lumière, filosoficamente, rodopiando uma de suas mãos-chamas. – Para uma vela queimando nas duas pontas, para sempre é uma hora. Mas se quiser um tour pelo castelo, *ma chérie*, nós ficaríamos felizes em guiá-la.

– Eu não sei se essa é uma boa ideia – disse Horloge rapidamente. – Não queremos que ela... se intrometa por aí... *em certos lugares*...

– Ah, mas você não pode me levar? – perguntou Bela, fazendo cócegas em Horloge embaixo de seus ponteiros. Ele riu como uma criança muito contente. – Aposto que você sabe *tudo* sobre esse castelo.

– Bem, conheço, sim, é claro, sim, é claro – balbuciou ele. – Eu adoraria compartilhar um pouco de meu conhecimento. Nenhum perigo nisso. Por aqui.

O relóginho saltou da mesa e começou a bambolear para fora da cozinha, descendo pelo corredor.

– A cozinha – começou ele – é, como na maioria dos castelos, a parte mais antiga ainda remanescente do prédio principal. Encontramos algumas marcas nas paredes perto dos fundos que indicam que ela pode datar até mesmo da época romana...

Lumière inclinou sua vela do meio, a cabeça, para Bela.

– Bem, você certamente o virou de cabeça para baixo em um momento, *ma chérie* – disse ele, com apreciação. – Você é muito mais do que aparenta ser.

– Não julgue um livro pela capa – retrucou ela, seguindo o relógio para fora.

Lumière soltou uma gargalhada e faíscas caíram, inofensivas, no piso de pedra.

* Personagem do folclore eslavo, descrito como um ser sobrenatural (ou um trio de irmãos de mesmo nome) que tem a aparência de uma mulher deformada e/ou feroz, que voa pelos céus montada em um almofariz, apagando os rastros que deixa com uma vassoura. (N.T.)

** Iguaria francesa semelhante a um pão de queijo. (N.T.)

Fuga

Maurice colocou todos os seus pertences na carroça e arreou o potro recém-adquirido para puxá-lo. Com um adeus lacrimoso para o pequeno aposento em sua rua agitada, ele, a esposa e a bebê começaram a jornada para seu novo lar.

Eles haviam seguido o conselho de Lévi e decidido se mudar para a pequena e agradável, embora entediante, aldeia onde o livreiro mesmo morava agora, trocando amigos e agitação por uma vida segura no interior, cheia de galinhas, de tempo e de fazendeiros como vizinhos. E pouquíssima magia. Bela cresceria em um lugar sem bruxas e cristais encantados – mas também sem a violência e os perigos do reino tumultuado.

No começo, foi complicado dirigir a carroça totalmente carregada pelas ruas movimentadas. Além do tráfego de sempre, as pessoas com frequência paravam para olhar: Rosalind tinha certa fama. Vê-la partir fazia algumas pessoas pararem, e outras sorrirem em triunfo.

Perto da fronteira, onde a estrada começava a subir para fora da floresta, as coisas ficaram quietas. Na fronteira, porém, guardas bloqueavam a passagem.

– O que é isso? – exigiu saber Maurice, fingindo ignorância.

– Quarentena. Ninguém pode sair ou entrar no reino sem permissão real até que a febre tenha passado – respondeu um deles, sem nem um traço de bondade em sua voz. Seus olhos negros passaram sobre Maurice, Rosalind e a bebê, e até mesmo sobre o cavalo.

Rosalind cerrou os dentes. Ela agarrou a varinha de amieiro por baixo do casaco, mas havia ao menos dez soldados.

– Nós compramos uma pequena chácara do outro lado do rio – disse Maurice, amistoso. – Para nossa família em crescimento. Nosso plano era fugir da peste. Todos nós estamos bem, como vocês podem ver.

– Fugir da peste – disse o guarda, desagradável, colocando um dedo no queixo como se em meditação. – Que conveniente. A doença que surgiu justamente quando começamos a cuidar da situação de *les charmantes*. E agora vocês fogem.

– Temos um bebê – disse Maurice, indicando Bela. – É claro que estamos fugindo. Não é seguro.

– Tem certeza de que é da peste que vocês estão fugindo, precisamente? Quantos *naturels* sua esposa matou ou enfeitiçou na noite dos tumultos?

– Eu não fiz nada disso! – disse Rosalind, tentando manter a voz baixa. – Eu nem estava na cidade quando a briga por causa da garota ocorreu. Estava no meio da floresta, apanhando cogumelos.

Dois outros guardas os cercaram por trás da carroça. Maurice começou a enfiar a mão no cinto em busca de sua faca; Rosalind segurava a varinha.

Um quarto guarda falou, quase impaciente:

– Você não é Rosalind, a que mantém o jardim de rosas mágicas no parque?

Rosalind olhou para seu marido. Era isso? Era naquele momento que eles a levariam, mas deixariam seu marido e sua filha partirem em liberdade? Era este o fim?

Não fazia sentido mentir, de qualquer maneira.

– Sou eu – disse ela.

O jovem a observou por um momento. Seus olhos eram indecifráveis, mas, ao contrário dos de seu parceiro, estavam pensativos.

– Minha mãe teve uma tosse. Não era tuberculosa, mas ela não conseguia respirar direito, e às vezes expelia sangue. Você deu rosas a ela. A cada quinzena, por dois meses. Ela as colocou em um vaso e respirou o perfume delas. Aquilo a curou completamente.

– Madame Guernbeck – disse Rosalind, lembrando-se. – Os pulmões dela estavam doentes. Ela adorava minhas rosas rugosas simples, porque nunca tinha ido à praia e essa é uma flor de praia. Mas as que a curaram eram as amarelas. Eu levei das duas.

– *Alan* – sibilou o primeiro guarda, vendo para onde isso se dirigia. – Quem se importa? Nós temos nossas ordens. Ninguém entra, ninguém sai. *E* ela é uma *charmante*, ela acaba de admitir!

Alan fez um gesto sem olhar para seu parceiro, como se ele não passasse de uma mosca.

– Sigam em frente – disse ele à família. – Partam, e se querem meu conselho, não voltem nunca mais.

Maurice soltou a respiração que não havia notado ter prendido, o zumbido em suas orelhas tão alto que ele se esqueceu de seus bons modos e nem lhes desejou um bom dia. Rosalind apertava a bebezinha com força.

– A magia sempre retorna a seu ponto de origem – murmurou Rosalind.

– A bondade também – apontou Maurice.

Portanto, a pequena família deslizou em silêncio para fora da floresta, e entrou em sua nova vida. Bela se sentou no colo de sua mãe, esticando a mão para as pequeninas mariposas brancas que flutuavam na periferia da luz e da sombra, onde o sol mal começava a encontrar o chão da floresta. Horas se passaram em silêncio contemplativo para os três.

Maurice sentiu certo alívio do peso que vinha sustentando quando eles atravessaram a ponte sobre o rio e entraram na pequena aldeia. Estavam fugindo, sim, mas era *para* um novo começo. A casa deles era um lugarzinho bonito e ensolarado nas margens da cidade, onde a fumaça e os ruídos das invenções dele não incomodariam ninguém – e onde um raro feitiço mais espalhafatoso não seria visto. Rosalind iria, pelo menos naquele momento, abandonar o papel de *feiticeira* e confinar a maioria de sua magia a plantas e pesquisa. Até que o mundo fosse seguro de novo.

Na primeira noite sem lua que passaram lá, ela marcou o espaço para um novo jardim e o contornou três vezes em sentido anti-horário, cantando. Ela também plantou a castanha mágica e a pedrinha antiga, cantando para elas enquanto o fazia. Maurice segurou a bebê no colo e a fez assistir, imaginando se sua filha absorveria um pouco de magia, apesar do fato de, se Frédéric deduzira corretamente, ela não ser uma *charmante*.

No dia seguinte, em plena luz do sol e onde todos pudessem ver, Rosalind começou a plantar coisas normais. Rosas, ervas e mais rosas.

Maurice prendeu uma roda no riacho próximo para bombear água para a casa e para o novo jardim. Ele montou um pequeno moinho de vento em cima do telhado e passou cinturões por várias coisas da cozinha – o espeto giratório e uma colher mecânica sobre o fogão, por exemplo, para reduzir as tarefas da casa agora que a magia precisava ser escondida.

A pequena família entrava no vilarejo em si tão assiduamente quanto podiam para visitar seu velho amigo, monsieur Lévi. Ele amava sua pequena afilhada Bela, brincava com ela, a fazia rir e lhe dava todo tipo de agrados: livros, belos espelhos e caleidoscópios minúsculos. Maurice e Rosalind, porém, tendiam a restringir suas visitas a dias de feira, quando havia tanta coisa acontecendo que eles não atrairiam muita atenção, quando fofocas sobre *todo mundo* fluía de modo tão livre quanto a sidra.

Alaric era um dos poucos amigos de sua antiga vida a visitá-los, usando a desculpa de “testar um dos cavalos” para fazer a jornada de meio dia até a aldeota do outro lado do rio, quebrando a quarentena com a permissão do rei.

Sempre que ele vinha, era uma felicidade para todos. Maurice e Rosalind o enchiam de queijo e vinho e puxavam suas cadeiras para perto para ouvir notícias sobre o reino do qual haviam se exilado. Contudo, elas eram, na maior parte, notícias sombrias; a febre havia tomado as áreas mais pobres da cidade, e os poucos que poderiam ter feito algo a respeito – *les charmantes*, bruxas e similares – estavam desaparecidos.

Entretanto, o mestre dos estábulos também havia se casado com sua divertida criada, e isso era motivo de alguma alegria. Ele mostrou à família uma miniatura dela que mantinha em seu bolso, junto de seu diário, e jurou que todos eles celebrariam juntos da forma adequada algum dia.

E então, um dia, Alaric apareceu à noite, muito depois de Bela ter sido colocada para dormir.

Havia um carona atrás dele no cavalo, uma coisinha-mulher pequena e de aparência apavorada com olhos completamente negros, até mesmo as partes brancas, e orelhas verdes longas e dobradas que denunciavam sua ascendência duende.

– Ah – disse Alaric, desconfortável, para Maurice e Rosalind, que vieram atender a porta em trajes de dormir –, mil perdões pela interrupção da sua noite... Eu estava me perguntando... se vocês poderiam dar à minha amiga aqui estadia por uma noite... e talvez um pão para ela começar sua jornada pela manhã...

– É claro – disse Rosalind, olhando de relance para o quarto da filha, inquieta, para se certificar de que ela dormia. – Qualquer amiga sua é uma amiga nossa.

– Mas por quê? – indagou Maurice, sempre inconsciente das nuances mais tênues de emoção no ar: o mal disfarçado nervosismo de seu velho amigo, a *obviedade* da noite profunda lá fora, o aspecto apressado das roupas da mulher; parecia que ela tinha vestido tudo o que possuía ao mesmo tempo. – Qual é o problema?

– *Eles vieram atrás de mim* – cochichou a mulher no tom gutural e sibilado de um duende. – *Thona os viu. Um par de homens, todos de preto, com máscaras e tudo mais. Vindo atrás de mim em silêncio, como os mortos.*

Alaric assentiu, soturno.

– Eu a encontrei se escondendo com um rato, digo, *Thona*, em meus estábulos. Parece que, seja lá quem for que esteja atacando *les charmantes*, está ficando mais sorrateiro. Dá apenas uma cacetada na cabeça, ou algo do tipo, e os arrasta para longe no meio da noite. E ninguém consegue encontrar os corpos.

– Feito fantasmas. E Deus sabe o que acontece com aqueles que são pegos – disse a mulher, estremecendo.

Alaric lançou-lhe um olhar de compaixão.

– Ela precisava sair, não é mais seguro para ela ficar lá. E, com a quarentena, ninguém mais pode sair agora. Legalmente. Então...

– Ah, céus, pobrezinha – disse Rosalind, com um meneio triste de cabeça. – Por que você não entra? Lave as mãos e o rosto. Nós vamos lhe dar um cobertor e um pouco de chá quente em um instante.

A mulher passou por eles em direção ao calor sem agradecer – esse era o jeito dos duendes –, mas depois se virou e olhou para trás por um momento comovente, seus olhos negros arregalados e suplicantes como se seus anfitriões pudessem fazer alguma coisa.

– *Morei por lá durante minha vida inteira. Eu vendia ervas do pântano. Ervas boas e genuínas do pântano. Begônia para resfriados e musgo para colocar sobre ferimentos. Nunca fiz magia negra ou lidei com venenos. Todo mundo sabe disso. Todo mundo conhece a velha Jenny!*

Em seguida, ela bamboleou pesadamente pela porta, tossindo para conter as lágrimas... e chorando, que era o jeito humano.

O Tour Extremamente Fascinante em um Castelo Emblemático, Histórica e Arquitetonicamente Importante

— Então o problema foi, obviamente, que o prédio principal havia crescido de forma muito orgânica a partir de suas origens medievais, portanto a simetria necessária para uma reforma barroca completa e verdadeira era impossível. Eu falo, é claro, da porta alta central e dos anexos nos flancos que você vê em outros locais, como no *Chateau de Maisons* de Mansart...

Lumière saltava adiante para iluminar o caminho, obviamente entediado pelo sentido que o tour estava tomando. Bela *estava* interessada; ela lera tudo sobre Mansart e sonhara em ver seus palácios em Versalhes. Entretanto, as histórias de Horloge também eram estranhamente banais. Aqui estava um relógio falante, durante a madrugada. E tudo que ele lhe contava parecia ter saído diretamente de um livro normal de história. Não havia nada sobre bruxos malvados, deuses enfurecidos ou por que o castelo era como era: encantado e esquecido.

— Todas essas armas e armaduras não *parecem* muito barrocas — interrompeu ela com gentileza, indicando com a mão um par de machados de batalha na parede. O salão em que estavam tinha, definitivamente, um ar medieval; armaduras enferrujadas forravam cada parede, e Bela tinha certeza de tê-las ouvido retinir, a despeito da aparente imobilidade.

— Ah, sim, bem, nunca se pode arrancar por completo a influência gótica dos franceses — disse Horloge, orgulhoso. — Não temos vergonha de nosso legado.

Bela fingiu ignorar as armaduras completas enquanto passava, ao mesmo tempo em que elas, agora um tanto obviamente, se viravam para observá-la. Ela se sentia mais desencorajada pela atenção delas do que ameaçada por sua pose marcial. Era como o primeiro dia de feira depois de ela ter desenvolvido curvas. Foi naquele momento que a fofoca dos aldeões sobre ela havia mudado: de *olha só aquela criança esquisita* para *mas que desperdício uma aparência assim em alguém como ela*.

— SENTIDO! — disparou Horloge para as armaduras, vendo o incômodo de Bela.

Imediatamente, com dúzias de estalos idênticos, as armaduras retomaram suas posições originais de vigilância.

Eles entraram em um saguão amplo, mas passaram por uma grande escadaria de mármore que era uma réplica exata daquela que levava à ala em que ficava o quarto de Bela.

– O que tem lá em cima? – perguntou ela.

– Ah, hã, nada de importante – disse Lumière, rapidamente. – Nada que interesse mademoiselle... e todas as... hã... escadas...

A-ha!

– Ohhh. *Escadas*. Minha nossa. Tão cansativo para uma garota delicada como eu. Então... se não tem nada lá, não importa se eu for ver – disse ela, virando-se para subir.

– NÃO! – soltou Horloge, correndo adiante. – A Ala Oeste é totalmente enfadonha. Não há nada lá em cima que possa interessá-la!

Lumière bateu em seu amigo com a ponta de latão de uma das mãos.

– Então – disse Bela, hesitando por um momento, desfrutando do suspense. – Esta é a *proibida* Ala Oeste.

– O que ele quis dizer era que... nós temos tantos outros lugares aonde ir antes – consertou Lumière depressa. – Os jardins, por exemplo.

– Frio demais – disse Bela, continuando em frente.

– O arsenal? – disse Horloge, esperançoso. – A *orangerie*?*

– Assustador demais. Muito tarde – disse Bela, sem recuar.

– E que tal... a *biblioteca*?

Bela deu meia-volta. De alguma forma, Lumière conseguiu expressar sua satisfação em suas chamadas.

– Biblioteca...? – indagou ela, lentamente.

– Ah, sim, o mestre tem *taaantos* livros – cantarolou o pequeno candelabro.

– Sim, sim! – disse Horloge, saltando adiante para ficar perto de seu amigo. Tão perto, notou Bela distraidamente, que ela ficou surpresa por ele não pegar fogo. – Várias e várias salas cheias de livros!

– Sério? – perguntou ela, involuntariamente.

Salas cheias de livros.

Enquanto outras crianças sonhavam com mansões repletas de fontes, grandes camas de seda e criados para fazer todas as suas vontades, era *com isso* que Bela sonhava. O dinheiro para comprar todos os livros que quisesse, do mundo inteiro – e um lugar onde guardá-los.

– Sim, sim, sim, venha – disse Horloge. – Você pode passar a noite toda por lá, se quiser. Biografias, histórias, doze traduções diferentes da Bíblia, aventuras românticas...

Era tentador.

Mas a biblioteca estaria lá no dia seguinte. Ela tinha *a eternidade*, certo?

Essas criaturinhas estavam tentando esconder alguma coisa. Exatamente como tentavam esconder o que havia acontecido dez anos antes... Ela simplesmente *sabia* que todas as respostas que procurava lhe

seriam reveladas no andar de cima.

Inclusive por que eu nunca ouvi falar desse castelo e desse reino... E quem é a Fera? Como foi que ele veio a governar todos esses objetos inanimados? Onde estão todas as pessoas reais que deveriam morar aqui? Sob que pretexto é considerado aceitável jogar um velho inofensivo e sua filha na prisão...?

... E por que ninguém queria que ela fosse até a Ala Oeste?

Ela recomeçou a subir as escadas.

Lumière pareceu chocado.

– *Por favor*, não vá... O mestre pediu...

– Eu somente dei minha palavra de que *ficaria*. Nada mais – repetiu Bela com firmeza.

Nada a impediria de satisfazer sua curiosidade sobre a coisa mais interessante que já lhe havia acontecido.

* Anexo suntuoso a mansões entre os séculos 17 e 19, seguindo uma arquitetura clássica – uma estrutura de jardim em estilo renascentista. (N.T.)

Morte e uma Maldição

Na aldeota sonolenta, Maurice continuava aprimorando suas invenções, e Rosalind refinava suas rosas encantadas – ao mesmo tempo em que ambos aprendiam como alimentar adequadamente (e matar) suas galinhas, ordenhar as cabras, cuidar das abelhas e outras tarefas novas e inusitadas da vida no interior.

Bela crescia, lendo vorazmente, correndo descalça por ali, observando as nuvens e sonhando com uma vida além dos campos e das plantas; os dias eram tão iguais que todos pareciam se misturar.

Enquanto isso, no antigo reino, a febre redobrou sua força e começou a se espalhar mais depressa, exatamente como a peste tinha feito em dias de outrora. Ela destruiu por completo a população; jovem ou velho, rico ou pobre, homem ou mulher – não importava. As pessoas morriam como ratos na cidade lá embaixo, enquanto o rei e a rainha se escondiam em seu castelo alto e faziam barricadas nas portas contra o contágio em potencial. Ninguém tinha permissão de entrar ou sair, inclusive os criados... e, portanto, Alaric.

Mas o vilarejo em que Rosalind, Maurice e Bela moravam parecia estranhamente intocado pela doença que se alastrava ao redor deles. Talvez fosse por causa das fronteiras fechadas e da quarentena da outra cidade.

Ou talvez fosse pelas proteções de Rosalind. Ou um certo carvalho de crescimento acelerado. Ou o caldo especial feito por outra bruxa boa realocada.

Qualquer que fosse a razão, nem uma única pessoa a oeste do rio foi afetada. Assim como nenhuma das outras aldeias que receberam os *charmantes* em fuga.

Foi quando, já bem tarde em uma noite calamitosa e chuvosa, muito depois que Bela tinha sido colocada na cama pela *terceira* vez depois de tentar ler debaixo das cobertas com uma jarra de vagalumes, houve uma batida na porta.

Rosalind e Maurice olharam um para o outro uma vez só e se levantaram de um salto, esperando ver seu querido e velho amigo novamente.

Em vez dele, um desconhecido se encolhia sob a lua pálida, fria e leitosa, fazendo seus olhos cansados parecerem ainda mais fundos.

– Vocês devem vir ao castelo. Imediatamente. O rei e a rainha querem vê-los.

– Nós não somos mais cidadãos daquele belo reino – disse Rosalind, com um rosnado mal contido. – Não precisamos obedecer a qualquer pedido ou exigência dos governantes de lá. Eles já não dispõem de minha lealdade.

Maurice pousou as mãos de leve sobre os ombros dela, sua curiosidade sempre mais forte do que o ultraje.

– O que eles querem?

O homem suspirou.

– A doença que devora a cidade está agora dentro das paredes do castelo, matando a realeza assim como os criados.

– Eu não... – Mas Rosalind interrompeu o que iria dizer. Sua raiva desinflou frente à morte desnecessária e à preocupação nos olhos do mensageiro. Talvez ele também tivesse um ente amado que estivesse doente.

Rosalind olhou para Maurice.

– Você deveria ir – pediu ele. – As pessoas estão com problemas. E você pode ver Alaric quando estiver dentro do castelo! Isso seria bom...

– Tudo bem. Meu marido é uma pessoa mais bondosa que eu. – Rosalind estava subitamente enrolando um manto cinzento quente em torno do pescoço. – Mas vou para lá sozinha. Exatamente como você irá para seja lá onde for agora.

Depois que ela desapareceu na noite, Maurice ficou, um tanto sem graça, com o mensageiro exausto.

– Não posso permitir que você entre – disse ele, pesaroso. – A peste. E tudo mais. Eu poderia... lhe oferecer uma xícara de chá? Você levaria. Com você. Como uma... lembrança.



O castelo estava muito diferente da última vez que Rosalind estivera ali. As luzes estavam fracas e os criados se mantinham nas sombras; a cantoria monótona dos padres ecoava nos corredores. Havia tanto incenso enevoando o ar que ela quase não podia respirar.

O rei e a rainha estavam em seus tronos, parecendo cansados. O príncipe menino não estava ali.

– Feiticeira – disse a rainha, a voz um tanto áspera, mas firme como sempre. – Você está perdoada pelo crime de romper a quarentena. Em troca, lhe pedimos os poderes que tiver para garantir a segurança e a saúde da família real e do castelo.

Rosalind piscou.

– *Como é?* – perguntou ela, pela primeira vez na vida sem encontrar palavras.

– A rainha fez uma afirmação muito clara – disparou o rei. – Resolvemos, por pura bondade de nossos corações, perdoá-la por ter cruzado a fronteira ilegalmente para fugir como uma covarde de nosso reino em perigo. Em gratidão, *talvez*, você vá... consertar... essa... – Ele agitou a mão de forma vaga

para o recinto ao redor deles, arrastando um lenço que não cheirava mais a perfume e flores, mas a saís e remédios amargos, na esperança de afugentar a peste.

– Eu não sou uma criminosa – declarou Rosalind, tão calmamente quanto conseguiu. – Eu fugi desse... *pesadelo* e moro em um lugar novo agora, onde ninguém picha insultos na minha porta e meus vizinhos não desaparecem por causa de seus ancestrais, sem que ocorra uma investigação. Você pode me perdoar por crimes imaginários, ou não perdoar, como quiser. Não tenho desejo algum de voltar para esse lugar nunca mais, e suas palavras não têm peso algum. Mande buscar um médico e basta.

– Os médicos... que... sobraram... foram incapazes de efetuar qualquer cura ou tratamento – acrescentou o rei, escolhendo suas palavras com cuidado. – Frédéric é, aparentemente, um cirurgião excelente, mas um péssimo curandeiro.

– Todos que *poderiam* ter ajudado vocês desapareceram ou foram forçados ao exílio – sibilou Rosalind. – Para quem é religioso, é quase de se pensar que Deus lhe trouxe essa peste para puni-lo por seus pecados.

– Eu sou um rei – disse o rei, novamente com arrogância. – Só Deus pode me julgar.

A rainha acenou a mão para ele.

– Se você *precisa* nos culpar, faça isso. Mas nos *ajude*. Imploramos a você que salve o que resta de nós... o que resta do castelo.

– Nunca – disparou Rosalind. – O último país livre para *les charmantes* se foi por causa das atrocidades cometidas enquanto vocês as assistiam sem mover sequer um dedo... Jamais os ajudarei.

A sala ficou em silêncio, embora fosse difícil dizer se era por todos ali dentro estarem estupefatos ou apenas exaustos.

– Nós solicitamos sua presença aqui para um feitiço, não um sermão – disse o rei, finalmente, com desdém. – Não tente debater moralidade *conosco*, sua criatura vulgar.

Rosalind deu meia-volta e começou a sair.

– Espere! – disse a rainha, levantando-se de um salto. – Meu filho. Eu tenho... um filho. Você tem uma filha. Eu não... eu não me importo com o que aconteça ao resto do reino. Não ligo para o que vai acontecer conosco. Mas por favor... ele realmente não tem culpa de tudo o que já fizemos...

Rosalind voltou-se.

– Inocente? *MINHA FILHA* corria risco no seu reino porque a *mãe dela* é uma de *les charmantes*... E você acha que *o seu filho* deveria estar a salvo porque você é *uma rainha*?

– Por favor – foi tudo o que a rainha disse, os olhos baixos.

O rei desviou o olhar, sem dizer nada.

– Vou pensar a respeito – disse Rosalind, friamente. – Enquanto estou aqui, cogitando, desejo ver seu mestre dos estábulos. Ele é um velho amigo de meu marido.

– Quem? – perguntou o rei, soando totalmente desinteressado.

– Seu mestre dos estábulos. Alaric Samovar. Nós não o vemos desde que vocês bloquearam os portões e se esconderam no castelo com seus criados de confiança, proibindo-os de sair.

– Ah. O camarada dos cavalos. Ele se foi – disse o rei, revirando os olhos. – Desapareceu. Simplesmente fugiu quando as coisas ficaram difíceis, presumo. Fugiu de sua família e da quarentena.

– Se ele está morto, não foi pela peste; não encontraram o corpo dele – acrescentou a rainha. – Eu quase torço para que ele *esteja* morto. O Príncipe está totalmente inconsolável sem sua cavalgada diária. Tudo o que ele faz é chorar por causa de seu cavalo. Os criados nunca consideram as consequências de suas ações, como elas afetam os outros.

– Alaric. Samovar. Jamais. Fugiria. Assim.

Um vendaval de fúria e agonia cresceu dentro de Rosalind, ameaçando despedaçar tudo naquele recinto, inclusive ela.

Em vez disso, a Feiticeira permitiu que esses sentimentos a levassem de volta para casa.

Chorando e exausta, ela relatou tudo o que se passou para Maurice enquanto ele a abraçava. Quando não tinha mais nada a dizer, Rosalind se endireitou e, bruscamente, fez os gestos que limpavam a casa da pestilência. Em seguida, foi até a porta de Bela e fez sinais adicionais que ficaram suspensos no ar por um instante, verdes, antes de caírem ao chão como cipós. *Segura*.

Maurice, com pesar, lhe deu tapinhas no ombro.

– Entendo sua decisão de não os ajudar, especialmente depois de ouvir sobre Alaric – disse ele, baixinho. – Mas, no geral, não sei se essa foi a coisa mais gentil a se fazer.

– Eles não protegeram meu povo, o povo *deles*. Seus súditos. Existem repercussões para cada ato. A magia retorna para você, exatamente como os atos das pessoas. Quanto maior a pessoa, mais seus atos afetam o mundo. Se eles viverem, talvez aprendam isso.

– E se todo mundo morrer, ninguém aprende nada – frisou ele, gentilmente.

Rosalind permaneceu em silêncio, mas seus dedos começaram a se contrair, trabalhando.

No castelo situado nas profundezas da floresta, faíscas prateadas caíram sobre aqueles ignorantes a respeito dos atos de feiticeiras e inventores.

– O Príncipe está... a salvo? – perguntou Maurice.

Rosalind assentiu.

– Assim como os criados e seus filhos.

O casal ficou em silêncio por um momento.

– Se algo me acontecer... – começou Rosalind, devagar.

– Nada vai te acontecer, minha querida! – disse Maurice, dando-lhe um beijo. – Você não pode pegar a febre.

– Mas... se houver... alguma *outra coisa*. Qualquer outra coisa – disse ela, pensativa. – Eu quero que... Bela esteja a salvo. Eu gostaria que o meu povo... estivesse a salvo.

– Eu não sei como você poderia fazer isso – disse Maurice, suspirando. – Você é a feiticeira mais poderosa que restou no mundo... mas nem *você* pode proteger a todos.

– Eu faria todos... os outros... *se esquecerem* – disse ela devagar, refletindo. – Esquecerem de mim e de *les charmantes*. Nós nos tornaríamos apenas contos de fadas, e nos esconderíamos para sempre dos

olhos dos homens.

– Isso parece triste, mas pragmático – disse Maurice, colocando os braços ao redor da cintura dela.

– Só não me inclua no feitiço. Eu não ligo para *o que* me aconteça, jamais quero me esquecer de você.

Rosalind sorriu e o beijou...

... mas não respondeu.

A Rosa

Horloge e Lumière se debatiam no pé da escadaria, discutindo nervosamente se deveriam subir atrás dela.

Bela os deixara para trás.

Essa parte do castelo era... diferente. Se todos os outros recintos pareciam um pouco estagnados, frios, escuros e abandonados, a Ala Oeste lembrava uma caverna. Úmida também, como se uma janela tivesse sido deixada aberta apesar do clima de inverno antecipado. Odores estranhos, embora não exatamente desagradáveis, lembrando estábulos, atacaram o nariz dela. Algo que vagamente a fazia se recordar de animais.

Bela se deu conta de que estava prendendo a respiração.

O que deveria ter sido em algum momento um espelho realmente espetacular, emoldurado em ouro, tomava toda a parede no topo das escadas. Sua perfeição prateada havia sido destruída muito tempo antes; cacos pontiagudos de vidro se projetavam como dentes da moldura que, exceto por isso, se encontrava vazia, e cobriam o chão. Não tinha sobrado um único pedaço maior do que a mão de Bela. Porém, todos eles – cada um deles, desde os restinhos do tamanho de um dedo até a gotícula mais ínfima, lembrando uma gema preciosa – refletiam o rosto dela e a expressão pálida e preocupada que ela não sabia estar exibindo.

Algo se avolumava em seu inconsciente, zumbindo e pulsando. Medo, pânico ou excitação por estar prestes a descobrir algo importante. Era óbvio que estava no caminho certo.

Perto do espelho via-se um par de portas monstruosas de madeira. Suas maçanetas de bronze tinham o formato de demônios estranhamente familiares. Bela relutou em pousar as mãos sobre suas formas desconfortáveis e pontudas. Mas o fez assim mesmo.

Uma súbita rajada de vento atingiu as portas e as escancarou por completo. Bela passou por elas, trôpega, caindo indefesa na sala.

A princípio, ela pensou ter encontrado um sótão bizarramente entulhado: móveis espalhados por ali como se um gigante tivesse entrado e aberto caminho a empurrões até a janela. Cadeiras maciças tinham sido derrubadas e quebradas, cadeiras macias, por incrível que pudesse parecer, estavam incólumes, mas reunidas em pilhas incomuns. Tapetes estavam amontoados como se alguém tivesse tentado se enfiar embaixo deles. Os pisos estavam marcados com arranhões prateados, em fileiras de quatro, como em

uma garra gigante. Fileiras de tapeçarias manchadas de poeira pendiam, rasgadas e tortas, de varões rachados. Espalhados aqui e ali se viam objetos pavorosamente brancos: ossos, limpos por completo.

Ali, Bela soube sem nem pensar, ficava a alcova da Fera.

Uma bela cama de dossel era a única coisa no quarto que parecia intocada, sem uso. Tinha o tamanho adequado para uma criança – os postes de pau-rosa seriam como uma jaula para alguém como a Fera. Uma criança de dez anos, talvez.

Dez anos.

Tudo tinha começado a acontecer *dez anos* atrás.

O coração de Bela começou a acelerar.

Será que a Fera tinha invadido esse castelo, consumido todos que estavam vivos ali e tomado o quarto do príncipe para si?

Ela deu um pulo quando outra rajada de vento fez com que as cortinas desfiadas subitamente se agitassem como fantasmas enfurecidos. Enquanto as nuvens se afastavam da lua lá fora, tudo foi iluminado por uma pálida luz branca: além da desarrumação geral, havia sinais mais *violentos* de destruição que agora ficavam óbvios. Algumas das cadeiras tinham sido esmagadas deliberadamente. Uma escrivaninha jazia em pedaços em um canto. Mesas de canto estavam espatifadas, seus tampos de mármore rachados como se fossem gelo.

Bela engoliu em seco.

Será que todas essas coisas tinham um dia sido animadas, como a bule e o relógio?

Será que tinham sido animados e loquazes, móveis e adoráveis – mas agora tinham sido calados por uma morte estranha?

Como aquilo tinha acontecido?

Teria havido algum tipo de guerra para proteger o castelo?

Seriam soldados, de alguma forma mortos em batalha?

Ou seriam apenas vítimas da fúria da Fera?

Bela mordeu o lábio e penetrou mais fundo no quarto, a despeito de todos os seus instintos lhe dizendo para *fugir*. No entanto, ela não conseguiria resposta alguma se continuasse assim. E havia algo de reconfortante sobre o luar entrando em fachos pela janela. Bela caminhou até a parede mais distante, torcendo para encontrar uma lufada de ar fresco.

Ela contornou com cuidado pilhas de roupas apodrecendo, caídas, sem ataque de ratos. Bela tentou não estremecer ao ver o guarda-roupa destruído, uma versão menor daquele que havia conversado com ela; esse jazia silencioso e coberto de teias de aranha, suas portas arrancadas das dobradiças e as gavetas retorcidas.

Depois dele, encontrava-se um retrato quase tão grande quanto o espelho no corredor, e também quase tão destruído. Grandes retalhos de tela e tinta a óleo descascando pendiam de sua elaborada moldura. Quatro garras afiadas tinham feito isso. Bela estendeu a mão sem pensar e tentou reposicionar

os dois pedaços maiores, como um quebra-cabeça, para ver qual era o objeto retratado. Parecia ser um jovem com olhos azuis penetrantes, vestido no que pareciam ser trajes reais...

Bela franziu a testa. Ele era muito velho para ser o último ocupante da cama infantil no quarto, mas também era jovem demais para ser o pai do menino. Quem seria? Mistérios sobre mistérios...

Algo cintilou no canto de sua visão.

Ali, mais no interior do quarto, diante das janelas que ela tentava alcançar, havia uma mesinha com tampo de pedra branca totalmente isenta da destruição que havia caído sobre todo o resto. Nela, repousavam duas coisas cintilando sob a luz do luar. Uma era um belo espelho de mão feito de prata.

A outra era uma rosa vermelha sob uma redoma de vidro.

Objetivo Final

A despeito de suas muralhas, médicos, padres, incenso e riqueza, o rei e a rainha ficaram doentes e morreram.

O filho deles, por algum capricho do destino, foi poupado. Assim como todas as crianças do castelo. Alguns chamaram isso de milagre.

Um ano se passou. A febre desapareceu, embora não antes de levar uma vertiginosa porcentagem de cidadãos com ela.

A época de luto finalmente terminou e foi marcada uma data para a coroação. Haveria um novo rei e, com sorte, um novo começo para o pequeno reino enclausurado.



Nesse ínterim, na aldeia, Rosalind tentava fazer um vestido para Bela. Costurar não era um de seus talentos; seus dedos estavam cobertos de gotículas de sangue cor de rubi e ela dizia muitas coisas nada adequadas a uma feiticeira enquanto trabalhava. Contudo, o aniversário de Bela se aproximava e, como acontecia de vez em quando, Rosalind sentia uma necessidade de fazer alguma coisa materna “normal” para comemorar.

Maurice sugerira diversas vezes que eles mandassem fazer um vestido para a filha deles. Ele havia ganhado algum dinheiro com sua debulhadora automática em uma feira e, pelo menos uma vez, eles tinham um extra para alguns pequenos luxos – Rosalind, porém, recusou terminantemente.

E assim, ela praguejava e costurava sob a luz da luminária – astuciosamente ampliada por um sistema de espelhos e lentes – enquanto uma tempestade soprava lá fora e ela lutava contra algo que incomodava seu inconsciente.

Maurice flagrou os olhos dela relanceando para a janela. Não para a tempestade, ele sabia, mas para o que jazia a leste deles.

– Por que você se importa com a coroação? – ele por fim perguntou com um suspiro. – Nossa vida por lá terminou, você disse a eles que nunca mais voltaria.

– É só que... eu só... – Rosalind mordeu o lábio. – Se houver alguma chance mínima de salvar o reino, de fazer com que volte ao que era, tudo depende do Príncipe.

– Ele tem um caminho muito íngreme à frente – disse Maurice, cheio de compaixão. – E restam poucas pessoas para ajudá-lo. Honestamente, não me surpreenderia nem um pouco se ele abrisse mão de tudo e fosse para a universidade. Príncipes alemães fazem isso o tempo todo.

Rosalind largou a peça em que trabalhava.

– Preciso ir vê-lo. Agora. Antes que ele se torne rei.

– Querida... – começou Maurice.

– Preciso me certificar de que ele não é como os pais – disse ela com firmeza. – Se aquela terra deseja ter algum futuro, ela precisa de um governante que seja bom, generoso, de perspectiva visionária, enérgico e bom.

– Você já disse *bom*.

– Tenho que ir – disse ela, agarrando seu manto verde.

Maurice nem mesmo protestou sobre o tempo. Feiticeiras tinham um jeito de lidar com esse tipo de coisa.

– Você já conseguiu ir e escapar duas vezes – disse ele. – Lembre-se do que Frédéric disse.

– Irei disfarçada – prometeu ela, dando-lhe um beijo rápido.

Maurice segurou as mãos dela e as pressionou sobre seu coração.

– Meu bem – disse ela, com um sorriso paciente. – Eu irei e voltarei antes que Bela acorde. Ela nem vai saber que eu saí. E todos vamos celebrar o aniversário dela juntos.

Em seguida, ela hesitou diante de um vaso de rosas na mesa, debatendo consigo mesma em silêncio. Finalmente, escolheu um glorioso botão vermelho que ultrapassava a perfeição – mas que não deixava de ser comum para *aquela* casa.

Seu marido lhe deu um olhar de quem a conhecia.

– Magia... sempre retorna para o ponto de origem – ele a alertou.

– O quê? Eu sei disso. Quem disse alguma coisa sobre magia? – perguntou ela.

E então desapareceu.

Como não pegou a estrada habitual, ela não chegou a ver a carruagem negra com janelas grossas que também se encaminhava para o castelo.

A Curiosidade Matou a Fera

A rosa sob a redoma não estava na água, nem era desidratada; ela parecia simplesmente flutuar ali sob o vidro, cintilando de leve ao luar.

Hipnotizada, Bela se aproximou. Nunca vira nada como aquilo antes – seriam ímãs? Magnetitas? Como aquele truque era realizado?

E ainda mais estranho, havia algo de familiar a respeito da rosa. Algo na cor de suas pétalas. Como se ela já a tivesse visto em algum lugar.

O espelho jazia na mesa, ignorado; ela estendeu a mão e cuidadosamente ergueu a campânula de vidro pelo topo.

A rosa não caiu, como ela esperava, e também não existia nenhum fio ou arame invisível conectando-a ao vidro. Ainda assim, ela flutuava, cintilando e rodopiando lentamente sobre uma pequena pilha de pétalas que já haviam caído.

Bela esticou um dedo para tocar a flor.

– NÃO!

Onde existira silêncio um momento antes, agora havia trovões e rugidos, súbitos e apavorantes. A Fera correu até ela sobre as quatro patas.

Bela, entretanto, não conseguia se concentrar nele; *tinha* que saber como o truque funcionava.

Ela apanhou a rosa.

O Que Bela Viu

Era uma vez um reino mágico que estava morrendo, escondido nas profundezas da floresta. Dentro de seu castelo, outrora brilhante, vivia um jovem príncipe que tinha tudo o que qualquer um poderia desejar – porém, apesar disso, ele era egoísta, mimado e descortês.

Então, na noite anterior ao dia em que se tornaria rei, uma mendiga idosa foi até o castelo e lhe ofereceu uma única rosa vermelho-sangue em troca de abrigo contra o frio cortante. Repugnado pela aparência desfigurada da mulher, o Príncipe desprezou o presente e a expulsou – apesar de ela tê-lo alertado para não se deixar enganar pelas aparências, pois a verdadeira beleza se encontra no interior das pessoas.

Quando o Príncipe a dispensou novamente, houve um estrondo alto de trovão e a velha bruxa sumiu.

Em seu lugar estava uma linda mulher com cabelos tão dourados quanto a gargantilha que a mãe do Príncipe costumava usar, trajando um lindo vestido com todos os tons do mar. Ela ainda segurava a rosa em uma das mãos. Na outra, onde antes se via sua bengala, havia agora uma varinha branca de amieiro.

Ela era tão brilhante quanto o sol, tão terrível quanto um anjo vingador.

– Minha... minha senhora – gaguejou o Príncipe, caindo de joelho. – Perdoe-me...

Mas era tarde demais, pois ela havia visto a alma do rapaz e sabia que tipo de pessoa ele era na verdade. Como punição, ela o transformou em uma fera horrenda e colocou um feitiço poderoso no castelo e naqueles que lá viviam.

– Não existe nenhum amor no seu coração, Príncipe. Exatamente como seus pais, que destruíram totalmente este reino com seu egoísmo e sua crueldade. Você terá até a véspera de seu vigésimo-primeiro aniversário para se tornar tão belo *por dentro* quanto era por fora. Se não aprender a amar outra pessoa, e ser amado em troca, até o momento em que a última pétala dessa rosa cair, você, seu castelo e todos dentro dele serão amaldiçoados e esquecidos *para sempre*.

Envergonhado de sua forma monstruosa, a Fera se escondeu dentro do castelo com um espelho mágico como sua única janela para o mundo exterior.

Conforme os anos se passavam, ele caiu em desespero e perdeu toda a esperança – pois quem poderia algum dia aprender a amar uma fera?

Uma Maldição Recai

Bela tropeçou, confusa. Tão claramente quanto se tudo estivesse ocorrendo bem ali, diante de seus olhos, ela viu a verdade: o Príncipe que era a Fera, o feitiço, a rosa, *a Feiticeira*.
Sua mãe.

A rosa era *do seu* jardim. Era por isso que lhe parecera familiar.

Bela segurou o botão diante do rosto, maravilhada. Sua mãe a segurara há exatos dez anos, da mesma forma.

Entretanto, sob o olhar dela e a luz da lua, a rosa começou a se desmanchar. As pétalas caíam e se transformavam em areia vermelha cintilante que desaparecia antes de chegar ao chão. O caule se dissolveu, centímetro por centímetro, até não restar mais nada.

E a Fera uivou em desespero.



Parte II



Fuga

O castelo estremeceu. Houve um estrondo, como se o maior raio de toda a história do mundo tivesse atingido a torre. Ruídos altos e estranhos irromperam de todo lugar ao mesmo tempo; de alguma forma familiares, eles tocaram a essência da alma de Bela. Algo entre uma rachadura e uma trepidação, mas muito, muito maior.

Gelo.

Aquilo soava como gelo se partindo em um lago, e trouxe consigo o pavor que acompanhava esse ruído: exatamente como ocorre quando um pé pisa e linhas disparam de debaixo dele, partindo para a distância branca, e a morte está no ar gélido.

De alguma forma, Bela não teria ficado surpresa se o castelo inteiro comesse a desmoronar ao seu redor – mas não era isso o que estava acontecendo.

– *MINHA ÚNICA CHANCE!* – gritou a Fera. – *MINHA ÚNICA CHANCE DE ACABAR COM A MALDIÇÃO. SE FOI. VOCÊ ARRUINOU TUDO!*

Ela só prestava uma atenção parcial à Fera; ele estava imóvel, gritando, e não a abordou. Coisas mais urgentes estavam acontecendo lá fora. Ela correu para a janela.

Coisas estranhas e brancas feito osso saíam do chão logo depois do perímetro das muralhas do castelo. Angulares e grossas demais para serem cipós, sólidas demais para serem gelo. No começo, Bela achou que fossem algo como chifres ou ossos sendo expulsos da terra pelas forças que estavam em ação naquele momento. Mas elas *continuavam* saindo, infinitas e doentias. Elas se contorciam e reviravam enquanto arremetiam adiante, chicoteando ao redor e grudando-se a qualquer objeto sólido que tocassem. Assim que entraram em contato com a muralha, elas abrandaram. Mas cresciam como geada em uma janela, entrecruzando-se e se espalhando de forma sobrenatural.

Teias de aranha.

De algum modo, Bela sabia disso sem questionar.

Não do tipo que pendia em círculos e octógonos e outros polígonos organizados em arbustos e flores com uma bela aranhazinha no meio. Mas daquele *outro* tipo, daquelas teias bagunçadas que cobriam o chão e a grama como neve em manhãs orvalhadas, cheias de picos e vales e impossíveis de ver onde a aranha se escondia. Tridimensionais. Complicadas.

A mãe dela... gostava... de flores... e coisas naturais... Bela se recordava disso vagamente. Sua mãe, a *Feiticeira*.

Fazia sentido que ela tivesse amaldiçoado o castelo com teias.

Bela se voltou para fitar a Fera.

Os olhos dele estavam vazios de tudo, exceto por uma fúria animalesca. Não havia restado nenhuma faísca de inteligência ou humanidade neles. Ele se pôs de quatro e rugiu loucamente.

Bela ficou paralisada por um momento. Em seguida, seus instintos falaram mais alto e ela correu, passando por ele e saindo pela porta.

Sem perder um momento para olhar para trás, ela desceu as escadas depressa, em dois e três degraus de cada vez, e disparou pelos grandes salões.

Ela tinha que sair dali.

– *Ma chérie!* Aonde você vai? O que está acontecendo? – *Lumière* saltou das sombras atrás dela, desajeitado.

– *O que foi que você fez?* – clamou *Horloge*.

– Me desculpem – soluçou Bela. – Eu...

Ela não sabia por que estava se desculpendo. Talvez fosse por estar deixando as coisinhas fofas para trás com aquele monstro, para serem seladas ali com ele, para enfrentar sua ira quando ela tivesse partido. Ali estava ela, em sua primeira e única aventura, e de alguma forma ela arruinara tudo rapidamente demais.

Ela escancarou a porta da frente e atravessou o pátio correndo, passou pela fonte e pelos portões. Um único feixe de teia, da espessura de seu pulso, havia crescido sobre eles, mantendo-os praticamente fechados. Ela estendeu a mão para tocar na teia, relutante.

Grudenta.

Só um pouquinho.

E fria.

Bela engoliu sua repulsa e tentou afastar a teia, porém ela não cedeu, em nada parecida com o que se imaginava que seria um pedaço enorme de seda de aranha. O fio era rígido e inflexível. Ela tirou as mãos dali e se arrastou por baixo do portão, forçando o corpo através da pequena abertura, separando as barras de metal com as pernas. Suas roupas roçaram contra a superfície colante da teia e ela a agarrou como se estivesse viva.

Bela esperneou e gritou e se forçou a sair, cedendo totalmente ao pânico. Seu vestido se rasgou com um som que pareceu fender o mundo. Quando ela se levantou e espanou a sujeira, as teias já recobriam o vão atrás dela, ainda mais grossas. Quase como se sentissem a brecha e se esforçassem para consertá-la.

Bela estremeceu.

Phillipe, abençoado seja seu coração de cavalo, ainda estava lá. E mais que pronto para fugir, as orelhas dobradas e os olhos se revirando diante da estranheza do que ocorria.

Bela agarrou suas rédeas e saltou sobre as costas dele. Ele não precisou ouvir duas vezes.

Com uma volta e um galope que teriam deixado orgulhosos seus antepassados cavalos de batalha, Phillipe chispou para dentro da floresta. Suas longas pernas dispararam com força pela mata, os cascos transformando em poeira tudo o que acabasse debaixo deles. Eles conseguiriam e ela cavalgaria em triunfo no meio da neve de volta para casa.

E então ele parou, se empinando. Bela quase foi arremessada ao chão, e foi aí que ela os viu.

Lobos.

Ainda haviam restado alguns lobos ao redor do vilarejo onde ela morava. Muito de vez em quando, movidos pela fome, eles desciam das colinas, montanhas e florestas para apanhar uma ovelha se um pastor não estivesse vigiando de modo apropriado. Porém, a menos que estivesse doente ou desesperado, nenhum deles aparecia em plena luz do dia para um humano a cavalo – um humano que, eles sabiam, provavelmente portaria uma arma. Lobos eram os vilões somente em contos de fadas e lendas para assustar criancinhas à noite.

Esses, entretanto, não se pareciam com os lobos cinzentos que ela e o pai tinham visto uma vez a distância.

Eles eram *imensos*. E brancos. Com olhos vermelhos que pareciam acesos.

Pareciam?

Ela havia acabado de fugir de um castelo encantado com mobília falante e um príncipe-fera governando a todos... *a quem sua mãe havia amaldiçoado.*

Esses *não eram* lobos normais. Também eram mágicos. Eles estavam tentando impedi-la de deixar o castelo.

Bela agarrou as rédeas e puxou com força, girando Phillipe para o outro lado.

Os lobos uivaram e ganiram como criaturas de pesadelo enquanto disparavam em sua perseguição.

Bela mal conseguia se segurar, quanto mais guiar Phillipe. Ela deixou que ele seguisse para onde precisasse para escapar e não tentou impedi-lo de passar sobre um lago congelado como se não fosse nada além de um campo. O gelo se partiu debaixo deles, com ondas estrondosas que se agitaram até as margens mais distantes, ecoando o que ocorria no castelo.

Sem ligar para o perigo, os lobos os seguiram.

Um dos cascos de Phillipe acertou um ponto fraco. No momento seguinte, o cavalo se enroscava na água congelante, batendo as pernas dianteiras em desespero e tentando se levantar.

Todavia, vários dos lobos também tinham sido apanhados nas placas de gelo em movimento; eles perderam no mínimo dois de seu grupo para a escuridão abaixo.

Phillipe conseguiu se arrastar para a borda do lago e voltar para a terra firme. Bela cerrou os dentes enquanto a água gelada se movimentava dentro de seus sapatos. Não conseguia sentir nada dos joelhos para baixo.

O cavalo se jogou adiante, galopando para dentro da floresta outra vez. Bela se encolheu, tentando evitar ser derrubada por galhos baixos ou ficar pendurada nos cipós.

Eles irromperam em uma clareira – e ela viu três outros lobos já esperando por eles ali.

Cercado por todos os lados, Phillipe entrou em pânico, revirando os olhos e soltando guinchos terríveis. Ele se empinou loucamente, atacando o inimigo com os cascos. Esquecendo-se de sua amazona.

Bela foi arremessada do lombo dele.

Os lobos se aproximaram cada vez mais, tentando morder os cascos e as pernas de Phillipe.

Bela chacoalhou a cabeça, que ainda zumbia da dura aterrissagem. Tirando isso, não parecia ter sofrido grandes danos. Ela se colocou de pé sobre as pernas trêmulas e olhou ao redor, buscando alguma coisa que pudesse ser usada como arma. Um galho forçado estava caído no chão. Ela o agarrou e colocou-se de costas para o cavalo apavorado, tentando combater os lobos que estavam fechando o cerco.

– *Para trás!* – ordenou ela. – Eu sou a filha de uma feiticeira!

Os lobos não se importaram com sua declaração.

Um lobo saltou para cima dela e agarrou o galho entre os dentes, puxando-o para longe das mãos dela. Ao mesmo tempo, outro deles se jogou no peito dela, derrubando-a.

Bela rolou para longe, tentando manter distância dos cascos letais de Phillipe.

Outro lobo se ergueu sobre ela, a boca escancarada a centímetros de seu rosto, seus dentes amarelos cintilando como veneno sob o luar. Ele rosnou e dilatou a boca ainda mais, pronto para rasgá-la em pedaços.

Bela virou o rosto de lado e cobriu a cabeça com as mãos, esperando pela mordida final.

E de repente, o peso havia saído de cima dela.

Ela espiou por entre os dedos.

A Fera estava lá, jogando o lobo para longe dela. Ele urrou e uivou, mais alto do que a matilha. O resto dos lobos saltou para atacá-lo. Um mirou sua perna, outro, seu ombro.

Em movimentos rápidos demais para acompanhar, a Fera passou de ereta para apoiada sobre as quatro patas, chacoalhando-se para se livrar dos lobos como se fossem água.

No entanto, ele sangrava de feridas feias quando eles caíram longe.

Bela rastejou para a segurança de uma árvore grande e se escondeu atrás de suas raízes enormes.

A Fera a estava *salvando*?

Ele ficou de pé por um instante, sua silhueta destacada contra o luar, as garras à mostra. Elas eram mais compridas que as de um urso e brilhavam como marfim – e rubis, depois de ter rasgado a barriga de um lobo.

Em seguida ele voltou a ser apenas sombras e movimentos borrados, lançando-se entre os lobos remanescentes como um assaltante.

Com ganidos que não soavam nem um pouco caninos, os lobos começaram a sentir que a batalha havia virado. A Fera agarrou um dos últimos e o lançou contra uma árvore como um saco de maçãs. Houve um estalo feio e úmido quando ele desabou em um montinho bem em frente a Bela. Ela se encolheu com a proximidade.

Sem um sinal ou um ruído, os lobos admitiram a derrota e fugiram para as sombras, desaparecendo de volta ao ponto de onde tinham vindo.

Bela olhou para a Fera, que agora estava sobre duas pernas, rosnando um último alerta. Sua pelagem estava retalhada e uma orelha não parecia muito bem. Sua pose, nunca normal para começo de conversa, parecia mais deformada e desajeitada que antes. Havia uma pequena poça de sangue se formando na terra debaixo de sua pata dianteira direita.

Ele abriu a boca para lhe dizer algo...

... e então, lentamente, como uma árvore caindo, desmoronou aos pés dela.

Uma Decisão e Suas Consequências

Bela ficou imóvel como um coelho, observando de olhos arregalados a cena diante dela, repetindo em sua mente o que tinha acabado de acontecer.

A Fera – a coisa enorme, disforme e grotesca que jazia inconsciente em uma poça de seu próprio sangue em frente a ela – havia aprisionado seu pai apenas por invasão de propriedade e depois trocara a vida de Maurice pela dela, como algum tipo de déspota medieval. Ele não era, por nenhum esforço de imaginação, uma criatura *boa*.

E ainda assim... ele a salvara dos lobos.

Neve começou a cair.

Bela subitamente percebeu que não fazia ideia de quanto tempo ficara ali caída, congelada.

As rédeas de Phillipe estavam emaranhadas em cipós do outro lado da clareira. Ele bufava, infeliz, andando de um lado para o outro. O odor remanescente de lobos e morte o deixava maluco.

Bela piscou para tirar os flocos de neve de seus olhos. Agora que o choque da batalha diminuía, ela recomeçava a sentir as coisas – inclusive o quanto seus pés molhados estavam doloridos e dormentes. Se ela ficasse muito mais tempo ao relento, não conseguiria mais andar. Ela congelaria.

Lentamente ela se levantou, pisando com força, tentando fazer a sensibilidade voltar aos pés. Em seguida, atravessou a clareira, trôpega, até Phillipe e soltou as cordas de seus nós com dedos rígidos e inúteis. Murmurando palavras tranquilizadoras, ela conseguiu fazer o cavalo enorme recuar e se virar devagarinho.

Os corpos dos lobos – e da Fera – eram montinhos sem vida gradualmente embranquecendo na neve que aumentava com rapidez. Ela se virou para partir.

A Fera congelaria se ela o deixasse ali.

Ele havia salvado sua vida.

Xingando, ela guiou o agitado Phillipe sobre as carcaças e pilhas de entranhas sangrentas. Ele não se intimidou diante da Fera como ela temera que fosse ocorrer; algo no corpo dele era menos aterrorizante do que o dos lobos.

Com muita dificuldade – Phillipe não tinha desejo algum de ajoelhar na lama sangrenta e nevada – e um mau jeito nas costas, Bela conseguiu empurrar a Fera sobre o lombo do cavalo de modo que sua cabeça e seus membros posteriores pendessem em lados opostos. Por mais que ela odiasse tocá-lo, a

pelagem dele não cheirava tão mal e não parecia tão... animalesca quanto ela imaginava. Tinha um odor levemente selvagem, lembrando estábulos, mas não era gordurosa nem suja. Ela se perguntou, à toa, se ele se limpava com lambidas como um gato ou mergulhava em lagos como um cachorro.

Mas e agora, para onde ir?

Enquanto olhava pela floresta em meio a rajadas rodopiantes de neve, ela se deu conta de que não fazia ideia de onde estava. Tinha feito Phillipe correr pela floresta, à vontade. Bela franziu o cenho e fitou o céu, mas, como era de se esperar, não havia nenhuma estrela. Entre a escuridão e a neve, não havia como encontrar nenhum ponto de referência familiar.

Ela não parava de tremer.

Bela viu que a parte dianteira de seu sapato, onde ficavam os dedos, havia endurecido com gelo e sido coberta com geada – ecoando as teias que tinham se arrastado para cima do castelo. Ela se sentia uma das camponesas azaradas de uma hagiografia russa, abandonada pela família para se virar por conta própria nas neves profundas da Sibéria.

Sempre uma garota lógica, ela não gostava do lugar para onde todas as pistas a seu redor a estavam levando.

Pelo visto, sou a filha de uma feiticeira, pensou ela. *Então... será que posso enfeitiçar?*

Ela fechou os olhos e imaginou *o calor*. Céus ensolarados, nuvens paradas e neve muito distante.

Nada.

Ela cerrou os punhos com força e imaginou *fogo*, mesmo com o risco de consumir a árvore diante dela. *FAÇA QUEIMAR!*

Ela abriu os olhos.

Nada.

– *Eu lhes ordeno, ventos!* – gritou ela, imperiosamente. – *Levem-me para casa!...* – E então acrescentou, após um instante: – Por favor?

Nada.

Com dolorosa lentidão, ela virou Phillipe e sua carga e seguiu os rastros de volta ao castelo.

Era um caminho muito difícil. Bela tentou não entrar em pânico por não conseguir mais sentir os pés, tentou deixar de lado o horror de alguns contos de fada que lera sobre garotas congelando na natureza selvagem.

Sou a filha de uma feiticeira, ela disse a si mesma para aumentar sua coragem. E também apenas para saborear a sensação. Era *a mãe dela* nas visões, cujo papel nas memórias fragmentadas de Bela sempre tinha sido meramente o de um rosto bonito, um sorriso amoroso e um colo macio. Não havia nada de mágico a respeito dela, nada além das camadas extras de calor que a nostalgia e a perda aplicaram a lembranças de amor.

Quando eles finalmente chegaram ao castelo, ela viu com um choque que todas as muralhas do perímetro estavam agora envoltas em fiapos brancos e espessos. Ainda havia filamentos crescendo do solo – muito mais devagar agora, mas com uma implacabilidade assustadora.

No ponto por onde tinha se espremido entre os portões havia agora muito mais teias. Entretanto, quando ela estendeu a mão e tentou empurrá-las, elas se quebraram em sua mão, despedaçando-se. Bela ficou chocada, antes de se dar conta da verdade: elas estavam ali para manter a Fera *lá dentro*, não fora.

Alguns golpes hábeis e elas se foram. Ela abriu os portões e guiou Phillipe para dentro. Quando os portões se fecharam com um tinido atrás dela, a teia já havia recomeçado a crescer.

Uma cena triste e engraçada ao mesmo tempo a saudou na porta do castelo: Horloge, Lumière e – aquilo era um *espanador*? – estavam largados em desespero, olhando para a noite lá fora. Lumière tinha uma mão-vela cuidadosamente pousada nas costas de Horloge em compaixão.

Todos eles ficaram boquiabertos e se levantaram de um salto assim que a viram.

– Levem-no para dentro. Ele precisa de fogo e bandagens – ordenou Bela. – Imediatamente.

– *Certainement* – disse Lumière, muito depressa e já correndo.

– Primeiros socorros de imediato, é claro! – acrescentou Horloge, parecendo sombrio.

Todo tipo de criaturinhas e quinquilharias animadas que Bela não tinha visto antes ganharam vida, agitando-se e correndo para lá e para cá, tentando ajudar. Ela chegou a ver a Madame Samovar, fumegando com propósito, mandando os utensílios de cozinha ajudar com água fervendo e toalhas quentes.

Assim que a Fera estava dentro de seu lar e sendo cuidado, Bela retornou ao pátio, relutante.

– Obrigada, velho amigo – disse ela a Phillipe, afagando seu focinho macio. – Agora vá para casa. Vá até o papai.

Ela o levou até os portões, estremecendo ante a visão da teia gelada que lentamente continuava a se espalhar. Depois que ambos haviam atravessado cuidadosamente, ela deu um tapa firme, mas amistoso no flanco do animal.

O cavalo relinchou, depois saiu trotando para a floresta, indo para casa.

Bela sentiu uma pontada. Porém, havia tomado sua decisão.

– Eu preciso de um pedaço de corda – disse ela para Horloge quando entrou no escritório, colocando-se em ação.

– Sim, é claro, imediatamente – disse o relóginho. – Como é?

– Eu não vou libertá-lo até conseguir algumas respostas – Bela disse, cerrando os dentes. – Ajude-me a amarrá-lo.

– Amarrar? O *mestre*? – gaguejou Horloge.

– Ele jogou *meu pai* numa cela de prisão gelada, depois me colocou no lugar dele! Eu acho que amarrá-lo diante de uma lareira quente é bem generoso, considerando-se tudo isso! – disparou ela.

O relóginho começou a protestar, mas Bela apenas o encarou, carrancuda.

– É... entendo seu argumento... – pasmou-se Horloge. – Certo... *DESPENSA? Depósito?* Precisam de você...

Ele saiu bamboleando, ainda boquiaberto sobre o quanto tudo aquilo era inapropriado.

Bela observou o castelo se ocupar, um pouco surpresa com sua rápida aceitação de tudo aquilo. Desde a descoberta da existência de um castelo encantado até mandar em seus ocupantes como se tivesse feito isso durante toda a sua vida – tudo levava menos de um dia. Ela se perguntou por um momento o que teria acontecido se ela nunca tivesse subido as escadas para a proibida Ala Oeste. Será que teria permanecido como prisioneira da Fera? Ou teria se tornado a rainha desse lugar?

Ela nunca chegou a ver a biblioteca...

Bela não confiava nos talheres e supervisionou cada um dos nós conforme eram feitos e puxados. Às vezes, quando eles ficavam sem dinheiro para comprar mais metal, seu pai tinha que reunir suas invenções com tiras de couro e corda. Ela era boa em fazer nós bem apertados.

Madame Samovar fez com que trouxessem um carrinho com chá quente e conhaque – junto com um prato de caldo e uma terrina coberta de algo que, pelo cheiro, Bela tinha certeza de que a Fera comia regularmente. Carne. Não muito cozida.

Bela assumiu a responsabilidade de ajudar a lavar os ferimentos dele; exceto por um esfregão e uma vassoura animados, não havia de fato ninguém grande o bastante ou com dedos preênsos e fortes para limpar com delicadeza um ferimento e depois o pano em água fervente.

Será que minha mãe poderia tê-lo curado apenas com um estalar de dedos?

Bela tentou se recordar de algum incidente de sua infância em que tivesse se machucado, mas era sempre o pai atando seus ferimentos ou colocando unguentos neles ou lhe dando um beijo para fazer com que se sentisse melhor. Ela não conseguia se lembrar de sua mãe fazendo *nada*. Nem dela estando por perto, na verdade.

Bela se serviu de um pouco de chá e colocou bastante açúcar. Eles nunca tinham açúcar suficiente em casa; aqui, havia uma pirâmide de torrões marrons e brilhantes.

Será que feiticeiras tomam chá? Ou será que a minha mãe só tomava infusões e misturas loucas feitas com coisas da floresta? Ela não parecia do tipo que gostava de florestas em sua visão. O vestido que usava quando voltou a ser ela mesma era um pouco vistoso, mas, tirando isso, bastante elegante. Como se uma dama moderna e bem-sucedida quisesse impressionar um príncipe esnobe com sua feiticeirice.

Feiticeiras com anquinhas, bruxas com perucas brancas como espuma... Bela, sonolenta, tentou entender como um mago moderno se pareceria.

No final, deve ter adormecido, ajoelhada no chão com o corpo repousando sobre a cadeira gigantesca em que a Fera se encontrava amarrada. Quando acordou, as pálpebras da Fera estavam se abrindo, trêmulas.

Engraçado, pensou Bela. *Ele tem cílios.*

O momento de calma modorrenta não durou.

Assim que ficou totalmente desperto, a Fera rugiu e se esforçou para se levantar, então rugiu de novo quando percebeu que não conseguia.

– Quietos! – censurou Bela. – O castelo todo pode te ouvir.

– *POR QUE EU ESTOU PRESO? O QUE...* aaaarrgh! – Ele tornou a cair na cadeira e uma de suas feridas foi pressionada contra a corda quando se esforçou. Ele mordeu o lábio e choramingou como um cãozinho.

– Obrigada por me salvar dos lobos – disse Bela, calmamente. No entanto, ela estava um pouco cautelosa; não seriam necessárias muitas outras tentativas como aquela para que a Fera se soltasse. Uma das cordas se esticou e esfiapou à medida que ele lutava.

– Se está me agradecendo, por que me amarrou? – resmungou ele.

Essa era a Fera com quem ela podia argumentar; era um tom de voz que ela reconhecia de antes. Humano, mas rabugento.

– Vejamos. – Ela foi contando nos dedos os motivos. – Porque você fez do meu pai seu prisioneiro. Porque aí você fez *de mim* sua prisioneira particular. Porque você está amaldiçoado, e eu sinto que talvez seja por um bom motivo. E também porque eu tenho perguntas.

– Não importa. Pode me amarrar ou não. Eu estou preso aqui para sempre nisso – resmungou a Fera.

Ele começou a lamber um de seus ferimentos, mal-humorado.

– Pare com isso – disse Bela, dando um tapa leve no braço dele.

A Fera pulou.

– Ai!

– Ah, por favor. – Bela revirou os olhos. – Eu vi o que os lobos fizeram com você. *Isso* doeu?

Ele continuou quieto e ranzinza. Sob a luz oscilante do fogo, a Fera parecia simultaneamente mais monstruosa e mais humana. A cabeça dele era imensa – *imensa* –, e não, prestando mais atenção, canina ou lupina como seria de se esperar de um *loup garou*.^{*} Era mais semelhante a um touro, mas com pelos mais compridos; seus chifres completavam, em boa parte, aquela imagem. Contudo, suas sobrancelhas eram grandes e expressivas, e se não se olhasse com *muita* minúcia, podia-se confundir a parte inferior de sua juba com uma barba. Os olhos dele permaneciam inteligentes e indecifráveis à luz alaranjada.

– Espere aí – disse ele, de súbito. – Como você sabe que eu fui amaldiçoado?

– Quando eu toquei a rosa... me desculpe!

A Fera imediatamente murchou, tornando-se de alguma forma pequeno na cadeira enorme. Seu cenho se franziu de dor e algo quase como um choramingo pareceu escapar por entre suas presas poderosas.

Agora ela compreendia a fúria dele.

Não todos os detalhes, é claro. Porém, ela havia acidentalmente destruído a única forma que ele tinha de se libertar da forma monstruosa em que ele se encontrava.

– Quando eu toquei a rosa, vi o que aconteceu. Vi você, ainda menino, no castelo... sendo amaldiçoado por uma feiticeira... Eu... sinto muito pelo que fiz – disse Bela, muito mais gentilmente. – Mas... não parecia que você algum dia quebraria a maldição sozinho. A maioria das pétalas já havia caído, não é? Nós devemos estar bem perto do seu vigésimo-primeiro aniversário. Então, a menos que você fosse, de alguma forma, fazer com que eu me apaixonasse por você em... sei lá... um mês, ou menos... já estava tudo acabado mesmo.

A Fera desviou o olhar. Possivelmente em embarço.

– E – acrescentou Bela, com ironia – eu já quase fui vítima de *um* casamento involuntário hoje. Então... posso lhe dizer. Não sou uma presa tão fácil.

A Fera olhou para ela, surpreso e interessado por um instante – antes de ranger os dentes e olhar para o chão de novo.

– Por que ela te amaldiçoou? – pressionou Bela.

A Fera não respondeu.

– Vamos lá... por quê?

– Feiticeira louca, sei lá. – A Fera deu de ombros, zangado.

– *Por favor* – disse Bela.

– Eu tinha onze anos! – rugiu ele. – *O que* eu poderia ter feito?

Bela ficou em silêncio por um momento. Ele tinha razão. O menino da visão parecia um humanozinho terrível, é verdade. Mas ainda era apenas um menino.

E, pelo visto, também um príncipe.

E o que a Feiticeira – sua *mãe* – havia dito?

Não há amor nenhum em seu coração, Príncipe – exatamente como em seus pais...

– Ela... a mulher que te amaldiçoou conhecia seus pais?

Pareceu que ele ficaria em um silêncio obstinado, mas depois a Fera pensou melhor a respeito – como se essa fosse a primeira vez que ele considerava a coisa toda.

– Meus pais governavam o reino. É claro que ela os conhecia.

Bela esfregou as têmporas, frustrada.

– A Feiticeira era famosa? Ela guardava alguma mágoa contra seus pais, ou o reino, por algum motivo? – Ela não gostava de pensar que a mulher sobre quem descobrira tanto a respeito era uma daquelas fadas ou bruxas ou feiticeiras das lendas que saía por aí amaldiçoando as pessoas e seus bebês por despeito.

– O que... isso importa agora? – perguntou a Fera.

– *Importa* porque estou aqui presa com você, por causa de seja lá o que tenha ocorrido dez anos atrás, e, ah, sim, no final a Feiticeira é *minha mãe!*

A expressão de surpresa no rosto da Fera era quase cômica.

Não, *realmente* cômica, decidiu Bela.

– Co-como é?

– A Feiticeira é minha mãe – repetiu ela, um pouco mais pacientemente.

Era estranho dizer aquilo em voz alta.

Ela tinha essas novas imagens em sua mente de uma mulher talvez dez anos mais velha do que a própria Bela era naquele momento. Ela estava maravilhada com a mistura de determinação sublime e angelical e a fúria explosiva que a fizeram testar e depois amaldiçoar um príncipe menino.

Precipitada – essa era a palavra que Bela teria escolhido para descrever uma mulher que fizesse coisas desse tipo.

Ah, disse uma vizinha minúscula em sua mente, *você quer dizer coisas como marchar para dentro de um castelo assombrado e trocar a sua vida pela do seu pai. Agir sem pensar nas consequências.*

Ela abanou a mão como se para afastar fisicamente o pensamento.

– Sua mãe? – repetiu a Fera, ainda perplexo. Ele arranhava a cadeira como um cachorro inquieto. – Você também é uma feiticeira? – indagou ele, ansioso. – Pode me libertar disso?

– Eu *não sou* uma feiticeira – disse Bela, suavemente. Ficou surpresa em ver como a incomodou a expressão de decepção da Fera. – Até hoje, eu não acreditava que coisas como *feiticeiras* existissem. Ou maldições. Ou castelos encantados.

Enquanto ela dizia isso, um par de colherinhas de prata chegou marchando e, usando um guardanapo de tecido que seguraram como um lençol para dobrar, delicadamente enxugaram um pouco de chá derramado antes de sair, marchando outra vez.

– Bem... mas... onde ela está? Sua mãe está em casa? Podemos ir vê-la?

Ele se inclinava adiante, ansioso e esperançoso.

– Eu... não conheci minha mãe – admitiu ela. – Não faço ideia de onde ela esteja. Ela nos deixou anos atrás. Eu adoraria vê-la outra vez. Especialmente agora que fiquei sabendo que ela é uma feiticeira. Tenho muitas perguntas que gostaria de ver respondidas.

– Por que você está aqui, então? – rosnou a Fera. – Se a sua mãe veio aqui e me amaldiçoou, não é estranho que *você* também apareça à porta do meu castelo, dez anos depois?

– Bem, sim – concordou Bela. – Mas só estou aqui por causa do meu pai. Phillipe, o cavalo, voltou sem ele, e eu saí para procurá-lo.

– Você está mentindo. Veio aqui para se certificar de que a maldição se provaria verdadeira.

Bela arqueou uma sobrancelha para ele.

– Eu *não estou* mentindo. Não sei qual seria o objetivo disso. Depois de, sabe, trazer você de volta para o castelo para que não morresse congelado.

A Fera, desapontada, não disse nada.

– O que... o que fazemos agora? – perguntou ele, finalmente, em voz sumida.

Bela olhou para ele, espantada.

Ele abriu os braços o melhor que pôde, indicando o salão, ou o castelo, ou o mundo.

– Estamos... presos aqui. Para sempre. As... teias de aranha vão cobrir o castelo todo em breve. Completando a maldição.

Bela olhou para o teto lá em cima, para as paredes, esperando que uma resposta ou qualquer outra coisa se materializasse. Os cantos da sala estavam obscurecidos e ângulos saltavam de um lado para o outro conforme o fogo dançava e lançava luzes assustadoras. Ela percebeu, com uma piscada lenta, que sua sensação dominante naquele momento não era medo. Era exaustão. Era a sensação de estar

sobrepujada. Era seu cérebro, aquele que seu pai sempre elogiava, encontrando-se subitamente sobrecarregado e superlotado.

Tudo o que ela queria era se sentar quietinha em um canto e *pensar*. Pensar sobre os fiapos de ideias que tinha a respeito de sua mãe.

Por exemplo: ela sempre pensara na mãe com cabelos castanho-avermelhados, mas não sabia o motivo.

Meio que como o seu próprio cabelo, mas mais vermelho. *Não loiro*. Por que ela entendera aquilo tão errado? A cor do cabelo não era a primeira coisa que uma criança descreve a respeito dos pais? Ela também não fazia ideia de como seria o cheiro dela. Não conseguia invocar uma única imagem sensorial da mãe a abraçando; tudo que sua mente fazia era desviar a memória, aludindo a cenas amorosas em livros que ela havia lido: tudo, desde canções infantis até contos cômicos e de fadas.

A imagem que tinha em sua mente agora, de vingança angelical, não combinava precisamente com o que ela achava que sua mãe, que *qualquer* mãe, seria. Ela não era uma mãe naquela cena, de forma alguma; era uma mulher, uma pessoa, fazendo coisas que não tinham nenhuma relação com Bela.

Nenhuma relação comigo. Ela nunca teve nada a ver comigo.

Ela esfregou as têmporas e olhou de relance para a Fera.

Ela *deveria* estar com medo. Ele era uma fera grande e violenta que poderia matá-la facilmente de uma dúzia de modos diferentes. Todavia, ele salvara sua vida. Com certeza não pretendia feri-la, não é? E ele falava como um ser humano quase normal. Algo com que se podia argumentar.

Ela pensou em Gaston, a única outra coisa semelhante a uma fera falante que ela conhecia.

Ele teria sido muito mais lento a compreender tudo. Aquela conversa teria sido *muito* mais longa e frustrante. E ele teria tentado se casar com ela em algum momento. Ele era humano e completamente impossível de se comunicar ou negociar.

Com um suspiro, Bela se levantou e começou a desamarrar as cordas.

A Fera continuou imóvel até ela terminar, tomando cuidado para não se mexer ao mesmo tempo em que acompanhava os movimentos dela com olhos arregalados – e desconfiados.

– O que... por que você está fazendo isso?

Ela deu de ombros.

– Como você diz, nada mais importa muito. Estamos aqui por... algum tempo, pelo menos. Podemos muito bem confiar um no outro.

Quando ela acabou, ele flexionou as garras, hesitante. Quando se levantou da cadeira, fez uma careta, cerrando os dentes ante a dor de seus ferimentos.

– Se *pudéssemos* encontrar minha mãe – disse Bela devagar, pensando –, se ela não estiver morta, ou algo assim, talvez ela possa reverter a maldição.

– Como vamos encontrá-la? – resmungou a Fera, massageando uma pata contra a outra.

– Você ainda tem o espelho, aquele que ela te deu? – Ela se lembrou do outro objeto que estava na mesa com a rosa. O espelho de mão prateado ornamentado, pousado ali tão inocentemente. – Que lhe

deixa ver todo lugar?

– O espelho mágico – disse a Fera, as sobrancelhas se levantando. – Sim! Poderíamos consultá-lo!

– Ótimo, vamos consultar o *espelho mágico* – repetiu ela, incapaz de acreditar que estava dizendo essas palavras em voz alta. – Por que não? E talvez depois possamos visitar a bruxa na floresta e quebrar um pedacinho da casa dela para beliscar.

A Fera olhou para ela, confuso, as sobrancelhas se erguendo ainda mais, parecendo nuvens escuras sobre seus olhos azuis.

– Esquece – disse Bela, suspirando. – Foi uma piada.



Pela segunda vez, Bela se viu subindo as escadas para a ala proibida. Suas emoções eram totalmente diferentes agora: ela estava exausta, mas sem medo algum. Os sussurros das sombras e estalidos das armaduras animadas não detinham terror à altura do turbilhão de imagens e pensamentos em sua mente: pensamentos loiros e verdes e da cor dos raios, com o rosto de sua mãe, várias e várias vezes, aquela expressão de decepção e triunfo que não era nem um pouco agradável.

A Fera titubeou por um instante frente às portas com maçanetas de demônio em seu quarto. Aquilo fez Bela pensar em uma cena de algum livro no qual um menino, um tanto envergonhado, mostrava a casa de sua família ou seu quarto particular para uma menina de quem gostava. Medo de desapontar a convidada, medo de que ela fosse descobrir algo de grosseiro sobre o anfitrião.

Como se pudesse haver algo pior do que “ninhos” de mobília destruída e ossos em todo canto, pensou Bela, irônica.

Ele permitiu que ela fosse na frente, o que foi gentil, embora insólito. O quarto estava frio e as cortinas ainda se agitavam. Não era um lugar convidativo.

– Que retrato é esse? – indagou ela, indicando a pintura cuidadosamente mutilada, o retrato do jovem de olhos azuis.

A Fera murchou, seus ombros gigantes se encolhendo sobre seu pescoço e sua cabeça.

– Sou eu.

Ele estendeu uma pata delicada e puxou todas as faixas de tela de volta a seus lugares. O Príncipe foi novamente revelado: alto e belo e fitando com arrogância os olhos do visitante, desafiando-o a continuar olhando.

– A Feiticeira o enfeitiçou para que ele envelhecesse *comigo*, e me mostrasse como eu me pareceria se ainda fosse humano. Se eu não tivesse fracassado em seu teste. Eu sou... lembrado o tempo todo de quem eu *poderia* ter sido.

Bela inclinou a cabeça e olhou atentamente para a pintura. Ela havia sido feita por um exímio artista; o veludo no casaco do Príncipe parecia macio e felpudo o suficiente para tocar. *Mas aqueles olhos...*

– Não sei se ele deveria fazer você se sentir mal – ela disse, finalmente. – O homem nessa pintura parece desdenhoso. Convencido.

A Fera olhou para ela, chocado.

– Bom, *parece mesmo* – disse ela, agitando a mão para indicar o rosto do Príncipe. – Essa pintura deveria mostrar como você se pareceria no exterior. Mas ela mostra como você é realmente *agora*, por dentro?

A Fera soltou as faixas de tela, enojado, e deu as costas para a pintura resmungando algo sobre “palavras vazias”. Bela quase sorriu apesar das circunstâncias. Havia momentos em que ela quase *gostava* de conversar com a Fera... provocando-o com gentileza...

Ela o seguiu até a mesa. O vento havia diminuído e agora tudo parecia estranhamente imóvel; não havia brisa suficiente para balançar sequer uma pétala da rosa. A Fera respirou fundo de súbito ao ver a rosa destruída, depois se forçou a desviar o olhar.

Bela sentiu seu coração afundar. Realmente era culpa *sua*. Talvez ele só tivesse mais algumas semanas até que a maldição se completasse de qualquer forma, mas aquelas teriam sido mais algumas semanas de esperança. E quem sabe? Talvez a magia tivesse enviado alguém, uma camponesa gentil para reverter o feitiço. Talvez sua mãe tivesse um plano que não manteria essa pobre criatura nesse estado maldito para sempre.

Com muito mais gentileza do que ela acreditaria ser possível àquelas patas imensas, ele apanhou o espelho e o aninhou com amor. No início, ele não parecia passar de um objeto de vaidade de alguma princesa elegante, decorado com rosas e algo que lembrava rostos animais.

– O que ele pode fazer? – perguntou Bela educadamente.

– Ah, ele pode me mostrar qualquer coisa – disse a Fera, ansioso. – Qualquer coisa real. Eu já vi montanhas no Extremo Oriente que ficam sempre cobertas de neve, e Paris no Natal com todas as luzes, festivais e feiras.

Bela empurrou uma mecha perdida de cabelo para trás da orelha.

– Você pode ver o mundo inteiro nisso?

– Sim. Olhe! – Ele o segurou na direção dela.

No começo, não havia nada além da superfície prateada – e o rosto cético de Bela. Ela não pôde evitar arrumar outra mecha solta de cabelo atrás da orelha. Raramente tinha se examinado em um espelho tão fino e não ficou nem um pouco emocionada em ver como alguns poros bloqueados apareciam nas profundezas iluminativas. E seria aquilo uma cicatriz minúscula perto de seu olho? Ela nunca tinha reparado antes...

– Espelho, mostre-me Paris – comandou a Fera.

Névoas nublaram a imagem como se ele tivesse bafejado sobre o espelho. Quando elas clarearam, Bela ficou tão surpresa que ficou contente por não ser ela a segurar o espelho – certamente o teria deixado cair.

Tão real como se estivesse acontecendo bem diante dela através de uma janela, Bela podia ver carruagens brilhantes disparando por ruas de paralelepípedos, damas e cavalheiros elegantes vestidos em modas das quais ela havia somente lido a respeito, prédios, lojas, fontes e ruas como se o mundo inteiro estivesse cheio delas. *Tanta gente!* Desde anciãs aristocratas servidas por criadas uniformizadas, até mercadores com chapéus bonitos, mas remendados...

... passando por órfãos, mendigos, criancinhas famintas com olhos ferozes, desviando-se entre as pessoas, tentando ganhar alguns centavos... ou roubá-los...

Bela ficou sem palavras. Se ela tivesse um espelho assim, talvez nem se incomodasse em ler. Podia ver todo um mundo cheio de histórias, bem ali.

E então se deu conta de que estava se inclinando, tentando escutar o que as pessoas falavam, cheirar seus perfumes, sentir o ar da cidade em seu rosto.

Nada.

Era uma experiência estranhamente fria a despeito da beleza da imagem.

– Isso é meu objeto preferido – disse a Fera, triste. – Meu único objeto. Eu posso ver o mundo que estou perdendo... a vida que eu teria.

Bela franziu o cenho quando ele virou o espelho de volta para olhar por si mesmo.

– Mas... se você tem esse espelho, e sabe que precisa quebrar o feitiço, por que não o usou para se ajudar? – perguntou ela. – Você poderia tê-lo usado para encontrar uma garota, talvez... Ou...

Com um rosnado, a Fera impeliu o espelho de volta diante do rosto dela.

– Espelho, mostre-me o menino ruivo!

A imagem mudou. Agora era uma criança cujas mãos eram grotescas: como uma lagosta, com apenas dois dedos largos em cada mão e um polegar. Ele estava atrás de grades que segurava com seus dedos desajeitados, de pé em uma banheira de água. Diante dele, havia pessoas rindo e gracejando e, no caso de um “cavalheiro”, cutucando suas garras com uma bengala.

O mais triste não era a violência contida da cena, mas o quanto o menino parecia resignado; como seus olhos eram vazios, como ele podia ver que era isso o que lhe competia na vida, para sempre.

– Se eles fazem isso com uma criança, o que você acha que fariam com uma fera?

Bela mordeu o lábio. Ela não tinha uma resposta. Além da maldade e da ticanhice dos aldeões, ela nunca vira nenhuma crueldade real. Ao menos, não fora de um livro.

Ela queria tocar o rosto do menino. Queria vomitar. Queria...

A Fera retirou o espelho.

– Exatamente como aquele caçador estúpido naquele vilarejo do outro lado do rio provavelmente colocaria meu couro em seu piso para usar como tapete – resmungou ele.

– Gaston? – perguntou Bela, chocada. – Você está falando de Gaston?

– Não sei o nome de ninguém. Não posso ouvir nada – disse ele, chacoalhando o espelho. – Ele sempre vem para a floresta e atira em qualquer coisa grande, bela ou de aparência diferente. Ou que apenas esteja *se movendo*. Outros caçadores vêm e vão, caçando cervos ou pássaros... pela carne... Não

vejo problema nenhum nisso. Mas esse homem... ele só quer matar e empalhar tudo. Ele não precisa da carne.

Bela resolveu memorizar o modo como a Fera havia dito “carne” para mais tarde poder refletir a respeito. Ele era uma fera com várias centenas de quilos, e obviamente não comia torradas para manter seu peso.

– Se eu tentasse deixar o castelo, eles fariam isso. Eles me amarrariam e me exibiriam no circo... *se eu tiver sorte* – continuou a Fera. – Então eu observo o mundo daqui. É mais seguro.

– Mais seguro, exceto pelo fato de que não há como quebrar o feitiço – apontou Bela.

A Fera deu de ombros, impaciente.

– Você quer encontrar sua mãe?

– Sim, sim – disse Bela. – Vejamos.

– Espelho, mostre-me a Feiticeira que colocou essa maldição sobre mim!

A imagem se desvaneceu e o espelho ficou nublado – um cinza estranho que não refletia, uma prata que não brilhava.

– Ele nunca fez isso antes – disse a Fera, espantado, chacoalhando-o de novo como se isso fosse consertá-lo.

– Posso tentar? Espelho, mostre-me meu pai – ordenou Bela antes que a Fera pudesse responder.

Maurice surgiu, parecendo miserável, chacoalhando dentro da carruagem sem rodas e tentando olhar pelas janelas de volta para o castelo.

Bela sentiu que seu coração explodiria.

– Papai!

– Será que *ele* sabe onde sua mãe está? – perguntou a Fera, ansiosamente.

– O quê? Não – disse Bela, distraída. – Ele... nunca falou sobre ela, na verdade. Eu pensei que fosse por estar chateado por seja lá qual motivo ela partiu... mas agora acho que talvez ele apenas... de alguma forma... não *se lembra* dela. Do mesmo jeito que eu não me lembro.

– Hunf. *Mostre-me a Feiticeira* – disse a Fera, levando o espelho para longe dela.

Porém, a imagem tornou a desaparecer naquele mesmo cinza estranho.

– Mas o meu pai... – recomeçou Bela.

– O que tem ele?

– Ele *precisa* de mim...

– Ele te criou sozinho, não foi? Parece que ele se saiu muito bem. Ele vai ficar bem sozinho por alguns dias – apontou a Fera.

Bela o fitou, carrancuda.

Seu pai não podia... ele não conseguia...

... fazer as refeições, cuidar do jardim deles, ganhar dinheiro para os comestíveis que eles não plantavam ou colhiam por conta própria, passar seus dias inventando – todas as coisas que ele fazia antes que ela tivesse idade suficiente para ajudar... quando ele tomava conta dela...

Seu lábio tremeu. É claro que ele estava bem.

Espere...

– Você acha que ele *se saiu muito bem*? – ela não conseguiu evitar a pergunta.

A Fera deu de ombros, subitamente embaraçado.

Ela se flagrou sorrindo.

Será que ele... ele estava *quase* sorrindo de volta? Os olhos dele, ao menos?

Porém, após um instante, a realidade sombria caiu novamente sobre eles.

– E agora? – perguntou a Fera, indicando o espelho fracassado.

Bela, entretanto, estava exausta e sem ideias.

– Não sei. Foi um dia longo. Estou muito cansada.

Ele *lhe deu* um sorriso dessa vez, embora débil.

– Eu também. Podemos muito bem... ir para a cama... – disse ele, dando de ombros.

– Acho que temos uma eternidade para dar um jeito nisso – disse Bela, suavemente.

Enquanto se viravam para passar outra vez pela porta, eles andaram juntos, lado a lado, em um amistoso – embora melancólico – silêncio.

Não voltaram a falar até que a Fera a tivesse levado até a porta do quarto dela.

Bela começou a abrir a porta, depois parou. Ela nunca sentira dificuldade com as palavras; durante toda sua vida, sempre tivera uma resposta na ponta da língua, um insulto gentil ou um revide divertido para qualquer coisa que os aldeões lhe dissessem. Agora, descobria que puxá-los de seu coração – e não de sua mente – era como arrastar algo afiado e relutante para fora de um poço.

– Eu... sinto muito – disse ela, baixinho. – De verdade. Eu não deveria ter tocado naquela rosa.

Ela se forçou a fitá-lo diretamente nos olhos. Seus olhos nada animais.

A Fera *lhe deu* um sorriso triste.

– Você era minha prisioneira. Por que escutaria *qualquer coisa* que eu *lhe dissesse*? E... não teria importado... De qualquer forma... você tem razão. Eu não teria quebrado a maldição sozinho.

Ele olhou para os próprios pés. O silêncio se acumulou sobre eles como neve suave.

– Boa noite – disse Bela finalmente, abrindo a porta e entrando.

A Fera, porém, negra como uma sombra e duas vezes mais silenciosa, já tinha ido embora.

* Lobisomem no folclore francês. (N.T.)

Um Castelo, Assombrado

Assim que Bela fechou a porta atrás de si, uma quietude total e pesada caiu sobre tudo. Ela se reclinou contra a madeira firme e fechou os olhos. Talvez empurrasse uma cadeira contra a porta, mas, de alguma forma, não achava que a Fera fosse voltar naquela noite. Não estava claro contra o que ela construiria aquela barricada.

Ela esfregou as palmas das mãos sobre o rosto. Sentia-se ressequida e exaurida. Lembrando-se da bacia e do cântaro dignos de uma princesa na cômoda, Bela foi até lá e jogou um pouco de água na mão em concha e então no rosto.

– Tem uma toalha ali, se você quiser – disse a guarda-roupa, prestativa, atrás dela.

Bela não chegou a dar um pulo ao ouvir aquela voz de repente, apenas *estremeceu*. Também se sentiu um tanto tola; pendurada bem ali estava uma luva de banho.

– Obrigada.

– Se quiser água quente, podemos pedir para que subam um pouco aqui para você – acrescentou a guarda-roupa.

– Não, estou bem, realmente, obrigada.

A ideia de uma toalha *quente* era, na verdade, incrivelmente atraente. Para ter uma em casa, Bela em geral tinha que cronometrar direitinho com a produção do jantar ou do café da manhã; eles só tinham duas panelas, e uma continha a refeição. O sistema de água automático de seu pai facilitava para conseguir água de poço pura, limpa e fria a qualquer momento do dia – era o aquecimento dela que exigia esforço. Às vezes, ela colocava uma panela em cima da forja, se o forno estivesse aceso.

Mas não podia lidar com mais nenhum dos estranhos objetos “inanimados” naquele momento. A... *presença*... da guarda-roupa era o suficiente.

Antes que pudesse terminar este pensamento, porém, houve uma batida leve na porta.

– Entre – ela se viu dizendo, educadamente, antes que pudesse se conter.

– Desculpe incomodá-la, senhorita. – Uma coisa engraçada de couro e metal, cujo uso original ela não podia nem começar a adivinhar, veio bamboleando com várias toras robustas equilibradas cuidadosamente em suas... costas. Lumière entrou saltitando atrás.

– Eu pensei em... completar aqui, para não perturbá-la essa noite – disse o pequeno candelabro.

Seu companheiro cautelosamente empilhou as toras e, em seguida, mexeu com alguns gravetos e outros materiais inflamáveis na própria lareira. Fazendo uma reverência elegante – e dramática –, Lumière conseguiu acender a lareira com um único toque de sua mão-chama. Rapidamente o fogo crepitava, laranja e amistoso.

– Obrigada, Lumière – disse Bela, afetuosa. Ela mesma poderia ter acendido a lareira, claro, e certamente poderia cuidar do fogo sozinha, ao contrário do tipo de princesa que provavelmente ficava neste quarto muito tempo atrás. Era pela parte do “não perturbá-la essa noite” que ela estava grata.

Ele fez outra reverência, menos inclinado a falatórios do que o habitual, e saiu do quarto saltando. O outro objeto, talvez um laçao em outras eras, seguiu logo atrás.

O fogo crepitava alegremente agora, mais destacando o silêncio do que o quebrando. Bela se espreguiçou, bocejou e começou a desamarrar a parte de trás de seu corpete.

– Eu tenho algumas camisolas adoráveis, se quiser – disse a guarda-roupa, ansiosa.

– Ah... não... essa noite não, obrigada – disse Bela. – Sem querer ofender.

– Não, claro que não – disse a guarda-roupa, um pouco depressa demais.

– Foi um dia... estranho... e muito longo – disse Bela, tão pacientemente quanto conseguiu. – Eu só quero... dormir com minhas próprias roupas hoje.

A guarda-roupa se moveu de um modo que Bela não sabia como descrever: *suavizando-se* de alguma forma, ficando borrachuda nas bordas.

– Eu entendo, meu bem – disse ela, em um tom muito mais compassivo. – Durma um pouco. *Foi realmente* um longo dia. Até para nós.

– Obrigada – suspirou Bela. Ela tirou com cuidado seu avental longo, depois a camisa, e os dobrou minuciosamente, colocando-os na cadeira. Se a guarda-roupa achava que eles ficariam melhor dentro de suas gavetas, sabiamente não disse nada.

Usando sua combinação de roupas de baixo, Bela puxou para trás a colcha incrivelmente quente e macia e deslizou por baixo dela. O vão que seu corpo abriu contra os lençóis de seda era gelado no começo, mas ela sabia que em alguns poucos minutos estaria quente o bastante para que pudesse sair da posição fetal em que se encontrava.

Pensou em sua mãe.

Bela tentou ignorar a mesma sucessão rápida, quase violenta de imagens que vira quando havia tocado a rosa. Ela tentou se concentrar no que *de fato* se lembrava. Era muito, muito pouco. Ela julgou se recordar de um sorriso, amplo e cálido, e não tão cheio de dentes como o da mulher na visão. Lembrou-se do cheiro de rosas e da sensação da luz do sol. As rosas e a luz do sol e sua mãe estavam todos misturados, como se todos fossem parte da mesma coisa, e um não pudesse existir sem os outros dois.

Qual mulher era real? Aquela de quem ela não se recordava de verdade, ou aquela em sua visão?

Porém, antes que ela pudesse começar a cogitar a resposta, outra questão se impôs de imediato:

Das duas, qual tinha mais probabilidade de abandonar sua filha e seu marido?

Bela não conseguia decidir exatamente quando sua mãe havia partido. Era tudo um contínuo, e em algum ponto sua mãe estava lá, e na maioria do tempo não estava, e Maurice *sempre* estava lá. E Phillipe. E o jardim de rosas.

Quando os aldeões eram gentis, diziam a Bela como sentiam muito que ela não tivesse uma mãe de verdade para criá-la. Alguns até se ofereciam para tomá-la sob seus cuidados, para ensiná-la como ser uma garota “respeitável”. Obviamente ela era um tanto... *estranha*... por ter sido criada pelo pai, como um menino. Não era culpa dela, na verdade.

Estariam eles corretos? Mesmo que só um pouquinho?

Se a mãe dela tivesse ficado, de que modo tudo seria diferente?

Será que ela escovaria os cabelos compridos de Bela à noite, enquanto sua filha lhe contava sobre seu dia e sobre as garotas más da cidade? Será que ela teria lhe ensinado como assar bolos e doces, cuidar de suas unhas, ordenhar as cabras de maneira mais eficiente?

Ou será que ela teria me ensinado, pensou Bela, amarga, *a como plantar rosas mágicas e amaldiçoar pessoas e invocar raios com as minhas mãos?*

Aquilo teria sido interessante.

Apesar da cama aquecida, Bela ficou cada vez menos confortável, virando e revirando enquanto esses pensamentos afiados rasgavam o interior de sua mente, abrindo buracos e deixando entrar novas ideias.

Em algum momento o sono acabou encontrando Bela de qualquer jeito, enfiando suas gavinhas recurvadas nos olhos, nariz e boca e consumindo-a, mesmo enquanto ela resistia.



Os olhos dela se abriram de súbito no meio da noite.

Bela não fazia ideia de que horas seriam. Maurice tinha relógios – vários deles – mas, mesmo sem eles, ela conseguia dizer, pelos movimentos e ruídos das galinhas e dos animais e pela *sensação* da casa, que horas eram.

Aqui podia ser cinco minutos depois de ela pegar no sono, ou cinco horas.

O quarto estava escuro, exceto pela bolha de espaço alaranjado iluminada pelo fogo. Lá fora, ela podia sentir que também estava frio. Tudo estava tão silencioso como quando ela fora dormir; não havia sequer os passinhos de um rato ou ratazana para recordar uma noite normal em casa.

Ela não se lembrava de algum dia ter acordado em lugar algum além da pequena casa de fazenda que dividia com o pai – ou na floresta em uma noite quente de verão, se eles tivessem passado a noite ali enquanto procuravam comida. E ali, ela teria estado cercada pelas canções conhecidas de insetos e pássaros noturnos.

bela...

Não era um som, não era um pensamento. Era como uma nuvem de uma memória de uma ideia – *quase*; algo do qual você pega o mais leve traço, e que lhe faz lembrar de outra coisa. Porém, quando questionado, você não conseguiria explicar o que era.

Bela se sentou.

A guarda-roupa continuou imóvel. Dormindo? Dormitando? Sonhando?

Quase inconsciente do que fazia, Bela jogou as pernas pela lateral da cama.

Sombras se moviam pelo teto – apenas o resultado da luz do fogo brincando sobre os objetos do quarto. Provavelmente. Ela franziu a testa, observando-os com os olhos espremidos. Não havia como ter... *coisinhas*... correndo de um lado para o outro entre as sombras, esguias como fumaça – certo?

Lentamente, ela se levantou da cama. Depois de debater por um momento, ela pegou um círio grosso de uma arandela e o acendeu na lareira, as mãos em concha ao redor para que a chama não se apagasse quando ela recuasse.

Dando uma última olhada no quarto ao redor, ela abriu a porta tão silenciosamente quanto pôde e saiu.

Bela ficou na escuridão completa do corredor, sentindo-se tola por um instante.

Conforme seus olhos se ajustavam, ela começou a discernir as silhuetas vagas e obscuras das coisas. Sem nenhuma luz além de sua única vela minúscula, era espantoso o quanto aquelas *coisas* mudavam e se moviam tanto quando vistas de relance. Ela poderia jurar que antenas finas e estranhas de escuridão tinham começado a tecer uma teia nos cantos das paredes e do teto.

bela...

Ela penetrou no grande salão mais além, tentando seguir ou fugir de seja lá o que a estivesse chamando. Carpete escuro e suntuoso amaciou seus passos e apenas aumentou a sensação assustadora.

De súbito, ela se deu conta de que as estátuas que ela ignorara no começo como réplicas greco-romanas *não retratavam* deuses e heróis; elas eram, na verdade, demônios uivantes e cheios de dentes.

Ela parou, piscando para as estátuas. Será que sempre tinham sido daquele jeito? Mesmo quando ela entrou no castelo pela primeira vez? E ela simplesmente não havia notado?

Mesmo a mais normal, de aparência mais angélica, tinha a boca aberta em um rosnado violento, revelando dentes afiados e inumanos.

Lá no alto, o que ela imaginara serem querubins de alabastro apoiando abóbadas agora exibiam expressões hediondas nos rostos e estranhos olhos fechados. As mãos deles se estendiam como que para agarrar qualquer um que se aproximasse demais. A luz da vela tremeluziu em seus detalhes apavorantes: olhos, presas e garras.

Ela recuou, esbarrando em uma mesa logo atrás. Sentiu um vaso se desequilibrar e girou para apanhá-lo... e então perdeu o fôlego. As pernas da mesa em que o vaso estava pareciam monstros escravizados, infelizes e raivosos por estarem suportando aquele peso.

bela...

Algo estava na antes proibida Ala Oeste. Algo tinha sido deixado lá, algo que eles não tinham notado.

Não era proibida agora, mas aquilo não significava que ela desejava subir lá sozinha, no meio da noite. Até a presença da Fera teria sido aceitável. Talvez ele *estivesse* por lá, adormecido.

O pensamento lhe deu coragem.

Tentando conter seus nervos, ela caminhou adiante com mais certeza, como se isso fosse *escolha sua*. Como se estivesse apenas procurando desvendar um mistério do qual se esquecera. Não como se fosse uma garota assustada e solitária, de roupas de baixo, com uma vela, como alguma heroína tonta de um dos romances leves que lia. Essa ideia também lhe deu coragem; ela era *Bela*, não uma idiota.

Começou a marchar escada acima e então pensou...

Espere aí, quem mais além de uma idiota seria impulsionada apenas por sua imaginação hiperativa?

O castelo a estava afetando. Algo nas sombras fazia parecer que ela estava ascendendo para uma jaula gigantesca, relembrando-lhe as teias de marfim nas muralhas. As escadas não lembravam nada além de uma rampa em direção a uma armadilha, como aquela que seu pai projetara contra ratos.

Talvez devesse apenas voltar para a cama, ou ver se uma das criaturinhas serviçais estava acordada... Ela deu meia-volta.

Ali, no meio dos degraus, aparentando sempre ter estado ali, havia uma estátua – feita totalmente de hera.

Bela ficou assustada demais até para gritar. Ela colocou a mão sobre a boca e mordeu os nós dos dedos – uma parte minúscula e abafada de sua mente dizendo: *Aha! É por isso que as pessoas nas histórias fazem isso. É para que não desabem em pilhas inúteis e gritalhonas de insanidade.*

Pequenas poças de água estavam se formando devido à neve derretida. Por algum motivo, observar o gotejar da neve era o mais assustador de tudo. *Ela deve ter vindo do jardim*, pensou Bela, loucamente. Não parecia haver nada sob as folhas e galhos; eles tinham se entrelaçado ao redor de si mesmos para assumir a vaga semelhança de uma pessoa. Talvez uma mulher. Seus braços verdes e amorfos estavam erguidos, suplicantes.

Bela subiu as escadas de costas, aos tropeços, afastando-se da coisa e ficando de olho nela. Ela não se moveu.

Tremendo e emitindo pequenos gemidos no fundo de sua garganta, Bela continuou se movendo, recuando até o topo das escadas, quase tropicando ao procurar o degrau seguinte, que não estava lá. Seu pé desceu com força no piso em vez disso, dando um solavanco com seu tornozelo que subiu por sua coluna. Ela soltou um grito involuntário e alcançou o patamar da escada, vacilante, mal conseguindo se segurar. No entanto, conseguiu manter a vela firme nas mãos, sem ousar soltá-la.

Percebendo que havia desviado o olhar da estátua, se levantou rapidamente e se virou.

Aquilo estava agora mais acima na escadaria, apenas alguns metros atrás dela.

Bela soluçou.

Os braços da estátua estavam na lateral do corpo, como se ela soubesse que Bela terminaria de ir para onde estava sendo conduzida por conta própria. Ela estava ali apenas como um lembrete.

Bela respirou fundo – e então correu os últimos dez metros até a alcova da Fera. Ela começou a colocar as mãos nas maçanetas feias e monstruosas de bronze que abriam a porta do quarto dele... e em seguida parou, uma dor aguda e diferente subitamente surgindo na sola de seu pé.

Ela olhou para baixo: um caco enorme de vidro estava preso em sua carne. Sangue escorria lentamente, pingando. Com um esgar, Bela se abaixou e o retirou com um puxão. O caco era do espelho gigante na parede, aquele que havia sido despedaçado pela Fera – sem dúvida, depois de ele flagrar seu reflexo ali.

Bela ergueu o olhar para o que restava do espelho agora, levantando a vela e movimentando-a pela área. Era difícil dizer exatamente com tão pouca luz e tantos cacos apontando para todo lado, mas mesmo assim Bela podia ver que eles não a refletiam, nem nada ao seu redor. Ela franziu a testa e olhou com mais atenção.

Um caco de espelho mostrava uma dama loira guiando cuidadosamente a mãozinha gorda de uma menina sobre um buraco no chão, para deixar sementes caírem...

... outro caco mostrava a mulher jogando folhas sobre a menina como uma nevasca...

... um terceiro mostrava a mulher e a menina em roupas que pareciam combinar, rodopiando e rindo...

Bela se deu conta, com um choque, de que todas essas eram cenas de *sua mãe e ela* fazendo coisas juntas: sua mãe a abraçando apertado; sua mãe correndo atrás dela, enquanto Bela fugia chorando; sua mãe e Maurice a aninhando em sua caminha...

Alguns mostravam Bela quando bebê, a pequena família em um aposento que ela não reconhecia, sem nenhum jardim de rosas e um castelo estranhamente familiar ao fundo.

Bela ofegou. Ela havia morado *aqui*? Neste *reino*? Era *daqui* que seu pai e sua mãe haviam se mudado quando ela era um bebê?

Ela não se recordava de nada daquilo. Era como assistir a outra pessoa – como ver outras pessoas através do espelho mágico da Fera. Esta era uma família diferente, algo que acontecera em outra época, com outra pessoa.

– Não – sussurrou Bela. – Por que eu não consigo me lembrar disso? *Maman? O que é isso tudo?*

Como se respondessem, todos os caquinhos de repente ficaram escuros.

Um único rosto surgiu na escuridão: cheio de cicatrizes e sombras e monstruoso – mais monstruoso ainda do que a Fera, pois este era ao menos em parte humano. Mutilado, marcado, sangrento e despedaçado, quaisquer feições que tivessem restado tinham sido apagadas, enterradas nas sombras.

bela...

Grasnou o rosto – em seguida, saltou na direção dela...

traída fui traída fique longe fique segura longe do escuro

Bela caiu para trás, gritando.

Ela não podia *parar* de gritar. Todo o terror e a insanidade daquela noite se acumularam e explodiram. Ela sentia que aquilo jamais acabaria, os gritos, o terror e a escuridão a envolveriam eternamente.

As grandes portas se abriram, e de repente a Fera estava ali. Ele a apanhou em seus braços enormes, revoltantemente peludos, e ela começou a espernear e a gritar mais alto. Ele a segurou com cuidado para que ela não pudesse tocá-lo e saiu correndo, levando-a de volta para seu próprio quarto.

– *NÃO!* – berrou ela. – *EU NÃO VOU VOLTAR PARA LÁ!* As sombras! Está escuro demais!

A ideia de ficar trancada lá, longe do fogo, com a escuridão, a guarda-roupa, as sombras e nenhuma fuga possível era demais.

A Fera parou por um momento, depois a carregou para o escritório onde ela o amarrara mais cedo. Objetos sonolentos espiaram de cada canto, atizaram o fogo e esperaram, curiosos, enquanto a Fera a colocava sobre um divã.

– Aqui, tome um gole disso – disse a Madame Samovar. Bela reparou que ela vestia uma capinha de crochê como alguém usaria um robe. A xícara que ela ofereceu não era Zip, e o líquido dentro dela não era chá.

– Não – protestou Bela.

– *Ma chérie* – disse Lumière, gentilmente –, é sério? Não acha que se quiséssemos envenená-la, poderíamos ter feito isso antes?

Em meio à espessa balbúrdia em sua cabeça, Bela pôde ver a lógica daquilo. Ela também pôde ver como estava se comportando de maneira ridícula – uma garota histérica em meio às coisas mais próximas que tinha de *amigos* no momento.

Ela apanhou a xícara e a secou em um gole.

– Calma, *mon petit chou* – riu o pequeno candelabro.

Ela não tossiu nem engasgou. O calor feroz atingiu seu estômago em uma explosão de conforto.

A calma retornou a ela em algum momento... O tique-taque do rosto de Horloge ajudou a reduzir a velocidade de sua própria pulsação. O sono voltou para reclamar o que lhe fora negado.

– *Não vá embora!* – ela cochichou antes de finalmente sucumbir, implorando a... *alguém*.

Talvez até à Fera.

A Biblioteca

O escritório não tinha janelas para deixar a luz matutina entrar – nem para revelar a rede assustadora e esquelética que dominava as muralhas exteriores do castelo.

O fogo estava baixo, emitindo um brilho laranja estável. Todas as sombras pareciam calmas.

Alguém havia jogado uma colcha – *de seda?* – sobre Bela e cuidadosamente colocado um travesseiro sob sua cabeça. Ela estava, apesar de tudo o que acontecera, absurdamente confortável, quente e sonolenta. Segura.

De alguma forma, sua alma sabia que já era dia – que todos os demônios e pesadelos tinham sido banidos de volta para o lugar de onde vieram pelas próximas doze horas, e não havia nada a temer.

Ela puxou o pé para dar uma olhada no machucado.

Ainda estava ali.

Tudo era real.

Bela suspirou.

Ela já lera muitos romances com tendências sombrias e assustadoras para ficar realmente surpresa – *O Castelo de Otranto* era uma de suas leituras favoritas em inglês. Para todos os propósitos, ela era a heroína apavorada e exagerada, vagando por um castelo amaldiçoado à noite, vendo coisas nas sombras, saltando a qualquer ruído.

Além disso, ela não podia, nem em seus momentos mais imaginativos, ter inventado uma estátua de hera que se esgueirava, seguindo-a quando ela não estava olhando.

Bela esfregou as mãos sobre o rosto. Será que sua mãe estava morta? Estaria ela assombrando este castelo? Será que ele estava, de algum modo, cheio de sua alma ou de suas memórias?

As cenas mostradas nos cacos do espelho não eram apenas momentos felizes, típicos de mãe e filha, que ela poderia ter encontrado em qualquer livro bem escrito; as duas brigavam em algumas circunstâncias e não faziam *nada* em outras. Apesar de os detalhes serem vagos nas visões minúsculas, Bela podia ver sua mãe franzindo o cenho e seu cabelo desalinhado. Imperfeito.

E o que dizer daquela outra casa? O aposento minúsculo, aquele do qual ela não se recordava, em algum ponto da cidade lá embaixo? Não havia dúvidas de que aqueles eram fragmentos de memórias reais que ela já não possuía mais.

Assim, o que acontecera com elas?

Bela se levantou, foi até a lareira e pegou o atiçador. Ela se ajoelhou diante do fogo como uma suplicante e começou a cutucar as brasas de leve – não por alguma necessidade real de mais calor, mas sim em busca de algo que fazer.

Mal-humorada, ela sentiu pequenos anéis de pensamento tentando entrar sorrateiramente em sua consciência. Pensamentos irritantes. Que ela já tinha rejeitado havia muito tempo.

Por que ela não tivera uma mãe, por todos aqueles anos? Aonde ela havia ido?

E: talvez, apenas talvez, ela realmente *gostaria* de ter uma mãe. Só um pouquinho.

Não deveria existir nenhuma diferença perceptível entre um pai penteando os cabelos dela e uma mãe.

E, contudo, existia.

– Bom dia, querida. – Madame Samovar entrou valsando, fumegando e animada. Atrás dela, o próprio Horloge empurrava um carrinho de coisas para o desjejum: chocolate, pães, bacon, que estava cheiroso, suntuoso e gorduroso, uma tigela de compota quente.

– Ah, o que você está fazendo aí, nas cinzas? – perguntou ela, estalando a língua. – Isso é trabalho para o James! Levante-se, vai arruinar sua linda combinação!

Bela se perguntou como eles sabiam que ela estava acordada. Haveria algo no quarto secretamente vivo, transmitindo a mensagem pela casa de alguma forma, como telepatia? Ou seria apenas um instinto puramente natural de bons criados?

De qualquer jeito, ela teria apreciado mais alguns minutos sozinha.

Embora o bacon *realmente* estivesse com um cheiro ótimo.

– Aqui estão suas roupas – disse uma arrumadeira-espanador, dançando em suas saias emplumadas. Ela carregava o avental longo de Bela, todo limpo e passado. – A... guarda-roupa achou que você fosse gostar delas.

– Obrigada – disse Bela, educadamente. – Desculpem-me pela noite passada...

– Ah, imagine – disse Madame Samovar, virando a cabeça. – A primeira noite em um castelo encantado! Quem poderia culpá-la?

Bela contemplou os três objetos *olhando* para ela cheios de expectativa, e percebeu que não estava desperta ou alegre o bastante para lidar com eles.

– Eu... acho que gostaria de me vestir agora – disse, delicadamente.

– Mas é claro! – disse Horloge, aturdido. Ele praticamente tropeçou nos próprios pés, fazendo reverências e saindo de costas.

– Avise-nos se precisar de qualquer coisa, querida. – Madame Samovar usou seu bico para indicar à espanador que saísse também.

Quando a porta se fechou após a partida deles, Bela suspirou. *Uma eternidade disso? Será que o bacon vale o esforço?* Ela havia lido sobre como servos e membros do séquito em geral disputavam

entre si o privilégio de entregar à rainha da França sua roupa de baixo de manhã – enquanto a própria rainha continuava tremendo, à espera, na cama.

Bela vestiu o resto de suas roupas rapidamente, incerta sobre quando ocorreria a próxima interrupção.

Tinha acabado de servir o chocolate e começado a morder um croissant quando ouviu uma batida leve, mas animal – *carnuda* – na porta, que se abriu um centímetro.

– Posso... entrar? – perguntou a Fera, com delicadeza.

– Pode, sim.

Ela ficou surpresa ante o alívio que sentiu por ser *ele*. Não havia nada de normal a respeito dele, ou dessa situação – ou particularmente agradável sobre ser jogada em um quarto e avisada de que era uma prisioneira –, mas havia, ironicamente, algo um pouco mais *humano* na Fera do que em seus criados.

– Você está... bem? – perguntou ele com aspereza, olhando em torno, como se fazer a pergunta o constrangesse.

– Sim, obrigada. Espero que isso não aconteça todas as noites do meu eterno cárcere aqui. Chocolate? – ofereceu ela, empertigada.

– Não.

A Fera não parecia capaz de ficar imóvel por muito tempo. Ele se aproximou e sentou em sua cadeira, virando o corpo para lá e para cá, olhando para a lareira, e então se levantou de novo.

– Eu quero sair e caçar – admitiu ele, finalmente. – E não posso.

Bela sentiu seu estômago se contrair. No entanto, qualquer pensamento sobre os hábitos mais bestiais da Fera foi jogado de lado pelo que ele disse em seguida.

– Todos os portões estão bloqueados agora. Não há como sair da área.

Presos!

Bela sentiu seu coração disparar em uma pulsação feia, trôpega. Sua decisão de trazer a Fera de volta para casa havia selado também seu destino. Para sempre.

Bela engoliu em seco e tentou se acalmar. Entrar em pânico não resolveria nada. Ela se sentou cautelosamente no divã – a colcha ordenadamente dobrada perto dela.

– Eu vi algumas coisas estranhas na noite passada – disse ela.

A Fera não falou nada; apenas ergueu uma sobrancelha.

– Acho... se eu não soubesse, pensaria que minha mãe está tentando entrar em contato comigo de algum modo. Não sei se ela está morta ou viva, mas *algo* dela está tentando falar comigo. Me alertar. Através dessa maldição, ou através de... alguma outra coisa. Ela disse algo sobre ter sido *traída*. E que eu deveria manter distância do escuro.

A Fera se animou visivelmente, a despeito da apreensão nas palavras dela.

– Você acha que ela pode ainda estar viva?

– Antes da noite passada, eu nunca pensei que ela estivesse *morta*. Eu pensava que ela havia apenas nos deixado – admitiu Bela, percebendo que era verdade assim que disse aquelas palavras. Como teria

sido fácil para todos simplesmente dizer a Bela que sua mãe tinha morrido! Triste, mas simples e *acabado*. Pobre orfãzinha, sem mãe. Os aldeões teriam ficado com dó dela e ela jamais teria questionado o fato. – Acho que nós moramos aqui – disse Bela, devagar. – Neste reino. Quando eu era um bebê. Eu vi no espelho do andar de cima, aquele quebrado. E eu sei que nós nos mudamos para a aldeia quando eu era menor, então isso... faz sentido.

A Fera continuou a olhar para ela.

– E daí?

– Daí... eu tenho que acreditar que uma feiticeira poderosa que lança maldições e lida com rosas e espelhos mágicos provavelmente era bem conhecida nesse... estranho... reino, se ela era daqui. *Morava* aqui. Se pudéssemos descobrir mais a respeito dela, talvez isso ajudasse. Talvez ela tenha te amaldiçoado porque foi traída por alguém? Talvez, se descobrirmos o motivo, podemos fazer sua alma repousar, ou algo assim? Se ao menos houvesse alguém mais com quem pudéssemos falar, ou talvez vasculhar minha velha casa... Mas estamos *presos* aqui...

Ela bateu a mão no carrinho, frustrada, fazendo com que os objetos nele chacoalhassem e estalassem. Os olhos da Fera se arregalaram e ele pareceu recuar de leve.

– Como podemos descobrir *qualquer coisa* sem conseguir... pesquisar nada?

A Fera franziu a testa; Bela podia praticamente ver as engrenagens virando na imensa cabeça hirsuta.

– Um... livro? – disse ele finalmente, hesitante.

Bela piscou.

– Um livro sobre as pessoas deste reino. Uma *história*. – Fera ficou mais empolgado conforme falava. – Talvez histórias? Talvez... registros?

– Claro. Porém, onde encontraríamos esses livros?

– Na biblioteca – disse ele, dando de ombros, apontando por cima do ombro. Foi um gesto tão casual, tão humano, que Bela se espantou.

E então registrou o que ele havia dito.

– Biblioteca – disse ela, devagar, recordando-se do que Lumière e Horloge tinham falado enquanto tentavam atraí-la para longe da proibida Ala Oeste. – *Você tem uma biblioteca!*



– *Oh. Mon. Dieu.*

Bela não passou da porta.

Ao menos, não de imediato.

A Fera ficou de lado, tendo muito gentilmente aberto as portas para ela, segurando Lumière acima da cabeça dela para iluminar o caminho. Ambos pareciam perplexos enquanto ela simplesmente permanecia ali, sem entrar.

A extremidade oposta da biblioteca parecia estar a quilômetros de distância. A mobília consistia em uma lareira gigantesca, poltronas de veludo ricamente estofadas, pinturas coloridas de paisagens e mesinhas atarracadas sobre as quais poderia colocar os volumes realmente pesados.

E toda a extensão entre isso e a porta diante da qual Bela se encontrava estava... cheia... de... livros.

Do chão até o teto incrivelmente alto, livros.

Três andares de livros.

Sacadas douradas e escadarias delicadas que permitiam aos leitores subir até os níveis mais altos. Bela parou de tentar contar o número de estantes depois de chegar a vinte.

Ao contrário do resto do castelo, escuro e sinistro, essa sala era toda iluminada: pedra perolada revestia o piso, gesso branco e dourado cobria as paredes, tetos prateados refletiam a luz suave que penetrava pelas janelas altas e estreitas. Por trás das cortinas pesadas havia bancos, permitindo aos leitores que se escondessem do resto do mundo com seus achados.

– AH, MEU DEUS!

Bela finalmente entrou na sala e começou a rodopiar, tonta, arrebatada.

– Isso é como... é como... Eu *nem sei* com que isso se parece! Uma universidade! Uma biblioteca em Paris! Uma...

A Fera entrou aos poucos com suas pernas desajeitadas, olhando ao redor para a sala como se fosse pela primeira vez.

– Uma biblioteca em um castelo? – sugeriu ele.

Bela o encarou, tentando descobrir se ele a estava provocando. O rosto dele estava tão feroz e indecifrável como sempre – mas será que seus olhos estavam dançando, só um pouquinho?

– Esqueça o seu espelho mágico – ela resolveu dizer. – Se eu morasse aqui, passaria minha vida toda aqui dentro, lendo.

– São apenas... livros...

Ele cuidadosamente acendeu os candelabros na parte da frente da sala e colocou *Lumière* no chão, dispensando-o.

– *Apenas livros?* Isso é como dizer que Alexandria é *apenas uma biblioteca*. – Ela correu para a estante mais próxima e inclinou a cabeça, lendo títulos. – Você não entende. Eu não compreendo como você não entende. Veja: aqui está um texto antigo em grego sobre astronomia... e junto dele, está tudo o que Galileu Galilei escreveu! Essa seção inteira é sobre as estrelas e planetas e *o universo inteiro!*

A Fera ficou ali, parecendo levemente embaraçado, coçando a nuca com a mão.

Bela pegou um livro e correu até ele, enfiando-o em seu focinho.

– Até *esse homem*, Copérnico, surgir, todos pensavam que o universo inteiro girava ao redor da Terra. Que nós éramos o centro de tudo. – Ela abriu em uma página que exibia uma gravura dos planetas e seus caminhos, pequenas legendas com seus nomes e a extensão de suas órbitas. – Graças a homens como ele, Tycho Brahe e Kepler, agora sabemos que *nada* gira ao redor da Terra, exceto a Lua.

– Livros podem nos dizer tudo isso? – perguntou a Fera, tomando o livro dela e franzindo o cenho para as palavras.

– Livros podem lhe dizer quase tudo o que a humanidade sabe. Ou imagina – acrescentou ela, após um instante. – Acho que eu não conseguiria ter crescido no vilarejo de onde vim sem livros. A vida é... era... hum... *pequena* por lá. Sempre as mesmas pessoas, as mesmas fofocas, a mesma *comida*... sempre a mesma... Ler livros me fez perceber que havia um mundo além do rio, além das pessoas que zombavam de mim e do meu pai. Que havia cientistas, e escritores, e exploradores, e todo tipo de gente fascinante por aí... em algum lugar... levando vidas interessantes... *Você* tinha um espelho mágico que lhe permitia ver a vida além do seu mundo minúsculo. Seu castelo. *Eu* tinha os livros. Ler é como viajar para outros lugares. Ser outras pessoas. Viver outras vidas. Ler deixava a vida muito menos... triste e solitária para mim.

A Fera folheou algumas páginas do livro e franziu a testa, desconfiado.

– Meu tutor lia para mim às vezes – admitiu ele, espremendo os olhos para uma frase no livro. – Nunca gostei de ler. Preferia sair para caçar ou cavalgar meu cavalo. Eu não sabia... não sabia que eles podiam fazer essas outras coisas.

Em seguida, ele olhou para ela com uma expressão estranha.

– *Você* era triste e solitária? – indagou ele.

– Sim – disse Bela, subitamente se sentindo tímida enquanto guardava o livro de volta na estante.

Ele ainda olhava para ela, confuso, como se tentasse extrair dela algum segredo de sua existência.

– Estamos aqui para encontrar minha mãe e sua feiticeira ou *para quê*? – Ela colocou no rosto sua expressão mais séria e deslizou um dedo ao longo da fileira de livros. Eles estavam empoeirados, mas não em demasia. As pequenas criaturas animadas deviam fazer rondas regulares por ali em suas rotinas de faxina, sonhando com o dia em que alguém que realmente gostasse de livros fosse entrar...

Ela se perguntou se haveria algum *livro* encantado. *Isso, sim*, seria realmente empolgante! E também útil, já que ela não sabia exatamente como as coisas estavam organizadas. Não havia nenhuma plaquinha de identificação nas estantes, e ela não tinha o monsieur Lévi para guiá-la.

– Eu não consigo encontrar *nada* aqui! – reclamou a Fera após apenas um ou dois minutos, ecoando os pensamentos dela. Ela não podia vê-lo, mas o espirro emitido por ele fez com que todas as prateleiras estremecessem, assim como a escada na qual Bela se encontrava.

– Bem, vejamos... Onde estaria *história*... – disse Bela, pensando. – Como... listas de reis antigos, ou crônicas de batalhas, ou uma história de divisão de terras, ou talvez algo da igreja? Às vezes eles registram coisas que outros não registram.

– *Não tem nada assim por aqui*. Só uma seção inteira sobre cen-so po-pu-la-cio-nal.

Bela esperou.

A Fera ficou em silêncio por um momento.

– Ah – disse ele, finalmente. – Acho que encontrei.

E Ela com o Nariz Enfiado em um Livro

Dez minutos depois, eles estavam diante de um fogo aconchegante na biblioteca. Lumière tinha vindo após o tocar de um sino e, com a ajuda de um atizador enferrujado, acendeu e abanou o fogo para eles. Lanches *não eram* permitidos – aquela era uma lei mais antiga que os pais da Fera –, mas uma chaleira foi trazida sob insistência da Madame Samovar, e sob insistência de Lumière, veio uma garrafa de vinho com especiarias.

Pilhas enormes de livros antigos jaziam ao redor deles; a Fera podia não ser um leitor rápido, mas certamente era um leitor forte, carregando pilhas de registros que se esparramavam por centenas de páginas em uma viagem só.

Eles ficaram quietos por algum tempo, folheando seus achados tranquilamente. Bela erguia os olhos de vez em quando, impressionada com a visão de um monstro tão bizarro, imenso e de aparência perigosa debruçado sobre um livro, passando uma garra ao longo de uma sentença conforme a lia, murmurando as palavras. Ela tentou não rir à imagem que lhe surgiu dele usando um pincenê.

E a Fera realmente tentou.

Ele *tentou* todas as posições possíveis para se sentar em sua cadeira, inclusive quase de cabeça para baixo, com as pernas pendendo da cabeceira. Ele fez vários, vários intervalos para o chá. E então bocejava e declarava que estava na hora de uma espreguiçada, ou de um pouco de exercício, ou que tinha sentido o cheiro de um rato e iria persegui-lo.

Ou o pé dele começava a batucar, e aí sua orelha começava a tremer, e em seguida ele começava a cantarolar uma musiquinha irritante, olhando pela biblioteca, para qualquer lugar, exceto o livro diante dele.

– *Fera* – disse Bela finalmente, com uma censura delicada.

– Desculpe – respondeu ele, apoquentado.

Bela tinha que admitir que seu próprio livro era espantosamente entediante: *Trechos de Terra Cultiváveis e Dízimos à Igreja de 1623 até o Presente*. Porém, ela escolhera os menos interessantes de propósito. Ela dera à Fera *Tradições Orais da Principalidade, Conforme Registrado por um Vigário Interessado*. Certamente ali haveria uma história ou lenda folclórica que os ajudaria – e o manteria interessado.

Não.

– Por que você nunca procurou pela sua mãe antes? – a Fera perguntou após menos de um minuto.

Bela soprou a mecha irritante de cabelo para longe de seu rosto.

– Não tive motivos para isso. Ela foi embora quando eu era um bebê. Ou muito pequena. Sempre foi só o Papai e eu, e por mim, tudo bem.

Mas as palavras soaram ensaiadas e cansadas, até para ela mesma. As revelações da noite e o espelho puseram um sentido diferente nas coisas e despertaram questões que ela julgava havia muito mortas e enterradas.

Como, por exemplo: sua mãe não a amava?

É *claro* que amava. De fato, pelas visões, parecia que a mãe de Bela era *muito* amorosa, embora às vezes impaciente.

Então por que ela havia partido? Seria demais a vida em uma aldeota rural para uma grande feiticeira? Será que ela era essa mulher grandiosa, glamorosa, poderosa, que tinha outros lugares onde estar, feitiços para lançar, maldições para distribuir?

Será que ela ansiava encontrar aventuras em outros lugares, assim como Bela?

A Fera agora se debruçava como um cachorro atento, os olhos bem abertos, observando os pensamentos que tinha passarem pela superfície de seu rosto, esperando que ela dissesse alguma coisa.

– Eu acho que *me fizeram* esquecer dela – disse, lentamente. – Tudo que ela tocou parece totalmente esquecido. Acho que há alguma magia envolvida, do mesmo jeito que ninguém sabe sobre o seu reino, ou sobre você.

– Isso era... o final da maldição. Ela disse: “*Se você não aprender a amar outra pessoa, e ser amado em troca, quando a última pétala desta rosa cair, você, seu castelo e todos aqui dentro vão continuar amaldiçoados e esquecidos para sempre*”.

Era o discurso mais longo que a Fera já havia feito. Ele o recitou com perfeição, fechando os olhos de dor com a lembrança.

Bela sentiu seu coração se espremer. É verdade, ele *tinha* jogado seu pai em uma cela. Porém... desde que eles tinham meio que... se entendido sobre a situação, ele não mostrara nenhum sinal de ser o tipo de monstro que poderia motivar uma feiticeira a amaldiçoar um menininho.

E alguém com onze anos pode realmente compreender o conceito desse tipo de amor?

O silêncio se arrastou. A Fera abriu os olhos e voltou a olhar para seu livro, e ela, para o dela.

– Ei, ei, Bela, ei! – disse ele, após um instante, cutucando-a no joelho com uma de suas garras.

– *Que foi?* – perguntou ela, saindo de sua concentração, surpresa.

Ele lhe lançou um olhar sério.

– Acho que encontrei algo – disse ele, dramático.

– Desculpe-me. Por favor, compartilhe. Isso é ótimo!

A Fera pigarreou e levantou o livro, delicadamente indicando o ponto onde estava com uma garra enquanto lia.

– ... “E a primavera, há muito debilitada no lado ocidental da cidade, em Parson’s Rock, foi restaurada à sua vitalidade original por uma mulher local, aparentemente uma bruxa, conhecida de muita gente. Foi dito que ela era a mais poderosa de toda a redondeza e, portanto, a ela foi rogado que cumprisse essa tarefa. Se todas as histórias relativas a ela são verdadeiras ou não, todos concordam que suas habilidades mágicas são ultrapassadas apenas por sua beleza; seus cabelos dourados e olhos verdes fizeram com que alguns a chamassem de Anjo”... Viu? – disse, entusiasmado.

– Cabelos dourados e olhos verdes. Só pode ser ela!

– Fantástico – disse Bela, sorrindo. – O que mais diz aí sobre ela?

A expressão da Fera perdeu a força quando ele analisou o texto.

– Mais nada. Na maioria, são histórias sobre fadas e povos da floresta, médicos folclóricos que podiam curar melhor do que os médicos da cidade. Está tudo meio que misturado... Alguém estava colecionando lendas e personagens locais interessantes. Mas ao menos sabemos que isso era real. Aconteceu mais ou menos na época em que eu nasci.

– Mas... espere aí... só... – A mente de Bela girava vertiginosamente. – Além da minha mãe, a Feiticeira, havia... hã... coisas como fadas e tal? Por aqui?

– Claro – disse a Fera, dando de ombros. – Não muitos. E eu acho que eles eram perigosos. Eu me lembro da minha mãe e do meu pai conversando sobre como desejavam que eles simplesmente fossem embora.

No princípio, aquilo soava totalmente horrível e bárbaro para Bela. Desejar que as fadas desaparecessem? Bela tinha passado a maior parte de sua jovem vida desejando ver uma, e lendo todos os livros a respeito delas em que pudesse colocar as mãos. E elas estavam *ali* o tempo todo!

Entretanto...

Se elas fossem todas como a minha mãe, poderosas e prontas para lançar maldições a qualquer provocação... Bem, ela podia ver como o argumento do rei e da rainha era razoável. Será que, fosse qual fosse o motivo pelo qual sua mãe estivesse furiosa, ele *valia* o que era essencialmente a destruição e a supressão do último reino mágico no mundo?

– Talvez não tenhamos que encontrar minha mãe – disse Bela, devagar. – Talvez só precisemos encontrar *outra* feiticeira poderosa.

A Fera deu de ombros.

– Não existe nenhuma. Não mais. Eu me lembro das pessoas dizendo que ela era a última.

– É claro. Eu deveria ter adivinhado. Tudo bem, de volta a procurar pela *Maman*, e aí...

– Qual era o nome dela? Talvez possamos descobrir mais sobre ela em um desses livros de registros de impostos.

Bela largou seu livro e encolheu as pernas junto ao peito, envolvendo-as com os braços.

– Eu não sei – admitiu ela, em uma voz sumida.

– COMO É? – rugiu a Fera.

Mas não foi isso que fez Bela estremecer. Foi sua descoberta. Ela se sentiu fria e estranhamente aterrorizada. *Maman e Papai*. Maurice e...?

Como ela podia não saber o nome de sua própria mãe?

– Eu não sei o nome dela... Não sei por que, eu apenas não sei. Lembra-se de todo aquele negócio de “magia”? Aposto que isso tem algo a ver com aquilo... e com esquecimento...

A Fera a encarou por um longo momento.

De congelado em choque para um borrão de movimento, ele soltou um bramido de fúria. Os livros que ela estivera olhando foram subitamente rasgados em tiras de papel e couro. Ela ofegou e afastou as mãos – mas as garras dele não tinham se aproximado delas.

– Isso não foi muito útil – disse Bela, assim que recuperou sua voz.

– *Assim como procurar por uma mulher cujo nome não sabemos!* – rugiu a Fera. – *ISSO É INÚTIL!*

– POR ACASO EU PAREÇO FELIZ A RESPEITO? – Bela disparou de volta. – Pois não estou! Essa é a primeira vez que eu *me dei conta* de que nem mesmo sei o nome dela! Percebe o quanto isso é estranho e horrível?

A Fera abaixou os olhos e suas orelhas murcharam.

– *temrazão* – resmungou ele.

Bela balançou a cabeça e esfregou as têmporas.

– Tudo bem. Sabemos que ela morava aqui e era, obviamente, muito conhecida. Sabemos que eu nasci aqui, pelo que vi no espelho quebrado. Então, se vasculharmos os livros do censo, é possível encontrar algum registro do *meu* nascimento ou batismo, e os nomes do meu pai e *da minha mãe*. – Ela respirou fundo. – E possivelmente o registro da morte dela, e sua causa. Não sei em que esse conhecimento vai nos ajudar, mas já é *alguma coisa*.

– Isso... faz sentido – disse a Fera, de má vontade.

– *Você* pode começar com aquele bem ali – disse Bela, ativa, apontando para a bagunça arruinada. – Tente descobrir ao menos quais anos ele continha.

Dócil, a Fera obedeceu.



A princípio, tudo pareceu igual para Bela... fileiras e mais fileiras de nomes de pagadores de impostos, camponeses que pelo visto nem mereciam ser nomeados, e um número absolutamente espantoso de pessoas chamadas Jacques e François.

Ainda por cima, ela percebeu que apenas raramente *mulheres* mais velhas eram registradas – ali constavam, em sua maioria, apenas os homens que eram arrimos de família.

A caligrafia do arquivista era tão apertada, pequena e amontoada que Bela com frequência perdia quando uma estação retornava, e era com isso que tinha de descobrir quando o ano mudava.

Porém, muito antes de ela chegar ao próprio nascimento, cerca de vinte anos antes da maldição, ela reparou em algo que não tinha nada a ver com o que eles procuravam. Algumas das pessoas listadas começaram a receber a adição de pequenos símbolos esquisitos junto de seus nomes. Curiosa, Bela virou algumas páginas para trás e para frente entre diferentes estações, tentando ver se isso significava um aumento nos impostos, uma mudança no status social, ou alguma outra coisa que teria sido importante para o tesoureiro do castelo. Nada.

A única coisa que os conectava era que, geralmente, as pessoas que recebiam esses símbolos não apareciam em nenhum outro lugar depois – como mortas ou qualquer outra coisa.

Elas tinham idades diferentes, eram de ambos os sexos, e ocupavam profissões diferentes. Ela não conseguia ver nenhum elo entre elas.

– *Encontrei!* – gritou ela, de súbito, esquecendo-se dos símbolos por um momento. – Eu me encontrei! Meu registro de nascimento!

A Fera se acercou do seu jeito silencioso e incrivelmente predatório, postando-se atrás dela no sofá e olhando por cima do ombro.

– “Bela, sexo feminino, filha de...” Ah. – Sua expressão caiu. – Maurice. Nada mais.

A Fera começou a emitir um rugido. Sem olhar, Bela colocou a mão sobre a boca dele para impedi-lo.

– Qual é o *problema* com a sua mãe? – questionou ele, por baixo dos dedos dela. – É como se ela não aparecesse em lugar nenhum.

– Ela se apagou, de alguma forma. Por alguma razão. – Bela suspirou. – Acho que é isso o que ocorre quando você tem uma feiticeira na família. Mas veja só, aqui tem alguma coisa. Esse simbolozinho que estou vendo em todo lugar. Está no lugar onde estaria o nome da minha mãe. Como se devesse estar associado a ela.

– E daí? – disse a Fera.

– Daí, isso não te diz nada? Você não o reconhece?

– Não – disse ele, franzindo o cenho.

– Deve ser algo importante. Todo mundo que tem um desse junto a seu nome desaparece dos registros em algum ponto. Viu? – Ela folheou o livro nas duas direções para lhe mostrar alguns exemplos. – Para onde foram todos eles?

– Houve uma peste – disse a Fera, soturno. – Quando eu era pequeno.

– Não – disse Bela, balançando a cabeça, olhando de um livro para o outro.

A Fera lhe lançou um olhar incrédulo.

De súbito, ela se deu conta de como aquele “não” tinha soado horroroso.

– Desculpe! Eu não quis... eu não quis soar tão insensível. Só queria dizer que isso não explica todas essas pessoas desaparecendo dos registros. Olha: aqui diz claramente que a pessoa morreu de *febre*. E aqui, e aqui. Há *centenas* de entradas dizendo isso. As pessoas com o símbolo não... *morrem* de nada. Elas simplesmente não aparecem de novo.

– Talvez elas tenham se mudado, como você.

– *Todas* essas pessoas? Acho que, apesar de o mundo ter sido forçado a se esquecer do seu reino, alguém teria reparado em um êxodo em massa por essa área. Os camponeses na vila onde cresci não gostam de *nada* novo ou estranho. Eles teriam ao menos reclamado a respeito.

Os dois caíram em um silêncio melancólico. Bela sentia que não havia solidez em lugar nenhum, que até a poltrona onde se sentava iria simplesmente derrubá-la e sumir. Nada fazia sentido; não havia fatos em que se agarrar. Apenas um monte de confetes de papel antigo em seu colo, palavras e informações agora inúteis.

– Alaric – disse a Fera, de repente.

Bela olhou para cima. Ele fitava o espaço à frente de si.

– Alaric, o mestre dos estábulos. Ele desapareceu, alguns anos antes... antes da maldição. Veja se ele tem uma dessas marquinhos perto do nome dele.

– O que você quer dizer exatamente, desapareceu? Do que você se lembra? – perguntou Bela, apanhando um dos livros intactos.

– Ele apenas... não veio trabalhar. E sua família também não sabia o que tinha acontecido com ele. Meus pais disseram que era culpa minha. Disseram que eu era gentil demais com ele e agora ele estava nos deixando, e à sua família, por uma nova vida, como “gente da laia dele” sempre fazia sempre que tinha um pouco de ouro.

– Mas que coisa *terrível* para se dizer a uma criança – disse Bela, perplexa.

– Eu *realmente* lhe dava moedas escondido – confessou a Fera. – E pequenos tesouros. Exatamente como levava cenouras e açúcar escondido para os cavalos. Não achei que estivesse prejudicando alguém.

Essa era a criança “sem nenhum amor no coração”?

– Você dava açúcar escondido para os cavalos do castelo? – perguntou ela com um sorriso.

– Eu os amava. Sempre amei os cavalos – disse a Fera, triste. – Quando... isso aconteceu... eu libertei todos eles. Eles tinham pavor de mim nesta forma.

Essa era uma imagem estranha: o grande monstro abrindo um punhado de baias para que seus companheiros de infância e animais de estimação partissem para sempre, agora que não podiam mais suportá-lo. Não era algo *monstruoso* a se fazer, de forma alguma.

– Bem, vejamos se Alaric está aqui – disse ela, tentando soar pragmática outra vez. Ele parecia tão triste... – Qual era o sobrenome dele?

– Samovar.

Bela parou, piscando.

– Como é? – indagou ela, incerta de tê-lo ouvido corretamente.

– Samovar. Alaric Samovar.

– Como a... Madame Samovar?

– Sim. Ela é esposa dele. Ou... viúva.

Bela deixou o livro cair.

– *Todas aquelas criaturas eram pessoas reais?* Horloge? Lumière?

A Fera olhou para Bela como se ela fosse idiota.

– É claro. Eram todos meus servos. O que você achava?

– E todas essas... *pessoas*... foram transformadas no que são por causa da sua maldição?

– Sim, o castelo todo foi encantado – disse ele, ainda confuso pela reação dela.

– Minha *mãe* transformou *um castelo todo* de *pessoas* em *mobília* quando estava punindo *você*?

– Bem... – A Fera pensou a respeito. – Suponho que a ideia era congelá-los no tempo ou algo assim

para que não envelhecessem enquanto a maldição durasse. Talvez? Por que... por que você está tão aborrecida?

– Amaldiçoar um príncipe mimado de onze anos é uma coisa! – lastimou Bela. – Digo, é terrível.

Mas o que *essas pessoas* fizeram para merecer essa sina?

– Eu nunca pensei sobre isso antes – murmurou ele. – Eles eram apenas... servos.

– “Apenas servos”. Bem, *graças a mim*, seus “apenas servos” vão continuar como guarda-roupas e velas para sempre! DEUS DO CÉU!

Ela desabou no sofá, puxando uma almofada sobre o rosto. Lágrimas começaram a rolar por seu nariz.

– Não é... – começou a Fera. – Você não... – ele tentou de novo.

Bela sabia que estava sendo autoindulgente. Sentir-se mal não ajudaria os criados. Somente quebrando a maldição, de alguma forma, os ajudaria agora. Ela respirou fundo.

Em seguida ela forçou-se a sentar, apertando as mãos sobre os olhos, fazendo o choro parar.

A Fera tinha o rosto espantosamente perto do dela, notou Bela quando pôde ver de novo. Sua mandíbula trabalhava, ainda tentando encontrar algo a dizer.

Uma vozinha abaixo deles pigarreou.

Ambos olharam para baixo. Horloge estava ali, revirando o que usava como suas mãos.

– Eu apenas pensei em perguntar se há alguma preferência para o cardápio do jantar essa noite – disse ele, com uma tossezinha tímida.

– Nós... nós estamos indo ver a Madame Samovar pessoalmente. Conversaremos com ela a respeito – disse Bela, com toda a dignidade que pôde reunir.

Ela rapidamente se levantou e saiu da biblioteca, antes que continuar olhando para Horloge a fizesse se descontrolar de novo.

Madame Samovar Perde Seu Chá

Bela voltou à cozinha, a Fera acompanhando-a em silêncio. Horloge bamboleava sem jeito atrás deles, obviamente inseguro se deveria falar com seu mestre ou deixar para lá.

Lumière surgiu de trás de uma cortina – Bela podia jurar ter ouvido risadinhas – e inclinou sua vela do meio inquisitivamente ante as expressões que o grupo exibia.

– Tudo certo, *mon chéri*? Está gostando da sua estadia? – perguntou ele, fazendo uma pequena e magnífica reverência.

– Tanto quanto é possível – disse Bela polidamente, tentando não resmungar. – Você tinha razão sobre a biblioteca: é *fantástica*. Estou desfrutando imensamente dela.

Ela tentou enxergar um humano no pequeno candelabro de três braços, mas, quando ele ficava imóvel, não parecia nada além de um suporte para velas normal, apesar de deslocado – e apesar de um braço virado do lado errado. Não havia olhos nem feições discerníveis, nem mesmo em suas chamas. Não havia como seu nome ser *Lumière* antes da mudança, ou haveria? Bela havia lido em livros de Defoe e outros que, na Inglaterra, mestres de grandes casas com frequência renomeavam os criados quando estes eram contratados por eles. Criados atendiam pelos nomes John e James com assiduidade excessiva, como se fossem os nomes dados por suas mães. Será que a Fera havia tomado o nome dele depois que a Feiticeira tomara seu corpo?

– Estamos a caminho da cozinha – disse ela gentilmente, se ajoelhando. – Gostaria de ir conosco? Eu posso carregar você...

– Ah, não, *mademoiselle* – disse Lumière, com outra vênia. – Estou a caminho... de outro lugar... obrigações...

Bela pôde realmente escutar risadinhas vindo de trás da cortina dessa vez. Ela tentou não sorrir nem imaginar o que a mobília podia fazer atrás das portas fechadas. Jamais olharia para uma escrivaninha do mesmo jeito outra vez.

Horloge estava parado, o rosto voltado para Lumière. Bela se perguntou se ele estava franzindo o cenho severamente.

– Eu não me dei conta de que você... Estamos tentando encontrar um jeito de quebrar a maldição – começou Bela, desenxabida. As coisas tinham se tornado muito mais desesperadoras e complicadas agora que as vidas *dessas* pessoas também dependiam dela.

– Claro que estão! – disse Lumière, alegre. Seria apenas uma projeção, ou ela havia sentido um pouco de tensão na voz dele? – Onde há vida, há esperança, não? De qualquer forma, venha comigo, Horloge. Vamos deixar esses jovens... *trabalharem*. E por favor, avise-nos se houver *qualquer coisa* que possamos fazer, *mon chéri*.

– É claro – disse Bela. Era tudo o que ela podia prometer.

As duas criaturinhas saíram juntas saltitando, com as cabeças pressionadas uma contra a outra, como dois velhos soldados manquitolando em direção ao pôr do sol. Eles cochichavam enquanto se moviam, sons estranhos e agudos que entristeciam e arrepiavam Bela ao mesmo tempo.

A Fera simplesmente esperou, sem expressão, até que Bela se movesse de novo, e seguiu atrás dela.

A cozinha estava animada e quente, um alívio bem-vindo em comparação ao salão escuro e às tristes revelações da biblioteca. O fogão murmurava consigo mesmo, remexendo as panelas em suas bocas e de vez em quando abrindo o forno para ajustar a temperatura e checar o que estava acontecendo ali dentro. A luz alegre e alaranjada do fogo faiscava contra o vidro impecável dos gabinetes, e uma pia borbulhante cheia de água com sabão tinha uma escova nela, esfregando xícaras vigorosamente.

– Minha nossa – disse Madame Samovar, girando de seu poleiro na mesa de preparação na qual se dirigia a uma tropa de talheres, surpresa pela aparição do mestre. – Eu acabo de mandar Horloge procurá-los para ver se estavam com vontade de algo em especial para o jantar. É tão bom ter uma convidada de verdade depois de tanto tempo!

Ela se movia, quicava e balbuciava. Bela podia jurar que havia um brilho rosado em suas bochechas redondas.

– Nós vimos Horloge – disse Bela, educada –, mas estávamos vindo conversar com você, de qualquer maneira.

– Está tudo bem? – Madame Samovar praticamente pulava para cima e para baixo, aproximando-se com perigo da borda da mesa para chegar perto de Bela. – O chá estava frio? Eu sei que não devemos servir biscoitos na biblioteca, mas se você tivesse pedido, talvez...

– O que realmente aconteceu com Alaric? – interrompeu a Fera, um tanto impaciente.

Bela lançou um olhar para ele. Será que ele podia não ser *tão* rude?

Madame Samovar também lançou um olhar para a Fera. Era mais difícil interpretar o dela por causa da ausência de olhos e boca, mas se Bela tivesse que adivinhar o que aquela expressão significava, *estupefação boquiaberta* parecia provável.

– Meu... sr. Samovar? – gaguejou a bule.

– Sim. Seu marido. Alaric Samovar. O mestre dos estábulos. O que aconteceu com ele? – disse a Fera.

– Acho que o que ele está *tentando* dizer – intrometeu-se Bela – é que estamos trabalhando em um... ângulo diferente para quebrar a maldição, e seria muito útil qualquer informação sobre qualquer desaparecimento que possa ter ocorrido há alguns anos.

– Alaric Samovar. O mestre dos estábulos. Seu criado *favorito*. Entre todos nós – disse Madame Samovar, lenta e calmamente.

– Sim. O que aconteceu com ele? Por que ele foi embora? Meus pais disseram que ele simplesmente abandonou você e o emprego dele. Possivelmente por minha causa.

– Por sua causa...? Faz mais de uma década que ele sumiu e *só agora* você faz essa pergunta?

Até ali, a única visão que Bela tivera da governanta era a de uma bule animada, adorável e gordinha, compassiva, maternal e gentil.

O tom que ela usava agora não era o de uma governanta ou de alguém compassivo. Era o de uma dama idosa, cheio de uma justa ofensa.

– Eu era criança. Havia muita coisa acontecendo – disse a Fera, defensivamente. – A peste, meus pais.

– Entendo. Ainda assim... *agora* é a primeira vez que lhe ocorreu perguntar o que aconteceu a um criado voluntarioso? Um criado voluntarioso *favorito*? – persistiu ela, vibrando suas consoantes. – PERMITA QUE EU LHE CONTE sobre Alaric Samovar.

Ela saltou até a Fera de modo tão violento que sua tampa estalou. Bela sentiu-se tentada a estender a mão e arrumá-la para que não saísse voando e se quebrasse. No entanto, estava paralisada pela raiva da mulher.

– Alaric Samovar era o homem mais gentil, honrado, decente e *afetuoso* que já conheci – declarou. Uma pequena baforada de vapor escapou de seu bico após cada adjetivo. – Às vezes, gentil *demais*. Ele não admitia tratar ninguém de maneira diferenciada, fosse um príncipe ou um gnom. Ele me amava, amava Zip e todos em nossa família... todos no castelo. Ele amava *você*, mestre, quase tanto quanto seu filho de sangue. E ele amava seu trabalho nos estábulos. Ele adorava aqueles cavalos. Eu não sei o que ocorreu na noite em que ele não voltou para casa. Nunca descobri. Ninguém descobriu. Ele simplesmente sumiu em pleno ar, como todo mundo. Mas ao longo da peste e dessa maldição infeliz, por mais de *dez anos*, eu mantive uma fachada corajosa pelo nosso filho, que perdeu seu pai. Certamente você pode demonstrar alguma empatia por *isso*, não pode?

Bela arriscou uma espiada na Fera. Ele parecia chocado... e talvez um pouco culpado.

– E então... *blurblur*... vir aqui... *blurb*... dez anos depois... *glug*... e *me perguntar*...

Madame Samovar estava literalmente borbulhando de raiva.

Bela viu-se horrorizada e sem saber o que fazer. Chá mortalmente quente começou a subir pelo bico da bule e a escapar por cima dela.

Fera também pareceu espantado e se afastou de leve.

Finalmente, Madame Samovar ficou silenciosa, estremecendo e borbulhando até parecer se acalmar.

Na verdade, ela parou totalmente de se movimentar. Completamente congelada.

Depois de um instante, Bela começou a se preocupar.

– Madame Samovar...? – disse ela, hesitante.

Bela olhou para a Fera, que também estava alarmado. A bule parecia... apenas um bule agora. Não havia nada animado nela.

E então ela subitamente voltou à vida com um tremor, como se nada tivesse ocorrido.

– Eu... eu preciso repousar. Isso é simplesmente demais para mim – gritou ela, rodopiando e saindo em pulinhos, o bico empinado no ar. Tentando manter sua dignidade. Bela e a Fera assistiram enquanto ela saltava para uma cadeira, depois para o chão e de volta para a despensa, seus estalidos se reduzindo até que puderam ouvi-la saltando para uma prateleira.

La Cuisine de la Maison

O fogão tratou de se ocupar, mexendo com estrépito em algo que provavelmente não precisava ser mexido, lançando um olhar enfurecido de brasas para o casal.

Tudo o mais estava embaraçosamente silencioso.

– Eu só... eu sempre achei que fosse culpa minha – disse a Fera, afinal, desanimado. Ele desabou na cadeira mais próxima. Ela vacilou sob seu peso, reajustando-se sobre perninhas gordas e tortas. – Fiquei envergonhado demais para conversar com alguém. Nem pensei em falar com ela ou com Zip. Tinha medo de que eles me odiassem. Não pensei em como *eles* se sentiam. Por perder Alaric.

Ele passou uma pata enorme e atrapalhada pela pelagem em cima da cabeça. Bela pensou no retrato na Ala Oeste: seu cabelo real seria de um loiro escuro agora.

Ela pousou a mão sobre o ombro dele.

– Acho que você pode explicar isso a ela mais tarde, quando ela tiver se acalmado – disse, tranquilizadora.

– Talvez sua mãe tivesse razão – murmurou ele. – Eu nunca pensei na maioria dos criados como nada além de... *objetos*. Objetos que facilitavam a minha vida. É por esse motivo que ela fez isso comigo.

– Talvez. – Todavia, ela ainda não gostava do uso de pessoas reais para uma lição de moral.

A Fera rosnou para ela.

Em seguida, Bela viu a expressão encabulada no rosto dele e percebeu que o som não tinha vindo da boca. Ele colocou uma pata defensiva sobre sua barriga.

– Na verdade, eu também estou com fome – confessou ela. Seu estômago parecia mais vazio que o usual e havia uma leve tontura em sua cabeça. Ela havia ignorado essa sensação com sucesso enquanto trabalhava.

– Nós deveríamos vir aqui embaixo para falar sobre o jantar – disse a Fera, lamentosamente.

– Bem... – Bela olhou para o fogão. – Talvez... *nós* devêssemos fazer o jantar. Para nós mesmos.

Ele a fitou fixamente.

Bela colocou as mãos nos quadris.

– Você acabou de dizer: seus criados vêm servindo a todas as suas vontades, pela vida inteira... E nos últimos dez anos, eles nem estavam em forma humana por causa disso! Eles *ainda* servem você, preparam seu jantar, limpam o castelo... tudo enquanto são colheres, esfregões, xícaras de chá e tudo

mais. E eles só são objetos por causa da *sua* maldição. Talvez esteja na hora de você pegar leve com eles um pouquinho, não?

A Fera abriu e fechou a boca algumas vezes, obviamente silenciado por sua perplexidade devido à estranheza da sugestão.

– Eu não sei como fazer o jantar – admitiu ele, finalmente.

– Eu vou *te ajudar*. Vamos fazer juntos – disse Bela, indo até a pia.

– Cozinhar. Ler. Tem alguma coisa que você *não consiga* fazer?

Bela agarrou a enorme pata dele e a enfiou na água junto com a sua mão.

– Ah, sim, eu sou uma legítima semideusa doméstica – disse ela, ativa. – Você devia me ver ficar invisível e andar sobre a água. Venha, vamos arrumar um avental para você.

Provavelmente não havia nenhum sentido em fazê-lo vestir algo sobre seus pelos e as roupas esfarrapadas. Ainda assim, ela amarrou uma toalha de mesa ao redor do pescoço dele, tentando não fazê-lo parecer ridículo.

Na verdade, se a grossa toalha de mesa tivesse alças de couro, ele poderia tranquilamente ser Hefesto ou um de seus ajudantes titânicos, trabalhando na forja do Olimpo.

Mas eles fariam *ratatouille*, não espadas para heróis.

– ... e crepes de trigo sarraceno, e uma torta de cebola, e *coq au...* hum... Riesling, em uma frigideira – acrescentou ela, pensativa, olhando que horas eram. O relógio da cozinha não falava, felizmente. – Não temos tempo para um *coq au vin* de verdade ou um *cassoulet*. Ah, e *tarte tatin* de sobremesa!

A Fera parecia cético.

Ela se virou, pesarosa, para o fogão.

– Eu... acho que teremos de usar seus serviços – disse, sem graça. – Não existe nenhuma outra fonte de calor aqui dentro.

– Minhas habilidades estão ao seu dispor, Mademoiselle – disse o chef, abaixando seus canos. – Mas apenas uma vez. Exceto essa vez, *ninguém toca nas minhas coisas nessa cozinha*.

– *A não ser que você esteja bêbado demais para fazer por sua própria conta sem se machucar* – comentou alguém da despensa dos fundos.

– TALVEZ SEJA VOCÊ QUE ME LEVA A BEBER! – o fogão gritou de volta. – VOCÊ E SEU USO EXCESSIVO DE COMINHO!

– Certo. Fera – disse Bela, rapidamente. – Vamos te colocar para descascar maçãs.

Ela pensou que lhe dar algo masculino e perigoso, como uma faca, seria mais interessante para ele do que tentar trabalhar com algo enfadonho como uma massa de torta. E a princípio, ele pareceu empolgado. Mas segurou a facinha de descascar desastradamente em sua pata – que, apesar de seus cinco “dedos”, não era nem um pouco ágil como uma mão humana. Ele atacou as maçãs em pequenos golpes, tentando colocar o que seria seu polegar na parte de trás da faca. Ficou claro que, em algum momento, ele tinha sido um hábil escultor.

Entretanto, depois de somente duas maçãs e meia – e três cortes que ele tentou esconder dela –, a Fera desistiu, jogando a faca na mesa com tanta força que ela se enfiou fundo na madeira.

– Isso é *inútil!* – rosnou ele. – Essa faca é pequena demais. Essas maçãs são moles demais. Eu não consigo fazer isso.

– Tudo bem... – disse Bela, respirando fundo. – Vamos colocá-lo para fazer um pouco de massa. Isso deve ser divertido!

Ela pegou a maior tigela que encontrou e tentou medir as quantidades corretas de tudo; era difícil manter as medidas. No entanto, a Fera estava deliciado pelo processo de incorporar a manteiga na farinha; ele podia usar suas patas grandes e desajeitadas para amassá-las juntas. E só tentava lambe pedaços da massa em seus dedos quando ela não estava olhando.

Eles trabalharam por algum tempo em um silêncio amistoso. Ela se perguntou se teria sido assim quando sua mãe estava por perto, durante sua infância. As duas cozinhando lado a lado, Bela, uma versão menor de sua mãe, talvez ambas com lenços combinando no cabelo...

É claro que ela tinha cozinhado com o pai. Mas será que seria diferente? Ou seria igual?

– Então... todo mundo... que... não seja um... príncipe... sabe fazer isso? – perguntou a Fera, quebrando o silêncio.

– Mais ou menos – disse Bela, dando de ombros. – Meu pai sabe. Acho que geralmente ensinam isso mais às meninas que aos meninos... Mas a maioria das pessoas pode se virar.

– Porque vocês se casam e cozinham para seus maridos – disse a Fera, exibindo o que sabia, quase como se tivesse lido isso em algum livro. *Guia da Vida entre Camponeses Para um Príncipe Mimado.*

– Claro. Sim. Cozinhar para nossos *maridos*. – Bela cravou um cutelo em uma coxa de frango, separando-a da sobrecoxa em um golpe. – Boas esposinhas.

Os olhos da Fera se arregalaram ante a violência inesperada de Bela.

– O que foi... o que foi que eu disse?

– Ah... nada – disse Bela com um suspiro. – Eu não quero ser *uma boa esposinha*. Quero aventuras. Quero... ser a heroína da história. Mas todo mundo só quer que eu... *me case, obedeça a meu marido, tenha sete ou oito filhos, lave suas meias... SUAS MEIAS SÃO NOJENTAS, GASTON!*

Ela trinchou outra coxa.

Se sua mãe tivesse continuado por perto, será que ela estaria em casa para seu suposto casamento? Será que a Feiticeira teria transformado todos eles em porcos por abordar e embaraçar sua filha?

– Gaston? O... caçador que você mencionou antes? – indagou a Fera, dócil.

– Um armador de ciladas para casamento. Um noivo surpresa. Um palhaço total.

Dizer isso em voz alta a fez parar. *Palhaço*. Isso estava precisamente correto – por que ela não pensara nisso antes? Contratar uma banda, encomendar um bolo e montar uma festa de casamento surpresa não era normal, nem romântico. Especialmente por ela não retribuir as afeições de Gaston. Ele não conseguia ver nem isso. A coisa toda era apavorante e bizarra. E, em alguns sentidos, não muito distante de jogar alguém em sua prisão particular por invadir sua propriedade.

– Ele é o maioral da cidade – disse ela calmamente, tentando largar o cutelo por um momento. – *Todas* querem se casar com ele. Ele é alto, bonito, forte, tem uma mira mortal, tem uns olhos azuis absolutamente *incríveis*, é sempre a alma da festa...

A Fera parou de mexer a massa por um instante para observá-la. Ela reparou que havia uma manchinha denunciadora de farinha no focinho dele. Ele viu onde os olhos dela haviam parado e discretamente passou a língua comprida e rosada ali para cuidar da sujeirinha.

Bela balançou a cabeça e revirou os olhos.

– Mas – começou ele, confuso –, se ele é tão... bonito e perfeito e todas as outras querem se casar com ele, por que ele não se casa com outra pessoa? Alguém que *queira* se casar com ele?

Ela sorriu, corando, e voltou-se para o frango.

– Isso vai soar positivamente convencido, mas ele acha que eu sou a garota mais bonita da cidade. Ele não *me quer*... ele quer *a garota mais bonita da cidade*, sabe. Ele sente que merece isso, porque ele é o homem mais bonito da cidade.

A Fera olhou para suas patas enormes e feias, cobertas de massa, e depois para ela.

– Você é... bonita – disse ele, rouco. – Então, por que não quer se casar com o homem mais bonito? Não acha que *você merece*?

– Você não escutou *nenhuma palavra* do que eu disse? – perguntou Bela, colocando as mãos nos quadris, mas com cuidado para que os sumos do frango não caíssem nela. – Ele é burro, arrogante, egocêntrico, mata *um monte* de coisas, é barulhento, não lê...

– Eu também não leio – resmungou a Fera, olhando para a tigela.

Bela suspirou.

– Eu também sou grande – continuou ele, ainda mais baixinho. – E barulhento.

– E, pelo visto, egocêntrico o suficiente para fazer com que tudo isso seja a seu respeito, em vez de sobre *mim*, que é de quem estávamos falando – disse Bela, com uma carranca não muito séria.

A Fera pareceu imediatamente contrito.

– *aposto que você seria uma bela noiva* – acrescentou ele, quase baixinho demais para ela ouvir, enquanto trabalhava a massa e fingia usar toda sua concentração.

Bela riu.

– Obrigada.

Ela não havia nem pensado nesse ponto – será que Gaston também tinha arranjado algumas flores ou um véu para ela também? Ela não conseguia imaginar que ele não se importasse com a aparência da noiva mais bela da cidade perto do noivo mais belo. Era engraçado imaginá-lo conversando com o chapeleiro, talvez descobrindo o que encomendar...

– DROGA!

Seus pensamentos foram interrompidos por uma explosão da Fera: ele tinha agarrado a tigela de massa e agora jogava a coisa toda no chão, destruindo-a em mil pedacinhos de cerâmica. *A pâte brisée*

ficou no chão como um montinho feio – espalhada em uma camada tão fina que ela quase podia ver os contornos das pedras abaixo dela.

A Fera estava se revirando, em modo totalmente animalesco, sobre duas pernas, mas prestes a cair sobre as quatro, o rosto contorcido em um rosnado que quase a deixou com medo.

– O que aconteceu? – perguntou ela, devagar.

– EU SÓ ME VIREI PARA PEGAR MAIS UM POUCO DE MANTEIGA E A TIGELA VIROU! – uivou ele. – Foi a minha... *pata!* Prendeu! ESTÚPIDA! Eu não devia estar fazendo isso!

– Tem razão. Você *não deveria* estar fazendo isso. *Não deveria* agir como uma criança mimada que tem um ataque sempre que as coisas não saem do seu jeito. Quantos anos você tem? Vinte? Um príncipe de vinte anos, agindo dessa forma?

– EU NÃO SOU UM PRÍNCIPE. SOU UMA FERA! – ele rugiu para ela. Seu hálito quente soprou sobre Bela como o vento fedido de um verão podre, ou como um dos experimentos a vapor de seu pai que deu horivelmente errado e está prestes a explodir.

– É mesmo? Então por que você ainda se incomoda em tentar?

Ela esticou a mão e puxou o fecho dourado do casaco dele.

– Por que você se incomoda em colocar *roupas*? Ou em morar dentro do castelo? Ou em combater sua maldição? Por que não desistir e se tornar uma fera de verdade, por completo?

A boca da Fera se moveu em silêncio, lembrando a de um peixe – ele não sabia se para evitar morder Bela ou por ser incapaz de encontrar as palavras certas.

– É DIFÍCIL! – gritou ele, finalmente.

– É claro que é difícil. Você nunca cozinhou antes – disse Bela, direta. – Suponho que ser um príncipe também significa que você pode fazer tudo com perfeição, na primeira tentativa?

Ela se virou e voltou para o frango, preparando-se para trabalhar nele de novo.

A Fera ficou em silêncio.

Ele começou a se debruçar e a retirar a massa do chão.

– Não *ouse* colocar isso de volta em outra tigela – disse Bela, sem nem olhar para ele.

– Eu não ia fazer isso! – disse a Fera de imediato. – Eu só ia... pegar uma tigela nova – acrescentou ele, rapidamente.

Bela não conseguiu esconder o sorriso quando ele caminhou até a lata de lixo, sem graça.

O Jantar Está Servido

Duas horas depois, a cozinha estava lotada de odores complexos e magníficos. Bela se sentia levemente embriagada pelo calor, os cheiros, a exaustão completa. Fazer o jantar com uma fera era trabalho duro. E depois fazê-lo limpar, ainda mais difícil. Ele não protestou, mas manejou um esfregão inanimado mais desastradamente do que uma fera com mãos disformes deveria, nunca tendo tocado em nada parecido antes.

Bela enxugou a testa. Era incrível cozinhar em uma cozinha como aquela. Ela nunca tivera nenhum desejo em especial de seguir uma vida mais culinária; a comida era combustível, para ser desfrutado no intervalo entre livros. *Mas se eu tivesse que cozinhar, rapaz, uma cozinha como essa seria fantástica. O espaço... os ingredientes... o tamanho do fogão...*

– Mas o que raios está havendo? – Horloge exigiu saber, pisando duro ao entrar no cômodo com o máximo de imposição que seus pezinhos de madeira permitiam. Ele parou assim que viu a Fera, que estava arrancando seu avental. – Ah, mestre, eu sinto tanto, eu estava apenas...

Lumière estava logo atrás.

– Ora, ora, ora, o que temos aqui? – O candelabro fez um ruído como se estivesse dando uma fungada profunda. Bela se perguntou se ele, ou qualquer um deles, podia sentir cheiros. Ou sabores. Eles obviamente podiam ver, mas quanto do resto de suas vidas tinha sido morto pela maldição? – Frango? Cogumelos? *Amor?*

A chama dele se agitou como se ele estivesse levantando e abaixando sugestivamente as sobranceiras. Horloge deu-lhe um tapa.

Bela sorriu.

– Seu mestre e eu fizemos o jantar *para nós mesmos* essa noite.

Horloge balbuciou.

– Mas isso é altamente...

– ... *empreendedor* de sua parte – disse Lumière com uma reverência, arqueando um olhar questionador para a Fera.

– Não foi *minha* ideia. Mas nós conseguimos – disse a Fera, orgulhoso.

– Bem, então vamos deixar vocês à vontade – disse Lumière, expulsando Horloge com um aceno de sua mão acesa. – Uma noite de folga! O que vamos fazer?

– Jogar *cribbage*,* talvez?

Bela observou os dois saírem quase com carinho, depois conferiu a sala de jantar.

Ela tinha uma aparência severa e formal. Apesar da insistência de Bela para que eles fizessem tudo sozinhos, alguém havia arrumado as duas pontas da comprida mesa com um serviço completo de jantar. A Fera olhou para Bela. Ela lhe deu um sorriso e balançou a cabeça, reunindo todas as colheres, garfos e pratos em um gesto gentil para trazê-los para perto um do outro.

Quando eles entraram na cozinha para buscar a comida, encontraram Madame Samovar colocando tudo em uma bandeja para carregar. Ela deu meia-volta, culpada.

– Madame Samovar – disse Bela, censurando-a gentilmente. – Hoje estamos nos servindo. Vocês merecem uma folga.

– Ah, eu estava só, eu me senti mal sobre o que fiz antes, e só... – balbuciou ela. – Você tem uma habilidade culinária excelente, minha querida! Isso tudo está incrível!

– Embora um pouco *élémentaire* – comentou o fogão, prestativo.

Para crédito da Fera, quando ele ergueu a tampa do *coq* e inalou seu odor glorioso – e um belo tanto de vapor – com suas narinas amplas e animais, não estendeu a pata e apanhou um bocado. Embora tenha parecido duramente tentado a fazê-lo. Em vez disso, ele recolocou a tampa, talvez com um pouco mais de força do que o necessário. Bela sorriu, aprovando. Ela estava ocupada reunindo todos os outros pratos, equilibrando a torta de cebola desajeitadamente em um braço só.

Sem se esforçar, a Fera estendeu o braço com um gesto casual e tomou a torta dela como se não fosse maior ou mais pesada do que um ovo. Ela riu e ele sorriu, dominado pelo absurdo do momento.

– O jantar está servido – anunciou Bela solenemente, marchando para a sala de jantar.

A Fera observou-a cuidadosamente enquanto ela colocava a comida na mesa e então se servia, usando todos os utensílios adequados – depois ficou ali por um momento antes de perceber que ela *não o serviria*.

Ele rapidamente apanhou uma concha e fez o melhor que pôde, derramando só um pouquinho.

Bela tomou goles fartos, feliz com sua capacidade culinária. Ela não precisou economizar ou trocar ingredientes como frequentemente tinha de fazer em casa.

– Está muito bom – disse a Fera. – *Élémentaire* – acrescentou ele, citando o fogão. Como se achasse que isso era um elogio.

Bela arqueou uma sobrancelha para ele.

– Eu não gosto de coisas chiques – prosseguiu ele rapidamente, de súbito se dando conta de como havia soado. – Eu gosto... de carne.

Bela murchou um pouco. Lá se ia sua tentativa de *haute cuisine*. Bem, eu estou gostando, pensou ela.

Os olhos da Fera se arregalaram, horrorizados.

No começo ela achou que talvez ele tivesse mordido uma semente de pimenta – não diziam que cachorros odiavam pimenta? –, mas aí ela viu que ele fitava algo em particular, *acima* da mesa.

Pétalas de rosa.

Pétalas negras de rosa caíam suavemente pelo ar. Elas formavam uma pequena pilha no meio da mesa. Tudo em silêncio total. Contra a madeira escura da mesa e as sombras nas paredes, era como uma natureza morta holandesa ganhando vida – uma das mais sombrias, com um crânio ou algo do tipo ao fundo.

– Não... muito... romântico – Bela tentou gracejar, debilmente.

Porém, no fundo de sua mente, ela estava contando.

Rosas selvagens tinham, em geral, cinco pétalas; rosas de maio podiam chegar a ter cem. Uma rosa “chique” normal tinha entre vinte e cinco e quarenta. Dez já haviam caído, e a expressão alarmada se intensificava no rosto da Fera.

Dezenove... vinte...

Até onde a Fera podia empalidecer, ele empalideceu; congelou com a boca aberta em uma apreensão puramente humana.

Bela começou a se levantar para tentar apanhá-las...

Vinte e uma.

As pétalas pararam.

É claro. *Vinte e uma, igual à idade dele quando a maldição estiver completa.*

Onde elas tinham aterrissado na mesa havia agora uma pilha considerável de farrapos pretos aveludados.

– Eu vou só... – disse Bela, levantando-se para retirá-las, afastá-las dele. A parte dela que não estava também horrorizada ante a terrível aparição estava levemente chocada com sua própria reação. Enquanto seu primeiro instinto era ficar apavorada, o segundo era reconfortar a Fera e *protegê-lo*...

Contudo, conforme ela tocava as pétalas, elas cintilavam e desapareciam – exatamente como as originais haviam feito.

A Fera ficou perfeitamente imóvel esse tempo todo, mas algo na forma como suas garras travaram na mesa fez com que Bela pensasse que ele estava prestes a fugir.

– Talvez seja a minha mãe tentando me dizer algo – sugeriu ela.

– Talvez sejam apenas mais efeitos da maldição – disse a Fera, sombrio. – O castelo fica mais assombrado, lembrando-me da minha ruína.

– Tudo bem – disse Bela, respirando fundo. Ela pensou rápido, tentando encontrar algum assunto para distrair a mente de ambos da horrível aparição.

Ou... não. Eles *tinham* que descobrir como quebrar a maldição. Isso era um lembrete não muito sutil disso. Ela podia muito bem aproveitar e pegar o elefante na sala pelas presas.

Ou algo assim.

– Vamos examinar os fatos. Um, minha mãe te amaldiçoou dez anos atrás. Não sabemos se ela está viva ou morta. Devo dizer, entretanto, que ela está parecendo um tanto... fantasmagórica. Nós *sabemos* que ela tem um símbolo junto de seu nome no livro de registro, e todos os outros que também tinham parecem ter desaparecido. Sabemos que Alaric Samovar desapareceu... droga. Eu me esqueci de

conferir junto do nome dele, para ver se havia um símbolo. Fiquei aborrecida demais. Nós deveríamos fazer isso logo depois do jantar. Concorde com isso?

A Fera deu de ombros. Mas parecia ter relaxado um pouco.

– Parece correto. Só não sei como isso ajuda.

– Eu também não sei, mas há uma *tonelada* de mistérios aqui, feito caixas dentro de caixas, e eles estão só começando a ser resolvidos – disse Bela, suspirando. Ela raspou o fundo de sua tigela, brincando com o que tinha sobrado do molho de carne. – Pelo menos... agora eu sei que todos os seus criados eram... pessoas. Isso significa que podemos perguntar a todos aqui sobre o que aconteceu antes da maldição. Isso facilita muito as coisas.

– Nunca sequer me ocorreu conversar com eles – disse a Fera, pensativo. – Minha mãe e meu pai sempre me disseram que... servos eram ferramentas... quase bens. Para não me apegar muito a eles porque aí eles te usariam... É por isso que ficaram com tanta raiva por causa de mim e de Alaric...

– Ah. Hum.

Bela colocou um bocado de frango na boca enquanto pensava em algo para dizer. Pode-se culpar alguém por seus pontos de vista, se esse era o jeito como a pessoa havia sido criada... e depois transformada em uma fera por dez anos? Congelada no tempo, de certa forma? Será que sua mãe compreendia que esse era um possível resultado de sua maldição? Que ela não consertaria nada, e talvez piorasse as coisas?

A culpa de todos os pais envolvidos...

– Sua mãe e seu pai não soam muito... esclarecidos – ela acabou observando. – Ou modernos.

A Fera encolheu os ombros, desconfortável.

As palavras da visão voltaram à mente dela: *Não há amor algum em seu coração, Príncipe – exatamente como seus pais.*

– Como eram... o rei e a rainha?

– Eles eram meus pais. Eles governavam o reino – disse ele, dando de ombros.

– Mas... quero dizer... *como* eles governavam? O que eles fizeram durante a febre? Você se lembra?

A Fera parou de comer e olhou para seu prato, desolado.

– Eles trancaram o castelo e fizeram todos ficarem aqui dentro, a salvo. Com padres e... não, não havia médicos. Eu não me lembro por quê. Eu me lembro do incenso e de não ter permissão para cavalgar meus cavalos.

– Eles fizeram algo pelo povo? Para ajudar a aliviar o sofrimento?

A Fera lhe deu um olhar vazio.

– Eles... fecharam as fronteiras – disse ele, lentamente. – Eu fiquei chateado porque não podia comer as frutinhas silvestres do norte, que eu adorava. Ninguém entrava ou saía, por motivo algum. Para tentar conter a doença. Para impedir que ela se espalhasse.

– Bem, isso foi inteligente. Mas eles... fizeram hospitais improvisados? Forneceram comida para aqueles doentes demais para sair de suas casas?

A Fera movimentou os pés debaixo da mesa.

– Seus pais deram *alguma coisa*, como...

A Fera rugiu, subitamente se levantando e jogando a cadeira para trás.

– Eles deram *tudo!* – rosnou ele diante do rosto dela. Bela se virou e ergueu as mãos para se proteger, subitamente aterrorizada com os dentes amarelados e a expressão assassina dele.

E então, sem nenhuma outra palavra, ele saltou para longe – em silêncio, sobre as quatro patas, abrindo caminho pelo castelo.

Bela olhou para os restos arruinados do jantar, espalhados pela mesa.

Um pouco aturdida, ela pegou um guardanapo para começar a limpar a bagunça devagar.

Nunca se esqueça de que ele ainda é uma fera, ela disse a si mesma, tristemente

.

* Jogo de cartas. (N.E.)

Pergunte à Louça

Quando terminou a limpeza, Bela estava para lá de cansada e totalmente sozinha na cozinha silenciosa. O fogão parecia estar adormecido, congelado em sua posição desligada. A mobília também estava quieta ou, de todo modo, imóvel.

Pela primeira vez no castelo assombrado, Bela começou a se sentir solitária. Não com medo ou desesperada por algum outro sinal de vida, apenas solitária por companhia. As coisas pareciam estar indo tão bem com a Fera... O que o provocara daquela forma tão dramática?

Ela deu uma espiada na sala de jantar da criadagem. Paraseu alívio, a maior parte dos criados antigos de posto mais elevado e alguns da equipe mais nova estavam sentados ao redor da mesa, desfrutando o grande fogo alojado na extremidade do cômodo. Madame Samovar, Lumière e Horloge se sentavam juntos na cabeceira. O ancinho, presumivelmente o antigo jardineiro, e a tira de afiar navalhas tentavam um jogo de cartas. Arrumadeiras-espanadores e uma sombrinha fofocavam.

– Olá? – arriscou Bela.

Todos pararam de imediato o que estavam fazendo e olharam para ela.

– Ah, menina, o seu jantar já acabou? – perguntou Madame Samovar, preocupada.

– Acho que eu... fui longe demais com ele – disse Bela, cansada. Ela apontou para uma cadeira vazia. – Posso?

– É altamente... – começou Horloge.

– Sim, é claro – interrompeu Lumière, saltando ao chão e puxando a cadeira para ela.

Bela afundou no assento, agradecida.

– Pelo visto, eu simplesmente... me afobo com as coisas... – *Muito diferente da minha mãe. Afobando-se em amaldiçoar alguém, afobando-se em entrar em um castelo assustador... Totalmente diferente.* – Acho que devo me desculpar com vocês todos agora mesmo. Se ainda não ouviram, no final foi *a minha mãe* que amaldiçoou seu mestre e todos vocês. E, é claro, fui eu que levei a cabo a maldição. Eu sinto muito, muitíssimo mesmo.

Aqueles que conheciam ao menos parte disso, como Lumière e Horloge, diligentemente não reagiram. O resto largou tudo, em choque.

– Eu me sinto terrível. Não posso nem descrever o quanto me sinto mal. Eu não me dei conta quando cheguei aqui... de que todos vocês já foram humanos. Pensei que talvez fossem apenas... objetos que

tinham sido animados, recebendo vida.

– Eu sou *um cristão* – disse Horloge, indignado. Ele pronunciava *cris-ton*. – Um homem com uma alma, encarcerado nessa prisão imperdoável de relógio.

– Ah, eu diria que é bastante leniente com alguns de seus traços menos atraentes – disse Lumière, casual.

– Todos nós já fomos gente – disse Madame Samovar, melancólica. – Até meu menino, Zip. Ele era só um rapazote quando tudo aconteceu. E ainda é, depois de todos esses anos. Talvez, a seu modo, isso seja uma bênção.

– Então você é a filha da grande Feiticeira – disse Horloge, pensativo. – Eu acho... muito estranho que você tenha vindo para cá...

– A magia sempre retorna para seu ponto de origem – disse Madame Samovar, estalando a língua. Houve murmúrios gerais de concordância e gestos de “cabeça” ao redor da mesa.

– Como é? – perguntou Bela.

– Ah, é só algo que o sr. Samovar dizia – afirmou ela, balançando seu bico. – Toda maldição, todo encanto, cada porçãozinha de magia culinária, tudo vem de algum lugar e não vai... *embora* quando termina. Sempre há um preço a ser pago, e ele geralmente envolve a pessoa que lançou o feitiço.

– Ele era um feiticeiro? – indagou Bela, polidamente.

– Ele? Não – respondeu Madame Samovar, rindo. – Ele não era um de *les charmantes*. Sua única magia era com os animais, e não era *magia* mesmo, se você me entende.

– Espere aí... *les charmantes*? – pressionou Bela, subitamente alerta. – O que é isso?

– É só um termo geral – explicou Lumière, dando de ombros. – Significa qualquer um... levemente tocado. Pela magia.

– Podia ser alguém com orelhas e cauda de lobo – disse Madame Samovar. – Podia ser uma tendência a flutuar, em vez de andar. Podia ser uma grande feiticeira, uma bruxa de cozinha, ou aquela garota estranha na feira que nunca envelhecia e sempre tinha aqueles cogumelos adoráveis no outono.

– *Fadas* – disse Bela, maravilhada, lembrando-se do que a Fera havia dito. – *Les charmantes*. Eles viviam aqui.

– Nós éramos famosos por isso – disse Horloge, com uma fungada de orgulho. – Numa certa época.

– Então... minha mãe... era um desses *charmantes* – disse Bela, lentamente. – Aquela marquinha estranha perto de onde deveria estar o nome da minha mãe no livro de registro... Eu me pergunto se era isso que significava. O reino mantinha registro de *les charmantes*?

Todos pareceram um tanto desconfortáveis.

– Não... oficialmente – disse Horloge com delicadeza. – Todos os... hã... grupos minoritários tiveram... relações boas e ruins com a coroa... em momentos diferentes da história. Este reinado em especial não estava... muito feliz... com a ideia de pessoas com força e poder potencialmente maiores do que os de seus próprios soldados...

Bela vasculhou seu cérebro em busca de outros nomes com o símbolo junto deles.

– Vocês já ouviram falar de... Girard? François Girard?

Todos continuaram inexpressivos.

– Aimi Dupree?

Os pequenos objetos deram várias versões de gestos indiferentes, conforme suas anatomias permitiam.

– Christophe Lambert?

– Lobisomem – disse Lumière, imediatamente. Várias outras pessoas ao redor da mesa concordaram.

– E que *beberrão!* A família toda era um tanto tocada. Pela bebida, digo. Praticamente inofensivo, exceto por aquela ocasião com as ovelhas. Ele tendia a ter um surto antes da lua cheia e aí fugir para as montanhas. Era uma visão e tanto, em algumas noites.

– Eu me pergunto o que aconteceu com ele – disse o velho jardineiro. – Dava para ouvir os uivos dele... Alguns odiavam isso, mas eu achava tudo bastante adorável. Desesperado e mágico, como os velhos tempos.

– Ah, quase todos eles já tinham sumido no terceiro ano da febre – acrescentou a cinta de afiar navalhas.

– Aquela foi uma época ruim – disse Madame Samovar, estremecendo. – Eu fiquei de cama por um mês, vocês se lembram? E fui uma das sortudas! Uma febre tão alta que você podia queimar o polegar tirando a temperatura de um paciente. E as pessoas se consumindo com uma respiração terrível, superficial.

– Menos de metade do reino tinha sobrado quando tudo acabou – acrescentou Horloge, sombrio. – Passou por todos nós. Não importava se a pessoa era um camponês, um rei ou uma rainha.

A garganta de Bela ficou seca.

– Rei... ou... rainha?

– Sim, a febre levou ambos, pobrezinhos – disse Madame Samovar, estalando a língua. – Deixou o mestre órfão aos dez anos.

– Ah, *meu Deus...* – Bela esfregou o rosto com as mãos, sentindo pânico e náusea. – A peste os matou. Era por isso que ele estava tão chateado e apressado. E ali estava eu, apenas matraqueando sobre como eles eram pessoas terríveis por não terem ajudado... *Eu sou uma idiota.* Sou. Tão. Idiota. Preciso procurá-lo e pedir desculpas...

Ela começou a se levantar.

– Não se incomode – disse Lumière com gentileza, segurando-a pela manga do vestido. – Se ele está em um de seus... surtos... seria melhor apenas deixá-lo em paz até que ele se acalme.

– Espere até amanhã cedo, querida – disse Madame Samovar, assentindo. – É melhor assim.

Bela voltou a se sentar, relutante. *Pesquisar, perguntar, investigar*, ela disse a si mesma. É o que você está aqui para fazer, então faça!

– Certo... Mas vocês disseram que quase não restaram *charmantes* no final. Os registros tendem a indicar que não foi a febre...

– Há! *Non* – falou uma arrumadeira-espanador. – A febre não os tocou. Porque foi *começada* por eles. Tudo começou com uma bruxa!

– Bobagem e tolice – disse Madame Samovar. – Você não faz ideia do que está falando, menina.

– Foi uma doença terrível e mortal, simplesmente isso – acrescentou Horloge com firmeza. – Não houve nada de mágico nela. Ela não discriminava suas vítimas.

– Então o que aconteceu com eles? – pressionou Bela.

De súbito, o cômodo ficou muito quieto. Os objetos ficaram imóveis, apenas as chamas de *Lumière* tremeluzindo e os ponteiros de Horloge ticando.

– Olha, eu acho que isso pode ter alguma relação com a quebra da maldição – disse Bela, implorando. – Acho que pode ter relação com a partida ou o sumiço da minha mãe... Realmente penso que ela está tentando me dizer alguma coisa. Mas, se vamos tentar resolver isso, vocês precisam me contar!

– Além... de nosso rei e nossa rainha... nem todo mundo... gostava de *les charmantes* – disse Madame Samovar, devagar.

– Por motivos óbvios! – disse a arrumadeira-espanador com uma fungada, indicando todos no recinto.

– Sempre existiram tensões no principado, como eu disse – afirmou Horloge, empertigado. – Normalmente, todos se davam bem. Entretanto... houve períodos... em que as pessoas se comportavam... pior do que o usual, digamos assim. Imediatamente antes da maldição ocorreu um desses períodos. Houve um incidente envolvendo a morte de um garoto normal nas mãos de um dos *les charmantes*. Seguiu-se violência. Muitas pessoas já acreditavam que *les charmantes* eram a causa de todos os problemas do reino. Sempre que havia uma seca, ou um fracasso com as colheitas, ou o gado não estava se reproduzindo...

– Ou ocorria uma peste – adicionou a arrumadeira-espanador, friamente.

– Alguns diziam que eles estavam partindo, voltando para as Belas Terras ou seja lá de onde eles tenham vindo – disse Madame Samovar, com um suspiro. – Na realidade, porém, eles provavelmente estavam *sendo desaparecidos*. Numa semana você ouvia falar de uma senhora surrada quase até a morte, na semana seguinte era aquele homem gentil com garras que havia vendido aquela linda seda da China que tinha sumido, simplesmente sumido, sem dar pela falta de mais nada. Não era preciso pensar muito para descobrir o que provavelmente tinha ocorrido.

– Se você não fosse um *charmante*, não havia nada a temer – apontou a arrumadeira-espanador.

– Isso é bobagem – disse Madame Samovar. – Pense no sr. Samovar. Aconteceu com ele o mesmo que com o resto deles, e ele não era mágico.

– *Bah* – disse a arrumadeira-espanador. – Você só está comprovando o que eu disse. Ele era bem conhecido por seus pontos de vista. Se não fosse tão amistoso com aquelas aberrações da natureza, talvez tivesse ficado tudo bem. E não se esqueça de que foi uma das *charmantes* que te amaldiçoou! Que amaldiçoou todos nós! Você viu como todos eles são insanos e poderosos! Como pode perdoá-los?

– Foi uma pessoa – disse Horloge, paciente –, que teve que assistir enquanto seu povo era... atormentado e caçado. A seu próprio modo distorcido, ela fez o que achava certo para protegê-los e salvar o resto do reino. E você não pode culpar todo um grupo pelas ações de uma pessoa.

– Mas...

– *Todos nós somos “charmantes” agora!* – disse Lumière, batendo um punho de latão na mesa. Era a primeira vez que Bela vira uma emoção forte e séria no que parecia, fora isso, um rapazinho muito tranquilo. – Não importa mais! Tanto melhor que o resto do mundo tenha se esquecido de nós, porque se não tivesse, as pessoas invadiriam isso aqui para nos matar por termos sido maculados pelo demônio, ou nos trancariam em um circo!

Todas as criaturas olharam ao redor, umas para as outras, e depois para o chão, sem jeito após aquela explosão.

– Eu não compreendo – disse Bela, repousando a cabeça cansada sobre as mãos. – Ninguém no vilarejo onde cresci sequer acredita em magia. A aldeia está logo ali, do outro lado do rio. Pertinho disso tudo. E minha mãe desapareceu *depois* que nos mudamos para lá. Então isso não pode ter sido parte de alguma... caça às bruxas... certo?

– É muita coisa a se absorver em uma noite só – disse Madame Samovar com gentileza, bamboleando adiante. Ela parecia cansada, como se o movimento exigisse esforço.

– Acho que, talvez, *todos nós* devêssemos nos retirar – sugeriu Lumière, tentando soar como ele mesmo novamente.

Todas as colheres, xícaras, esfregões, equipamento de jardinagem e objetos variados de cuidado com a casa estalaram e tilintaram rigidamente pela mesa, descendo para as cadeiras e finalmente, até o chão. Alguns deles não se moviam muito bem; uma das colheres parecia tão sonolenta e dura que precisou ser carregada por suas amigas. Bela se perguntou a respeito daquilo – mas então o rosto de Horloge soou. Estava tarde. Eles provavelmente estavam apenas cansados, e isso não aparecia do mesmo jeito que em pessoas normais. Talvez, como em Cinderela, a magia mudasse à meia-noite.

– Eu só tenho mais um pouquinho de louça para lavar – disse Bela, também se levantando.

– Deixe, querida – disse Madame Samovar. – Vamos cuidar disso amanhã cedinho.

– Mas o objetivo todo era dar uma noite de folga a vocês! – protestou Bela.

– Você já fez o bastante, e eu falo isso com sinceridade – disse a bule, virando-se de um lado para o outro, mas mantendo o bico voltado para Bela. O gesto parecia ser equivalente a um sorriso de quem sabia de algo. – Você fez mais para trazer a vida e a mudança de volta para esse castelo do que qualquer coisa nos últimos dez anos.

A expressão de Bela se tornou taciturna.

– Eu me pergunto se todo o seu reino foi amaldiçoado muito antes de a minha mãe aparecer. Doença... limpeza étnica... um rei e uma rainha que não se importavam com seu povo...

Madame Samovar suspirou.

– Não foi sempre assim. Esse costumava ser um reino mágico, em todos os sentidos da palavra. Ah, bem.

Ela lutou para abrir caminho até a beira da mesa, o fim do desfile de criaturas se retirando para a cozinha. Com algum alarme, Bela reagiu antes de pensar, apanhando gentilmente Madame Samovar e colocando-a no chão. Ela não tinha certeza se estava quebrando algum código tácito entre os amaldiçoados, mas sentiu que era a coisa certa a se fazer.

Madame Samovar pareceu quente, mas imóvel em sua mão – exatamente como um bule de chá real e comum. Se não fosse pela contração em seu bico, Bela jamais saberia que não era nada disso.

– Obrigada, minha querida – disse Madame Samovar, gingando para a cozinha.

Bela se perguntou quem cuidava das xícaras-bebês durante o jantar. *Um jarro-babá?*

Suspirando ao pensar em como sua vida tinha enlouquecido nos últimos dias, Bela se dirigiu, exausta – e um tanto rigidamente também, a seu próprio modo –, para seu quarto.

Ela segurou com firmeza nas balaustradas enquanto subia as escadas, puxando-se para cima, perdida em pensamentos.

Nos livros de aventuras não existiam pausas ou cenas sociais embaraçosas. Em peças morais e farsas raramente havia discussões sérias sobre tensões raciais, mentalidade de turba, revoluções violentas ou peste. Em livros científicos não havia revelações de assuntos terríveis durante o jantar.

A vida é uma mistura estranha de todos esses gêneros, matutou ela, *e não tem um final tão organizado e feliz como se consegue com frequência nos livros.*

Quando chegou ao quarto, a guarda-roupa estava dormindo. Ou muito imóvel.

Bela se despiu lentamente e subiu na cama, a cabeça girando com tudo o que descobrira.

Um reino no final de seu tempo, corrupto com maldade e doença.

Um rei e uma rainha indiferentes a ponto de serem tão ruins quanto Nero, literalmente fazendo nada enquanto seu reino queimava.

Uma maldição caindo sobre um menino de onze anos, posta por uma feiticeira provavelmente enfurecida pelo modo como trataram seu povo e zangada pela negligência do reino como um todo.

Porém, será que o príncipe menino realmente merecia aquele destino?

E ali estava Bela, que havia acelerado aquele “infelizes para sempre”. A menos que descobrissem o que acontecera a sua mãe – ou conseguissem encontrar algum membro igualmente poderoso de *les charmantes* –, a Fera e seus criados ficariam presos naquela forma para sempre, vivendo pelo resto do tempo no castelo esquecido no meio da floresta.

A magia... sempre retorna a seu ponto de origem...

Um último pensamento ocorreu a Bela antes que o sono finalmente a levasse:

E se, já que sua mãe tinha sido a pessoa a lançar o feitiço, Bela fosse a única que pudesse *quebrá-lo*?

Enquanto Isso, Longe do Castelo...

Maurice olhou pela janela da carruagem automática com uma estranha mistura de desespero, repulsa e remorso.

Remorso porque, apesar das circunstâncias calamitosas, ele estava sendo carregado para casa por uma maravilha – uma coisa mágica que descobria o caminho sem olhos ou ouvidos e trotava por aí sem um cavalo. Ele desejou ter mais tempo e a habilidade de observá-la de forma adequada, cutucá-la, mexer com ela. Ver se ela obedecia a mais alguém além da Fera.

Repulsa porque, quando ele sonhava com um mundo cheio de carruagens que pudessem se guiar sozinhas e carroças sem cavalos, jamais imaginara tal coisa insetoide doentia. A condução mágica não rolava – não dispunha de roda alguma. Em vez disso, ela rastejava sobre seus eixos e hastes, fazendo um barulho terrível, como algo se arrastando. Feito uma barata gigante.

E desespero porque ele tinha que encontrar alguém para ajudá-lo a resgatar Bela, imediatamente!

Mas quem?

Ele não tinha nenhum amigo próximo de verdade, e suspeitava que monsieur Lévi provavelmente não estaria disposto a uma incursão a um castelo mágico. O sujeito tinha vinte anos a mais que o próprio Maurice, sem dúvida.

Quem era jovem e forte o bastante para ajudar? Quem reuniria um grupo de ajudantes para ir atrás da Fera?

E, então, a ideia lhe ocorreu. Havia somente uma pessoa, realmente, e deveria ser óbvio.

Assim que a carruagem entrou na praça principal, Maurice começou a tentar abrir a porta. Ele não precisou tentar com muita força; ela estava destrancada e se abriu com facilidade, fazendo com que ele desabasse nas pedras molhadas e frias. A coisa-carruagem parou com um guincho.

– Ahn, adeus, obrigado – disse Maurice, distraído. Ele não sabia qual seria a etiqueta com uma coisa daquelas, mas não custava ser educado.

A carruagem executou uma estranha reverência com as quatro patas – exatamente como ele imaginava que os elefantes do Oriente Distante faziam para permitir que as pessoas subissem ou descessem de seus lombos enormes. Em seguida, ela saiu se arrastando de forma nauseante.

Estava nevando, Maurice se deu conta, de súbito. Ele estivera tão preocupado com tudo na viagem de volta que nem notara. Correndo com cuidado nas pedras escorregadias, ele dirigiu-se à taberna.

Parecia que a turma usual já estava ali bebendo por algum tempo naquela noite; os sons de riso e cantoria se derramaram dali para a cidade que, fora isso, estava silenciosa.

O vento empurrou a porta que Maurice abria, batendo-a com violência, barulhenta e teatralmente. Não era o que ele tinha planejado, mas o efeito que resultou disso foi útil: todos pararam o que faziam e se viraram para olhar.

– Socorro! Pessoal, preciso da ajuda de vocês!

– Maurice...? – perguntou a velha garçonete, preocupada.

– Ele a levou e a prendeu em uma masmorra!

Mas que porcaria de incapacidade de falar claramente! A comunicação nunca tinha sido um dos fortes do inventor... e agora, era definitivamente um risco.

– Quem?

Esse foi LeFou, o amiguinho de Gaston. Ele não era uma pessoa ruim, se você conseguisse afastá-lo do caçador. Não muito inteligente, mas ferozmente leal e pronto para qualquer coisa. Exatamente o tipo de homem que gostaria de participar de uma expedição de caça à fera.

– *Bela!* Precisamos ir! Não há um minuto a perder!

Ele agarrou a mão de LeFou e se virou para sair, loucamente checando a prateleira de armas de fogo e de outros tipos que ficava junto à porta. Eles precisariam estar fortemente armados.

– Ei, vá devagar, Maurice! Quem trancou a Bela em uma... *masmorra*?

De súbito, Gaston se encontrava entre ele e LeFou. Para um homenzarrão, ele se movia surpreendentemente rápido. Até no estado confuso de Maurice, ele reparou que havia algumas manchas de lama que tinham sido cuidadosamente limpas – mas não totalmente *removidas* – das calças elegantes e inadequadas do sujeito. Será que ele estava caçando em trajes formais quando caiu em uma poça de lama para porcos?

Um mistério para outro momento...

– Uma fera. Uma fera terrível, horrível! – Maurice abriu os braços o máximo que pôde.

Gaston arqueou as sobrancelhas para os fregueses do bar, que haviam se virado para ouvir.

– É uma... *fera grande*? – indagou um deles.

– *Imensa!* – disse Maurice, estremecendo.

– Mas com presas afiadas e cruéis? – perguntou outro.

– Sim! Mas falava como um homem! E andava sobre dois pés!

– E que tal um... focinho longo e feio? – perguntou um terceiro.

– *Sim, sim!* – disse Maurice, exasperado. Quem se importava com os detalhes da aparência da Fera? Ele era perigoso e estava com sua Bela. – Vocês vão me ajudar?

– É claro – disse Gaston, polidamente. Ele indicou os bebedores com seu queixo. – Nós vamos lhe ajudar.

– Ah, obrigado, obrigado – disse Maurice, suspirando.

O inventor voltou-se para a porta. A aldeia era um lugar duvidoso, cheia de gente com uma moralidade questionável, mas quando o calo apertava, seus vizinhos realmente...

De repente, ele se viu com braços debaixo de seus ombros e os pés pendendo acima do chão.

– Nós vamos lhe ajudar *a sair!* – alguém gritou.

A porta foi escancarada adiante dele. Maurice foi jogado para fora, na escuridão gelada.

– Não! – berrou ele, dando meia-volta de imediato.

A porta, porém, foi batida na sua cara.

Ele a golpeou várias vezes, o mais forte que conseguia, com os punhos.

– Não! *Eu a vi!* Eu vi! – gritava ele. – Será que ninguém me escuta?

Gaston enfiou a cabeça pela janela para dar uma última olhada antes de trancá-la.

– O velho e louco Maurice... humm...

– *Eu não sou maluco!* – esgoelou-se Maurice. – Será que *ninguém* vai me ajudar?

A cidade, todavia, estava morta, todos dentro de casa com suas famílias ou entes queridos, as portas e janelas bem trancadas.

– Eu simplesmente terei que ir resgatá-la sozinho – disse o pai de Bela baixinho, assim que a realidade da situação ficou clara.

Ele era um sonhador, isso era verdade, mas nenhum inventor durava muito em sua carreira se entregando aos sonhos. No momento em que algo não funcionava, fosse por um mal-entendido a respeito do comportamento de um metal ou de como o vapor empurrava de certa maneira, a pessoa precisava parar imediatamente, pensar e descobrir qual era a causa do problema, e recomeçar a partir dali. Práticos, pragmáticos, obstinados – todos esses adjetivos eram usados para descrever inventores bem-sucedidos.

Maurice deu meia-volta na noite fria e caminhou firmemente para casa.

Ele desejava, entretanto, que sua esposa estivesse lá para ajudá-lo. Ela era... ele se recordava vagamente... extremamente útil e prática em momentos como esse... ainda que ele não conseguisse se lembrar exatamente como...

Ela Não Havia Visto Antes

O alvorecer empalidecia o céu preto e azul a leste; o sol estava a uma hora, pelo menos, de raiar. O fogo não passava de brasas, e Bela se deu conta de que acordara, chocada, com o frio em seu rosto. Ela se virou na cama e viu, para sua consternação, que a pilha de lenha havia acabado.

Imediatamente, sentiu-se envergonhada; apenas dois dias em um castelo e ela já começara a esperar que a servissem, perfeita e pontualmente!

Isso não é pior do que era em casa numa manhã de inverno, ela disse a si mesma, fechando os olhos e se preparando para emergir depressa da cama, como tais manhãs costumeiramente incentivavam. Era como pular em um lago congelado.

Ela afastou as cobertas rapidamente, torcendo contra todas as evidências que o lugar quentinho criado por seu corpo ainda estivesse ali quando ela retornasse com mais lenha. Seus pés não se chocaram com um piso frio como gelo como teria sido em casa; havia um tapete espesso para protegê-los ali. Ela pensou cobiçosamente em que roupas quentes poderia haver dentro da guarda-roupa, mas abrir aquela coisa enquanto ela dormia parecia errado. Uma invasão de privacidade, ou coisa pior.

Assim, ela cruzou os braços contra o ar frígido e enfiou os sapatos nos pés, preparando-se para fazer a longa jornada até a cozinha e os depósitos.

No entanto, quando abriu a porta, havia uma estátua de pé ali.

Por algum motivo, Bela não gritou. O que ela fez foi dar um pulo para trás. Era cedo demais, sua cabeça ainda estava turva e cheia de sono, e estava frio demais para ela pensar em muita coisa além de como estava frio.

Dessa vez, as folhas estavam um pouco mais “arranjadas” para copiar feições humanas... ou possivelmente inumanas. Bela se lembrou das imagens assombrosas do Homem Verde que vira em livros sobre antigas igrejas britânicas: folhas amplas flanqueando o rosto como uma juba, folhas menores formando um nariz achatado e olhos cegos. A hera perto de seus “pés” estava coberta com delicados traços brancos de geada. *Como a outra – ela veio de lá de fora.*

– Mas que...? O que raios é isso?

Qualquer pensamento que Bela tivera de que se tratava de um sonho foi banido de imediato pelas palavras banais e confusas da guarda-roupa.

Bela deu meia-volta e levou um dedo aos lábios. Agora não era o momento para interrupções.

– Você foi enviada pela minha mãe...? – começou ela, quando se virou de novo.

No entanto, a estátua tinha mudado naquele momento: agora um braço estava erguido, e um dedo apontava para algo atrás de Bela.

Ela se virou para olhar. Não havia nada ali.

– A janela...? – ela começou a perguntar, voltando-se.

A estátua, entretanto, tinha sumido.

– Isso – disse a guarda-roupa – foi assustador.

Bela a ignorou, envolvida demais no que estava acontecendo para se importar em ser rude, e foi até a janela.

Tênuos fios de teia pálida tinham, de alguma forma, alcançado a janela, cruzando-se de leve, de um lado para o outro, diante do vidro. Abatida, Bela pressionou o rosto contra o vidro e tentou ver quanto mais do castelo tinha sido coberto.

Uma porção surpreendente. Cordas grossas tinham ultrapassado o topo das muralhas do perímetro; finos corredores de aparência doentia disparavam delas, espalhando-se pelo campo aberto como se à procura do próximo edifício vertical para atacar.

Bela estremeceu e teve que sufocar um princípio de pânico. Em algum momento as teias cobririam todo o castelo, amortalhando o prédio e todos lá dentro.

Foi quando ela notou que a vista do terreno parecia estranhamente mais nublada do que o clima deveria permitir. Ela levou um instante para perceber que havia uma fina camada de gelo presa entre dois dos fios brancos. Era ondulada e insana, e o que mostrava não era uma versão borrada da paisagem mais além, mas sim algo totalmente diferente:

A casa dela, à noite. Um cavaleiro sombrio se aproximava dela – não, *dois* cavaleiros, no mesmo cavalo. Galopando a uma velocidade arriscada, encostando no último segundo possível com uma corcoveada silenciosa e protestos do cavalo.

Bela recuou, aterrorizada por essa estranha visão. Nada na situação parecia correto.

O cavaleiro principal desceu num salto, então se virou para ajudar o segundo a descer. Esse era um menino alto e gracioso que descia do cavalo com facilidade – Bela podia ver isso sob o respingo de luz amarelada da porta, agora aberta.

– Não! Não saia! – Bela não pôde evitar sussurrar. No entanto, a mãe dela já estava na porta agora, falando com o cavaleiro, parecendo nervosa. Em seguida Maurice apareceu, apertando a mão do primeiro cavaleiro...

E então a visão recomeçou.

– Não – disse Bela, frustrada. – *O que é isso?* O que está havendo? Ele é um parente? *Um deles* é parente? Será que ele é um tio? O que está acontecendo? Por que você está me mostrando isso? Foi ele quem te traiu? Você veio pra cá a fim de se afastar de toda a morte e a violência, e ele te seguiu?

– Não faço ideia, querida – disse a guarda-roupa com um bocejo. – Mas se você descobrir algo, me avise. Vou dormir mais um pouco... Boa sorte...

Bela ficou e assistiu à visão várias e várias vezes, por horas, se esquecendo completamente de ir buscar lenha. Em algum momento, quando o interior de sua boca tinha gosto de morte e ela não conseguia mais sentir as pernas, Bela voltou para a cama, encolhendo-se como um rato.



Quando ela acordou pela segunda vez, o sol estava alto e brilhando, amarelo.

– Bom dia, senhorita – disse a guarda-roupa, animada. – Você descobriu o que era aquela estátua?

– Hum, não – disse Bela. Ela lutou para encontrar palavras. – Eu senti que... senti como se o castelo *inteiro* estivesse cheio... com a presença de minha mãe. Eu não sei se ela está viva ou morta, mas é como se tudo aqui estivesse... *preenchido* com ela, de alguma forma. Com suas memórias. Sua... *alma*, quase. Ela definitivamente está tentando me dizer alguma coisa.

– Eu queria que ela encontrasse um jeito menos assustador de fazer isso. Seu antigo vestido está lavado, passado e pronto para usar – disse a guarda-roupa, abrindo as portas, entusiasmada. De fato, estava. Tão limpo e fresco que estava quase como novo. O avental estava impecável e as mangas da camisa, fofas e brilhando de tão brancas.

Perto dele havia um vestido de baile amarelo e um vestido rosa pesado com mangas em forma de sino, tão longas que quase podiam passar por cachênês, com uma estola forrada de pele combinando.

– Nevou essa noite – disse a guarda-roupa, inocentemente. – Pensei que talvez quisesse sair para patinar, ou...

– *Patinar?* Eu não sei se você reparou ou não, mas estamos *presos* nos terrenos desse castelo agora. Sem saída. Acho que não vamos conseguir ir até o rio muito em breve.

– Ah, tem um laguinho próximo à muralha maior, depois dos estábulos. Aposto que ele está bem sólido agora.

Hã. Isso era interessante. Então, se ela ficasse meio doida pelo confinamento nos meses seguintes, ao menos haveria pátios.

– Obrigada – disse Bela, pegando seu vestido antigo. – Talvez mais tarde.

Entre sua mãe, a maldição, o sumiço de *les charmantes* – e suas desculpas para a Fera –, havia muito a se fazer para passar tempo patinando.

Ela desceu ao primeiro andar tão depressa que quase não percebeu os cogumelos chapéu-de-cobra, pálidos e brilhantes, que tinham começado a brotar em grupos nos degraus. Quando um grupo especialmente luminoso e cadavérico finalmente chamou sua atenção, ela parou para olhar com mais cuidado.

Parecia que eles estavam brotando diretamente das faixas cinzentas do mármore. O mosqueado em seus caules e na tampa em forma de guarda-chuva lembravam rostos pressionados contra o tecido,

gritando ou tentando dizer algo, amortalhados antes que estivessem totalmente mortos.

Bela sentiu seu estômago revirar. Algumas das marcas se *moviam*, só um pouquinho, fazendo com que se parecessem ainda mais mortos-vivos.

Parte dela não podia evitar pensar: *Espere aí, minha mãe trabalhava com plantas. Hera e rosas. Cogumelos não são tecnicamente plantas, certo? Não como aquelas com folhas.*

– Preciso comer alguma coisa – disse ela, em voz alta. Aquilo deixaria *tudo* melhor, inclusive seu estômago. Uma conversa com Madame Samovar, um pouco de bacon e um fogão animado e amistoso baniriam qualquer sombra que pudesse restar.

Entretanto, quando ela chegou lá, a cozinha estava tão fria quanto seu quarto estivera na noite anterior. O fogo no fogão estava tão baixo que quase apagara. Tudo estava imóvel e silencioso. A criadagem não podia estar dormindo ainda, podia? Será que eles tinham se fartado de fosse lá qual fosse o trago mágico que objetos animados podiam tomar depois que ela se recolhera na noite anterior? Estariam todos desmaiados agora?

– Bom dia! – disse Bela, animadamente.

Nada.

Confusa, ela olhou ao redor. Ali no gabinete estava a inconfundível Madame Samovar. Ela era o único bule branco com uma tampa rosa e lilás. Sua porcelana estava brilhante e completamente imóvel.

Empilhadas junto dela estavam todas as xícaras de chá, todas, menos Zip, que estava mais perto dela. Como se alguém o tivesse colocado em segurança junto à mãe.

– Madame Samovar? – chamou Bela, baixinho. Ela bateu gentilmente no vidro com o nó do dedo. – Olá?

Sem resposta.

Bela recuou até o meio da cozinha. Ela girou devagar, olhando para tudo ao seu redor. Era uma cozinha comum, silenciosa, esperando que um humano entrasse e trouxesse vida para dentro dela.

Bela deslizou a mão pelo cabelo, entrando em pânico. Será que ainda estava dormindo?

Estaria finalmente acordada?

Será que era apenas uma garota maluca, perdida em um castelo deserto, imaginando bules falantes e candelabros que flertavam? Se ela corresse lá para cima para “conversar” com a guarda-roupa, com o que se defrontaria? Madeira e poeira?

Um suspiro muito suave veio do gabinete.

Bela quase soluçou de alívio quando Madame Samovar se chacoalhou lentamente, livrando-se dos últimos resquícios de paralisia.

Eu não estou louca. Isso já é alguma coisa.

Era estranho pensar em uma cozinha literalmente se iluminando – mas foi isso o que ocorreu. O fogão brilhou mais alaranjado, todas as cadeiras se endireitaram e as arandelas nas bordas do recinto se acenderam.

Madame Samovar viu Bela e saltou do gabinete, ansiosa.

– Aaah, minha nossa, eu não perdi a hora um dia sequer em todos os meus anos aqui! – gritou ela. – Coloquem o bule no fogo! Deus, que frio! Minha querida, me desculpe! Vamos arrumar algo fresco e quentinho para você em um momento! – Ela desceu para a mesa e rodopiou, mandando Zip, o jarro de creme, um pratinho de muffins e uma tampa prateada se arranjamem em uma bandeja. – Que dia lindo está fazendo! Aposto que o sol vai derreter toda a neve antes do meio-dia. Mas vamos servir um pouco de chocolate quente para afastar o frio da manhã!

– Obrigada. Eu *adoro* chocolate quente. Quase nunca tomo.

– Eu também adoro chocolate! – intrometeu-se Zip. – Eu posso sentir o chocolate na minha xícara – acrescentou ele, confidencialmente.

Ele era tão bonitinho, tão... animado. Bela, porém, não pôde evitar pensar, com um calafrio, em como havia um menino de verdade sob a porcelana.

– Quantos anos você tinha quando... tudo isso aconteceu?

– *Cinco!* – disse Zip, orgulhoso. Ele se inflou todo.

Uma panelinha de latão saltou para fora do fogão, indo cuidadosamente para a mesa. A xícara ficou bem imóvel, tentando ser um garoto sério em sua tarefa, enquanto um chocolate quente cremoso e forte era despejado dentro dele.

– Muito bem – disse Bela, apanhando-o. Ela tomou um golinho e ele riu. Em seguida, apanhou alguns muffins. – Eu odeio comer e sair correndo, mas quero voltar à biblioteca e pesquisar mais. Creio que vocês não saberiam, por acaso, o nome da Feiticeira que lançou a maldição sobre vocês... Minha, ahn, mãe. Não é?

Madame Samovar balançou o bico, pesarosa.

– Que coisa terrível, não saber o nome da sua própria mãe! Mas temo que *eu* também não saiba. Porém, eu lhe digo que o sr. Samovar certamente sabia. Ele disse algumas coisas... soltou algumas pistas... Mas naquela época, não era seguro ser amigo de quem fosse *charmante*, certamente não se você morasse no castelo. Mas ela era conhecida de outras pessoas aqui... você poderia tentar perguntar para eles. Ela veio ver o rei e a rainha três vezes, no total. A magia sempre vem em três.

– Como é? – Bela inclinou-se adiante. – Por quê? Por que ela veio tantas vezes?

– Bem, da última vez foi para amaldiçoar todos nós – disse a bule, com uma risada irônica. – Da vez anterior, foi porque o rei e a rainha a convocaram, para implorar a ela que ajudasse a sumir com a peste.

– E ela ajudou? – perguntou Bela, sem fôlego.

– Não – disse Madame Samovar, suspirando. – Não sei nem se ela poderia. Enfim, ela disse não a eles e foi embora zangada, pelo que Lumière conta.

Bela sentiu que tinha sido golpeada no estômago. Depois de acusar os pais *da Fera* de não ter coração... Sua própria mãe se recusara a curar os doentes.

– Por que ela os visitou da primeira vez?

– Foi para abençoar o bebê... o Príncipe, a Fera. Em seu aniversário. Como se costumava fazer antigamente. Ah, eu queria ter visto isso!

– Que... confuso – disse Bela, tentando entender a ideia de sua mãe abençoar um príncipe que eventualmente acabaria amaldiçoando.

– Bem, o rei e a rainha não permitiram que ela o fizesse. Eles disseram que isso era *arcaico* ou algo assim. Mas era mais como *teimosia*, se quiser saber minha opinião – disse a bule, com uma fungada molhada. – Você pode ser todo moderno *nisso* e antimagia *naquilo*, mas se uma feiticeira se oferece para abençoar de graça seu filho, você é um tolo em não aceitar! É o que eu acho, enfim.

Eles não lhe permitiram...

Bela sentia algo como uma dor de cabeça começando. Alguns dias atrás, ela não tinha mãe. Agora, tinha uma bem complicada. Era como descobrir que o país em que você morava ficava, na verdade, na lua, e seguia um conjunto totalmente diferente de leis e procedimentos.

Não... Bela se corrigiu. Era mais do que aquilo. A mãe que Bela *imaginara* ter não era nem um décimo do que ela realmente se revelara ser.

Como poderia Bela, uma pequena bibliófila solitária do interior, ter vindo de alguém tão grandiosa que distribuía maldições e bênçãos como se fossem doces, e depois tomava um castelo inteiro com sua presença?

Não parecia possível. Parecia *quase* um engano.

Bem, ela disse a si mesma, corajosamente, *eu posso não ter o poder mágico dela, mas se eu for realmente metade da minha mãe, então também tenho sua força de vontade e astúcia. Estou mais à altura deste desafio do que qualquer outra criatura neste mundo.*

... Certo?

– Obrigada – disse ela em voz alta para Madame Samovar antes de partir.

Enquanto Bela descia as escadas para a sala de jantar, deu uma mordida em um muffin. Ele ainda estava quente e úmido por dentro, praticamente se dissolvendo na boca. Havia um sabor delicado de limão e baunilha. Ela o terminou rapidamente e comeu o próximo de imediato, dizendo a si mesma que era para terminar com todos antes de entrar na biblioteca, uma área onde era proibido lanchar.

Zip gargalhou enquanto ela bebericava dele e tentou não se remexer muito. O chocolate quente estava *bem* quente.

Bela escancarou as portas da biblioteca de forma dramática para poder fingir que era a primeira vez de novo. Havia tantos *outros* livros que ela podia ler nesse aconchegante dia de inverno! Quase em demasia. Ela estreitou os olhos e observou as coisas como seu pai o faria: com vista a melhorias. Em vez de escadas aqui e ali, ele provavelmente colocaria um carrinho, com algum tipo de sistema de polias ou canaletas para permitir a subida e descida de livros com o máximo de gentileza possível – e em número maior do que uma única pessoa conseguiria normalmente carregar. Ou talvez uma lente sobre rodas em um trilho acima dos livros, para que a pessoa pudesse ver rapidamente, do conforto do piso, se o tomo de que precisava estava lá no alto...

De súbito, ela notou a Fera no canto oposto da sala, encolhido sobre um livro, franzindo o cenho como se estivesse ali há horas.

Bela seguiu pelo corredor principal, pé ante pé, até ele. Ele tinha uma garra estendida, e a movia lentamente sobre uma linha do texto, a testa franzida. Ao redor dele, ela viu alguns dos resultados da frustração: havia mais do que alguns livros de registro antigos e inestimáveis rasgados e irreconhecíveis, e pequenas pilhas do que pareciam ser futuros ninhos de ratos.

– Fera...? – perguntou ela, espantada.

– Estou... tentando formar uma linha temporal. Eu já pesquisei um dos livros. Bem detalhadamente, acho. Anotei todas as referências a alguém que soava como sua mãe. – Ele ofereceu uma folha de papel com tantos buracos que Bela se lembrou dos mapas de constelações que se colocava diante de lanternas para fazer as estrelinhas brilharem. Havia um ou dois nomes gigantes rabiscados no topo, antes da caneta se transmutar em voltas e rabiscos incompreensíveis. – Eu não escrevo... já há algum tempo... – A expressão no rosto dele era um tal misto de desespero, ansiedade e *abandono* que Bela sentiu seu coração se partir um pouquinho. Ela tomou a folha dele e olhou-a com atenção.

– Isso é ótimo – disse ela. – É exatamente do que precisamos.

A Fera respirou fundo.

– Eu... meus pais...

– Eu sinto tanto, tanto – disse Bela, largando o papel e tomando as patas dele em suas mãos. A Fera olhou para elas, então para ela, surpreso. – Eu não sabia. Não fazia ideia de que você tinha perdido seu pai e sua mãe para a febre quando ainda era criança. Eu fui estúpida e insensível pelo que falei.

A Fera abriu a boca para dizer algo.

– Obrigado – foi o que acabou saindo. – Eu... também sinto muito. Nem sempre consigo controlar minha ira – continuou ele, hesitante, flexionando as patas e tentando encontrar as palavras certas. – Foi... *bem ruim* na noite passada. Minha mente ficou escura. Eu não me lembro do que aconteceu depois que fugi da sala de jantar... É um branco total. Acordei em um canto do porão com penas no focinho.

Bela tentou não recolher as mãos imediatamente, horrorizada, mas fazer isso devagar, como se esta fosse sua intenção desde o começo. O que diabos essas garras tinham tocado? O que elas tinham *feito*?

– Isso nunca aconteceu antes – disse a Fera, sem nem reparar.

Ele falava com uma boca tão grande que poderia tê-la escancarado, levantado Bela do chão, lhe partido com uma mordida e a engolido. Poderia arrancar a cabeça dela com suas presas. No entanto, estava encurvado, a corcova em suas costas mais pronunciada. Seus olhos, azul-claros e deslocados entre as cores mais escuras de seu corpo, estavam arregalados e cobertos com uma película de umidade.

– Aposto que é a maldição – disse Bela, carrancuda. – Você está se transformando em uma Fera ainda *pior*. E é tudo culpa minha.

A Fera lhe deu um sorriso muito débil.

– E da sua mãe.

– Certo. – Bela desabou ao lado dele. – *Pais*.

A Fera, quase sem pensar, colocou a pata sobre a mão dela e apertou. Como se estivesse *reconfortando Bela*. Ela se recostou nele e ele ajustou sua posição, pousando o braço ao redor dos

ombros dela.

– Eles estão lá fora – disse ele, baixinho, depois de um momento.

Bela olhou em torno da biblioteca antes que pudesse se conter.

– Desculpe, como é?

– *Os meus* pais estão lá fora – disse ele, indicando a janela gentilmente com o queixo. Um gesto estranhamente humano para um queixo tão gigantesco. – Eu... eu os visito. Às vezes.

– Mostre-me – sugeriu Bela com delicadeza.



Antes de eles entrarem no perímetro junto à muralha, pararam em um vestiário. A Fera ainda usava suas calças elegantes do jantar da noite anterior, mas havia se livrado da camisa em algum momento. Ele fez rodopiar a velha, imensa e esfarrapada capa ao redor dos ombros e se atrapalhou com o fecho dourado. Todavia, não perdeu a paciência de imediato, como Bela achou que ocorreria; pelo visto, fazer aquilo de maneira adequada e sem destruir nada era importante para ele, por algum motivo.

Ainda assim, ela estendeu as mãos e fechou a capa para ele com firmeza. Ele não disse nada, embora houvesse um sorriso enviesado em seu rosto triste.

Ela jogou levemente um manto velho ao redor de seus ombros e o amarrou sob o pescoço em um movimento tão gracioso que a Fera não pôde deixar de encarar.

Em seguida, ele empurrou a porta e saiu.

Bela o seguiu, depois tropeçou na soleira. Tonta e confusa, ela olhou para a Fera. Ele apontou sombriamente para os montinhos de terra que tinham de alguma forma sido arranhados ao redor da porta e na base das muralhas.

No começo, Bela achou que fossem toupeiras ou algum outro roedor, mas estavam no inverno – elas estariam hibernando ou, ao menos, incapazes de escavar o chão congelado.

Com o coração dando um salto, ela subitamente percebeu qual era a causa da perturbação.

O castelo estava afundando.

Ele estava sendo puxado para dentro do chão pelas teias que cobriam o castelo como fungos brancos e agora o separavam do resto do mundo. A terra engoliria o castelo por inteiro – como se ele nunca tivesse existido. A maldição garantiria que o reino fosse totalmente esquecido.

Bela estremeceu e fitou os olhos da Fera, sabendo que ele tinha chegado à mesma conclusão. Nenhum dos dois disse nada.

Ela respirou fundo, limpando a mente, ajustou seu manto e deu as costas para o castelo, ficando de frente para o mundo exterior.

Bela ficou deslumbrada.

Já não estava mais ensolarado, mas ainda havia muita claridade, com grinaldas de nuvens brilhantes arqueando-se lá no alto. Uma neve tênue cobria tudo – do tipo que era tão quebradiça e delicadamente

equilibrada que sumia com a primeira brisa quente. Mas, por enquanto, a paisagem estava coberta de branco, e flocos de neve ainda caíam do céu alvo. Comparado à eterna sombra do castelo, aquilo era categoricamente cegante.

Até mesmo as teias doentias e brancas como osso que agora cobriam estátuas e arbustos em seus fios estranguladores brilhavam com uma feia radiância pálida.

A Fera começou a caminhar e Bela o seguiu... pisando em rastros gigantes em forma de garra. Seus pés mal chegavam ao meio das pegadas dele.

Ele virou à esquerda antes de guiá-la pelo que podia, outrora, ter sido um pátio cheio de lanças de defesa durante épocas de guerra, ou ovelhas e mercadores durante épocas de paz, mas agora não passava de um jardim de passeio levemente dominado por ervas daninhas, árido e espremido sob o frio da estação.

O local era extremamente belo, de um jeito meio relaxado e supercrescido. Aqueles que seguiam modas – e não a *filosofia* real de pensadores como Jean-Jacques Rousseau – teriam aprovado de todo coração o “retorno ao estado natural” que o jardim promovia. Bela não conteve um sorriso ao pensar na Fera ou no jardineiro frustrado estando interessados nos caprichos e modas dos jardins parisienses.

Trepadeiras tinham começado a subir em tudo. Pássaros tinham assumido o controle de uma maneira que Bela tinha certeza de que não teria acontecido caso houvesse mais pessoas no castelo. Pica-paus atacavam insetos ruidosamente em árvores doentes e faziam seus voos rasantes característicos sobre a cabeça dela. Pombas se agrupavam, ousadas, em grupos de duas ou três no chão, procurando por sementes, sem ameaças de gatos ou cachorros.

Eles passaram sob uma treliça e entraram no que deveria ter sido antigamente um jardim de rosas em vasos, extremamente elegante. Bela ficou sem fôlego. Não era imenso, como imaginava que fossem os de Versalhes e Roma, mas o que lhe faltava em profundidade e largura era compensado em trilhas estreitas e sinuosas e arbustos entremeados de modo tão inteligente que era como se um labirinto de rosas se estendesse pela eternidade.

Rosas silvestres formavam muralhas espessas acima de austeras rosas de corte, rosas rugosas lambiam a base de urnas de pedra contendo rosas premiadas em miniatura. Não havia nenhum outro tipo de planta, exceto uma quantidade surpreendente de ervas daninhas – e, de novo, hera, arrastando-se pelas trilhas de pedra, dominando cada pedaço do chão.

Bela olhou ao redor, nervosa, buscando vãos na topiaria... procurando por faixas desnudas e marrons das quais a hera mais ambulante tinha vindo. Entretanto, tudo parecia estar... normal.

Ao contrário do jardim da mãe de Bela, parecia que o inverno havia matado a maioria das flores. Elas certamente não tinham sido podadas da forma apropriada e, para o olho inexperiente de Bela, isso já ocorria há muitos anos, com hastes sem aparar e galhos ficando fracos e pesados por causa de seus brotos já desfolhados e das bagas, nutricionalmente exigentes.

Normalmente, Bela teria estendido a mão e arrancado, distraída, uma das frutas de um rosa-vivo incrível, jogando-a na boca. Embora pudesse ser amarga, era também uma explosão bem-vinda de

vitaminas e de lembranças do sol de verão. Escondido em uma prateleira nos fundos do chalé, Maurice ainda mantinha um estoque do chá de bagas de roseira da mãe dela. Ele nunca tomava esse chá, mas muito de vez em quando ela o flagrava levando um saquinho sedoso ao nariz e inalando seu perfume envelhecido.

O lugar todo entristeceu Bela. Mas não era uma tristeza *ruim*. Apenas nostálgica e um pouco chorosa por coisas que haviam se perdido ou que ela nunca havia tido.

Como uma mãe.

Será que sua mãe a teria levado para o jardim de rosas e lhe ensinado todos os nomes, será que ela teria apanhado um botão e o colocado no cabelo da filha? Será que ela teria feito chá de bagas de roseira para Bela?

Será que ela teria feito chá de folha de framboesa para a filha quando ela começara a ter seu sangramento mensal? *Para que a Bela de 13 anos não tivesse precisado pesquisar sobre bálsamos e remédios calmantes possíveis para isso por sua própria conta?*

Ela amassou um pouco de neve quebradiça sob o calcanhar com raiva extra ao pensar naquilo.

A Fera continuou seu caminho em silêncio adiante pela neve. Ela não sabia dizer se ele fora afetado pelo jardim de rosas; ele não parecia mais ou menos melancólico do que era normalmente – quando não estava em uma de suas crises. Ele se encolheu daquele jeito que indicava fortemente que se movimentar de forma bípede não era apenas desconfortável e antinatural para ele: chegava, às vezes, a ser doloroso.

Bela apressou-se a alcançá-lo e parou de imediato quando viu onde estavam: em um minúsculo cemitério antigo.

Era um dos mais belos que ela já tinha visto. Uma cerca de ferro forjado moderna, cujas pontas afiadas eram recobertas de ouro, cercava o pequeno trecho de terra. Apenas reis e rainhas do castelo eram enterrados ali, junto com os corpinhos desoladores de alguns bebês e crianças reais que não haviam vivido o bastante para herdar o trono.

Na frente, estavam as duas pedras mais recentes. Eram de mármore lindamente esculpido, de aparência ainda recente e gelada. Desenhos ornamentados de crânios, cruzes e rosas decoravam os topos arredondados das pedras, com inscrições gravadas em letras sofisticadas.

Aqui jazem o rei e a rainha do castelo, levados antes de seu tempo.

A Fera tinha se agachado para observá-los com mais atenção. Ele levantou a pata gigantesca para afastar o pouco de neve que havia se acumulado em cima das tumbas.

Bela se ajoelhou perto dele e colocou a mão em seu ombro.

– Eu tinha dez anos quando eles morreram – disse ele, baixinho. – Eu não compreendi. Eles tinham feito todas essas coisas: colocado o reino em quarentena, selado todos nós no castelo, nos obrigado a tomar uns tônicos nojentos... – Ele riu de leve com aquela lembrança. – Eu odiava, eles me faziam quase vomitar. Ninguém mais no castelo morreu, mas nada funcionou para os meus pais. Desde que pegaram a febre até a morte, foram menos que três dias. Eu não tinha permissão para tocar neles, mal pude vê-los. Nunca tive oportunidade de me despedir.

Bela se recordou de súbito da mudança na Fera quando ela estava chorando, depois que ele mandara seu pai embora. *Eu nem tive a chance de me despedir.* Não era de espantar que aquilo o tivesse emocionado.

– Eu era o último da linhagem... Todos queriam me manter a salvo. Longe deles e de sua doença – disse a Fera, pesaroso. – Mas eu teria trocado a minha vida por mais um abraço da minha mãe, uma última palavra de meu pai. Sem eles, eu não queria... viver.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Bela. Seria melhor nunca ter tido uma mãe, ou ter tido uma e perdê-la?

A Fera se deu um chacoalhão.

– O que restou da corte fugiu aos bandos depois disso... De que serve um reino vazio, sem ninguém para governar? Qual o uso político de um príncipe órfão de dez anos, em uma terra arrasada?

– Fera... – disse Bela baixinho, apertando seu braço gigante.

Ele suspirou profundamente.

– Nós lamentamos por um ano, como era de costume. E então chegou a hora da minha coroação. E na véspera dela...

– Minha mãe apareceu, e transformou você na Fera – terminou Bela, suavemente.

– *Me transformou?* – A Fera riu, com desespero. – Você e sua mãe acham que eu já estava a caminho de me tornar uma, por conta própria. Por mais injusto que fosse fazer isso com um menino de onze anos... por que ela viria na véspera de minha coroação? Ela estava *me testando*, para ver se eu seria um governante tão terrível quanto meus pais. E eu falhei nesse teste.

Bela abriu a boca para dizer que ainda assim não era algo justo a se fazer a uma criança. Porém... visto por um ângulo diferente, uma imagem mais ampla, começava a fazer sentido. O rei e a rainha anteriores tinham transformado um reino feliz e próspero em um pesadelo vazio em que pessoas estavam morrendo nas ruas devido à peste ou eram surradas e “desapareciam” por serem diferentes.

Talvez sua mãe estivesse apenas fazendo o que julgou melhor para proteger o pouco que havia restado.

Todavia, ainda parecia um fardo um tanto pesado para alguém tão jovem.

– Eu *sei* que eles foram governantes terríveis. Até como uma criança eu às vezes sentia que não estavam fazendo as coisas certas. Eles rejeitavam peticionários... seus próprios súditos, cujas casas tinham sido tomadas deles ou sido vandalizadas... gente sem recursos que era surrada repetidamente pelos mesmos bandidos que sempre seguiam impunes... Às vezes, eles agiam como os tiranos das histórias que minha babá lia para mim. Foi por isso que perdi as estribeiras ontem à noite. Eu sei que você tem razão sobre eles, mas... Eles estão *mortos*. – A voz dele tinha começado a decair para um rosnado. – Os *erros* deles *se acabaram*. Será que os outros não podem deixá-los em paz agora?

O rosnado se transformou em um rugido. Ele abriu a boca e uivou, as presas e dentes expostos, os olhos fechados. Foi terrível, lamentável e assustador, tudo ao mesmo tempo – diferente de tudo que Bela

já ouvira. Como algo antigo, grande e solitário que assombrava as florestas, procurando eternamente por algo que lhe faltava.

Tinha começado a nevar de novo, notou ela, e o hálito quente dele derreteu os flocos tímidos ao redor de sua cabeça enorme como algum monstro mágico que respirasse fogo.

Bela observou os jardins assombrados e desgrenhados e o lúgubre cemitério antigo. O ar subitamente pareceu frio de amargar: os flocos se tornaram maiores e de aparência esquisita. *Cinzas*, Bela percebeu ao tocar uma com o dedo e ela continuar ali, sem derreter. Cinzas de algum incêndio hediondo, de acabar o mundo, sinais de uma guerra que consumia a terra, uma visão de tudo terminando.

Dois tiranos que se comportavam como se nunca tivessem sido ensinados sobre certo e errado, governando seu reino de brinquedo escondido nas florestas da França... e sua própria mãe, que decidira tomar para si a responsabilidade de puni-los e testar o filho deles. Todos se comportando como deuses.

Ela respirou fundo.

– Sinto muitíssimo, Fera.

Ele abriu um sorriso melancólico.

– Eu tinha um nome, um nome de verdade, antes de tudo isso.

– Como era?

– Não importa agora – disse ele, balançando a cabeça. – Mesmo que... mesmo que eu voltasse a ser uma pessoa, jamais seria *aquela* pessoa outra vez.

– Oh... – Bela sentiu as lágrimas se acumulando em seus olhos e mordeu o lábio.

– Não, não é tão ruim – disse a Fera, baixinho, colocando a pata sobre a cabeça dela. Para reconfortá-la. – Nem... toda mudança é ruim. Você está me fazendo perceber isso.

Bela sentiu vontade de chorar por motivos que não sabia articular com precisão. Ela se deu conta de que, ainda que não tivesse sido ela a estragar tudo com a rosa, ainda que não fosse sua própria mãe quem lançara a maldição, ela ainda teria feito tudo a seu alcance para ajudá-lo. Era uma sensação estranha; ela nunca realmente tivera a oportunidade de ajudar alguém antes, exceto seu pai.

Bela colocou a mão sobre a pata dele e a apertou.

– Nós vamos dar um jeito nisso tudo. Juntos – prometeu ela.

A Fera olhou para ela por um instante, maravilhado. Em seguida, colocou o outro braço em torno dela. Ela se recostou no flanco quente dele, e ele não se afastou.

Gaston

A taverna, tão animada há pouco tempo, estava agora sombria e fria. Era a hora de coisas soturnas: muito depois da meia-noite, mas não perto o suficiente da alvorada para qualquer esperança de luz. Um fogo ainda ardia na enorme lareira, agora abafado, mais sofrido e emburrado do que alegre.

Três figuras solitárias se reuniam ao redor da única mesa iluminada, as cabeças e ombros muito próximos apesar da ausência de qualquer ouvinte ao redor.

Gaston estava lá, é claro, seu perfil gigantesco era inconfundível. E perto dele estava seu igualmente inconfundível amigo, LeFou, que bebericava uma caneca de sidra um tanto nervosamente. O terceiro sujeito era magro, com pele esticada como papiro mal recobrimdo seu esqueleto. Ele parecia tão antigo quanto uma verdadeira múmia, mas não havia nada frágil em seu porte sobre a tacinha que Gaston servira. Seu cabelo era comprido na parte de trás, mas sem uma fita o prendendo, as mechas estranhamente arranjadas e oleosas. Ele tinha todos os dentes – ou um conjunto de imitações muito bom –, que apareciam claramente sempre que ele falava ou sorria, o que era raro.

Havia também um odor estranho nele – não *vindo* dele, mas um miasma cercando suas roupas, seu casaco, seu chapéu. Algo que lembrava muito de perto químicas perigosas, vômito e decomposição, urina e idade. Gaston tentou afastar a cabeça sem parecer grosseiro.

– Normalmente eu não deixo o hospício durante a semana, muito menos no meio da noite, mas disseram que você faria valer a pena o esforço – disse o velho, completamente congelado exceto pelo rosto. Ele nem mesmo brincava com a base da taça onde seus dedos amarelados repousavam.

– É claro, monsieur D’Arque – disse Gaston, com o máximo de educação que conseguia. Ele não costumava lidar com cavalheiros refinados. Não que precisasse, na maioria do tempo. Ele puxou um saquinho de moedas de seu casaco e o jogou sobre a mesa.

A princípio, D’Arque pareceu sentir repulsa – se pelo gesto ou pelo tamanho do saco, era difícil dizer. Então ele estendeu uma das mãos, não muito hesitante, e desamarrou a bolsinha. Seus olhos emitiram o mesmo brilho do ouro que encontrara ali e um sorriso horrendo se formou em seus lábios.

– Estou... escutando.

– É assim – disse Gaston, como se apresentasse uma situação complicada e séria, algo como capturar um castelo inimigo. – Eu estou determinado a me casar com Bela, mas ela precisa de um pouco de

persuasão.

– Um pouco de persuasão? Ela recusou seu pedido com veemência – apontou LeFou.

Gaston apanhou a caneca de sidra e a enfiou na boca do amigo. LeFou borbulhou em protesto, mas bebeu.

– Todos sabem que o pai dela é um lunático... – prosseguiu o caçador, abanando a mão, despreocupado.

– Cuidado ao usar essa palavra – disse D’Arque, numa ameaça sutil. – Maurice é completamente inofensivo.

Gaston socou a mesa, exasperado.

– Ele esteve aqui essa noite, arengando sobre uma fera que está mantendo Bela presa em um castelo!

Os olhos de D’Arque dardejaram e ele franziu a testa de leve. Exceto isso, não fez nenhum movimento.

– Certamente ele estava brincando.

– Ele pareceu bem sério para todos nós – disse LeFou, balançando a cabeça. – Falando sobre como era uma fera *enorme*... com presas e...

– Ele disse que a fera podia falar – interrompeu Gaston, dando de ombros. – Como um homem.

– Que incomum – disse D’Arque, inclinando-se adiante. – Uma fera falante. Conte-me mais.

– Ah, de que importa? – rugiu o caçador. – O negócio é que ele é insano, e Bela faria *qualquer coisa* para impedir que ele fosse trancafiado.

– Sim, até mesmo se casar com *ele* – disse LeFou, revirando os olhos. Gaston fechou a cara, mas não discordou.

– Entendo – disse D’Arque, com um sorriso radiante. – Bem, normalmente, eu hesitaria ante essa ideia de jogar um homem inocente no hospício a menos que sua bela filha se case com você. Mesmo por ouro. Mas você instigou minha curiosidade... Tudo bem, eu vou fazê-lo.

– Excelente! Vamos beber a isso! – Gaston ergueu sua imensa caneca para um brinde e espuma branca derramou da borda. LeFou ergueu a sua de sidra, bem menor. D’Arque ergueu sua taça delicada, uma faísca de malícia no olho...

Um Crime Antigo

Depois de alguns minutos sentados em silêncio, mas amistosamente sob a neve que caía, a Fera se levantou e ofereceu seu braço para ela na volta.

– Já que estamos aqui fora... por que você não me mostra os estábulos? – aventurou-se Bela.

A Fera olhou para ela, surpreso.

– Por quê?

– Não sei... Eu só tenho essa sensação... O sumiço de Alaric Samovar... Uma visão que me apareceu na noite passada envolvia um cavaleiro. Eu não acho que isso seja uma coincidência. Mesmo que não fosse Alaric, talvez fosse alguma outra coisa conectada aos cavalos. E como este é o único estábulo que podemos visitar, bem, talvez ele ilumine alguma coisa.

– Qual era a aparência do cavaleiro na visão? – perguntou a Fera, curioso.

– Difícil dizer... era noite e estava escuro. Ele obviamente conhecia minha família. Um homem magro, alto, as pernas meio tortas...

– Parece com ele, acho – disse a Fera, um tanto incerto. – Mas eu era uma criança. Todo mundo era alto.

Bela riu.

– É difícil imaginar *você* sendo *pequeno*.

A Fera sorriu, meio embaraçado... e então suas orelhas se contraíram. Ele se virou, vendo o que Bela teria deixado passar: um passarinho marrom enfiado bem confortavelmente no fundo de uma topiaria não aparada. Embora não ficasse claro se a forma de fera do Príncipe viesse de um gato, um cão ou de algum tipo de auroque primordial, ele definitivamente parecia estar agitando a cauda, hipnotizado pelo pardalzinho.

Bela deu-lhe um tapinha no pulso.

A Fera se chacoalhou e continuou andando – mas lhe deu um sorriso de lado meio arrependido.

Os estábulos ficavam junto à coleção principal de torres e torreões que compunham o castelo, mas ainda na parte interior das muralhas. Eles também eram os primeiros edifícios – além do aposento de Bela –, sendo cautelosamente cobertos pelas teias de aranha glaciais. Uma linha principal de teia tinha

aberto caminho para o canto do antigo edifício de pedra e se espalhou em múltiplos fios, cada um lentamente se arrastando para o teto.

Bela tentou não entrar em pânico. Sem que soubesse precisamente o que aconteceria, as teias ainda sinalizavam um final eventual, e assustador, para as coisas.

No encontro em V de dois fios havia outra vidraça de gelo, como aquela em sua janela. Ela fez uma pausa para ver se ali surgiria alguma visão.

Não se desapontou.

Parecia ser uma cena em uma *taverna*, de todos os lugares possíveis – embora o silêncio total deixasse a cena, de outro modo festiva, parecendo triste e arrepiante. Maurice estava lá, brindando com outros dois homens. Um tinha um sorriso fácil e uma cerveja espirrando, o outro tinha um sorriso fino e olhos negros brilhantes que pareciam queimar de modo enfermiço, como pequenos carvões.

– Você está vendo... – ela começou a dizer, mas uma nuvem passou diante do sol, a luz mudou e a visão se apagou. Elas não eram fortes na luz do dia, aparentemente.

A Fera havia aberto as grandes portas duplas para as baias e entrado. Bela o seguiu rapidamente, contente por sair do frio. Lá dentro, cheirava a mofo e coisas velhas; nenhum travo fresco de esterco de cavalos ou feno recentemente seco. Toda a silagem e todo o alimento havia se esfarelado em poeira bege anos atrás, e desde então sido furtado por roedores.

– Então você não vem aqui há dez anos – disse Bela, olhando em cada uma das baias.

– Apenas para libertá-los – suspirou a Fera. – Antes disso, eu também vinha aqui muito raramente. Quando Alaric... desapareceu, meus pais acabaram contratando um substituto que não achava que os estábulos fossem o lugar apropriado para um príncipe. Os cavalos já estavam selados e levados lá adiante para meus passeios. Eu senti saudades daqui. Era sempre tão quentinho, e tão amistoso, e os cavalos eram tão macios, e eu achava que eles tinham um cheiro bom... – Mas ele contraiu o nariz, descontente.

– Qual era o nome do seu cavalo favorito? – indagou Bela, cutucando um saco de ração.

– *Relâmpago*. Ele era grande, ligeiro e lindo.

Mas ele parecia distraído ao dizer isso.

Havia um pequeno espaço separado para o mestre do estábulo e mobiliado com uma mesa grande para trabalhar no equipamento. Todo tipo de ferramenta, chicotes e saquinhos de remédios estavam arrumados em prateleiras próximas. Bela vasculhou tudo, incerta sobre o que estava procurando. Até onde ela – ou qualquer um – sabia, Alaric tinha levado uma pancada na cabeça e sido arrastado quando desceu na taverna para beber. Podia não ter nada a ver com *les charmantes*.

Nada parecia fora da ordem – tudo estava apenas muito empoeirado.

– Bem, não sei – disse ela, suspirando. – Eu não sei se isso vai nos levar a algum lugar...

A Fera começou a farejar em grandes fungadas, movendo sua cabeça para um lado e para o outro. Alarmada, Bela se afastou do caminho dele.

– Se você está caçando ratos, eu *não quero* saber.

– Não... Que cheiro é esse? – disse a Fera, franzindo o nariz imenso. – Cheira a... eu não sei o que esse cheiro me lembra.

Bela fechou os olhos para se concentrar. *O Guia do Vinicultor para Categorizar Precisamente os Vinhos da França* mencionava todo tipo de aromas incrivelmente nuançados em vinhos muito caros: ardósia, casca de árvore, cerejas, ervas estranhas, dos quais todos ela precisou imaginar, já que sidra e *vin ordinaire* locais eram tudo de que eles dispunham na aldeia.

Ela podia detectar traços de feno, poeira fria e *ratos*, mas isso era tudo.

– O cheiro só me parece de mofo – admitiu ela.

– Não, é como... podridão? Podridão antiga?

A Fera a empurrou de lado com gentileza, enquanto ele meio que deslizava ao redor do espaço frio e pedregoso, movendo a cabeça como uma cobra ou um cão de caça. Bela quase não queria assistir; era totalmente inumano.

– Aqui – disse a Fera, apontando para um canto da baía maior. Ele começou a arranhar o chão de terra feito um porco à procura de trufas.

– Hã, eu não acho que...

Nesse momento, contudo, ela olhou para o local de novo, com um olhar mais perspicaz. Onde ele escavava, o piso estava desigual, mais alto do que a área ao redor. As pedras da parede perto do piso estavam lascadas em alguns pontos, como se uma pá as tivesse atingido por acidente em uma tentativa louca de minar aquela parte dos estábulos.

A terra também não estava tão pressionada quanto nas outras baías; não foi necessária muita força para que as garras da Fera rasgassem o chão.

Em seguida, uma de suas garras se prendeu em algo, com um som de *rasgo* terrível.

Bela deu um pulo ao escutar aquilo.

A Fera ergueu a pata: pendurada nela, havia uma faixa de tecido. Era azul e leve, entrelaçado... não do tipo de lona pesada que se esperaria encontrar em uma parte do castelo onde se trabalhava pesado. Não fazia parte de uma sela, nem de uma cesta, nem de um cobertor...

Era uma peça de *roupa*.

– Continue cavando – murmurou Bela, tentando não adivinhar o que estava enterrado ali embaixo.

A Fera jogou o tecido de lado e redobrou seus esforços, arrancando nacos de terra como um texugo. Bela se viu inconsciente inclinando-se adiante para ver, apesar de sua relutância.

De súbito, ele se sentou sobre os calcanhares, extenuado.

Com movimentos muito mais lentos e delicados ele afastou a terra, agora solta.

– Ali – disse ele, pesaroso.

Bela olhou por cima do ombro dele para ver...

E quase gritou.

Ali, no fundo de uma trincheira baixa, jazia um cadáver semiapodrecido, seco e ossudo.



Bela se deu conta, após um momento, de que nunca havia desmaiado de fato.

As heroínas nos livros – e, às vezes, até os heróis – sempre tinham reações violentas quando encontravam esqueletos ou cadáveres.

Entretanto, depois de superar seu susto inicial de ver um crânio projetando-se através da pele fina como papel, as órbitas dos olhos e a coisa toda em suas roupas apodrecidas, bem, ela descobriu que estava mais do que levemente curiosa. Nunca estivera tão próxima a um corpo morto há tanto tempo.

O rosto da Fera tinha assumido uma expressão terrível, algo entre uma careta e uma carranca, os dentes todos à mostra e os lábios recuados.

Ele se inclinou sobre o corpo, vasculhando o cadáver com as garras retraídas. Depois de um instante, retirou o que, pelo visto, estivera procurando: uma fivela de cinto, pedaços do couro ainda presos a ela. Uma cabeça de cavalo tinha sido esculpida na parte superior do fecho.

– Este é... Alaric Samovar – disse a Fera, com a voz espessa. – Meus pais lhe deram isso de presente quando ele se casou...

Bela cobriu sua boca. Por um momento, ela *teve a sensação* de que iria desmaiar. Uma coisa era ver um cadáver qualquer, outra, muito diferente, era perceber que a pessoa de quem estavam falando apenas alguns minutos antes estava ali, reduzida a ossos e tendões, morta havia muito, muito tempo. Este corpo tinha sido o criado preferido da Fera, pai da pequena xícara de chá...

– Eles me disseram que ele tinha fugido. Por *minha causa*!

A Fera uivou pesarosamente pela segunda vez naquela tarde. Bela precisou cobrir seus ouvidos; o grito dele ecoou nos estábulos como nada que ela já tivesse ouvido antes.

Quando ele finalmente se aquietou, colocou a fivela do cinto de volta no corpo – com delicadeza, como se pousasse um amuleto ou uma espada no corpo de um rei antigo, como Beowulf.*

– Mas... mas por que ele foi... – Bela queria dizer *enterrado aí*, mas ficou bastante óbvio que este não era um enterro sancionado, ou mesmo conhecido.

A Fera, sem demonstrar nenhuma reticência, apesar de sua tristeza – e talvez exibindo um pouco de raiva –, estendeu as mãos para dentro do buraco e cuidadosamente retirou o cadáver. Conforme ele se virou na direção do chão, uma faca podia ser vista claramente espetada em seu esterno.

Bela se firmou.

– Assassinato – murmurou ela. – Assassinato, puro e simples.

A Fera olhou os restos mortais especulativamente.

– Simples, não – disse ele, finalmente. – Esfaqueado de frente. Ou uma segunda pessoa segurou os braços dele para trás, para impedir que ele lutasse, ou... ele foi morto por um conhecido. E não esperava.

Bela se ajoelhou junto ao corpo, a cabeça girando. Ela ainda não sabia dizer se este era o cavaleiro de sua visão.

– De que tipo é essa faca? – perguntou.

Com menos delicadeza do que ela teria gostado, a Fera puxou o objeto de metal do corpo de Alaric.

Ele a mostrou, franzindo a testa. Era muito mais comprida e estreita do que qualquer tipo de faca de caça, de mesa ou do cotidiano. A coisa toda, até o cabo, era de metal. A extremidade do cabo era quase tão fina quanto um arame, e retorcida em formato de coração.

– Estranho – disse a Fera.

Bela estreitou os olhos.

– Parece mais com um instrumento de cirurgião do que uma faca. Eu li o livro de Joseph Charrière sobre cirurgia. Isso parece algo saído de lá.

– Por que ler um livro sobre *cirurgias*? – indagou a Fera, repugnado.

Bela deu de ombros.

– Era o único livro novo na livraria no inverno passado. Não tinha nada mais para ler. Eu me pergunto o que isso significa. Será que ele foi morto por um médico, ou um assistente de médico? Ou isso era algo que ele usava nos cavalos?

– Acho que não – disse a Fera. – Eu acho que nada do que ele fazia com os cavalos exigia algo tão delicado.

Ela franziu a testa.

– Tem mais alguma coisa nele que possa nos ajudar?

A expressão da Fera era indecifrável. Este era, ela se recordou, seu criado favorito, mesmo que, quando criança, ele pensasse nos criados como pertencendo a uma classe diferente da dos reis e rainhas. Mas ele deve ter visto a lógica na sugestão dela, e assim começou a revistar o corpo, procurando por qualquer outra coisa que pudesse ser uma pista.

Seus olhos se arregalaram quando suas garras atingiram algo inesperado sob o tecido da jaqueta esfarrapada. Com as garras estendidas como pinças, ele retirou o que parecia ser um livreto encadernado em couro.

Bela correu para o lado dele e usou seus dedos mais ágeis para gentilmente pegar o objeto da garra da Fera. Ela o abriu devagar; suas páginas estavam começando a cair devido à umidade e à podridão.

– O que diz aí? – perguntou a Fera, ansioso.

– “Quatro de junho” – leu ela cuidadosamente, abrindo em uma página aleatória. – “Clarissa é um doce, mas não foi muito abençoada no quesito fidelidade. Tristemente, não é para casamento, embora seja agradável de olhar.” Ah, isso é um diário um tanto... *peçoal*.

A Fera encolheu os ombros, desconfortável.

– Continue lendo.

– “Vinte e um de junho. Campeão tem um pequeno abscesso na perna traseira direita, abaixo do joelho. Preocupado com isso. Todos os bons falantes com animais se foram... Um cataplasma e um

talismã de Baldrick teriam consertado o rapaz loguinho. Que fazer?”

– Cavalos – disse a Fera, com um sorriso gentil. – Tão importantes quanto mulheres.

– Só *para ele*. Vejamos qual é a última entrada – disse Bela, tentando soar pragmática, não melindrada. – “Dez de agosto. Todos os cavalos estão sofrendo. Eu sei que a quarentena é para nosso bem, mas temo pela sanidade deles. Terei que levar um diferente hoje à noite quando for para a casa de M.”

– Eu me pergunto o que seja “M” – disse Bela, pensativa. – Seja lá o que for, deve ficar a uma cavalgada de distância.

– Tem algo aí sobre quem é seu assassino? – perguntou a Fera, impaciente.

– Não, ele não diz, “Ah, não, estou ouvindo meu assassino subindo as escadas escondido, e ele se revelou ser...!”

– Não tem escada nenhuma no estábulo.

– Você sabe o que eu quis dizer. Não parece haver nenhuma sugestão de ofensa – disse ela, virando as páginas. – As últimas páginas parecem ser apenas listas... e nomes de pessoas... Estrada do Interior do Norte? Desvio do Rochedo do Sul? Passagem do Rio?

– Esses são os nomes de todas as principais estradas para entrar e sair do reino – disse a Fera, lendo por cima do ombro dela. Ele batucou uma garra nas colunas de informações. – Eu reconheço alguns desses nomes... eles eram capitães da guarda. Essas eram listas de quem estava montando guarda em que travessia da fronteira e quando.

– Isso parece algo estranho para um mestre do estábulo se interessar, a menos que ele estivesse fazendo contrabando – disse Bela, pensativa. Ela folheou mais para o fim da caderneta. – “Dezesseis de maio. Encontrei uma moça da família dos duendes se escondendo no palheiro. Pobrezinha, um grupo de arruaceiros quase a apanhou, então ela tentou fugir pela floresta, mas a patrulha da fronteira a mandou de volta. Com violência. O que eu faço?”

Bela continuou a ler:

– “Dezessete de junho. A moça duende ainda está aqui. As pessoas estão começando a ficar desconfiadas. Se chegasse ao ouvido do rei e da rainha... ou de qualquer um deles... que eu estou abrigando uma *charmante*, quem sabe o que aconteceria comigo? Ou com ela. Venho trazendo coisas da cozinha para ela escondido, graças à generosidade e discrição de B.” B? – perguntou Bela, confusa.

– Beatrice – ofereceu a Fera. – A sra. Beatrice Samovar.

– Ah. *Beatrice*. – Bela repetiu o nome e pensou no bule, tentando fazer a imagem humana combinar com a de porcelana. Era difícil. Ela voltou à leitura. – “Dezoito de junho. Acho que tenho um plano. Depois da meia-noite, vou levar a duende na garupa de uma das maiores montarias para a casa de M, do outro lado do rio. Vou tentar uma das antigas trilhas de caça ou descobrir se há um guarda simpático na estrada ocidental. Tenho certeza de que M e sua esposa vão ajudar.”

– Ele estava ajudando os *charmantes* a escapar – disse a Fera, pensativo.

– Mas isso é suficiente para ser *assassinado*? Mesmo pela pessoa mais maluca, antimagia? Ajudar *uma charmanete*?

Ela pulou mais algumas páginas, movendo o dedo ao longo do texto.

– “Vinte e sete de fevereiro: o dia do meu casamento! Serei feliz o resto da minha vida com B, e com sorte, ela também vai me deixar um pouco mais gordo!”

– Eu me lembro disso – disse a Fera, suavemente. – Todos no castelo, digo, todos os criados, ficaram tão felizes por eles. Teve bolo e champanhe, e eu consegui sair escondido e ver um pouquinho da festa.

– “Queria que M e todos estivessem aqui. Eles enviaram uma rosa de algum jeito, uma bela rosa branca que cheirava como o paraíso. Eu não pude contar a B nem a ninguém diretamente que ela provavelmente era mágica, é claro. Mas disse a ela para manter a flor a salvo em suas gavetas.”

Os olhos de Bela se arregalaram.

– Rosa mágica? Casa de *M*? É... *Maurice*. M é de Maurice! Alaric levou a duende para a casa de M *do outro lado da floresta*. Minha casa! Meu lar! E eu *nunca reparei* nisso?

– Você era uma criança. Foi à noite. Seus pais a mantiveram a salvo, separada disso – arriscou a Fera.

Bela esfregou a testa. Sua mãe, que a abandonara e lançara maldições em crianças de onze anos, arriscando sua vida e a da sua família, abrigou e ofereceu fuga para uma pobre criatura sofrendo perseguição. Por que ela era tão complicada? Por que ela não podia ser simplesmente... *toda bondosa*, como uma fada madrinha em uma história, ou *toda má*, como uma bruxa?

Ela folheou de volta ao registro anterior que havia lido.

– “As pessoas estão começando a ficar desconfiadas. Se chegasse ao ouvido... de qualquer um deles... quem sabe o que aconteceria comigo. Ou com eles. Estou colocando R e a família dela em perigo...”

A Fera olhou para o cadáver, cético.

– Parece improvável que alguém o tenha matado porque ele salvou uma pessoa...

Bela deu de ombros.

– É, eu não sei. Mas o sumiço da minha mãe... o dele... Eles se conheciam, eles *trabalharam* juntos nisso... e ela me alertou sobre *traição*.

A Fera ergueu uma sobrancelha.

– Talvez *ele* a tenha traído. E *ela* o matou.

– Eu não acho que uma pessoa que amaldiçoa um castelo inteiro e anima estátuas de plantas vai recorrer a espetar alguém com uma faca – disse Bela, irônica. – Mas se você tem razão sobre ele ter sido assassinado por um *conhecido*, *então* possivelmente é alguém que também conhecia minha mãe e meu pai. Alguém que traiu todos os três.

A Fera esfregou a nuca com sua pata gigantesca, seu gesto habitual quando estava embaraçado ou com dificuldades.

– Como isso nos ajuda a encontrar sua mãe? – perguntou ele, finalmente.

– Não sei – admitiu Bela. – Mas certamente muda a aparência das coisas, para mim.

Talvez sua mãe não os tivesse abandonado. Talvez sua mãe tivesse sido *assassinada* – ou desaparecido de algum outro modo – e levada para longe deles. Bela sentiu uma dor esquisita em seu corpo se derreter, um fiapo de ressentimento que não percebera ter durante todos aqueles anos. Quando ela dizia “Foi bom, só o Papai e eu”, nunca se dera conta do quanto estava sendo defensiva.

Porém, sua mãe nunca pretendia abandoná-la.

– Se sua mãe está morta agora, podemos quebrar a maldição? – perguntou a Fera, tentando sugerir isso delicadamente.

– Não sei. Eu realmente não sei.

Ela suspirou e continuou folheando o diário, procurando por pistas.

– Escute isso: “Três de abril: Hoje, eu sou pai. Charlemagne Alistair Samovar nasceu nesta manhã saudável e gritando até explodir sua cabecinha! B está bem, saudável como um de meus cavalos. Pense só! Algum dia, ele e a menininha de M poderiam se encontrar... Eu gosto de mulheres mais velhas; talvez meu pequeno Charles também vá gostar!”.

Ela olhou para a Fera, ansiosamente. Ele parecia, como sempre, confuso.

– *Zip* – disse ela. – Charles é *Zip*.

– Sim – disse a Fera, ainda não compreendendo a profundidade da reação dela.

– Nós teríamos quase a mesma idade. Quase – disse ela, impaciente. – Ele tem cinco anos agora; cinco anos para sempre. Ele tinha cinco anos quando ocorreu a maldição, dez anos atrás. Seria apenas alguns anos mais novo que eu. Se tivesse envelhecido normalmente. Se não fosse... uma xícara de chá.

– Ah – disse a Fera, pensando a respeito. – Sim, ele estaria com quinze. Talvez meu criado pessoal. A menos que partisse em busca de fortuna. Ele... nunca chegou a fazer isso.

A Fera estremeceu, um movimento estranho para ele, geralmente tão controlado até estourar em fúria. A dor preencheu seus olhos grandes.

Eles continuaram em silêncio por um momento à meia-luz do estábulo, fitando o nada, ou o diário do falecido.

Depois de um instante, Bela e a Fera se viraram um para o outro, ao mesmo tempo, ambos pensando obviamente a mesma coisa.

– Temos que voltar. E contar à Madame Samovar – disse Bela, gentilmente.

– Eu preferiria ficar aqui fora. Para sempre – disse a Fera, com franqueza. – Eu poderia... catar ratos, talvez...

– Talvez seja mais fácil para ela agora *entender* o que aconteceu com seu marido – disse Bela com um suspiro. Seu pai tinha carregado o caixão e servido como coveiro mais de uma vez em funerais do vilarejo. Apesar de ser um pária social, ele também era considerado uma pessoa decente e forte com quem se podia contar para fazer o que fosse necessário. Mesmo no mundo moderno e esclarecido do século 18, a morte, a tristeza e o anúncio de más notícias faziam parte da vida cotidiana.

Bela passou o braço pelo da Fera e eles caminharam, lenta e tristemente, de volta para o castelo.

- * Personagem de um poema épico da literatura medieval inglesa. Herói da tribo dos gautas (originários da atual Götaland, Suécia), Beowulf, dotado de excepcional força e coragem, livra os dinamarqueses da ameaça de dois monstros diabólicos e, já coroadado rei do seu povo, combate e mata um dragão, numa batalha que acaba por custar-lhe a vida. (N.E.)

Hora de Dormir

O funeral foi simples e triste. A Fera insistiu que Alaric fosse enterrado no cemitério reservado para a realeza, com uma lápide registrando que homem bravo e abnegado ele tinha sido. Todos os ocupantes do castelo ficaram em torno enquanto uma escrivanhinha – antes, um secretário de verdade – oficiava a cerimônia. Muitos membros da equipe, inclusive Horloge e Lumière, levantaram-se e disseram algumas palavras, elogiando a qualidade do caráter de Alaric e alguns de seus hábitos mais encantadores.

Apesar do desgosto de certa arrumadeira-espanador com a caridade do mestre do estábulo com um dos *les charmantes*, ela permaneceu quieta e piedosa. Bela a observou, desconfiada. Alaric tinha sido assassinado e sua mãe dissera algo sobre *traição*. Embora a arrumadeira-espanador parecesse inofensiva com seus pequenos preconceitos, quem saberia como ela era antes de obter suas plumas...

Caía uma neve suave, mas apenas Bela podia senti-la. Ela olhou para o estranho grupo de criaturas, das quais todas tinham tentado se decorar com um pouquinho de preto: uma cômoda portava uma toalhinha de crochê preta; Horloge e Lumière amarraram faixas pretas ao redor de suas partes mais estreitas.

Madame Samovar vestia uma capinha preta. Ela parecia triste e corajosa com seu menino, Zip, aninhado sob ela, confuso e choroso. Fazia mais de uma década desde que seu pai havia morrido; o homem era apenas lenda ou mito na mente da criança. Ele só sabia que algo terrível e derradeiro tinha acontecido a alguém que ele deveria ter amado.

Foi preciso a força da Fera para atravessar a terra congelada e cavar mais abaixo, até onde a terra ainda estava fofa; foi ele que teve de baixar o caixão construído às pressas na cova. Dali em diante, todos se revezaram jogando um punhado de terra da melhor forma que podiam. Finalmente, o velho jardineiro e seus implementos assumiram a tarefa.

Madame Samovar se demorou ali, dando uma última olhada na cova enquanto todos os outros passavam por ela para entrar. Zip já tinha corrido adiante com as outras crianças, compreendendo somente que a coisa estranha, terrível e solene tinha terminado. Bela se ajoelhou na neve em frente a ela.

– Eu sinto muito, muito mesmo.

Eu tenho dito isso com muita frequência ultimamente, não pôde deixar de notar, triste.

– Não, menina, é realmente melhor que vocês o tenham encontrado – disse a bule, balançando seu bico, mas ainda mantendo-o apontado para o túmulo. – Minha mente pode descansar um pouco agora... agora que sei o que realmente aconteceu com ele. E um herói! Eu sempre suspeitei, sabe – disse ela, em segredo. – Ele sempre me pedia para fazer ou roubar pequenos pacotes de comida da cozinha. Mas nunca me disse nada diretamente. Não queria que eu ou Zip ficássemos encrencados caso alguma coisa acontecesse, aposto.

– Isso pode ter salvado a sua vida – concordou Bela. Ela e a Fera decidiram não mostrar a ela a faca por enquanto; esperariam um dia ou dois, enquanto a pobrezinha se recuperava do choque da descoberta de seu falecido marido.

– É só que... – Madame Samovar se calou, impotente. – É só que... uma parte minha sempre *torceu*, só um pouquinho, para que talvez ele tivesse apenas... não sei, desaparecido com *les charmantes*. Sequestrado por alguma bela rainha élfica ou algo assim para as Terras de Verão. Que ele ainda estivesse vivo, em outro lugar, e pudesse voltar algum dia...

Ela se chacoalhou.

Bela virou a cabeça para enxugar uma lágrima; não convinha que *ela*, afinal, demonstrasse emoção neste funeral. Isso era para Madame Samovar.

– Eu me pergunto no que ele teria se transformado se tivesse vivido – disse a pequena bule, pensativa. – Um chicote? Ele nunca gostou de utilizá-los. Um arreio, talvez, ou uma ferradura falante... essa é uma imagem engraçada...

Ela voltou aos pulinhos para o castelo, balançando a cabeça e murmurando consigo mesma. Bela e Fera foram os últimos a entrar.

A misteriosa teia tinha feito grande progresso na dominação da muralha. Ramos brancos e espessos se entrecruzavam por cima e por baixo da neve pelos pátios, quase visivelmente ansiosos para atacar todo o castelo. Em alguns pontos, eles já tinham começado a escalar as laterais, como uma fantasmagórica hera invernal.

Galhos mais finos corriam entre as linhas principais, apoiando ou reforçando-as, como janelas de vidro com chumbo. Às vezes, os espaços fechados formados por essas intersecções cintilavam exatamente como vidro – e se o sol não incidia diretamente sobre elas, viam-se ali estranhas imagens. Cada uma era uma pequena fatia de memórias da Feiticeira, repetindo-se sem parar. Apanhando uma rosa. Lançando um feitiço. Servindo a última de várias taças de vinho...

Bela soltou a respiração que não havia percebido estar prendendo. O castelo era, de certo modo, um monumento vivo à pessoa que sua mãe fora. A presença dela se infiltrava no lugar todo.

Bela assistia, fascinada e prestes a entrar em pânico.

– É como... meu espelho... – disse a Fera, a voz cheia de espanto e horror. – O espelho *de outra pessoa*.

– As teias estão em todo canto agora. Não há como impedi-las – sussurrou Bela.

A Fera não conseguiu esconder a expressão de desespero que passou por seu rosto, acrescentando a todas as outras emoções pesadas e sombrias do dia.

Os dois apenas olharam um para o outro, sem palavras, e entraram.

Uma leve camada de neve cobria os dois a essa altura; a Fera se chacoalhou como um cão, começando pela cabeça enorme e descendo pelo pescoço e o peito, até finalmente chegar à parte inferior do corpo. Bela quase sorriu ao momento de leveza em um dia tão sombrio.

Ela pendurou seu manto em um gancho. Aquele único ato pareceu retirar o resto de sua energia. Ela desmoronou contra a parede, sentindo que talvez não fosse tão ruim ser levada para dentro da terra fria e silenciosa. Não havia nada a não ser sofrimento e tristeza para esse lugar terrível – e talvez também para ela.

A Fera passou as patas pela juba, frustrado. Mas não havia nada *feroz* no gesto... era puramente humano.

– Então talvez sua mãe também tenha sido assassinada, ou algo assim, e talvez isso tenha alguma relação com Alaric. E com salvar os *charmantes*. Mas como...?

Bela lançou-lhe um olhar cansado. Ela reparou que os olhos dele pareciam inchados e avermelhados.

– Acho que está na hora de um intervalo. Um intervalo curto – disse ela, pensando. – Você está no fim da sua energia e, francamente, também estou. Estamos somente... andando em círculos com os mesmos pensamentos.

Mas o que fazer? O que as pessoas *faziam* quando estavam presas em um castelo encantado, aterrorizadas e desanimadas, exaustas e sem ideias? Bebiam? Davam uma festa? Torturavam prisioneiros? Jogavam baralho?

Ela não via a Fera gostando ou concordando com nenhuma dessas sugestões.

O que *ela* fazia quando estava desanimada?

– Vamos... voltar para a biblioteca. Acho que está na hora de ler um livro.

A Fera fez um barulho que soou como algo entre um bode furioso e uma sirene de catástrofe.

– Não, não – disse Bela, com um sorriso gentil. – *Eu* vou ler *para você*. Uma história. Algo para nos alegrar. Uma das minhas preferidas.

– É bom ser uma das boas – disse a Fera, rabugento. – Com um... um final feliz.

– Você está com sorte. É uma das *boas*, com um final feliz. *João e o Pé de Feijão*. É sobre um rapaz pobre superando obstáculos quase impossíveis, derrotando um gigante e vivendo feliz para sempre!

– O que o gigante fez para merecer ser derrotado? – ele exigiu saber, emburrado.

– Ele era um gigante mau. Não parecia em nada com você. Vamos!

Alguém deve ter ouvido o plano dela. Quando chegaram à biblioteca, parecia que a mobília estava deslizando pelo piso magicamente por conta própria – o que era totalmente possível, nesse castelo encantado –, mas, analisando com mais atenção, Horloge e Lumière estavam empurrando um par de espreguiçadeiras e sofás para a frente da lareira, para que ela e a Fera pudessem se sentar perto um do outro de maneira confortável.

– Obrigada – disse Bela, bastante desconfiada da motivação deles, geralmente prestativos e inocentes. – Acho que nós, hã, precisamos de um pouco de sossego agora.

– Mas é claro, *ma chérie* – disse Lumière, com uma reverência. Suas chamas se agitaram para cima e para baixo, amarelas. Ele se virou para trocar um olhar com Horloge.

O pequeno relógio riu, nervoso.

– Claro, claro. Estamos apenas tentando deixar a senhorita e o mestre confortáveis. Se precisarem de alguma coisa... talvez não estejamos disponíveis.

Bela e a Fera piscaram, surpresos.

– Estamos arranjando uma pequena reunião com comes e bebes para a equipe, em homenagem a Alaric – explicou Lumière. – Se não se incomodarem. Um fim adequado para um homem que gostava de se divertir.

– É claro – disse a Fera, a voz áspera. – Eu compreendo. Por favor, abra a adega, com meus cumprimentos.

As chamas de Lumière se agitaram por um momento; talvez fosse o equivalente dele a piscar, surpreso.

– Obrigado, Vossa Graça – disse Horloge rapidamente, com uma reverência.

No instante em que ele arrastou Lumière porta afora, Zip e alguns de seus amiguinhos xícaras entraram em uma falange arranjada às pressas. Eles arrastavam a colcha do escritório consigo – sem reparar, em seu entusiasmo, que ela havia se desdobrado e se espalhado atrás deles.

Não pareciam cansados ou exauridos pelo funeral; por outro lado, eram xícaras de chá.

– Obrigada – disse Bela polidamente, apanhando a colcha.

– Mamãe disse que você gostaria disso, mas ela está ocupada. Você vai se casar com ele? – perguntou Zip. Em voz bem alta.

Algumas das outras xícaras deram risadinhas e tilintaram suas asas umas nas outras.

– Nós acabamos de nos conhecer – Bela conseguiu dizer, resolvendo que era a coisa mais política a ser dita. *Além disso, sabe como é, ele é uma fera.* Ela se perguntou o que o Padre Colbert diria de uma união dessas.

Com um gesto delicado das mãos, ela pediu às xícaras que se fossem.

– Boa noite! – disse ela. – E obrigada!

– Aaaaah! – choramingou Zip. – Nós também queremos ouvir uma história!

– Vamos ficar quietinhos – outra xícara se intrometeu. Possivelmente uma menina? Era difícil dizer. Ela parecia exatamente igual às outras. – Vamos pular para cima da mesa. Por favor?

Bela olhou para as criaturinhas. Que cena peculiar – brancas como ovos, todas se esticando para ela de formas que uma porcelana simplesmente não deveria fazer. Louça implorando por uma história para dormir.

– Por favor – disse Zip, baixinho. – Eu não consigo dormir. Estou triste. Meu papai morreu.

Bela sentiu seu coração literalmente se contorcer. Ainda que Zip não soubesse exatamente o que estava falando... mesmo que ele não estivesse apenas usando isso como desculpa...

– Tudo bem. Apenas... tentem se ajeitar e ficar quietinhos, *d'accord*?

– Ficaremos, sim! – prometeu Zip.

Soltando risadinhas e fazendo pequenos estalidos no piso, as xícaras de chá se apressaram a subir na mesa com tampo de mármore. Ali havia uma bela compressa quente feita de retalhos, sobre a qual elas se arranjaram como um bando de cãezinhos se aninhando para a noite.

Bela chacoalhou a cabeça e dirigiu-se com leveza para o ponto onde se recordava de ter visto a seção de Mitos e Lendas Mundiais. João era um conto de fadas inglês... A prateleira para histórias daquela parte do mundo praticamente afundava de tão pesada. Ela retirou um livro encadernado em couro, do tamanho de uma pasta, com letras douradas na lombada e ilustrações adoráveis – embora de um só tom – em quase todas as páginas. Havia muitas histórias de João nesse volume, ela se deu conta, com o coração saltitando. Não apenas a sua favorita.

Mais histórias de João!

Será que as maravilhas desse castelo encantado não terminavam nunca?

Ela apanhou o livro – e o vizinho dele, para mais tarde – e a colcha, ainda no chão, e levou-os para o lugar onde os sofás estavam arrumados. Com um giro gracioso, ela conseguiu se aninhar bem no meio do espaço bastante amplo e jogar a colcha por cima dela.

Era imensamente confortável ali, na frente da lareira e sob a colcha quente. O calor da Fera também a pressionava, apesar de ele ter polidamente encolhido as pernas o máximo que podia, ajeitando-as sob os quadris como um cachorro, os braços repousando, cruzados, no apoio do sofá – também como um cachorro.

– Isso é gostoso – disse a Fera com um suspiro. – Parece... uma daquelas pinturas em que uma ninfa ou Atena lê para os deuses e deusas.

– E eu aqui pensando que você era uma fera totalmente inculta – disse Bela, provocando.

– Eu sou *um príncipe* – respondeu ele, altivo. – Tenho uma *educação clássica*. Além disso, ninfas são bonitas – acrescentou ele.

Bela riu.

– Eu poderia olhar para elas o dia todo – prosseguiu ele. Seu tom era cuidadosamente neutro, mas seus olhos nunca se desviaram dos dela.

E Bela percebeu que podia sustentar aquele olhar. E não corar. E não ter que desviar os olhos.

Ainda caía a neve muito suavemente lá fora. As xícaras produziam mais estalidos conforme se remexiam e esperavam que ela comesse. Era muito aconchegante.

Ela abriu o livro e começou.

– “Era uma vez...”

Sequestro

Maurice estava pelejando um pouco na floresta. Ele já não era mais tão jovem, e não tivera um momento de descanso pelo que lhe pareciam dias. Phillipe, que surgira em sua baia como se nada tivesse acontecido, recusara-se firmemente a ir a qualquer lugar. O cavalo tinhase cansado de aventuras, isso era óbvio – mesmo quando Maurice tentou puxá-lo consigo, gritando.

Assim, o inventor marchava pela floresta fria e escura sozinho, um pequeno lampião pendurado em um bastão à sua frente e um pacote de coisas úteis nas costas – um Kris Kringle* muito esquisito e solitário abrindo caminho pela escuridão. Ali havia cordas, ganchos, pólvora e o pouco dinheiro que ele possuía, tudo em que pôde pensar para subornar a Fera ou ajudar Bela a fugir em segredo. Ele literalmente escalaria as muralhas do lugar para trazê-la de volta, se precisasse.

Às vezes, durante a noite, pensamentos estranhos lhe ocorriam. Como se ele de alguma forma tivesse percorrido esse caminho antes – além da vez em que o fez por acidente, a caminho da feira. E ele ficava à espera de encontrar guardas, ou patrulhas de fronteira, ou algo assim... o que era bobagem. Ele estava nas profundezas da floresta, e não havia ninguém por quilômetros ao redor.

– *Maurice?*

O inventor parou de imediato.

– Não há ninguém por quilômetros ao redor – ele repetiu para si mesmo.

Virou-se devagar, carregando o lampião para olhar.

Contra todas as probabilidades, ali estavam Gaston e LeFou – segurando um lampião muito maior. LeFou parecia infeliz no frio, e Gaston como se nem notasse o clima.

– Gaston! – gritou o pai de Bela, aliviado. – Você veio, afinal! Como me encontrou?

O enorme caçador sorriu generosamente.

– Você nos levou a um belo passeio, Maurice. Pensamos que estaria em casa nessa noite fria de inverno. Aí eu passei na livraria...

Com isso, LeFou pareceu murchar, encolhendo-se de exaustão, embaraço ou horror – ou uma mistura estranha dos três.

– Mas você também não estava lá. Então eu rastreei você, Maurice. Eu rastreei você como o caçador habilidoso que sou. – Gaston sorriu e deu tapinhas no saco e no porrete que carregava sobre um dos ombros.

– Bem, isso é ótimo! – disse Maurice. – Tenho certeza de que, com você, poderemos subjugar a Fera.

Mas cadê sua arma?

– Sim, “subjugar a Fera”. – Gaston riu, alto demais. – Você realmente é uma piada, Maurice. Por que não facilita as coisas para todos nós e vem sem resistência?

– Ir sem resistência...?

Finalmente, Maurice começou a entender a situação como ela era na realidade: LeFou parecendo nervoso, Gaston, triunfante, a presença do saco e a ausência de poder de fogo. Ele começou a recuar.

– Não... ele é real, Gaston. Não estou inventando. Talvez ele seja um maluco fantasiado de monstro... mas seja lá o que for, ele está com a Bela. Você *tem* que me ajudar!

– Talvez eu não seja capaz de ajudar, mas o monsieur D’Arque, com sorte, ajudará. E ajudando você, ele vai estar *me* ajudando – disse Gaston, tentando pegá-lo – a conseguir *Bela*.

– *D’Arque?*

Antes de ficar inconsciente devido à pancada, a mente de Maurice foi a um lugar engraçado. Era impensável que D’Arque tivesse algo a ver com isso. Porque...

Porque...

... mas ele não conseguia se lembrar com precisão. E então tudo ficou escuro.

* Outro nome para o Papai Noel, derivado da tradição germânica. (N.T.)

Uma Pista

Bela teve sonhos estranhos com o cachorro de estimação da família. Maurice dormia, contente, feliz por ter finalmente conseguido fornecer algum tipo de companhia a sua filha. Ela tinha encontrado um pedaço de lã de cor viva e cuidadosamente costurou uma coleira charmosa com ela. O pequeno vira-lata pulava, corria, agarrava gravetos e ofegava, e Bela, tão pequenina no sonho, batia suas mãozinhas gordas e brancas, deliciada, e lhe dava um grande abraço, esfregando o rosto no pelo dele.

Enquanto a noite soltava lentamente suas gavinhas do inconsciente de Bela, ela se perguntava primeiro o que teria acontecido com o cachorro da família. Sentia saudades dele.

Então se lembrou de que eles nunca tinham tido um cão.

Aí se deu conta de que ela estava deitada perto de um cachorro gigante.

Foi quando percebeu que, na verdade, era a Fera.

Em algum momento, lá pela terceira ou quarta história de João, talvez, ambos deviam ter adormecido. Ela se lembrava dos olhos da Fera, brilhantes e abertos em um instante, depois se fechando como um livro no minuto seguinte. Sem nenhum tremor, sem lutar contra o sono ou sucumbir gentilmente. Desperto, e então dormindo, como um animal selvagem.

Bela ficou levemente chocada por ela mesma ter pegado no sono tão depressa, os pés pressionados confortavelmente contra o flanco quente dele. O cheiro de pelagem – não ruim ou suja, apenas *forte* – permeava a colcha.

Não era de se espantar que ela tivesse sonhado com um cachorro.

Na mesa ali perto, as pequenas xícaras de chá respiravam e roncavam com delicadeza, movendo-se muito pouco. Era absolutamente adorável – Bela não acreditava ter visto algo tão meigo e estranho antes.

Talvez estar presa ali para sempre, esquecida, não fosse tão ruim. Talvez eles pudessem ter inúmeros chás, festas do pijama e histórias antes de dormir até que ela fosse velhinha e a pelagem da Fera estivesse grisalha. Havia jeitos piores de passar a vida...

A Fera se mexeu e se revirou, seu tamanho massivo apanhando um canto do cobertor e o arrancando todo de Bela em um puxão accidental. Ele remexeu os ombros e então bocejou... um barulho enorme, horrível, quase interminável, que estirou sua boca até fazê-la parecer que poderia consumir cidades.

Bela recuou, um pouco desconcertada.

Com os olhos ainda fechados, ele se coçou à vontade e então se espreguiçou. Porém, assim que um de seus dedões encostou na perna dela, seus olhos se abriram.

O olhar que ele lançou a Bela era tão surpreso e humilhado que ela quase se dobrou de tanto rir.

– *O qu...* – começou ele.

Bela levou um dedo aos lábios e apontou para as xícaras.

Ele arqueou uma sobrancelha desgrenhada, ainda um pouco tonto de sono, e então assentiu, compreendendo de súbito.

– Eu não tinha percebido que... – cochichou ele, coçando a nuca, embaraçado. – Eu devo ter... pegado no sono.

– Tudo bem – cochichou Bela, sorrindo.

– Foi uma história boa! – protestou ele, tentando manter a voz baixa. – Eu... eu não fiquei entediado! É que estava tão confortável, e eu estava tão triste mais cedo, e o calor do fogo estava gostoso...

– Não, tudo bem – disse Bela, sorrindo. – Eu vou levar isso como um elogio.

Ambos ficaram em silêncio por um momento.

De repente, ficaram sem jeito.

Bela trouxe as pernas mais para junto do corpo em um movimento que deveria parecer com um ajuste casual de seu vestido e uma espreguiçada dos pés.

A Fera se sentou rigidamente como se tivesse recebido uma repreensão de um treinador de postura, rapidamente colocando as patas traseiras no chão.

Ele batucou o apoio de braços, curioso.

– Nós ficamos... hã... dormindo aqui a noite toda? – arriscou-se.

– Não, apenas algumas horas, acho.

– Hum – disse a Fera, enigmático.

As xicrinhas, finalmente perturbadas pelo barulho que os adultos faziam ao redor delas, começaram a se afastar umas das outras e a rolar e estalar o que seriam seus lábios. Era como assistir a uma ninhada de gatinhos ou pintinhos acordar aos poucos.

– Só mais um pouco... – disse Zip, sonolento, em meio a um bocejo.

Bela riu.

– Está na hora de ir para a cama – disse ela, gentilmente.

– Nãããão! – gemeu ele.

– Minha mãe vai *me matar!* – disse uma das outras xícaras.

Como se invocada por esse pensamento, a porta da biblioteca rangeu ao se abrir quando a própria Madame Samovar entrou. Se Bela não soubesse, imaginaria que a governanta estava escutando atrás da porta. Ela não usava mais a capinha preta, mas tinha uma fitinha de luto amarrada ao redor de seu cabo.

– Certo, Zip, a festa do pijama *acabou* – disse ela com firmeza. – Hora de vir para a sua cama de verdade.

– Foi ótimo, mamãe! – disse Zip, dançando para cima e para baixo. Bela debruçou-se adiante, temerosa de que ele fosse se lançar para fora da mesa. – Podemos fazer de novo?

– E a Bela pode ler uma história para a gente de novo? – uma das outras xícaras implorou.

Elas saltaram para a beirada da mesa e, em fila indiana, como patinhos, desceram em um pulo, cada um aterrissando no chão com um *clink*. Todos estavam perfeitamente acostumados com esse tipo de coisa, mas Bela sentia-se morrendo um pouquinho a cada vez que um deles saltava.

– Ela está muito ocupada, fazendo coisas importantes – censurou Madame Samovar. – Foi muito gentil da parte dela deixar que vocês ouvissem, mas não pensem que ela vai transformar isso num hábito ou coisa do tipo. Vamos embora, vamos!

Bela sorriu.

– Está tudo bem. Eu adoraria ler uma história antes de dormir para eles de vez em quando. Eles foram uma plateia perfeitamente maravilhosa.

– Ah, aposto que foram – disse Madame Samovar, soando como se acreditasse exatamente no oposto. – Vou mandar um pouco de chá e um lanchinho noturno para cá... ou um *petit déjeuner*,* ou qualquer coisa que vocês preferirem, em um minuto. Tudo servido em louças muito mais quietas – prometeu ela. No entanto, quando saía, seus movimentos pareceram lentos e desajeitados. Cansados. Como se ela estivesse enfraquecendo.

– Isso foi muito gentil de sua parte – disse a Fera, quando ela saiu.

– Elas são encantadoras – disse Bela, suspirando. – Eu queria ter uma dúzia delas em casa.

– Crianças? – disse a Fera, os olhos arregalados e as sobrancelhas lá no alto.

– *Xícaras falantes*.

– Ah. Certo. É claro. Óbvio. – A Fera relaxou. Em seguida, sua expressão ficou pensativa. – Acho que somos como uma das suas histórias, não é? Como aquela da harpa que falava?

– Acho que são, sim – disse ela, absorta. Ela teve um momento de pavor em que se perguntou se *ainda* estava sonhando. Se o cachorro era real e a Fera, não. Se ela havia adormecido com um de seus livros e não conseguira ainda se arrastar para fora do sono, vivendo suas fantasias como se elas fossem reais.

Não, esse pelo tem um cheiro bem forte. Ela não achava que pudesse inventar aquilo.

– Gostei mais da primeira – disse a Fera, um tanto timidamente. – A que *você* gosta. Sobre o gigante. Você tinha razão, ele *merecia mesmo* ser derrotado.

– Sim, definitivamente ela é minha favorita – disse Bela, suspirando. – Sempre foi, desde que eu era pequena e meu pai a contou para mim. Na versão dele, porém, a harpa falante era uma invenção mecânica. Desde o momento em que tive idade bastante para ler, estava sempre na livraria de monsieur Lévi... e ele era sempre bondoso o bastante para deixar que eu pegasse os livros emprestados, nunca me fez comprar...

As sobrancelhas da Fera se arquearam em surpresa.

– O que *você* disse?

- Ele nunca me fez comprar nada. Eu era a única na cidade que amava os livros tanto quanto ele, e...
- Não, não – disse a Fera, chacoalhando a cabeça, impaciente. – O nome do homem. O livreiro.
- Monsieur Lévi...? – repetiu Bela, confusa.
- Isso me soa muito familiar.

Ele cavoucou entre as almofadas do sofá, pausando para xingar quando alguns fios se prenderam em suas garras. Jogou a colcha no chão – Bela teria que conversar com ele sobre essa mania em algum momento, mas não agora, obviamente – e procurou mais freneticamente. Então olhou *embaixo* do sofá – e puxou em triunfo um dos livros do censo.

– Eu o vi... *aqui*, acho... aqui está! – disse a Fera, triunfante. Ele girou o livro para que ela pudesse ver e indicou um registro com a garra.

Bela arfou.

Junto a um registro marcado como monsieur David Lévi, estava: *ocupação: livreiro*. E havia um pequeno símbolo perto de seu nome.

– Mas não tem nada de mágico nele... – A voz dela foi sumindo quando ela viu qual era a data da inscrição.

Mais de cem anos atrás. Cento e *dez* anos, na verdade.

– Meu monsieur Lévi é algum tipo de ser imortal que está vendendo livros há mais de um século?

– É o que parece – disse a Fera.

– Se ele está por aqui há tanto tempo, e ele é um de *les charmantes* – disse Bela, se empolgando –, aposto que ele conheceu minha mãe e deve se lembrar dela!

A Fera franziu o cenho.

– Por que você acha isso?

– Em seu auge, o reino dos seus pais, digo, *o seu* reino não era *imenso* – disse ela, entusiasmada, segurando um dos livros de registros. – Parece que havia apenas três mil “arrimos de família” registrados. Você deve deduzir que *les charmantes* seriam uma pequena porcentagem desses, e, provavelmente, todos se conheciam. Além disso, ele, de algum modo, acaba magicamente indo morar no mesmo vilarejo que a minha mãe? Isso é coincidência demais.

– Um bom argumento – disse a Fera, concordando. – Você o conhece bem, certo?

– Ele é apenas minha pessoa preferida no mundo, além do papai.

– E ele ainda mora na sua aldeia?

– Sim.

– Precisamos ir falar com ele, então.

Bela olhou pela janela da biblioteca – dramaticamente, ironicamente. Teias brancas a entrecruzavam agora.

– Lembra-se, hã, *daquilo ali*? Somos prisioneiros aqui.

– O que João faria, Bela?

Quando foi que ele se tornou o mais perspicaz aqui?

Ela fez um biquinho fingido.

– Suponho que ele descobriria um modo superesperto de contornar o problema.

A Fera olhou para ela com um ar divertido e irônico.

– E como você é a esperta aqui e não inventou um plano sagaz, vou sugerir força bruta. Como se estivéssemos em um castelo sitiado, combatendo os invasores. Isso é o que *eu* sei.

– É um argumento justo – concedeu ela, sorrindo.

– Nós deveríamos... reunir tudo de afiado e cortante – disse ele. – E martelos e marretas para esmagar as vidraças.

– Sim, senhor, príncipe general, senhor – disse Bela, batendo continência para ele com uma faísca nos olhos.



Fazia sentido tentar partir através dos portões por onde Bela entrara inicialmente; eles o abririam para dentro, então ao menos não seria preciso quebrá-los.

No entanto, o ato de abri-los revelou um obstáculo lindo – embora perturbadoramente sólido: um muro facetado de cristal e marfim, gelo e osso.

Algumas das vidraças mostravam mais cenas da mãe dela, e Bela ficou hipnotizada por elas a princípio. Uma das mais intrigantes mostrava a mãe diante de um espelho, ajustando magicamente a cor de seu cabelo e de sua roupa, inclinando a cabeça para os lados para verificar como tinha ficado.

– Isso é... tão... diferente de mim – ofegou Bela.

Mas se ela *tivesse* um vidro suntuoso e o poder de transformar sua aparência por capricho, será que mudaria?

A maioria da equipe do castelo tinha se reunido no pátio para assistir e auxiliar: uma estranha coleção de objetos, móveis e quinquilharias espalhados pelo chão nevado. Alguns vestiam farrapos de tecido como cachecóis, recordando-se de quando ainda eram humanos. Lumière e Madame Samovar estavam juntos, fora do caminho; o pequeno candelabro tinha um braço reconfortante ao redor da cintura arredondada dela. Uma pilha de armas antigas potencialmente úteis – e inanimadas – jazia ali perto.

A Fera uivou e se lançou contra a vidraça maior, de aparência mais frágil da teia. Houve um barulho estranho, como um gongo, quando o material se curvou com o peso dele – e imediatamente se endireitou de novo.

A Fera se jogou na vidraça outra vez, as garras expostas para tentar arranhá-la.

O ruído causado por essa tentativa fez com que Bela e todos os espectadores cobrissem os ouvidos e gritassem para encobrir o som terrível.

– Martelo de guerra – ordenou a Fera.

Horloge dirigiu uma falange de criaturinhas para correr adiante e entregar a ele o objeto antigo.

Com um grito potente como um titã de priscas eras, a Fera apanhou e rodopiou o martelo ao redor da cabeça três vezes antes de deixá-lo colidir com o vidro.

Algo aconteceu.

Pequenas rachaduras e trincas apareceram, desiguais e esquisitas, por toda a folha cristalina – mas não como no gelo nem nada natural. Elas começavam e paravam e se espalhavam de modos que enganavam o olhar. Em cada novo estilhaço formado como resultado da subdivisão, uma nova cena da memória da mãe de Bela surgiu. Às vezes era a mesma memória, diferente por uma fração de segundo, ou por um ponto de vista levemente distinto.

A Fera rugiu, ergueu o martelo e golpeou novamente.

Um som de rangido e fragmentação tilintou pelo ar. Mais fissuras surgiram.

Os estilhaços se quebraram em mais cacos.

Bela reparou subitamente que cada um deles era emoldurado por uma borda branca de teia, que crescia rapidamente.

– Espere! – gritou ela, agarrando o braço dele e o impedindo de bater outra vez.

Ele parou, confuso.

– Ele está apenas se reforçando – disse ela, apontando. – Toda vez que você o atinge!

De fato, era verdade: os galhos brancos feito ossos serpenteavam pelos pedaços quebrados, engrossando nas junções e lançando mais teias para proteger o que havia restado.

A Fera urrou de fúria e jogou o martelo no chão. Todos se encolheram.

– Horloge, pegue as armaduras – ordenou Bela.

– Imediatamente! – O relóginho bamboleou, saindo. Quase no mesmo instante as armaduras apareceram marchando, de um modo que teria aterrorizado Bela se ela não as conhecesse. Elas provavelmente tinham sido guardas do palácio antes de serem transformadas – ainda que fossem golens sobrenaturais agora.

– Certo. Fera, assim que você atingir a muralha, saia da frente – ordenou Bela. – Assim que ele acertar, um de vocês vai correr e atacar, acertando o vidro, ou seja lá o que for, diretamente com a ponta da sua espada, para derrubá-lo dali. Vão!

O pátio logo ressoava com um tom estranho, regular e mecânico: o *whoomp bang* do martelo de guerra, a batida metálica da ponta de uma espada esmagando o local que ele tinha acabado de atingir. Era tudo tão preciso e perfeito quanto um relógio cuco da Floresta Negra.

O primeiro estilhaço escapou e aterrissou no chão nevado para lá dos portões.

Lumière, Horloge e Madame Samovar comemoraram.

– Continuem! – determinou Bela. – Mais rápido!

As armaduras se moviam mais depressa agora, a última a golpear rapidamente marchando para o fim da fila enquanto a próxima atacava.

A Fera bufava e grunhia. Algo, suor ou baba, voou de sua cabeça quando ele rodou o martelo.

Mais estilhaços se soltaram. Mais galhinhos cresceram no lugar, mas eram fracos, finos e frágeis, como algodão-doce.

Eles teriam apenas alguns segundos para atravessar antes que o caminho voltasse a se fechar. Bela se certificou de que estava preparada. Ela estava vestindo uma capa forrada de pele – a guarda-roupa ficara tão feliz quando ela apanhara a peça – e segurava firmemente um casaco imenso com capuz para a Fera e uma mochila com suprimentos, inclusive o espelho mágico.

A Fera expôs os dentes e rosnou, chocando-se contra o vidro com toda a força.

Houve uma estranha desaceleração do tempo; Bela viu o martelo se conectar às pontas afiadas e aos fios brancos que formavam o que era agora uma vidraça de renda – e então, subitamente, a superfície do martelo tinha atravessado, e agora o barulho lembrava uma explosão, como um incêndio fora de controle, como se um canhão tivesse atirado sobre o pátio. Cristais e pedaços grudentos de gravetos brancos e gelados voaram para todo lado, cortando onde aterrissavam.

– *AGORA!* – gritou Lumière.

Protegendo o rosto com o braço, Bela mergulhou através do buraco. Os cacos afiados cortaram sua roupa e o frio imediatamente entrou enquanto o sangue começava a escapar.

Ela rolou para fora do caminho no chão duro o mais rápido que pôde. A Fera estava logo atrás dela. Com um rugido que ecoou por todo o vale dos pinheiros, ele passou pelo vão como um demônio destruindo loucamente uma janela de vitral de uma igreja.

Ao contrário dela, ele aterrissou sobre as quatro patas, e imediatamente se chacoalhou para livrar-se dos cacos de cristal e da teia que tinham vindo com ele.

Bela se virou para olhar para trás: as teias brancas como osso cresciam mais rápido do que nunca, fazendo terríveis ruídos ao deslizar sobre a pedra e a neve. Quase como se estivessem zangadas com a violação. Enquanto ela observava, Horloge, Lumière e Madame Samovar ficaram borrados e apagados quando as vidraças se reconstruíram. Lumière deu um pequeno aceno que ela só conseguiu enxergar por causa da chama que piscava no final do braço dele.

– *Boa sorte!* – ela os ouviu dizer.

E então tudo ficou silencioso. A neve caía de novo.

Bela se levantou e ajustou sua bolsa, tentando não se sentir esmagada pela tristeza da cena diante dela. Ela, a pessoa que trouxera a maldição, havia agora fugido, deixando todos lá dentro à mercê do destino. Ela podia fugir agora se quisesse, ir tão longe quanto pudesse, até para Paris, e fingir que nada disso tinha acontecido. E por causa da maldição, *seria mesmo* como se nunca tivesse acontecido. Ela podia esquecer que o reino um dia existira.

Ela acenou, torcendo para que as criaturinhas seladas dentro da crisálida de vidro e osso pudessem vê-la, e tentou não chorar.

A Fera a viu.

– Eu vou voltar. Aconteça o que acontecer – prometeu ele. – Sou... o rei agora. Preciso compartilhar o destino do meu povo.

De algum modo, isso só aumentou a vontade de chorar.

– Você mesma ainda não escapou do perigo – a Fera lembrou, sério. – Está no meio da floresta, com uma fera, enquanto a maldição fica mais forte. Eu não serei capaz de controlar isso para sempre.

Bela teve uma súbita visão de seu corpo, e da neve manchada de sangue, como algo saído de um conto de fadas que dera terrivelmente errado. Balançou a cabeça.

– Não. Você *jamais* me machucaria.

A Fera lhe deu um sorriso débil... e então se inclinou e beijou-lhe a testa.

– Eu *me mataria* antes disso – murmurou ele.

Os dois começaram a caminhar em silêncio enquanto a neve caía, seus rastros dissolvidos como uma onda gelada sobre a areia.

* Café da manhã, em francês. (N.E.)

Reencontro

A prisioneira amoleceu sobre a mesa de operações, esperando por sua próxima sessão.

Entre os muitos, muitos pensamentos que ela perdera ao longo dos anos, para o tempo, a escuridão, a dor, ao menos um restara: *por quê?*

Ele tinha na verdade conseguido realizar boa parte do que se propusera a fazer no início, usando todos os “remédios” físicos em que podia pensar. Ele injetara ferro no sangue dela. Abrira sua barriga e colocara magnetitas lá dentro. Tornou suas facas afiadíssimas e abriu a cabeça dela, tentando procurar ali pela fonte de seu poder. Ele forçou infusões por sua garganta abaixo, insistindo não se tratar de *poções*, e sim elixires cientificamente formulados que indubitavelmente agarrariam a magia e a deixariam inativa.

Por meio de tentativa e erro, por meio de pistas reunidas em outros lugares – ou seja, *mais* tortura, de outros –, ele fizera o que vinha sendo tentado desde a Era das Trevas.

Ele removera quase toda a magia dela.

Ela podia sentir. Será que *ele*, com todos os seus instrumentos e aparelhos, seus calibradores de medida e provetas graduadas, não conseguia ver também?

Com uma semana e toda sua força, ela poderia, talvez, conseguir transformar a cor de seu cabelo. Ou arrumar uma única pena na asa quebrada de um pardal. Ou encantar uma xícara de chá para conter a tosse de um tísico por uma hora mais ou menos.

Quase não restava nenhuma magia transformativa nela, e nenhuma magia de morte. Ela não era uma ilusionista.

Ele tinha vencido.

Portanto, por que ele ainda estava fazendo isso?

Houve uma comoção em algum lugar na escuridão; gritos abafados e batidas, o som de botas atingindo algum cativo surpreendentemente ágil e feroz.

Quando ela havia sido sequestrada, anos atrás, pessoas eram trazidas toda semana – às vezes, várias de uma só vez. Algumas não eram dignas de tortura. Elas eram trazidas pela porta da masmorra, atravessavam todas as celas e a porta preta no final do corredor, para jamais serem vistas novamente, nunca serem trazidas para a mesma sala de preparação ou mesas de operação que ela. Atualmente, no entanto, novas vítimas eram raras.

O ruído da luta se aproximou. Choques carnudos e tenros pareciam indicar que esta vítima não estava vindo sem resistência.

– Vilões! Rufiões! – praguejou ele.

O coração dela gelou.

Ela *conhecia* aquela voz.

A prisioneira se esforçou para virar a cabeça até onde a placa que envolvia seu pescoço permitia para olhar pela porta aberta. Ela pôde ver, embora cada parte sua rezasse para que *não fosse* – e uma parte ínfima, egoísta dela desejava que fosse – um homem robusto de meia-idade, empenhando-se e lutando contra os três bandidos encapuzados que tentavam arrastá-lo para dentro.

Ele quase não envelhecera nos anos em que ela não o viu. Seu cabelo estava grisalho agora, claro, mas suas bochechas continuavam coradas e redondas.

Com um ofego que raspou seus pulmões, ela percebeu que ele ainda tinha aquelas marcas arredondadas ao redor dos olhos devido aos óculos ridiculamente feios que sempre usou.

Um dos bandidos acertou um golpe sólido, um joelho no flanco de Maurice. Ele se afrouxou, todo o ar escapando de seu corpo. Enquanto tentava se recuperar, sua cabeça rolou para o lado. E então ele a viu.

Sua expressão foi de um horror compreendido aos poucos.

Porém não, como ela se deu conta depois de um momento doloroso, de reconhecimento.

Ele não conhecia sua própria esposa. O sangue seco e fosco no emaranhado de seu cabelo, as cicatrizes em sua testa e suas bochechas fundas transformavam seu rosto arruinado em uma máscara. Seu corpo, frouxo e deformado pelos trabalhos pavorosos exercidos sobre ele naquela prisão terrível... nada disso era familiar.

Além disso, havia aquele estúpido feitiço de *esquecimento* que ela executara para proteger sua família.

Ela sentiu um soluço subindo em seu peito seco e oco.

– Maurice – grasnou uma última vez, o mais alto que conseguiu.

Os olhos dele se arregalaram.

– *Rosalind?* – murmurou ele.

E então o rosto dele ficou vermelho em uma máscara de ira e fúria.

– *ROSALIND!*

Ele atacou com seus braços grossos de tanto apanhar pedaços pesados de metal e maquinário. Ele chutou com suas pernas acostumadas a empurrar carroças cheias de tijolos e lingotes quando Phillipe não cooperava.

Revirando-se como um louco furioso, Maurice se soltou e rastejou para a sala de operações, para Rosalind.

Ele não perdeu um momento sequer para tocar o rosto dela com gentileza ou afagar-lhe a testa com ternura; imediatamente colocou as mãos carnudas em torno da barra que prendia o pescoço dela e

começou a tentar soltá-la.

Por apenas um momento, Rosalind imaginou se não estava sonhando de novo. Como costumava sonhar desde que havia sido jogada na masmorra; quando, no escuro, suas fantasias se tornavam reais e ela podia jurar que estava mesmo com Maurice e Bela novamente e que sua cela não passava de um pesadelo.

Os detalhes minúsculos que observara enquanto ele tentava libertá-la, contudo, se provaram reais. Havia uma cicatriz junto ao olho esquerdo dele que não estava lá na última vez que o vira. O cabelo dele estava um pouco mais ralo na frente? E talvez houvesse alguns quilinhos a mais ao redor de sua cintura... talvez ele estivesse se virando bem sozinho, comendo bem, como todo homem deveria fazer na idade dele, se divertindo...

E então, um bastão coberto de couro desceu diretamente na base do pescoço de Maurice.

Ele caiu inconsciente, desabando no chão como um ator em uma peça teatral.

– Não – grasnou Rosalind, sufocando.

Agora que ele estava inerte, os capangas – sem nenhuma gentileza – o pegaram e carregaram como se fosse um cadáver, seu torso balançando sem vida entre eles.

– Não! – Rosalind colocou todo seu esforço em uma tentativa de grito. – Ele não possui magia alguma!

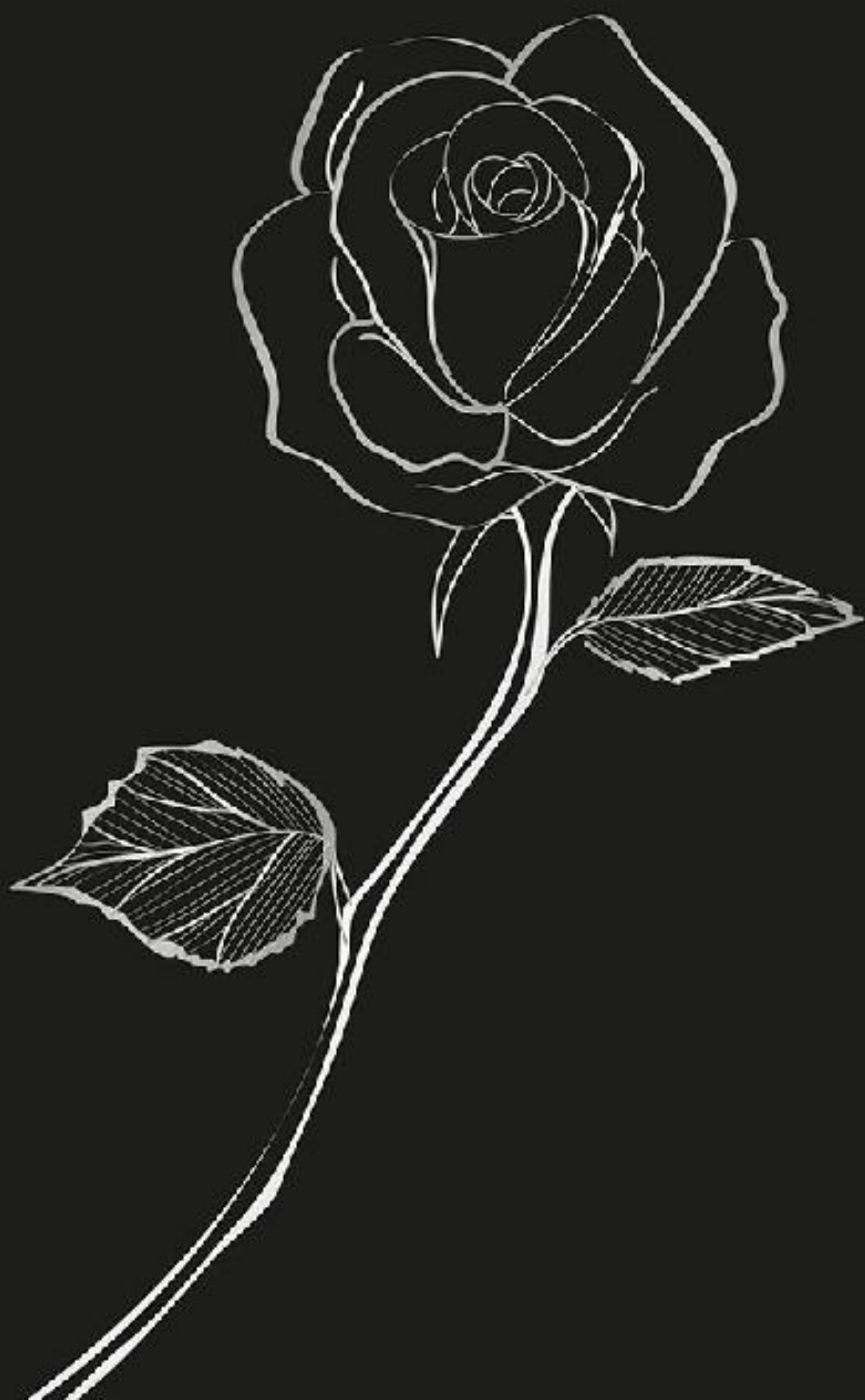
Ela tentou pensar nas palavras certas, palavras que esses monstros compreenderiam.

– Ele... ele não é um *charmante*! Ele é puro! Inocente! *DEIXEM-NO EM PAZ!*

Porém, a porta do outro lado da sala se abriu e fechou com estrondo, deixando-a mais sozinha do que nunca.

An ornate, symmetrical decorative frame in a light gray color. It features intricate scrollwork, floral motifs, and a central fleur-de-lis-like element at the top and bottom. The frame encloses the text "Parte III".

Parte III



A Peça é o Mistério

Ao voltar para o vilarejo em meio à neve, sob o céu escuro e nublado, Bela sentia que tinha ficado longe por uma vida inteira. De fato, ela nunca havia saído da aldeia sozinha antes disso. Houve algumas viagens de um dia para o outro para feiras com seu pai, e uma ou duas vezes, durante a estação de cogumelos, eles tinham sido arrastados pelo frenesi e passado algumas noites na floresta, colhendo moráceas e trufas e acampando. Mas isso era tudo, e sempre com o pai.

Ela fitou as casinhas aconchegantes e suas luzes e analisou os recessos de seu coração com cuidado, para ver se se sentia diferente. *Era* um lugarzinho adorável, apesar do provincianismo de seus habitantes. Um lugar limpo, seguro e bonito para crescer. Porém... mesmo emoldurado à distância daquele jeito, tão perfeito quanto qualquer pintura de uma extraordinária paisagem, Bela não sentia nada além de uma leve pontada de nostalgia *futura*. Nenhuma tristeza, nenhuma saudade *ainda*. A aldeia era como um ovo – ela havia crescido ali, aprisionada ali, e estava tentando se libertar. Mas era uma casca bonita.

– Então você é daqui? – grunhiu a Fera, por baixo de seu capuz.

– Sim, mas mais adiante, dali, de fora da cidade. Não dá para ver nossa casa, está escondida na colina – disse ela, apontando.

Bela olhou para trás, para a floresta escura de onde eles tinham vindo. Por causa de seu formato e da profundidade do vale, ela não conseguia ver nem os pontos mais altos do castelo.

– É como se ele já tivesse sumido – murmurou ela.

– Talvez não fosse para ser – disse a Fera baixinho, compreendendo de imediato o que ela queria dizer. – Talvez nós estivéssemos destinados a desaparecer desde o começo, de um jeito ou de outro.

Eles ficaram em silêncio por um instante, a neve caindo.

– Vamos – disse Bela, chacoalhando-se e se recusando a ceder à melancolia. – Vamos ver o papai primeiro. Ah, imagine só como ele vai ficar maravilhado ao ouvir tudo isso!

– Primeiro vamos ver o livreiro – corrigiu seu companheiro, com gentileza, mas firmemente.

– Mas o papai deve estar tão preocupado comigo!

– *Bela*. Temos pouco tempo. O castelo está afundando, você viu. Vamos quebrar a maldição primeiro e depois fazer nossas reuniões familiares.

A cabeça de Bela pendeu. Ele tinha razão. Se ela não tivesse sido tão impulsiva e ávida para começo de conversa, nada disso teria acontecido. Exceto por seu pai, ela nunca tivera que realmente pensar em

mais ninguém antes ou colocar as necessidades de outra pessoa à frente das suas.

– Tudo bem. Primeiro Lévi, depois meu pai.

Eles resolveram seguir a rota mais direta para atravessar o rio, já que não tinham cavalo nem carroça. A ponte estava fora de questão, uma vez que o rio inchado e semicongelado a engolira em montes arredondados de gelo e água corrente. Entretanto, uma gôndola com cordas estava amarrada no ponto em que a corrente continuava ligeira e, embora Bela se preocupasse por um momento com o peso combinado de ambos, o barquinho só afundou um pouco quando a Fera embarcou. Ele obviamente nunca tinha visto algo do tipo antes, mas, assim que ela ergueu a corda, ele entendeu a ideia e com facilidade os puxou para o outro lado, sem mais esforço do que despenderia puxando uma linha e anzol vazios.

– Fumaça – disse ele, franzindo o cenho, quando estavam no meio da travessia.

– Humm – suspirou Bela. – Todo mundo está recolhido essa noite, quentinhos e confortáveis.

Um vento gelado soprou pelo rio, roçando a água como uma libélula durante o verão. Sem dizer nada, a Fera postou-se mais perto de Bela, entre ela e o frio. Ele irradiava calor, como uma vaca ou um bode – mas cheirava muito melhor. Ela quase lamentou quando eles tiveram que desembarcar da pequena balsa e pegar a trilha de cascalho para a aldeia em si.

A maioria das lojas tinha fechado cedo por causa do dia escuro e frio. As ruas estavam quase totalmente vazias. Ainda assim, a Fera manteve-se longe da parca luz, deslizando de maneira predatória de uma sombra à outra, escondendo-se atrás de postes de luz e placas. Bela não tinha certeza se deveria ficar contente ou desapontada pelo fato de as poucas pessoas a passarem por eles não a reconhecerem. Tudo o que ela estava fazendo era vestir um manto diferente, embora novo e elegante. Era como se os aldeões não conseguissem ver além do vermelho de seu capuz.

Enquanto pensava sobre isso, viu sopros da fumaça que a Fera havia farejado – e não se tratava de fumaça normal de lenha. Ela pendia no ar, transparente e cinza, como se viesse de um fogo que tinha se apagado há algum tempo, mas ainda ardesse em brasas. O cheiro não era de todo mau; na verdade, havia algo estranhamente familiar nele.

– Não está na época da fogueira de Natal – disse Bela, intrigada. Ela pegou a direita da rua principal, onde ficava a livraria. A fumaça ficou mais espessa.

Quando viraram a esquina, ela finalmente viu a fonte da fumaça.

Bela caiu de joelhos na rua com um grito.

Não havia restado quase nada da livraria de monsieur Lévi além de quatro paredes e um teto enegrecidos, ruínas e cinzas.

Monsieur Lévi! E todos aqueles livros...

O incêndio havia roçado os edifícios vizinhos, porém, à exceção de alguns telhados chamuscados, as casinhas não haviam sido atingidas. Alguns idosos varriam e arrumavam as coisas perto dali; parecia que o incêndio tinha ocorrido há mais de um dia. Cinzas pretas e estranhas, tão finas e achatadas quanto as pétalas de alguma flor tropical feia, flutuavam facilmente com a brisa mais leve. Elas cobriam a praça e se acumulavam nos cantinhos, rodopiando por ali ao redor de si mesmas.

Em algumas delas, ainda era possível ver algumas palavras.

A cidade está coberta de livros, pensou Bela, quase enjoada de tanta tristeza. *Do único jeito que poderia ficar.*

Um aldeão fortemente enfardado passou apressado e, sem pensar, Bela agarrou o casaco dele. A Fera ficou obviamente em dúvida por um momento, mas sua necessidade de se ocultar acabou falando mais alto que seu desejo de reconfortar Bela. Ele deslizou para as sombras escuras de uma porta próxima.

– *Monsieur* – gritou Bela. – O que aconteceu aqui?

– Bela? – O homem olhou para ela, surpreso. Era monsieur Sauveterre, que administrava a elegante mercearia do vilarejo. – Onde você esteve? Seu pai anda maluco por sua causa...

– É uma longa história – disse Bela, impaciente, se levantando. – O que aconteceu aqui? Onde está monsieur Lévi?

– Sim, uma lástima isso – disse o homem, pensativo, olhando para os restos cinzentos do lugar. – Alguém botou fogo ali, obviamente. O incêndio começou de dentro. Um velho acadêmico inofensivo, aquele Lévi. Não sei quem faria uma coisa dessas.

– *Ele está bem?* – Bela exigiu saber.

O homem deu de ombros de um jeito especificamente gálico.

– Não sei... ninguém falou nada sobre um cadáver. Acho que ele estava fora. Provavelmente foi por isso que incendiaram. Eu tenho que ir para casa, Bela. As crianças estão esperando para comer. Vá ver seu pai! Ele está doente de preocupação com você!

Bela o deixou ir e desmoronou na rua de novo.

A Fera de repente estava ali outra vez, assomando acima dela, uma sombra silenciosa.

– Vamos entrar – disse ela, após um momento.

Indiferente, ela se levantou e caminhou com dificuldade para a loja destruída, passando pelo que restara da ombreira da porta, sem se importar com a sujeira e as cinzas se agarrando a seus sapatos gastos.

– Este era o seu... lugar preferido – disse a Fera lentamente, vindo atrás dela.

– No mundo inteiro. Mais até do que a minha própria cama – disse Bela, desolada. – Toda vez que eu entrava aqui, era como se uma terra nova e totalmente inexplorada estivesse à minha espera. Outra história na qual adentrar. E monsieur Lévi era um amigo, um guia e um explorador que me levava a esses lugares novos. Isso aqui era meu *lar*, tanto quanto minha própria casa.

Ela olhou para as estantes, cobertas de partículas e tijolos pretos que já haviam sido livros. Muito pouco parecia salvável. Até os que tinham sido apenas chamuscados ficaram meio comprimidos e colados, esmagados com o calor da combustão. As cadeiras em que ela amava se jogar eram agora esqueletos, seu tecido e forro queimados, restando apenas ripas finas de madeira.

– Bela... eu... sinto muito – disse a Fera, pousando a mão no ombro dela.

Bela a segurou com as duas mãos e começou a chorar. Não conseguia parar. Lágrimas escorreram por seu rosto como dois rios, rápidos e infinitos.

– Eu... estava ansioso para ver seu lugar preferido – acrescentou ele, desajeitado.

– Eu sei – disse ela, fungando.

– Eu nunca estive em uma loja antes – prosseguiu ele, tentando falar despreocupadamente.

– Como é? – perguntou Bela. Ela enxugou o rosto na manga. – É mesmo?

– Mesmo. Mercadores iam até o castelo e nos mostravam suas mercadorias. Nós nunca precisamos ir visitá-los. E somente os melhores tinham permissão de entrar. Eles tinham bolas douradas, soldadinhos de chumbo e ursos de pelúcia feitos com pele de ursos de verdade e olhos de vidro...

– Certo, certo – disse Bela, balançando a cabeça. – Entendi, Vossa Majestade.

– Estou só tentando... distrair você.

– Eu sei. E agradeço muito. – Ela respirou fundo e tentou recarregar o pragmatismo em seus braços e sua cabeça. – Você pode... pode farejar se há alguém... morto? Como fez com Alaric?

A Fera franziu a testa e inflou as narinas.

– Acho que talvez alguns ratos tenham sido apanhados aqui quando tudo aconteceu. Mas tirando isso, ninguém.

Bela emitiu um grande suspiro de alívio.

– Bem, já é alguma coisa.

Bela tentou afastar sua alma enlutada da tristeza com o mistério do que havia acontecido. *No momento em que descubro que minha mãe era uma feiticeira e o próprio Lévi tem vários séculos de idade... ele subitamente desaparece e tem sua loja queimada?*

Uma coincidência muito improvável.

– As escadas não foram muito danificadas... Vou dar uma olhada lá em cima – disse a Fera.

Bela não o impediu, mas também não se juntou a ele. Ela se sentiria esquisita subindo aos alojamentos particulares de Lévi sozinha... seria como invadir a privacidade dele. De alguma forma, importava menos quando era alguém que não o conhecia a fazê-lo.

– Parece tudo normal aqui em cima – disse ele. – Hum, exceto por não haver um teto.

Bela levou a mão à testa, pensando. *Onde Lévi poderia estar? Ele ia várias vezes por ano a grandes feiras de livros em outras cidades, ou em pequenas férias... Mas agora? Será que ele de algum jeito tinha sido alertado sobre o ataque, e desaparecera antes? E teria isso ocorrido porque ele era um charmante? Será que a doença do pequeno reino esquecido havia chegado até ali, do outro lado do rio? Será que não existia nenhum lugar seguro para essas pessoas?*

Bela cutucou os restos calcinados da mesa dele, onde Lévi registrava os valores das pessoas que de fato vinham e compravam ou vendiam livros, guardava o pouco dinheiro que ele ganhava e escondia um saco enorme de pistaches que com frequência compartilhava com ela. Tudo isso estava queimado e enegrecido, exceto pelas dobradiças de metal em seu cofre e algumas moedas lá dentro. E mais alguma coisa, algo manchado e cinza...

Um espelho. Um espelho pequeno, porém de aparência muito *familiar*.

Era redondo e de bolso, perfeito para o colete de um cavalheiro ou a nécessaire de uma dama. Tirando os danos causados pela fumaça, o objeto estava intocado pelo incêndio; esfregar a manga no vidro rapidamente fez com que ele ficasse claro e brilhante. Pequenas rosas decoravam a moldura.

– Fera! – gritou Bela.

Em silêncio, mais rápido do que deveria ser possível, a Fera desceu pela escada, fluidamente, e chegou perto dela, tendo ouvido o tom de sua voz.

Bela lhe mostrou o espelho, segurando-o na palma da mão.

Como se trazido à vida pelo calor de sua palma, a superfície cinza-prateada ondulou e começou a mostrar imagens. O rosto de uma garota apareceu, preenchendo tudo.

Familiar, mas tão jovem...

Com um susto, Bela percebeu que se tratava de sua mãe. Essa era a primeira vez que ela a via tão de perto e olhava diretamente em seus olhos verdes.

A garota sorriu no espelho, como se satisfeita. Talvez seu queixo fosse pontudo e felino demais para ser realmente perfeito, seus olhos muito sagazes e inteligentes para uma insípida pintura romântica.

Bela quase derrubou o espelho quando a garota – sua mãe – assentiu, séria, depois empurrou uma mecha solta de cabelo para trás da orelha.

– Ela é igualzinha a você – disse a Fera.

– Eu... – Bela não sabia o que pretendia dizer. *Sei?*

Parecia que a garota estava chacoalhando seu lado do espelho. A imagem desvaneceu.

Bela teve que se segurar para não chacoalhar o espelho também, para ver se ele ficaria límpido de novo. No entanto, não precisou fazer isso; ele recomeçou por conta própria. Ao contrário do espelho da Fera, ele obviamente não precisava receber ordens em voz alta para mostrar algo.

Ela viu sua jovem mãe parecendo entediada e aborrecida enquanto seus pais – os avós de Bela – ficavam de pé, conversando com outros adultos em alguma ocasião elegante. A mãe de Bela usava um vestido rosa pálido incrível, com uma faixa dourada, a qual ela tentava com muito esforço deixar arrumada e continuar elegante – mesmo quando uma de suas amigas se aproximou correndo e a arrastou para brincar.

Os pés da amiga eram cascos fendidos.

– O que... – começou Bela.

– Hummm... um fauno – disse a Fera, apenas vagamente interessado, como se fosse um esquilo incomum.

As cenas mudaram mais depressa, como se sentissem a impaciência de Bela; embora tudo isso fosse fascinante, não tinha nada a ver com o *agora* ou com a gravidade da situação deles. Cenas do reino, possivelmente através dos olhos da feiticeira: um festival, Natal, uma inundação em uma primavera chuvosa. Uma briga entre dois jovens na qual um deles morreu, atingido por um relâmpago mágico. Uma briga começando entre os espectadores. Guardas do palácio vindo correndo para interromper – batendo a cabeça das pessoas mágicas contra o chão, reunindo-os e surrando-os.

Mais cenas dos guardas desviando o olhar enquanto garotas *charmantes* eram hostilizadas fisicamente de forma nauseante por bandidos de rua, e meninos *charmantes* espancados. Às vezes, tão gravemente que não conseguiam andar. Às vezes, tão gravemente que nunca mais se levantavam – ou abriam seus olhos.

– *Papai!* – gritou Bela ao ver Maurice entrar em cena.

Ela e a Fera assistiram a corte da Feiticeira e do inventor; assistiram enquanto eles passavam seu tempo com amigos até tarde da noite. Depois assistiram enquanto eles esperavam por amigos que jamais apareciam. O casal passou de luminoso e feliz a nervoso e zangado conforme a atmosfera do reino mudava.

Eles viram a mãe dela ir ao palácio...

– Mãe. *Pai* – sussurrou a Fera.

... e suplicar ao rei e à rainha pelo que obviamente era ajuda e proteção a *les charmantes*. Viram o rei e a rainha a expulsarem.

A Fera fez um ruído em sua garganta, algo entre um choramingo e uma maldição e um *não*, envergonhado de seus próprios pais.

Testemunharam Bela vir ao mundo – em detalhes excessivos demais para a Fera, que teve de desviar o olhar, em choque.

Eles também provaram a tristeza e o medo conforme *charmantes* partiam, um por um, ou desapareciam, e o reino se tornava sombrio e assustador.

Eles viram a febre e a peste chegarem e corpos e incenso serem queimados, e uma quarentena lançada contra o mundo exterior, pouco demais, tarde demais.

Viram uma pequena família fugindo de um reino moribundo.

Viram um cavaleiro à meia-noite...

– Alaric – disse a Fera, lamentosamente.

Eles assistiram enquanto ele vinha, várias vezes, à casinha no vilarejo, com frequência quando já estava escuro e não havia lua – e sempre com um ou dois na garupa atrás dele. Eles viram os pais de Bela convidarem os *charmantes* fugitivos para dentro de casa e darem a Alaric um pouco de comida e vinho quente para a viagem de volta. Eles assistiram *les charmantes* indo embora na noite seguinte, carregados com mais comida e às vezes dinheiro, partindo para o mundo...

– Não foi apenas um *charmant* – disse Bela, lentamente. – Foram... dúzias. Era como se... eles estivessem ajudando todos eles... a escapar. Era por isso que havia todas aquelas listas e tabelas na caderneta dele. Ele *estava* contrabandeando. *Charmantes*. Montes deles.

Bela também reparou que *ela* nunca aparecia em nenhuma das cenas com Alaric e aqueles que ele resgatava. Seus pais tinham feito um ótimo trabalho, impedindo-a de testemunhar qualquer parte disso.

E então Alaric parou de vir. Eles viram um rei e uma rainha pálidos e cadavéricos implorando ajuda à mãe de Bela, e sua recusa... e Bela ficou dividida entre a vergonha e a admiração diante de uma mulher que salvava algumas pessoas e se recusava a ajudar outras...

... até a cena seguinte, que mostrou a Feiticeira de volta em casa, agitando os dedos e fitando a distância. O castelo saltou à vista de novo, e faíscas brancas como pétalas de rosa caíram gentilmente sobre ele, desaparecendo à medida que iam caindo. Um menino adormecido, o jovem príncipe, se mexeu durante o sono com um sorriso leve, recebendo as faíscas com felicidade.

– Ela está lançando um feitiço? – perguntou Bela, confusa.

Em seguida, a cena cortou para a mãe dela entregando o espelhinho a monsieur Lévi e segurando a mão dele, fechando-a em torno do objeto.

E então a imagem no espelho se apagou.

A Fera

~É um... diário.

A Fera falou em voz alta primeiro, adivinhando o que era o objeto.

– Meu espelho mostra apenas exatamente o que está acontecendo no presente, agora mesmo. Este mostra as... memórias dela.

– Ela deu isso a monsieur Lévi... – Bela virou o espelhinho em sua mão, uma expressão maravilhada no rosto. – Como se ela estivesse pedindo a ele que o guardasse para ela, caso algo lhe acontecesse. Como se ela *soubesse*. Ela *estava* pensando em mim. Ela não foi embora simplesmente e me esqueceu...

– Ela é sua mãe, Bela – disse a Fera com gentileza. – Ela não teria feito isso.

A mãe que ela rejeitara por tantos anos – tanto por magia quanto por inclinação pessoal – tinha forçado seu caminho de volta à vida da filha. E ela era não apenas uma pessoa mais complicada do que Bela acreditara, mas muito mais *maternal*.

– O que foi aquele último feitiço que ela lançou? Depois de deixar o castelo? – disse ela, descartando os novos pensamentos intrigantes, mas essencialmente inúteis, em sua mente.

– Nenhuma das crianças ou bebês do castelo jamais ficou doente com a febre. Como eu. Eu fiquei bem – disse a Fera. – Algumas pessoas disseram que era um milagre. Talvez tenha sido sua mãe.

– Mas ela deixou os seus pais morrerem – disse Bela, sombria. – Eu sinto tanto, tanto.

– E agora? – perguntou a Fera, impaciente, obviamente sem querer pensar mais nisso.

– *Agora* nós vamos ver o meu pai. Com sorte, ele pode esclarecer tudo isso. Talvez quando lhe mostrarmos isso ele vai se lembrar, libertar sua memória ou algo assim.

– Tudo bem. Para a casa do pai da Bela. – Ele ofereceu o braço e ela o tomou, o rosto endurecendo à medida que pisavam sobre as cinzas e o carvão que já tinham sido mobília e livros.

A Fera não suportava vê-la tão triste.

– Se tudo der certo... se quebrarmos a maldição e eu me tornar... um rei *de verdade*... Vou reconstruir a livraria. Vou fazê-la maior. Talvez... talvez eu lhe dê *a sua própria* livraria.

Bela abriu um sorriso contente, mas ao mesmo tempo triste.

– Obrigada. Eu vou cobrar.

Eles caminharam em silêncio por alguns momentos, cada um envolvido profundamente em seus pensamentos.

– Ali está – disse Bela, após alguns instantes. Um sorriso amplo cresceu em seu rosto e seus olhos se iluminaram quando a cena ficou plenamente à vista: uma casinha aconchegante, tão reconfortante e... *estranha* quanto Bela. Nenhuma das outras casas pelas quais eles tinham passado tinha moinhos de vento, por exemplo.

– Muito... acolhedora – disse a Fera, tentando pensar em algo simpático para falar.

– Olha, tem uma luz acesa! – disse ela, empolgada. – Na cozinha! O lampião pequeno de mesa! Ele está em casa!

Quando chegaram à porta, Bela estendeu o braço para abri-la – depois parou e se voltou para a Fera.

– Hã... talvez você deva permitir que eu vá na frente – disse ela, delicada. – Da última vez que ele te viu, você o jogou numa cela.

A Fera imediatamente se encolheu, recordando.

– Eu vou pedir desculpas – prometeu ele.

– O que é ótimo – disse Bela, apertando as patas dele. – Mas talvez eu deva atualizá-lo sobre o que está acontecendo antes que vocês dois se reencontrem. Aí eu vou sair pelos fundos e te chamar.

– Tudo bem – resmungou ele. – Vou me esconder nos arbustos ali, atrás da casa.

– Obrigada – disse ela, ficando na ponta dos pés para dar-lhe um beijo na lateral do focinho. – Não vai demorar nem um minuto.

Ela se virou e ele deslizou de volta para a trilha como uma sombra escura, inserindo-se em silêncio entre alguns arbustos nevados para aguardar.



A Fera tentou ouvir o que aconteceu depois que Bela entrou, mas a porta era sólida e havia poucas janelas.

Ele rosnou. Isso era ridículo. Ele era um príncipe, um *rei*, na verdade, e aqui estava ele se escondendo do lado de fora, no frio. Ele também era uma fera, enorme e estrondosamente forte, agachada e camuflada como um coelho.

Se ele *fosse*... um príncipe... um de verdade, humano... será que poderia simplesmente entrar com ela a seu lado? O que o pai dela diria? Um príncipe de braços dados com sua filha? O que aconteceria então? Será que eles poderiam... poderiam se casar? Não havia mais ninguém no reino para contestar o fato de ele se casar abaixo de seu status.

Será que Bela gostaria dele?

Ela gostava dele *agora*?

Ela não se afastou quando ele a beijou, antes... e ela tinha acabado de beijá-lo, agora mesmo. Aquilo era algo, não?

Era difícil pensar no futuro ou ter pensamentos complicados e abstratos. Ele não queria revelar isso para Bela – mas estava ficando mais difícil. Qualquer instinto ligeiro e impensado – *comida fome correr*

cheiro bom cheiro ruim coceira coçar – vinha primeiro, antes do pensamento racional. Era difícil ignorar.

Sua cauda se agitou, sua pelagem fofa como a de uma raposa espanando a neve das folhas, um verdadeiro cataclismo de ruído para seus ouvidos sensíveis.

Ele se assentou.

Onde ela estava? Será que ela já não tivera tempo suficiente para uma conversa emotiva?

A Fera nunca passava frio sob sua pelagem espessa. Porém, algo no vilarejo e em suas ruas vazias fez o Príncipe estremecer. Embora nunca tivesse estado em uma loja antes, ele certamente estivera em outros pontos do reino, a cavalo ou em inspeções ou desfiles, ou apenas saindo para um passeio com a mãe, e tinha sido em uma cidade muito mais agitada, maior, mais feliz do que essa. Muito mais pessoas, casas e prédios, e ninguém olhava para estranhos com tanta suspeita quanto parecia ocorrer ali.

Tudo parecia tão frio e quieto nessa cidade... quase como um castelo vazio e assombrado, virado de ponta-cabeça.

Uma carruagem preta rompeu por ali. Depois outra, essa talvez quase preta. Apesar de sua visão superior, ele tinha problemas para diferenciar cores. Esse era um dos motivos pelos quais ele gostava de seu casaco azul e dourado; aqueles eram tons que ele podia diferenciar tranquilamente e manter uma boa aparência, pensou, todo ousado e vivo.

Um par de gralhas pretas voou lá no alto, fazendo o grasnado mais suave que as diferenciava dos corvos. Ele gostava de gralhas pretas. Elas não eram tão reservadas quanto seus primos maiores e eram muito mais espertas do que as pequenas aves canoras marrons que ele às vezes não resistia a capturar e engolir.

Um terceiro veículo, uma carroça velha, saltitou e rangeu por ali, dirigida por uma matrona de olhos astutos.

Aquilo era ruim.

Ele começou a arranhar o chão de modo espasmódico com o pé esquerdo, como um coelho.

– Onde *ela está*? – rosnou ele. – Isso está demorando demais.

De todas as criaturas que compunham o horrendo amálgama de seu corpo, *gato* não estava entre elas. Ele não tinha paciência para caças do tipo em que precisava ficar esperando.

– Gah! – ele finalmente disse, desembaraçando-se dos arbustos e saltando pela trilha até a porta dos fundos. Se alguém na estrada realmente olhasse naquela direção, teriam visto muito pouco; ele se ateu às sombras e se escondeu em todas as oportunidades disponíveis; no poço, nas rochas; no estranho aparelho gigante de metal, na parede.

Ele pressionou o ouvido junto à porta.

Nada.

Surpreso, gentilmente empurrou, abrindo-a com as palmas de suas patas.

Ela nem sequer rangeu. Nada diminuiu o silêncio total do lugar.

A Fera entrou cautelosamente, farejando o ar. Bela *havia* estado ali; ele captou traços do cheiro dela. E cheiros de outras pessoas também: masculinos, um dos quais podia ser o pai dela... mas ele não acreditava que fosse.

Em pânico, ele caiu sobre as quatro patas e saltou pela casinha, cheirando tudo e cutucando cada cantinho. Nada, em lugar nenhum.

Ele passou as garras sobre a pelagem em sua cabeça. Aonde ela poderia ter ido? O que tinha acontecido? Como ela podia desaparecer?

Seu instinto dominante era de sair da casa minúscula e confinante e disparar pela estrada, de um lado para o outro, procurando por ela.

O que Bela faria?

Ela analisaria a situação e pensaria em todos os recursos disponíveis, e então os utilizaria de modo lógico e coerente.

– *Eu não tenho nada...* – disse a Fera em voz alta, pensando no embrulho deles e nas poucas provisões ali. Junto com...

O espelho mágico!

Ansiosamente, ele o retirou da bolsa que carregava.

– *Mostre-me Bela!* – comandou ele.

De imediato, a tela se anuviou e clareou, mostrando Bela, amarrada e lutando em um espaço reduzido. Uma caixa, talvez. Uma caixa grande, acolchoada? Parecia que ela chacoalhava de um lado para o outro enquanto um atacante encapuzado tentava segurá-la.

Em que tipo de caixa móvel ela poderia ter sido posta?

Xingando-se de tolo, a Fera saiu correndo pela porta da frente da casa e olhou de um lado para o outro da estrada. Acabando de virar a curva, no sentido de saída do vilarejo, ia outra carruagem preta. Ela virou perigosamente sobre duas rodas em seu caminho, ganhando velocidade.

A Fera correu atrás dela, a toda velocidade, sobre as quatro patas.

A carruagem saiu da estrada principal e entrou em uma que subiu uma colina acentuada e íngreme. Essa trilha era sinuosa e cheia de curvas, contornando a escarpa pedregosa que escondia o topo do terreno lá embaixo. Árvores grossas, retorcidas e nodosas agarravam-se aos penhascos e faziam com que a estrada acrescentasse mais alguns desvios – contudo, a carruagem não diminuiu sua velocidade. Até mesmo a Fera escorregou uma ou duas vezes em seu desespero para alcançar Bela, e só conseguiu impedir sua queda agarrando-se a raízes e esgaravatando depressa.

No topo, a carruagem finalmente desacelerou.

A estrada terminava em um grande edifício de pedra que lembrou levemente a Fera de seu castelo. Esse, no entanto, era feio e achatado, sem nenhuma janela real, exceto por algumas lá no alto, apenas nos andares mais elevados. A parte de trás tinha sido escavada na colina, de modo que metade da construção era subterrânea. O ar ao redor tinha um odor vil e mórbido, humano demais para um local tão remoto e

selvagem. Quando o vento soprava de certa direção, era possível ouvir gritos débeis escapando por entre as pedras.

A fúria mais uma vez sobrepujou a cautela e ele saltou...

... girando o corpo em pleno ar e se escondendo atrás de uma árvore quanto alguém saiu do edifício para receber a carruagem. Vários alguéns, pelo cheiro, com botas rígidas e mosquetes.

– Ah, vejo que conseguiram trazer nossa pequena convidada. Excelente. E sem sinais de desgaste, realmente...

O Príncipe enterrou as garras na própria carne ao escutar os choramingos e gritos abafados de Bela. Mais do que qualquer coisa, ele queria saltar de onde estava, rugindo e rosnando e babando, e despedaçar todo mundo do umbigo até a garganta até que Bela estivesse a salvo.

A Fera dentro dele se agitou.

Armas quem liga armas faça com que paguem mate-os salve Bela.

O Príncipe fechou os olhos, tentando forçar o sangue em suas veias a se acalmar. Seria tão gostoso simplesmente ceder a ele, ser livre e terrível...

Porém, se ele fracassasse, que bem isso faria a Bela, ou a ele, ou a qualquer um ainda preso dentro de seu castelo?

Ele respirou fundo. Mais uma vez, o que *Bela* faria? Havia guardas demais, armas demais, e aquele prédio tinha uma porta enorme e muito resistente. Ali poderia se esconder um exército – um exército de seja lá o que fossem aquelas coisas horríveis, lamentáveis, que gritavam sem parar.

Ele não podia fazer nada de imediato, por conta própria.

Ele precisava *de um plano*.

Ele precisava de reforços.

Papai

Bela não podia gritar.

A mordança – um pedaço de pano limpo, uma parte de sua mente reparou – não estava amarrada com força suficiente para impedir sua respiração, mas *estava* amontoadada no meio para impedir que ela fizesse qualquer barulho além do que conseguiria fazer no fundo de sua garganta.

Ela conseguiu fazer até bastante.

Seu pai não estava em casa. Algo lhe pareceu estranho desde o momento em que entrara – ela deveria ter saído imediatamente. Deveria ter ido buscar a fera. Mas não estava acostumada a ter reforços; de todos os recursos que sua mente prodigiosa era capaz de acessar, *ajuda* não estava entre eles. Ela costumava fazer as coisas por si mesma.

Quase tão silenciosos quanto a Fera, seus captores caíram sobre ela, forçando a mordança em sua boca antes que ela pudesse gritar, chutando seus joelhos para desequilibrá-la, fazendo com que tombasse imediatamente no chão. Alguém amarrou um saco sobre sua cabeça. Estava tudo terminado em menos de um minuto; ela foi apanhada e levada para fora às pressas... *pela porta da frente*... e para o interior do que provavelmente era uma carruagem, pela forma como se movia.

Ela lutou contra o que lhe pareceu uma dupla de homens grandes e fortes e contra o movimento irregular do veículo, mas foi inútil.

Por que estavam fazendo isso? Quem eram eles? *O que ela poderia ter feito?* Para qualquer um? Será que isso tinha alguma relação com a queima da loja de Lévi? Com sua mãe? Com todos *les charmantes*? Será que estavam na verdade tentando apanhar o pai dela por algum motivo, mas acabaram se conformando com ela? Seu pai devia dinheiro a alguém? Será que pegara emprestado da pessoa errada para pagar por seu metal, suas invenções?

A carruagem saiu da estrada principal e começou a subir. Uma subida íngreme.

O hospício?, perguntou-se Bela. *Eles estão me levando para o hospital dos loucos?* Era a única coisa no topo de uma colina íngreme perto do vilarejo.

Ela começou a entrar em pânico, muito mais do que quando eles a agarraram. Como todas as crianças no vilarejo, ela havia rastejado colina acima e dado uma espiada no lugar, atizada pelas histórias e rumores. Era um terreno assustador, apesar de todos os métodos “modernos” e “científicos” que monsieur D’Arque citava com tantos elogios em suas raras visitas à aldeia.

– *E eixe I!* – ela enunciou tão claramente quanto pôde. – *Eu não ou ouca! Eixe-me AA e eu exbligo!*

Bu vavô, dire inha odacha!

Os dois homens ficaram em silêncio.

Rapidamente a carruagem parou, a porta se abriu e ela foi colocada no chão – com cuidado surpreendente. Uma brisa limpa soprou; ela a sugou avidamente. Não havia muito tempo antes que eles a levassem para o interior do edifício. Bela tinha que pensar rápido. Ela não podia falar – não podia argumentar racionalmente ou implorar poeticamente com seus captores, duas coisas em que era excelente.

O que se podia fazer nessas situações, sem uma faca escondida, um anel de invisibilidade ou um plano?

O que *A Fera* faria?

Ah...

Algo que ela normalmente não faria. Algo que ele fazia com frequência. Algo que ela *nunca* fazia.

Perder o controle.

– *AAAAAAAAAAIAAAAAIIIIIIIIIAAAAAAAAAAAAAIIIIIGGH!*

Ela gemeu do fundo da garganta o melhor que conseguiu, tendo lido sobre a técnica em um de seus livros de aventura. Com o grito aterrorizante ela girou, estendendo seu tronco o máximo que podia – seus braços estavam amarrados às costas. Como um pião descentralizado, ela chutou e se jogou contra qualquer objeto sólido com o qual entrou em contato.

– Mas que...?

– Ela *realmente* é uma lunática...

– *Aaai!*

Pelo visto, ela realmente conseguira atingir as partes mais tenras e carnudas de algum de seus captores.

Assim que sentiu algum espaço no ar ao seu redor, Bela se virou e correu.

Podia enxergar um pedacinho de chão olhando rente ao nariz, um naco de luz onde o saco tinha subido.

Certo, tudo de que preciso agora é tomar cuidado para o lugar onde o chão muda...

Mesmo que corresse e caísse do penhasco, seu plano era se encolher em uma bolinha e proteger o pescoço o melhor que pudesse. Havia árvores e arbustos para interromper sua queda, e talvez ela desse sorte e aterrissasse na estrada, e então...

... então alguém a apanhou tranquilamente como se ela fosse uma criança, as mãos em sua cintura, e a levantou no ar.

Ela chutou loucamente, mas não acertou nada.

Gritando de fúria e frustração, ela ainda teve de suportar a indignação de ser carregada, calma e lentamente, para dentro do prédio, sem nem sequer uma maldição ou zombaria de seus captores. O cheiro de substâncias químicas atingiu seu rosto: antissépticos, álcool e resquícios das soluções enjoativas e adocicadas usadas para amortecer os sentidos e desmaiar uma pessoa.

Também cheirou urina e medo.

Ela ouviu a porta se fechar solidamente após sua passagem e não conseguiu conter um soluço.

Será que a Fera conseguiria encontrá-la ali? Será que ele viria atrás dela?

Ou a maldição simplesmente o dominaria aos poucos, fazendo com que ele vagasse pela floresta ao redor da aldeia, ficando cada vez mais bestial até que alguém como Gaston atirasse nele?

– Ofê bodje djira a ordacha aora – ela disse, com o máximo de calma que pôde reunir.

– Não até que você esteja guardadinha em segurança – disse um dos guardas, com uma paciência assustadora. Aparentemente, ele vinha fazendo isso tempo suficiente para ser capaz de entender as palavras quase ininteligíveis saindo da boca de Bela. Ele pousou uma mão firme na parte de baixo das costas dela e gentilmente a empurrou adiante.

Bela resistiu, tentando se desviar dele.

– Certo, mocinha – disse ele, suspirando. – Nos disseram para não machucá-la. E não vamos machucar. Mas há ferimentos e *ferimentos*. Surrar as solas dos seus pés até você urinar de dor, por exemplo, não deixa nenhuma marca. Ninguém vai saber nem acreditar que fizemos isso, não importa o que você diga ou para quem você diga.

Bela engoliu um grito. Fora dos livros, ela jamais estivera na presença de alguém tão terrível... tão *mau* antes. Valentões, sim. Idiotas com ideias bárbaras sobre mulheres e casamento, sim. Mas nunca alguém tão calmamente vil, que falava de crueldade com tanta casualidade como se estivesse falando de um jogo de cartas.

Desistindo, ela desmoronou e deixou que ele a levasse.

– Boa garota – disse seu captor. – Esperta, você. Bem como todo mundo diz. É só você fazer o que mandarem e tudo vai dar certo. Ninguém deve te machucar enquanto você estiver aqui.

Enquanto você estiver aqui. Aquilo soava como se a coisa toda não fosse permanente...

Como se houvesse uma possibilidade de fim para sua captura. Talvez alguém apenas *pensasse* que ela era maluca e eles fossem lhe dar algum tipo de teste ou exame, e então a soltariam? Já existiam piadas demais na cidade sobre o “velho e louco Maurice” e referências ocasionais ao hospício. Talvez alguém tivesse finalmente resolvido agir com base em suas crenças – incorretas.

– Cuidado agora, vinte degraus adiante. Um pouco escorregadios.

Ela tinha acabado de colocar os dedos no segundo degrau quando alguém – ou algo – soltou um grito. Muito mais aterrorizante do que seu grito de guerra; esse vinha do coração, como se ele tivesse sido arrancado de alguém enquanto a pessoa ainda estava consciente.

– Calma aí, é só um paciente pedindo seu remédio – o guarda disse, empurrando-a adiante.

Ela se forçou a seguir. *Não seria* apanhada e carregada outra vez.

Estalidos estranhos e baques abafados vinham da área em torno dela. Ela pulava a cada som, tentando desesperadamente inclinar a cabeça e olhar através do vão no saco e fracassando. Estava tudo escuro, com o tremeluzir esporádico de um lampião.

– Aqui vamos nós. Você vai para dentro. Número quinze. Grande e clara. Garota sortuda.

Ela foi empurrada à frente com mais força e desceu mais um degrau. Dessa vez, ninguém lhe avisou sobre ele e ela tropeçou.

Bela sentiu a cabeça ser puxada para trás e a garganta exposta; o terror a dominou quando ela imaginou uma faca gelada – ou lábios repugnantes – tocando sua pele.

Seu captor, entretanto, estava apenas removendo o saco, e depois a mordança.

Ela deu meia-volta para confrontá-lo. Todavia, ele era tão grande, encapuzado e anônimo quanto uma peça gigante de xadrez. Seu companheiro tinha exatamente a mesma aparência. Eles trancaram a porta de barras pesadas. Bela fechou os olhos ante o som – antecipado, mas horrível mesmo assim – de um cadeado pesado sendo colocado em seu lugar. Apesar das botas que calçavam, seus captores foram silenciosos ao partir.

Sua cela não era realmente desconfortável. Era grande, tinha um banco de pedra para servir de cama com um colchão razoavelmente grosso e um penico simples, mas funcional, por perto. Um pouco de luz entrava por uma grade no alto da parede, mas a maior parte da iluminação provinha de lanternas penduradas no corredor, cuja luz era débil e doentia quando chegava ao quarto dela. Havia mais barras em duas paredes perpendiculares à porta, janelinhas para as celas junto à dela.

– Durante a vida toda, nunca botei os pés em uma cela de prisão – murmurou Bela, tentando ver o humor naquela situação. – Nas últimas semanas, estive em *duas*. Mas que perversa estou me tornando...

Ela foi até a porta e tentou forçar seu rosto através da janela até onde era possível, olhando de um lado para o outro do corredor. Não havia muito a ver; à direita, apenas mais algumas celas, e depois uma área ampla com equipamento e suprimentos para os carcereiros. Bastões forrados de couro, bandejas para comida, esfregões e coisas assim. O corredor se estendia no mínimo por dez ou doze metros na direção contrária, com mais celas, essas mais próximas umas das outras. Era difícil dizer, por causa da escuridão, mas na ponta parecia haver uma porta preta agourenta.

Bela suspirou e voltou para o outro lado do recinto para tentar alcançar a grade alta que dava para o lado de fora. Ela não conseguia alcançá-la, e a grade parecia estar muito bem presa na parede, mas talvez se...

Um acesso de tosse da cela vizinha a fez gelar onde estava.

Uma tosse conhecida.

Ela correu para a janela.

– Papai? – chamou ela, sentindo uma impressão estranha de déjà vu.

– Bela? *Não!* – A voz dele degenerou-se em outra crise de tosse, mas era definitivamente o pai dela. Houve um som de pés se arrastando, e então ele saiu das sombras.

– Papai – disse Bela, suspirando. Ele estava... bem, não tão terrível quanto deveria estar. Havia bolsas sob seus olhos e ele tinha dificuldades para se locomover, mas também se via um rosado em suas bochechas e um fogo nas profundezas de suas pupilas.

– Você escapou da Fera! – disse ele, passando os braços pelas barras. Ela segurou as mãos dele, levando-as a seu coração, tocando-as com sua testa.

– Sim. *Escapei* – disse ela, irônica. – E então vim te procurar e fui jogada aqui. Mas a Fera não é má, papai. É uma longa história. Eu tenho que ajudá-lo. O que aconteceu com o *senhor*? Por que o senhor está aqui?

– Eu procurei ajuda. Para ir buscar você – disse Maurice, triste, segurando as mãos da filha. – Fui até a taverna... Ninguém acreditou em mim. Eles me expulsaram. E aí Gaston, *aquele porco*, me pegou. Com LeFou. Quando eu estava atravessando a floresta, atrás de você.

– Gaston? – perguntou Bela, surpresa, recuando.

– Sim! Gaston e D’Arque! Eles estão metidos nessa juntos! O plano deles era me sequestrar e forçar você a se casar com Gaston para me tirar daqui.

Bela analisou essa informação em sua mente. Aquilo não fazia sentido.

– Mas então por que *me sequestrar*? – perguntou ela, devagar. – Eu não vejo outro casamento-arapuca por aqui. Por que eles nos colocariam juntos?

– Casamento-arapuca...?

– É uma história *muito* longa. – Ela sorriu, pesarosa. – Talvez o senhor tenha escolhido um dia ruim para ir à feira.

Porém... quando ela pensou a respeito... se ele não tivesse ido e sido pego pela Fera, então ela não teria saído à procura dele. Ela jamais teria encontrado o castelo amaldiçoado e conhecido Madame Samovar, Lumière, Horloge... e o Príncipe... e tido a aventura com que sempre sonhara... Presumindo que eles conseguissem escapar são e salvos dessa, realmente seria tão ruim que isso tivesse ocorrido?

– Olha, Bela, eu tenho muito a lhe contar – disse Maurice, a voz tremendo. – E não sei quanto tempo temos. Não sei o que estão planejando fazer conosco. Escute...

Ele respirou fundo e a fitou diretamente nos olhos.

– Sua mãe era uma feiticeira.

Bela subitamente foi dominada pelo ímpeto de rir.

– Eu *sei* – disse ela, tentando limitar sua histeria a um sorriso.

– Você *sabe*? – O pai dela pareceu perplexo, afastando-se da janela como se para dar uma olhada mais atenta nela, como se não conseguisse ver como isso era possível.

– Por que o senhor nunca me contou?

– Porque eu... não conseguia *me lembrar*, exatamente. Eu tinha dificuldades em me lembrar *dela*. – Ele balançou a cabeça. – Acho que era uma proteção, um feitiço de *esquecimento* caso alguma coisa acontecesse com ela. Isso nos manteria a salvo, nos impediria de saber demais.

– E como é que o senhor consegue se lembrar dela agora?

– Porque eu a vi! Ela está aqui!

– Mãe? – arfou Bela. – Minha mãe?

– Ah, Bela, eu a vi... – Ele começou a chorar. Recostou-se contra a parede, soluçou e engasgou. – Bela... ela foi tirada de nós todos esses anos. Ela não foi embora. Eles a levaram e vêm retirando toda a magia de dentro dela. É isso o que D’Arque faz, Bela. Ele remove a magia de tudo. *Todos*. É isso o que

são aqueles gritos! Ele está... retirando a magia deles através de tortura. De sua mãe. Ela está mutilada, Bela... sua mãe linda e forte. Ela é uma casca de pele e ossos...

Bela se recordou, nauseada, do monstro que vira no espelho que a Fera quebrou. *Era* sua mãe. A linda dama com a rosa e o espelho que amaldiçoou a Fera era agora uma vítima esquelética e marcada de torturas que a deixaram parecendo com um monstro.

Eu achei que ela não me amava. Que ela havia abandonado papai e a mim por suas próprias razões. Mas ela foi roubada de nós. Sequestrada – e trazida para cá.

E mesmo em seu estado enfraquecido, ela ainda reuniu a força para tentar me alcançar.

– Escuro – disse ela em voz alta, de súbito, lembrando-se do que dissera a visão no espelho. – *Fique a salvo, longe do escuro...* Era D’Arque! Ela queria dizer fique longe de *D’Arque!** Ela estava tentando me proteger!

Ela colocou a mão na cabeça, sentindo-se esmagada e exausta.

– Temos que sair daqui – disse ela, com o máximo de calma possível. – Papai, precisamos fazer alguma coisa. Vou fazer alguma coisa. Vou tirar todos os três daqui. A Fera pode ajudar...

– A Fera que nos capturou? – perguntou Maurice, alerta e cético.

– Ele é o príncipe que *maman* amaldiçoou. Quando ele era pequeno. Eu... toquei a rosa com que ela o amaldiçoou e de algum modo completei o feitiço. Estou tentando ajudá-lo a quebrar a maldição.

Maurice olhou para ela, atônito. Depois balançou a cabeça.

– A magia sempre retorna ao ponto de origem...

Uma voz, velha, feminina, gutural e tagarela veio do corredor. Um grunhido masculino quase inaudível retrucou. Por algum motivo, o som de ambos deixou Bela enjoada.

Os recém-chegados se aproximaram da porta e a destrancaram. Um era um homem enorme e sem máscara, usando uma túnica simples e calças. Seus braços eram do tamanho de presuntos. A mulher que o acompanhava também usava trajes simples e limpos. Ambos quase pareciam enfermeiros, mas havia algo terrivelmente errado na coisa toda.

– Olá, mocinha! O doutor está prontinho para te examinar agora! – disse a mulher, com um entusiasmo que não era tão falso quanto apavorante.

– Não! – gritou Maurice, ficando de pé e endireitando-se. – Parem. Eu sou o pai dela. Não há nada de errado nela, nem nada de mágico!

– O doutor vai resolver isso tudo. E não se preocupe com a sua menina preciosa. Estou aqui para fazê-la se sentir confortável e segura, nenhuma traquinagem nem nada inadequado vai acontecer com ela.

O sujeito destrancou a porta. O primeiro impulso de Bela foi fugir, mesmo que apenas para o fundo da cela.

Os dois “enfermeiros” devem ter adivinhado o que ela estava fazendo, porque ambos saltaram para dentro do quarto mais depressa do que parecia ser possível; estavam bastante habituados a pessoas resistindo. O homem estava com as mãos de Bela atrás das costas dela, segurando firme, antes que ela pudesse se mover.

– *Não!* – gritou ela, se jogando de um lado para o outro, tentando se soltar das mãos dele.

– Ora, ora – disse a mulher, estalando a língua. – Não queremos toda essa ceninha, queremos? Talvez seja preciso usar o remédio especial, e você *não iria querer* isso.

– *Me escutem!* – gritou Maurice, tentando fazer sua voz soar o mais autoritária possível. – Não há nada mágico nela!

Os dois, porém, o ignoraram. O homem empurrou Bela à sua frente pela porta. Ela chutou e tentou se jogar de lado, bloqueando a passagem.

O sujeito a envolveu em seus braços em uma caricatura obscena de um abraço e forçou-a a sair, ereta.

– Papai! – berrou ela.

– Bela! *NÃO!*

* Em inglês, *dark* = escuro. (N.T.)

O Pesadelo da Fera

A Fera voltou para o castelo correndo sobre as quatro patas. Mil cheiros diferentes tentaram distraí-lo: esquilos em disparada, lobos amistosos e coelhos saborosos. Ele não se deixou distrair. Conseguiu fazer a viagem toda de volta sem parar até chegar aos portões.

As muralhas em torno do castelo brilhavam, brancas, com neve e as teias de aranha. Ele estendeu o braço para afastá-las, pronto para usar toda a sua força, mas elas se partiram facilmente ao primeiro toque e caíram. Entrar era fácil. Já sair de novo...

Ele parou por um momento, pensando como Bela: *ele precisaria sair de novo*. Para liderar todos em um resgate, inclusive as gigantescas armaduras. Ele tinha de se preparar para isso.

Com um rosnado, expôs as garras e atacou as teias. Elas se rasgaram com facilidade, flutuando pelo ar e desaparecendo quando finalmente chegavam ao chão, como fios de algodão doce na água. Toda sua frustração e raiva com a captura de Bela foram gastas na limpeza do portão e de vários metros ao redor dele, de ambos os lados.

Ele então escancarou os portões, retirando-os das dobradiças só para garantir e jogando-os o mais longe que pôde. Seria mais difícil para as teias cobrirem um vão tão grande.

Fez o mesmo com as portas do próprio castelo, despedaçando o máximo possível de teias e então escancarando as portas com um golpe. Vento gelado e neve imediatamente sopraram no interior do edifício, como se empolgados pela chance de invadir e congelar a moradia humana sobrenatural.

– *HORLOGE!* – rugiu ele, assim que entrou. – *LUMIÈRE!* Guardas! Venham aqui, agora!

Nada.

Não houve *nada*.

Nenhum som, nenhum movimento, nenhuma pista de que algo no castelo estivesse vivo.

Por um momento insano, ele se perguntou se eles já haviam deixado o castelo, se tinham decidido por conta própria que ele e Bela não estavam à altura da tarefa, que eles precisavam de ajuda. Ele não vira nenhum sinal deles em sua viagem de volta – não farejara nada do castelo, nem a fumaça das velas de Lumière.

– Olá! – rugiu ele de novo. – Eu sou seu *mestre*, o Príncipe! Respondam!

Talvez eles estivessem na sala de jantar dos criados, onde com frequência se reuniam para evitar sua fúria e consolar uns aos outros durante os longos anos sob a maldição.

Ele dirigiu-se para lá... e então parou no salão das armaduras.

Elas estavam todas lá, alinhadas, embora não tão perfeitas quanto já tinham sido. A luta para a retirada dele e de Bela do castelo deixara algumas vítimas: algumas delas tinham espadas denteadas e danificadas, outras não se encontravam mais tão eretas quanto deveriam estar. Quase como se estivessem cansadas.

– *Atenção!* – berrou o Príncipe, tentando recordar-se de seu pai, de Horloge e dos antigos capitães da guarda. Tentando soar poderoso, não presunçoso.

Nenhuma delas se moveu.

Uma sensação lenta e assustadora de horror subiu pela espinha do Príncipe...

... e ele não estava habituado a ficar assustado.

Inseguro sobre por que as pernas delas demoravam tanto a se movimentar, ele avançou para a armadura mais próxima. Com relutância, delicadamente, ele bateu no elmo com uma única garra de marfim.

O elmo se inclinou e desabou no chão, rolando e quicando como o objeto mais barulhento do mundo.

Afora isso, tudo permaneceu estático e silencioso.

As armaduras eram apenas... armaduras. Toda a vida que havia nelas tinha desaparecido. Todas as pessoas que elas eram originalmente tinham agora sido transformadas de forma permanente em objetos inanimados. *Mortas*.

O Príncipe disparou por corredores escuros e salas quietas, descendo para a cozinha.

Ali, sentados na mesa como utensílios levemente incomuns, estavam um bule frio, um relógio que precisava de corda e um candelabro cujas velas haviam queimado até o fim e então se apagado.

A Fera uivou, apanhando a coisa que fora Lumière e chacoalhando-a. Nada aconteceu. Ele olhou ao redor, desesperado para apanhar outra vela para tentar acendê-lo de novo... Talvez ele pudesse dar corda em Horloge...

E então ele percebeu que só podia enxergar por causa de seus olhos bestiais. A cozinha estava escura e fria; sua respiração formava pequenas nuvens que, quando criança, ele costumava chamar de “fumaça de dragão”.

Ele estava totalmente sozinho em seu castelo vazio e morto.

O Pesadelo de Bela

Eles levaram Bela para uma sala realmente apavorante. Ela cheirava a antisséptico e álcool, com um toque levemente adocicado de óxido nitroso. E outras coisas também, cujo objetivo era cobrir o fedor de medo e fluidos corporais. É uma sala de preparação, ela se deu conta vagamente. Meia dúzia de macas com rodinhas estavam arranjadas para receber quantidades massivas de novos pacientes no aguardo de seja lá que cirurgias horríveis D'Arque tivesse em mente para eles. Um balcão próximo tinha fileiras de bisturis e facas expostas organizadamente em uma toalha de linho branco... junto a uma faca de aparência nada científica, que parecia ter sido esculpida em vidro preto, curva e sinuosa como uma cobra do mal.

– Não! Que lugar é esse? Deixem-me *sair*! – Bela começou a lutar em um pânico cego.

– Pronto, pronto, acalme-se – disse a terrível enfermeira, agarrando os tornozelos de Bela com dedos surpreendentemente fortes e frios, enquanto o enfermeiro erguia Bela pelo tronco. Ele arrumou a garota esperneando quase com gentileza na mesa mais próxima, segurando-a com um braço carnudo enquanto pegava correias e as utilizava para prender Bela com o outro.

A mesa estava fresca sob o corpo dela, mas não fria. Um manto a protegia da superfície metálica. Isso era, de algum modo, mais aterrorizante do que todo o resto: que alguém havia tomado providências para oferecer conforto aos “pacientes”, como se isso fosse realmente um lugar de auxílio e cura.

Assim que Bela estava presa, a mulher colocou uma mordaça muito frouxa sobre sua boca. Ela cheirava a substâncias químicas, e Bela tentou não respirar, reconhecendo o travo fétido de clorofórmio.

Em seguida, eles a levaram para a sala de operações.

Contornando as bordas da sala pequena e imaculadamente limpa, havia máquinas que pareciam com as invenções de Maurice... mas encolhidas e horrendamente malformadas. Como se elas tivessem sido sugadas através de um espelho mau e saído do outro lado totalmente deformadas, para propósitos sórdidos. A maior delas tinha foles, bombas e minúsculas versões de pistões acima de uma fileira organizada de redomas.

Bela lutou contra a influência entorpecente da droga na mordaça, chutando e tentando gritar. Ela não queria ter nada a ver com aquelas máquinas. *Qualquer coisa* era melhor do que o que elas insinuavam. Levar uma pancada na cabeça, surra nos pés, *qualquer coisa*. Tortura tradicional...

– Ah, aí está você – disse uma voz clara e aristocrática.

Bela virou a cabeça até onde podia para olhar.

Era D'Arque, o líder esquelético e de cara amarelada do hospício. Ele era muito conhecido dos aldeões, apesar de suas raras visitas à cidade. Assustador quando estava tentando ser agradável em plena luz do dia, ali, nas profundezas sombrias do hospício, ele era definitivamente abominável.

– Sinto muito sobre isso tudo – disse ele, adiantando-se para observá-la. – Acho que temos uma certeza razoável de que você é pura e livre das corrupções vis e não naturais do sobrenatural. Mas tenho que estar *absolutamente* seguro.

– O que é isso? – exigiu saber Bela, tentando tirar a mordaça à força com os lábios e o queixo. – Isso é por causa do Gaston? Para que eu seja *pura* o bastante para ser esposa dele?

– Gaston? – perguntou D'Arque, surpreso. Suas sobrancelhas rastejaram para o alto de seu escalpo como dois besouros tentando fugir de sua língua. – Aquele brutamontes tonto? *Por favor*. Ele não passa de um peão. Ele acha que eu aprovo seus tolos planos de casamento.

– Acha...? – A mente de Bela disparou. Pelo modo como ele dissera, parecia que D'Arque e Gaston tinham algum tipo de relacionamento de longo prazo. Exceto pelas ocasionais visitas do velho à taverna do caçador, ela não fazia ideia de que eles *realmente* conhecessem um ao outro.

– Eu precisava de alguém para me passar informações sobre você e seu pai de tempos em tempos. Para garantir que você não estava aprontando nenhum dos antigos truques de sua mãe, ou de que seu pai não havia recuperado a memória e voltado para ver velhos... *amigos*. Amigos repugnantes.

– *Les charmantes* – disse Bela, devagar. – Você quer dizer *les charmantes*.

– Sim – disse D'Arque, sugando as bochechas, desapontado. – Você ficou sabendo de tais abominações? Que pena. Eu torcia para que você tivesse permanecido completamente livre de qualquer... mácula... deles.

– Por que você se importa conosco? – Bela indagou. – Por que não qualquer outra pessoa da cidade?

– Digamos apenas que eu *realmente* me importo em especial com você e Maurice, a meu próprio modo. Além disso, eu *me importo* com todos os outros da cidade – acrescentou D'Arque, preocupado. – Mas todos eles estão razoavelmente seguros. Normais. Seguindo seus caminhos. Entediados e incultos, mas inofensivos.

– Exceto por monsieur Lévi – disparou Bela. – Então foi você quem queimou a loja dele.

– Eu não fiz nada disso – respondeu D'Arque. – Suspeito que tenha sido aquele idiota, o Gaston. Quando ele foi procurar Maurice. Não tenho nada contra livros. Eu *adoro* livros. Livros são o remédio para a superstição e a... magia. Fiquei tão contente com a sua educação, sua genialidade, Bela... É uma pena que precisemos fazer isso, mas temos que ter certeza...

Ele retirou seu colete, dobrou-o meticulosamente, e o entregou à enfermeira. Depois puxou a máquina de aparência mais assustadora e começou a bombear um pedal nela.

– Não... Monsieur D'Arque... *Por favor*...

– Sssh, quietinha agora – disse D'Arque, colocando um copo metálico com um tubo preso a ele sobre a boca de Bela.

Ela começou a gritar. Revirou-se e forçou as correias de couro, se jogando de um lado para o outro. A escuridão começou a dominar seus sentidos.

Há Algo Realmente Terrível Lá Dentro

A Fera continuou a uivar, sempre sua primeira resposta quando algo terrível e confuso o incomodava e ele não podia literalmente estender as mãos e despedaçar seu obstáculo com as garras. Incredulidade, raiva e terror detinham o controle total de sua mente animal, e exigiu todo o seu esforço para não fugir gritando para a escuridão. Para longe da cena.

Liberando seu lado bestial por apenas um momento, ele se virou e correu pelo castelo, passando pelas armaduras mortas, subindo, subindo, subindo até a Ala Oeste. Ele precisava ver com seus próprios olhos. Não tinha olhado para a rosa desde aquela noite com Bela. De uma forma estranha, ele tinha quase se esquecido dela, com os livros, cozinhando, ouvindo histórias e investigando sobre a mãe de Bela. Tudo isso para descobrir como quebrar a maldição que o transformara numa fera, e, contudo, ele não dedicara mais nenhum pensamento à rosa...

Porém, o que estava acontecendo a seus servos... seus *amigos*... devia ter alguma relação com a maldição.

Antes que ele sequer chegasse à mesa com a rosa, viu algo que o fez parar de súbito.

O Retrato da Fera como um Jovem, como ele tinha começado a chamar a pintura no salão, era uma imagem do homem que ele *deveria* ter sido, com cabelos louro-escuros e dedos em vez de garras, com uma aparência bela e robusta. A pintura que ele tentara destruir, e Bela tentara consertar...

Agora mostrava uma fera.

Não apenas a Fera como ele era, naquele exato momento, mas *todo* fera. Rosnando, babando, a tinta a óleo revirando-se de modo tão real que ele parecia prestes a abrir caminho para fora da tela e rasgar o coração do observador. Em uma pata via-se uma pomba branca sangrando, a cabeça faltando.

A Fera caiu de costas contra a parede, sentindo uma fraqueza.

Isso era o que ocorreria com ele em algum momento. Em breve.

Seu interior combinaria com seu exterior. Ele não seria nada além do monstro naquele retrato, completamente desprovido de razão humana, pensamento e consciência.

Ele cobriu o rosto com as patas, dominado pelo impulso de chorar.

Ela não tinha dito que isso poderia acontecer? Ele não tinha *sentido* isso, recentemente? Se fosse honesto consigo mesmo?

Desde aquela apagação que passara depois que Bela o deixara zangado, até acordar sem memória alguma de onde tinha vindo o sangue em seu focinho. Por sorte, era apenas um pardal ou outra ave pequena, mas poderia ser qualquer coisa da próxima vez, isso se ele “acordasse”. Ele vinha perdendo o controle mais do que o habitual, qualquer fato o irritava de um jeito que não costumava acontecer. O impulso de caçar estava mais forte que nunca. E ele mal tinha conseguido se controlar na corrida para casa, quase vencido pelo desejo de correr livremente pelas florestas.

Lentamente, de forma inconstante, ele entrou no quarto propriamente dito, já sem se importar com a aparência da rosa agora. Ele sabia, em seu coração, que as mudanças estavam se completando.

Não teria sido tão ruim, pensou ele, se a Fera que ele se tornasse fosse mais semelhante a um animal real – digamos, a um lobo ou a um cavalo. Aí ele poderia quase com alegria se levar pelo esquecimento, passando o resto de seus dias como uma criatura simples da natureza, dormindo e caçando até que a velhice ou uma bala o apanhasse.

Mas ele não era um animal real. Um animal *natural*. Ele era um monstro, cujo coração se tornaria feroz e vil, sanguinário e descontrolado. Suas presas não se limitariam a coelhos e ovelhas.

O desespero se elevou como uma maré imensa, inescapável. Ele afundou no chão.

Ele nunca, jamais seria capaz de ver Bela outra vez. Ele *não podia*. Para a própria segurança dela.

Pensar nela o fez parar.

Antes que fosse dominado pela maldição, antes que se tornasse plenamente um monstro, ele tinha que fazer uma última coisa. *Precisava salvá-la*.

Ele retirou o espelho de seu casaco.

– Espelho mágico, mostre-me Bela! – comandou ele.

Quando a névoa cinza-prateada clareou, ele quase esmagou o espelho de fúria.

Bela jazia, meio drogada e resistindo debilmente, presa a algum tipo horrível de mesa. Um velho enfiava agulhas na pele dela, enquanto algum tipo de bandido forçava um cone de bronze sobre a boca de Bela. Mais homens se encontravam perto da porta, junto com uma megera de aparência assustadora que parecia estar se divertindo com os procedimentos.

O Príncipe vociferou, pensando no edifício de pedra gigantesco e inexpugnável ao qual vira Bela ser levada. Não havia jeito, mesmo com sua fúria, de conseguir invadir o lugar e paralisar todos os guardas.

Ele passou as patas sobre os pelos em sua cabeça, frustrado. Não podia fazer isso sozinho. Precisava de ajuda. E os servos estavam todos... indisponíveis.

As únicas pessoas por ali para ajudá-lo eram aquelas no vilarejo.

As pessoas que a Fera evitava havia muito tempo, sabendo que os caçadores insanos, como Gaston, atirariam nele assim que o vissem, e os aldeões de mente fechada fugiriam correndo e gritando.

Porém... eles gostavam de *Bela*, certo? A despeito do que ela dissera sobre crescer solitária, ela tinha alguns amigos, como o dono da livraria. E aquele sujeito na rua não demonstrara um pouco de preocupação com ela e seu pai?

No fim das contas, a questão era que ele não tinha outra escolha.

Com um rugido determinado, ele voltou para o vilarejo.

Entreouvido

Sons e vozes iam e vinham como lobos vagando para perto da presa morta e então desapareciam outra vez.

– Não, os medidores não mentem. É exatamente como eu disse tantos anos atrás. Ela não tem nenhuma magia nela...

– *[indecifrável]*

– ... *Fique* com ela... ela ainda é valiosa. Acredito que ela possa atrair uma presa muito melhor: a fera sobre a qual Gaston tagarelava. [...] Acredito que ele é aquele amaldiçoado há muito pela própria mãe dela... e que tal *isso* como ironia?

Mesmo com a cabeça confusa, Bela se perguntava como ele sabia sobre tudo isso.

Ela forçou os olhos a se abrirem.

O rosto de D'Arque estava chocantemente próximo ao dela, examinando seus movimentos despertos. Ela olhou diretamente nos olhos dele, pequenos e pretos como carvão, cheios de inteligência e malícia acima de seu nariz estreito e torto.

Uma adaga de familiaridade transpassou o cérebro nublado de Bela. Ela o vira nas visões do espelho na livraria, nas vidraças entre as teias do castelo.

– No reino... você era... *amigo de maman e de papai!* – grasnou ela. – Você era amigo deles! E de ALARIC SAMOVAR!

Ela teve a satisfação de ver o rosto de D'Arque empalidecer... um instante antes de ele empurrar o cone sobre sua boca de novo, fazendo com que ela perdesse a consciência.

Essa Mesma Velha Cidadezinha

A taverna era uma perfeita cena de Natal: uma alegre luz amarela fulgurava vinda das janelas e se derramava sobre a neve lá embaixo, enquanto uma cantoria alegre se erguia entre as apertadas paredes de pedra. Os odores da fumaça do fogo, queijo borbulhante e vinho com especiarias sobrepujavam qualquer um dos cheiros humanos oleosos e rançosos que o vilarejo tivesse.

A Fera observou talvez por um tempo longo demais, escondido nas sombras de uma fonte. Qualquer anseio infantil que tivesse sentido por aquele brilho, por ser parte da humanidade de novo, era eclipsado por seu nervosismo sobre como começar. Essa era a taverna de um *caçador*, pela madrugada. O Príncipe podia farejar o cheiro frio de pelagem morta há muito, já embolorando, e o odor fresco e adorável de todo tipo de caça nos fundos, preparadas e penduradas para dessangrar. Se houvesse algum lugar menos seguro para um monstro impiedoso, único e potencialmente perigoso aparecer, ele teria dificuldades em imaginá-lo.

Isso seria difícil.

Além do mais, o Príncipe nunca havia pedido ajuda antes. Em nenhum momento. Em nenhum lugar. Como fera *ou* como príncipe. Ele mandava nas pessoas, ele exigia das pessoas, ele se certificava de que as pessoas se antecipassem a seus desejos antes mesmo de precisar verbalizá-los.

De algum modo, precisava entrar ali e fazer com que eles vissem o humano nele antes que ele se fosse para sempre. Precisava garantir que eles não o alvejassem, e então lhes implorar para que o ajudassem – um estranho total, um perigo iminente – a resgatar Bela.

A Fera fechou os olhos por um momento, reunindo sua coragem.

Algo que ele também nunca havia precisado fazer antes.

Então se levantou de um salto...

... e imediatamente se forçou a ir devagar. A caminhar sobre duas patas até a porta da taverna. A l-e-n-t-a-m-e-n-t-e abrir a porta.

Após sua entrada, a taverna caiu de imediato em um silêncio totalmente compreensível.

E então, em uma correria louca, enquanto todo mundo procurava por seu mosquete, pistola, faca de caça ou qualquer outra coisa que pudesse ser usada como arma. Houve gritos, berros e um caos generalizado, enquanto todos, contudo, deixavam uma área livre muito clara entre a Fera e o resto da sala.

– ESPEREM! – rugiu a Fera, xingando-se logo em seguida por rugir. Ele estendeu as mãos, as patas, as garras escondidas, inofensivas e vazias exceto pelo espelho. – Estou aqui para pedir ajuda a vocês. *Eu preciso da ajuda de vocês.* Bela, a filha de Maurice, está em perigo!

Houve um estranho momento de silêncio.

– *Bela?*

O homem que perguntou isso tinha sua arma totalmente imóvel, apontada para o coração da Fera. Seus olhos eram de um azul-gelo, e a Fera não tinha dúvida de que, ao menor movimento de um dedo, haveria sangue e pelos na parede atrás dele.

A cena oscilou diante de seus olhos. *Eles iriam pegá-lo.* Aqueles onívoros fétidos com suas máquinas e dentes horrendos o dominariam. Ele precisava atacar primeiro, precisava fugir...

– Ela está em apuros – sussurrou o Príncipe, lutando contra sua fera interior. – Preciso que vocês me ajudem a salvá-la.

– Maurice estava... certo?

Isso foi perguntado por um sujeito sentado junto ao bar. Ele não havia apanhado uma arma. Na verdade, nem mesmo tinha retirado a mão de sua caneca. Ele observava tudo mais com interesse do que qualquer outra coisa.

– É a fera! – gritou outra pessoa. – Maurice *estava certo!*

– Presas e focinho comprido! – gritou uma terceira pessoa, levantando-se do bar e se preparando para uma briga. – É ele!

O sujeito com a mira fatal pareceu confuso.

– Não... não existe uma fera de verdade...

– *Ele está bem ali!* – praguejou uma velha garçonete.

– VOCÊ LEVOU A BELA! – gritou um baixinho com um rabo de cavalo longo, apontando. – *J'accuse!**

– Não! – disse a Fera, recuando contra a porta. Ele não era de mentir, nem quando era uma criança mimada. Agora, talvez, não fosse o momento de corrigir verdades confusas. – Ela está sendo mantida cativa... torturada... mas não por mim! Eu vim aqui para tentar conseguir ajuda para resgatá-la!

O fogo na lareira gigante luzia alto e quente. Sua pelagem estava ficando fosca, úmida e irritada. Os rostos diante dele eram feios e desconfiados. As mãos se apertavam ao redor de facas e mosquetes. Um leve traço de frescor mitigante vinha da vidraça gelada. Ele olhou para esse vidro com anseio. A lua brilhava atrás dele. Ele podia simplesmente escapar, ir embora, fugir desse grupo...

– Olhem – disse ele, tentando desesperadamente se concentrar. Puxou o espelho.

Todos saltaram para trás, talvez achando que ele tivesse um revólver ou uma arma. A confusão se espalhou de um rosto perturbado para o seguinte conforme se confrontavam, em vez disso, com o delicado objeto de prata.

– Mostre-me Bela.

Todos arfaram quando o espelho a revelou e mostrou o que estava acontecendo com ela.

– Essa é a Bela mesmo! – gritou o baixinho, agora apontando para a imagem.

Vários homens estremeceram e deram as costas para o que viram. A garçonete quase gritou de horror. O sujeito com a arma lentamente a deixou cair de lado.

– Monsieur D’Arque? – murmurou ele.

– O que ele está fazendo com ela? – o homem com a mão na caneca exigiu saber. – Aquele suíno!

– Eu sempre soube que ele não prestava – disse alguém. – Ele não leva apenas os insanos. *Eu sabia.*

– Aquele filho de um porco miserável!

– Ele está fazendo isso com todos os outros presos?

– Bela é só meio *esquisita*... não doida... Por que ele está fazendo aquilo?

– Eu não entendo... – disse o homem que a Fera finalmente começava a compreender se tratar de

Gaston. Embora ele só tivesse visto o caçador a distância, agora reconhecia seu cheiro. Este era o assassino e o arquiteto do casamento-arapuca, que usava *eau de cologne* em demasia. Seu rosto bonito estava pálido. – D’Arque deveria capturar apenas Maurice... para que Bela se casasse comigo...

– *Como é?* – perguntou a garçonete, a única pessoa do salão que estava realmente escutando o que ele dizia.

– Na hora, fazia sentido – explicou o tampinha com o dedo apontado.

– Ela não queria se casar com você, aí você mandou o D’Arque fazer o que, torturá-la? – interrogou a garçonete.

– Não, não, não! – disse Gaston, horrorizado. Ele deu um passo adiante e tentou apanhar o espelho.

No começo, a Fera quis resistir – era o *seu* espelho mágico. O único bem material com que se importava, além do broche dourado que seus pais lhe deram antes de morrer. Porém, era óbvio que qualquer demonstração de força não seria bem recebida.

Além do mais, se isso ajudasse Bela...

Ele virou a cabeça, sem querer inspirar o cheiro detestável de Gaston. Em pouco tempo, não seria capaz de resistir a rasgar a garganta do rapaz.

– D’Arque... ele estava me aconselhando... ele gostava da ideia de Bela se casar comigo... – Gaston estava obviamente se sentindo enjoado; era evidente no modo espesso e rouco com que ele falava. – Eu não sabia nada a respeito disso... ele é um monstro... *EXATAMENTE COMO ESSE AQUI!*

Gaston de súbito apontou para a Fera, de maneira muito semelhante à que o baixinho tinha feito antes. Finalmente, uma emoção dominou o rosto de Gaston: *fúria*. Suas feições ficaram sombrias e uma carranca zangada distendeu seus lábios até então tão belos.

– Como é? – perguntou o Príncipe, confuso.

– Tudo o que eu queria era me casar com Bela – rosnou Gaston. – Eu não sabia que essa *coisa* realmente a havia sequestrado... e agora subitamente ela está aprisionada por D’Arque? É óbvio que eles estão juntos nisso!

O Príncipe sentiu suas sobrancelhas se unindo e um uivo de frustração se aproximando.

– Se... estivéssemos nisso juntos... por que eu viria aqui pedir por ajuda?

– Eu não confio em você, fera! – rosnou o caçador, mirando o cano de sua arma. Ele deixou o espelho cair, e seu amigo o apanhou pouco antes de atingir o chão. – Afastem-se todos enquanto eu acabo com o sofrimento dessa coisa!

– Era você que estava mancomunado com D’Arque! – protestou o Príncipe.

– Você o corrompeu! Você fez com que ele fizesse isso a Bela! Não foi nada do que *eu fiz!*

Enquanto isso, o baixinho estava olhando no espelho, maravilhado.

– Se ele *está* fazendo isso com a pequena Bela, e com Maurice – disse o baixinho, devagar –, o que ele tem feito com todos os outros lá em cima? Como... minha tia-avó Foufou? Ela era só *um pouquinho* louca...

– D’Arque pegou meu primo – disse alguém, sombriamente. – Disse que ele era um perigo para nós.

As pessoas começaram a rosnar e resmungar, e as conversas sobre o que estava havendo e o que deveria ser feito se desenrolaram.

– Mas e *ele?* – exigiu Gaston, indicando o Príncipe com o queixo. – Ele é... ele realmente é uma fera! Nós deveríamos matá-lo agora mesmo, e depois descobrir o que fazer com tudo mais! Vamos!

– Ele é demoníaco! Peguem-no!

– Espere aí... *Por que* ele veio pedir ajuda, então?

– Vamos acorrentá-lo, pelo menos!

Todos começaram a gritar uma ideia ou opinião. Armas foram agitadas no ar, assim como facas e punhos.

A Fera pensou, desesperado. O que ele podia fazer? O que um príncipe bestial podia fazer, se não podia mandar naqueles homens ou insistir com eles, nem encantá-los com sua inteligência como Bela poderia fazer?

De súbito, ele soube.

Implorar.

Mais uma coisa que ele nunca tinha feito antes.

Ele se ajoelhou no chão. Olhou para a multidão, suplicante. Para Gaston em especial, cuja cor dos olhos, ele se deu conta, não era muito diferente da dos seus.

– Façam o que quiserem comigo, depois que resgatarmos Bela. Eu juro por minha honra que permitirei. Tranquem-me, matem-me, o que quiserem. Eu me entregarei. Por favor, apenas me ajudem a tirar Bela de lá primeiro.

Todos silenciaram. Gaston tensionou os maxilares, tentando resolver o que fazer.

– Não o escutem – disse alguém. – Ele é um demônio, enfeitiçando vocês com falsas visões. É um mentiroso.

O homem, no entanto, não soou entusiasmado; ele disse isso de forma cansada, como se *alguém* tivesse de dizê-lo.

Todos os outros começaram a murmurar em concordância.

– Gaston – disse o baixinho, cutucando-lhe a coxa. – *Minha tia.*

O caçador pareceu pronto a matar seu amigo – prestes a matar *qualquer um*, apenas para canalizar as emoções conflituosas e o ódio que não encontravam um escape de outra forma. O Príncipe quase se solidarizou por um instante. *Nem todas as feras têm aparência de fera*. Ele se perguntou como seria o retrato encantado de Gaston.

– Lidaremos com *você* depois – disse Gaston, finalmente, agarrando sua cinta com pólvora e o saco de munição. – Mas agora precisamos salvar Bela!

* “Eu o acuso!” (N.T.)

Fuga

Bela nunca se sentira tão mal – e sozinha – em sua vida. Não era somente a dor. Era o fato de que cada uma das dores que sentia agora, cada hematoma incomum, cada espetada cicatrizando, cada aflição de onde ela havia se forçado inconscientemente contra a maca e as correias tinham sido infligidas nela *de propósito*. Com uma intenção. Um homem tinha *escolhido* lhe causar essa miríade de dores. Um homem tinha feito seu estômago se embrulhar e a cabeça latejar, e agora a luz dos lampiões rutilava e tremeluzia de tal maneira que enviava uma agonia aos seus olhos, descendo pela coluna.

E ela não fazia ideia de quando seu torturador voltaria.

O que foi que eu fiz, uma rata de biblioteca, filha de um inventor maluco, para merecer isso?, ela não conseguia deixar de perguntar ao mundo.

Ela levava sua vida quieta, lendo – e então tentara resgatar seu pai, e depois tentara ajudar a Fera após estragar tudo. Ela nunca tinha feito nada ruim de propósito a ninguém, além das diabruras leves da infância.

E Frédéric D’Arque tinha sido um dos *amigos* de seu pai! Pobre papai, não conseguia nem se lembrar disso...

O “médico” maluco também tinha sido o sequestrador e traidor de sua mãe. Ele era o responsável por roubar uma das pessoas mais importantes da vida de Bela.

– *Maman* – chorou ela baixinho, desejando-a mais do que nunca.

De súbito, o ar pareceu frouxo ao redor dela.

Confusa, ela se sentou.

Aquilo que a prendia havia se soltado.

Ela piscou exatamente uma vez. A velha Bela teria se sentado e tentado entender o que acontecera – tinha certeza de que quando voltara a si, as correias estavam justas ao redor de suas pernas e mesmo sobre a sua cabeça.

A nova Bela não se incomodou com isso, aproveitando a oportunidade para correr. Quem sabia por que D’Arque a deixara, e em quanto tempo ele estaria de volta?

Não havia ninguém na sala de preparação. Bela passou furtivamente pelas macas vazias, tentando não inspirar o fedor de antisséptico.

A porta de saída estava trancada, mas pelo lado de dentro; por que alguém tentaria invadir de fora *para dentro* era incompreensível para ela. Talvez D'Arque tivesse medo de que alguém interrompesse seus experimentos.

Ela deslizou com cuidado a tranca enorme e deixou a porta se abrir um pouco para dentro. Dois corredores davam em uma área aberta onde três bancos encontravam-se vazios... e um quarto era ocupado por um homem tão grande que ela tinha quase certeza de existir algo de gigante nele. Se ele fosse um *charmante*. Ele limpava as unhas com uma faca de aparência particularmente nojenta.

Ela praguejou e rapidamente deixou que a porta voltasse a se fechar.

Bela olhou para a sala de preparação ao seu redor, em pânico. Havia bisturis e facas no balcão em um canto, e ela apanhou um – por que não? –, embora tivesse certeza de que não seria muito útil em suas mãos contra alguém tão grande. Tirando isso, não havia nada de aproveitável ali.

O único lugar para onde poderia ir era a sala de onde tinha vindo.

Bela mordeu o lábio e forçou-se a ignorar o pânico ofuscante que crescia dentro dela, voltando para a sala de operação.

As máquinas que tinham sido usadas assomavam em um canto, grandes e maléficas. Do lado oposto a elas, do outro lado de sua maca respingada de sangue, havia outra porta, que ela não notara antes. Uma porta pequena, pela qual as macas não podiam passar.

Bela tentou a maçaneta.

Trancada.

Ela fechou os olhos e soltou algumas palavras que aprendera lendo romances. Em seguida, respirou fundo. O prédio todo era projetado mais como uma prisão medieval do que um hospital moderno; a tranca não deveria ser muito complicada. Ela se abaixou e cuidadosamente enfiou o bisturi na fechadura. O alívio a invadiu quando ficou claro que era, de fato, uma tranca antiga, ao estilo romano, sem tambores – apenas um trinco simples. Alguns giros e torções cuidadosos foram bem-sucedidos para movê-la um pouco...

snikt

... antes que a lâmina se quebrasse. Bela praguejou; agora a lâmina estava presa na porta e, se alguém viesse, perceberia imediatamente o que tinha acontecido. Mas ao menos estava destrancada. Ela entrou e fechou a porta rapidamente após passar.

Bela não tinha certeza do que esperava ver do outro lado, mas sem dúvida não era o que descobrira.

Crânios.

Muitos crânios.

Alguns dos crânios estavam dentro de jarra de vidro e ainda tinham pedaços de massa encefálica presos a eles.

Havia algo que ela tinha quase certeza tratar-se de um tronco preservado em um caixão de vidro, cheio de líquido de decapagem. A pele da barriga e do coração tinha sido afastada e placas de metal prendiam o que pareciam ser os pedaços relevantes abaixo dela. Havia, ela não pôde evitar reparar, seis mamilos no peito, e o que parecia ser pelagem começando acima dos quadris.

Uma mesa coberta de anotações – e um esguicho desconcertante ocasional – encontrava-se estranhamente aprumada em meio ao horror; uma pena de escrever, longa e bonita, aguardava uso em um pote de tinta.

Incapaz de se conter, Bela deu uma olhada nas anotações.

Infelizmente, incapaz de encontrar um espécime vivo da variedade metamorfo. O cadáver trazido a mim já estava começando a se decompor, e o cérebro totalmente imprestável. Impossível confirmar a teoria do nódulo charmante. Cadáver, contudo, completamente fascinante. Eu comecei com uma incisão...

Ela virou-se de costas, sem conseguir ler mais.

Havia uma estreita escadaria em espiral no canto da sala. Ela dirigiu-se para lá, torcendo para escapar do cheiro enjoativo e nauseante dos fluidos embalsamadores.

Para cima, para cima, ela subiu através da escuridão sinuosa, metálica e fria. Parecia que ela havia passado por vários andares até chegar a um lugar onde pudesse sair.

Ela emergiu, tonta e enjoada, em uma sala escura e estreita que parecia, a princípio, um corredor de conexão. Ela apanhou uma vela de uma das arandelas e a levantou, franzindo o cenho ante as sombras.

Livros.

Centenas deles. Talvez milhares.

As paredes frias e negras estavam cobertas de prateleiras, e as prateleiras, de livros.

Sobre a Extirpação de Bruxas no Novo Mundo

Julgamentos Surpreendentemente Precisos para Determinar Associações com o Demônio, conforme Determinado por John Hathorne

Taxidermia, um Guia para Leigos

O Necronomicon

Os Males de Res Supernaturae

Anatomia Desconstrutiva

Métodos Bem-Sucedidos de Tortura do Final do Século XI

Bela apanhou um livro aleatoriamente. A página em que ele se abriu continha uma gravura de uma mulher com chifres, gritando enquanto era aberta do umbigo ao nariz por um cirurgião muito calmo.

Ela o soltou, sentindo-se maculada por ter tocado nele.

Em seguida, a razão superou a repugnância e ela cuidadosamente o apanhou, colocando-o de volta no lugar.

Para todo lado que ela olhava, cada canto e superfície estavam lotados com livros encadernados em couro preto que praticamente fediam a malevolência – disfarçados em um verniz muito fino de “ciência” e “religião”.

Mais para o final do corredor havia grandes diários e jornais em tamanho fôlio, todos no mesmo estilo daquele que ela vira no laboratório de D’Arque. Ela apanhou o mais espesso e preto e o abriu. Esse era totalmente desprovido de ilustrações, contendo apenas tabelas de registros e anotações.

Madame Annabel Salvage – s. feminino, 43 anos no momento em que entrou em nossa posse. Famosa “misturadora” de tônicos e poções improváveis. CURADA. Sobreviveu. Ver notas, ref. remoção de nódulo charmante, purificação do sangue.

Anônima – s. feminino, baixinha, conversa com animais. CURADA. Falecida.

A lista seguia, interminável. Ali estavam todos *les charmantes* que infelizmente caíram no poder dele, e uma lista clara dos experimentos que o “médico” havia executado neles para remover sua magia.

– “Curada. Falecida!” – gritou Bela, esquecendo por um momento de onde estava. Ela guardou o livro de volta na prateleira com força. Sentia ímpetos de destruí-lo, assim como tinha acontecido a todos os livros bons na loja de monsieur Lévi. Entretanto, quando eles levassem D’Arque diante de um tribunal de justiça, isso seria excelente evidência.

Bela se apressou, colocando a mão ao redor da chama para que ela não se apagasse, mais determinada do que nunca a escapar, a resgatar seus pais, a sobreviver e trazer uma vingança terrível contra o monstro que administrava aquele hospício.

A porta da biblioteca dava para uma área ampla e bem iluminada no formato de funil. Ela se encolheu contra a parede conforme ruídos chegavam até ela, vindo de vários corredores: estalidos e estrépitos, vozes se elevando, um grito ocasional.

A extremidade mais estreita da sala tinha um conjunto de portas duplas com barras amplas, permitindo que quem estivesse lá fora pudesse ver o que jazia mais além.

– Quem é o guarda essa noite? – veio uma voz do outro lado. Era áspera, masculina e grave. Bela pensou em seus captores mascarados.

– É a Maria Sujismunda – disse outra voz, rindo.

– Afe! Melhor não se meter nisso, então.

– Nem precisa me dizer.

Mantendo as costas coladas à parede, Bela seguiu para longe daquelas vozes e espiou para lá da curva, olhando para o primeiro salão. Havia uma porta grande e trancada, montada em uma pesada moldura de pedra a apenas alguns metros dali. Através da grade na porta, ela podia ouvir os gemidos e gritos dos agora verdadeiramente insanos.

Ela passou rapidamente por ali e continuou para o salão seguinte, rezando para que não houvesse ninguém vigiando.

A mesma coisa. Uma porta trancada, os gritos dos tresloucados mais além.

Idem para o salão seguinte.

O salão *depois desse* revelou algo diferente.

Não havia porta trancada nele; em vez disso, ele se ampliava e abria em uma área semelhante a um depósito. Ali havia pilhas de roupas meticulosamente dobradas e surpreendentemente limpas em prateleiras, penicos novos prontos para uso, trajes disformes com cintos amplos... e bandejas sendo preparadas com tigelas e pão para o jantar.

Fazendo a preparação estava a mulher cuja própria silhueta quase fazia Bela se dobrar de ódio.

Sem pensar, Bela correu nas pontas dos pés o mais depressa que pôde, ganhando velocidade e trombando com a mulher mais velha com o máximo de força que conseguia no meio das costas.

A mulher odiosa caiu, aquela que “acompanhara” Bela para seu “conforto” até a sala de tortura. Que não sentira sequer a necessidade de usar uma máscara, em nenhuma ocasião.

Ela gemeu quando seu rosto atingiu a mesa diante dela e suas pernas fraquejaram.

– O que... – começou a mulher.

Bela agarrou o objeto mais próximo, um penico de lata, e golpeou a mulher na cabeça com ele.

A mulher desabou, silenciosa e sangrando.

Bela parou por um momento para respirar.

Ela levou outro momento para refletir em que os eventos recentes a estavam transformando.

Entretanto, no terceiro momento ela já estava apalpando Maria Sujismunda em busca do chaveiro que ela sabia que devia existir.

Voilà! Perto de sua faca de cozinha, debaixo do cinto.

Bela apanhou o amontoado grande, feio e escuro de chaves – e a faca – e apressou-se para o salão.

– Tudo bem por aí?

Bela congelou ao ouvir a voz do guarda através das barras.

Pensou, desesperada.

– As chaves ficam escorregando dos meus dedos – ela respondeu, em uma imitação o mais próxima possível do terrível sotaque da mulher. Ela colocou um ronronar insinuante em sua fala. – Quer vir aqui e... me ajudar? Com as suas *mãos fortes*?

– Não, não, vá em frente – disse a voz rapidamente.

Bela fechou os olhos e se permitiu um único suspiro de alívio.

Nenhum dos recintos nesse corredor era tão “bom” quanto aquele em que ela e seu pai tinham sido jogados. Esses não chegavam a ter um metro e vinte de largura, eram escuros e fediam. Bela passou rapidamente pelas chaves menores, tentando encontrar uma provável para servir ali. Os gemidos aumentaram dos dois lados do corredor conforme o metal retinia, fosse por medo ou na expectativa da gororoba, era difícil dizer.

Quando Bela finalmente abriu a primeira porta, era duro dizer quem ficou mais surpresa, se ela ou a pessoa lá dentro.

A... *pessoa*... era pequena. Muito pequena. E apesar das condições horrendas da cela e da prisão, Bela tinha certeza de que não era o *cabelo* dele que estava desgrenhado a ponto de parecer os espinhos

de um porco-espinho... A pessoa realmente tinha a cabeça coberta de espinhos como os de um porco-espinho.

– VÁ! – disse Bela, quando encontrou sua voz. Ela apontou para a porta. – Você está livre!

O pobrezinho olhou para ela com grandes olhos negros remelentos. Ele começou a abrir a boca.

– Ssshhh! – disse Bela, levando o dedo aos lábios. – Vá!

Com isso, a criatura correu. Ou... *rastejou*. Era difícil dizer.

O plano de Bela era simples: destrancar todas as portas o mais rápido que pudesse. Libertar *todos* os prisioneiros. Encontrar sua mãe e seu pai enquanto o caos reinava no hospício e os guardas lidavam com todos os outros prisioneiros.

Não era um ótimo plano, mas era tudo que Bela tinha.

Ela correu até a cela seguinte. E a seguinte.

A maioria dos prisioneiros era aparentemente humana. Todos tinham cortes e cicatrizes terríveis na cabeça. E algumas das pessoas eram chocantemente familiares.

– *Monsieur Confeiteiro?* – ofegou ela, em choque. Ele era o pai do atual monsieur Confeiteiro, um idoso maravilhoso que se dizia ser capaz de criar confeitos tão delicados e aerados que era como se os próprios anjos os tivessem feito. Bela, contudo, não ouvia falar dele há anos.

Ele parecia triste e vagamente embaraçado. E *doente*. De um amarelo pálido e sibilante.

Bela abriu a boca para dizer algo. Ele era o pai de alguém, do mesmo jeito que Maurice era o dela. Sequestrado e abandonado aqui...

E foi então que os guardas finalmente descobriram que algo estava acontecendo.

– *EI! EI! Adrien! Vem cá! Por que a Maria não voltou ainda? Acho que estamos com problemas...*

Bela correu. Com sorte, o velho – *charmante?* – padeiro a seguiria, mas ela não tinha tempo para descobrir.

Ela se jogou desesperadamente de cela em cela, destrancando cada uma o mais rápido que seus dedos cansados conseguiam. Os sons de gritos ficaram cada vez mais altos e próximos.

Finalmente, quando abriu a última porta, não havia ninguém esperando por ela... apenas algo quase como um cadáver, amarrado a um banco duro de pedra.

Aquele ser ergueu a cabeça para olhar a recém-chegada.

Com um choque, Bela reconheceu o monstro da imagem no espelho.

– *Maman!* – soluçou ela.

Reencontro

Bela! – sua mãe falou com a voz rouca. Ela parecia vinte anos mais velha do que o pai de Bela. Cicatrizes e vincos cruzavam seu rosto como um campo antigo, em outras eras irrigado com canais e riachos, e agora seco. Seu cabelo prematuramente branco estava imundo, embaraçado e desgrenhado com sangue velho e seco. Seus olhos, no entanto, estavam brilhantes, um verde brilhante em meio à crosta e à sujeira, um verde angelical que Bela se recordava muito claramente de sua visão.

– *Maman!* – Bela gritou de novo, jogando os braços em torno dela o melhor que pôde, chorando em cima dela. Em todas as suas fantasias de como esse momento seria, Bela sempre era de algum modo menor que sua mãe, e era *sua mãe* quem a segurava em seus braços abertos e reconfortantes. Não o contrário.

– *Bela. Este dia foi meu único motivo para viver* – murmurou Rosalind.

Apenas com muito esforço Bela conseguiu se dominar. Atabalhoadamente, soltou os grilhões que mantinham a mulher confinada. Com um suspiro, sua mãe meio que caiu de lado, talvez por ter liberdade em fazê-lo pela primeira vez em anos.

– Precisamos ir – disse Bela, segurando a mão dela e a apertando. Era frágil, ossuda e fria.

– Espere, espere um pouco. Deixe-me apenas *olhar* para você – disse a mãe dela, colocando outra mão fraca, lembrando uma aranha, sobre a de Bela. Ela se recostou para trás e piscou, como se tentasse absorver o equivalente a dez anos de crescimento da filha em um momento. – *Você é tão linda!* Tão forte! Você é tudo que eu sempre desejei de uma filha!

Bela tentou conter as lágrimas que afluíam mais uma vez. O choque de ouvir sua mãe, há tanto perdida, dizer exatamente as palavras que ela sempre quis ouvir de uma mãe era demais.

– *Por quê?* – perguntou Bela, incapaz de se segurar. – Por que você me fez te esquecer? Por que eu não podia ter nem mesmo as poucas lembranças de nós juntas?

– Não foi só você – disse a mulher, com dificuldade, a respiração chiando entre as palavras. – Não foi só eu. *Todos os charmanes*. Esquecidos. Para sempre. Para nos proteger. E proteger você. Nenhum humano seria capaz de se lembrar de onde moramos e nos caçar. E com você e Maurice se... esquecendo... *de mim*, vocês também estariam a salvo. Para sempre. Não que isso pareça ter funcionado.

– Eu preferiria *não ficar* a salvo – insistiu Bela. – Preferiria ter estado com você.

A mulher riu com amargura.

– Ah, eu duvido muito. O que ele fez comigo nos últimos dez anos eu não desejaria a meu pior inimigo, quanto mais para minha própria filha.

– Mas como... como D’Arque foi capaz de fazer tudo isso? Como é que *ele* não se esqueceu de *les charmantes*?

O rosto da mulher assumiu uma expressão distintamente assustadora.

– Ele também é um *charmante*. Ou era. Ele odiava a si mesmo e a todos como ele... eu nunca soube o quanto.

– Eu o vi – disse Bela. – Nas imagens... no castelo...

– Oohh – gemeu a mulher. – Eu sou tão tonta. E aquela foi minha última grande obra de magia. *Aquela*. A maldição de um humano de apenas 11 anos. Quando senti você derrubar a maldição, foi como se minha alma se rasgasse em duas. A magia volta para o ponto de origem, e eu fui punida à altura.

Ela balançou a cabeça.

– Com o pouco que me restou, eu tentei te alcançar, te contar o que havia acontecido. E então te libertei.

A maca. Suas correias. *Foi assim* que ela tinha sido solta. Sua mãe.

Os sons de metal contra metal subitamente ficaram mais altos, assim como os gritos; a porta da cela foi aberta e um dos prisioneiros de aparência mais humana enfiou a cabeça lá dentro.

– *Mademoiselle*, os guardas estão a caminho. Você devem fugir, você e Rosalind!

– *Rosalind* – disse Bela, sentindo a palavra em seus lábios. Rosalind, sua mãe.

– Venha, você vai ter que me ajudar – disse a feiticeira, levantando-se com um empurrão. – Agora que eu vi seu rosto mais uma vez posso morrer feliz, mas prefiro que isso não aconteça. Prefiro ver *Frédéric* morrer primeiro.

Bela estendeu a mão e com cuidado ajudou a mulher, que qualquer outra pessoa julgaria ser sua *avó*, sair da mesa de pedra e da cela. Ela quase teve que carregá-la.

Do lado de fora, via-se precisamente o caos pelo qual Bela torcera: havia muita correria, muitos gritos, muito pânico, muitos berros.

– Tenho que buscar papai – disse Bela.

– Eu o vi... Maurice. Ele está no andar de cima – disse a mãe dela. – Com os... os pacientes “reais”. Vamos...

– *Bela!*

Bela parou de súbito ao ouvir uma voz estranhamente familiar chamando de uma cela do lado oposto a ela, uma que ainda estava trancada.

Agarrando as barras como um triste animal de circo se encontrava monsieur Lévi, o livreiro.

Bela arfou, e então destrancou a porta.

– Aquele *bastardo* – xingou Lévi, assim que se viu livre. – Ele prometeu. Ele me *prometeu* que não tocaria em você.

Os olhos de Rosalind se estreitaram.

– Você fez um trato com aquele *monstro*? – perguntou ela, em um tom surpreendentemente calmo para alguém tão fraco. – Discutiremos isso mais tarde, Lévi. Por enquanto, talvez você possa ajudar...

– Absolutamente. – Ele sorriu e ergueu a mão, fazendo surgir um caquinho fino de vidro reluzente. – Agora que estou livre, posso soltar todos os outros. Vocês duas, vão procurar Maurice!

Bela segurou o braço da mãe e a arrastou consigo o mais depressa que pôde. Seria sua imaginação, ou será que sua mãe estava mesmo ficando mais forte? Estaria sua vitalidade voltando, agora que estava longe de sua cela? Ou seria apenas a empolgação do momento?

– *PAREM!*

Um servente atravessou o caminho delas. Ele tinha os braços de um homem forte de circo e suas mãos podiam arrancar os braços dos ombros delas.

Bela ergueu a faca de cozinha. Sua lâmina fina parecia patética contra o tamanho e imposição do homem.

Ele começou a estender a mão...

... e de súbito caiu como um tronco gigante, gritando de dor.

Bela olhou para baixo para ver o que o derrubara. A pequena pessoa-porco-espinho estava enrolada em forma de bola aos pés dele, sorrindo, os espinhos eriçados. Gotinhas de sangue surgiram como chuva por todo o avental branco do enfermeiro.

– Obrigada – murmurou Bela.

A criatura tagarelou algo sem sentido e maluco em resposta, antes de se desenrolar e sair correndo de novo.

– Um *herisser* – Rosalind sussurrou para si mesma. – Pessoal maravilhoso. Eu não sabia que tinha restado algum...

Bela puxou sua mãe consigo. Ela parecia se distrair com facilidade e havia muita coisa acontecendo ao redor delas para permitir que isso ocorresse. Na entrada principal dos blocos de celas, os prisioneiros se derramavam para fora enquanto os guardas tentavam abrir caminho à força entre eles, manejando porretes e bastões cobertos de couro. Bela fechou os olhos, fez uma oração silenciosa e mergulhou.

Seguindo um palpite, elas desceram um corredor poluído pelo ar quente e fétido de uma cozinha industrial. Ela tinha razão; em breve elas corriam por uma sala que mais parecia uma caverna de teto rebaixado, com um cheiro horrível. Fornos atarracados de metal aqueciam grandes panelas pretas e imundas, fervendo sopa que não passava de um caldo ralo. Coisas nojentas às vezes borbulhavam na superfície com um estalo de vapor sulfuroso.

O cozinheiro-chefe, um porcalhão imenso, reclinou-se em um banco que entortou sob seu peso, enquanto observava Bela e a mãe com uma surpresa preguiçosa.

– Nós não estivemos aqui – disse Bela, gesticulando para ele com sua faca.

O sujeito não disse nada, encolhendo os ombros em um gesto amplo e indiferente.

Bela arrastou sua mãe adiante.

Do outro lado da cozinha ficavam a despensa e o saguão de recebimento de mercadorias, onde carregamentos de víveres podiam ser entregues com facilidade, assim como uma escadaria estreita para os criados que levava ao piso principal.

Ela disparou, subindo por ali, puxando sua mãe atrás de si...

... e deu de cara com uma dupla de serventes enormes, descendo com bandejas de tigelas vazias.

Todos os quatro aterrissaram em uma bagunça, os braços e pernas de Bela e sua mãe ficando mais perto do topo por serem menores.

– Elas estão fugindo! – disse um dos serventes. – São pacientes!

– Ninguém aqui é um “paciente”! – disparou Bela, girando e revirando o corpo para se livrar deles.

Assim que se levantou, virou para ajudar sua mãe a ficar de pé.

A servente levantou-se, trôpega, e, juntando as duas mãos, golpeou Bela no rosto com as costas da mão.

Sem esperar um ataque tão rápido – e violento –, Bela vacilou e recostou-se contra a parede, atônita. Sangue escorreu por seu rosto.

Sua mãe, dobrada sobre si mesma e parecendo imobilizada, apenas arregalou os olhos verdes em reação ao que tinha acontecido.

O outro servente, um homem, agora também já estava de pé. Ele agarrou Bela pelo ombro, enterrando os dedos no músculo entre os ossos.

– *Racine* – murmurou Rosalind, estendendo a mão e soprando algo dali.

Os olhos de ambos os serventes se arregalaram de surpresa.

Eles olharam para os próprios pés. Bela estava ainda se recuperando do golpe e tinha lágrimas nos olhos – não conseguia ver nada. No entanto, seus pretensos captores não pareciam capazes de erguer as pernas. Começaram a entrar em pânico, gritando baixinho.

Rosalind fraquejou e oscilou, totalmente exausta.

Bela a agarrou no instante em que ela caía, ignorando sua própria dor.

– Terra do piso da minha cela... – murmurou a mãe, subindo as escadas com dificuldade. – Cheia de brotos de fungos...

Bela não tinha certeza se ela estava delirando ou não, mas os guardas não podiam segui-las, e isso era o mais importante.

No topo das escadas, era como entrar em outro mundo: embora não fosse precisamente claro e ensolarado, os salões eram mais amplos e não fediam. As paredes de pedra eram livres de mofo e limo, e lampiões pendiam em intervalos regulares.

– Isso me parece familiar – disse Bela, pensativa. Ela correu por ali nas pontas dos pés, arrastando a mãe, parando de súbito ao escutar uma voz conhecida gritando.

– Não... apenas os monstros no porão inferior. Está tudo bem aqui em cima. Mande para baixo todos que você puder!

D'Arque.

Bela sentiu uma mão quente de fúria se fechar em sua barriga. As atrocidades que tinham sido cometidas contra sua família por esse homem... Ela não queria nada além de disparar para cima dele, a faca em riste.

A razão, ainda uma força dominante no coração de Bela, finalmente prevaleceu.

Ela esperou até ouvir os sons abafados dos guardas saindo apressadamente, seguidos pelo clique frio dos saltos das botas do velho sobre as pedras.

Ela contou cinquenta segundos adicionais após o som terminar antes de dar um passo adiante.

Como havia suposto, elas estavam no centro da ala para “pessoas normalmente insanas”. Havia salões levando para os quartos do hospício, amplos e quase convidativos, com tapetes mirrados. Sem dúvida para impressionar os parentes em visitas – que provavelmente não faziam ideia do que se desenrolava mais abaixo. Até os sons eram diferentes; havia alguns poucos gemidos e choramingos, mas aqui eles soavam lamentosos. Não *torturados*.

Mesmo assim, Bela libertaria também todos aqueles ali em cima – depois que encontrasse seu pai.

– *Papai?* – chamou ela, o mais alto que pôde.

– *Bela?* – respondeu uma voz, surpresa.

– Maurice – sussurrou Rosalind.

As duas se apressaram até a cela dele. Bela se atrapalhou com as chaves até encontrar a correta.

Seu pai praticamente as derrubou quando saiu correndo, colocando um braço carnudo ao redor do pescoço de cada uma e puxando-as para perto de si.

– Minhas meninas! – soluçou ele. – *Minhas duas meninas*. Eu nunca... Eu nunca pensei que voltaríamos a ser uma família de novo.

Bela não queria soltá-lo nunca mais. Sua mãe e seu pai juntos, abraçando-a, uma família feliz como deveriam ter sido, nunca separados. Quem sabia o que aconteceria nos próximos minutos, se eles não saíssem? Podia não haver outro momento como esse...

– Temos que ir embora. Agora, papai – disse Bela finalmente, se soltando com muito pesar.

– Espere, e todos os outros? – perguntou Maurice.

– Ei, *você* – Bela disse para um prisioneiro que assistia a toda a cena quieto, as mãos nas barras de ferro. – *Pense rápido!*

O homem pareceu apenas vagamente surpreso quando ela jogou as chaves para ele. Depois de olhar para ela por um instante, perplexo, seus olhos afinal se arregalaram com compreensão.

– Vamos! – disse Bela, agarrando os pais pelos braços.

E foi nesse momento que dois guardas, passando pela outra ponta do corredor, os viram.

– *PAREM!* – um deles ordenou.

O prisioneiro com as chaves as escondeu nas costas e tentou aparentar inocência.

– *CORRAM!* – gritou Bela.

Ela meteu-se adiante, esperando ter que puxar todo o peso tanto da mãe quanto do pai. Porém, embora levasse um tempinho para pegar o ritmo, Maurice logo começou a caminhar por conta própria. Ele se soltou de Bela e deu a volta para segurar o outro braço de Rosalind, e os dois a arrastaram juntos.

Eles entraram correndo no recinto destrancado mais próximo, que parecia uma área interna para exercício e recreação para pacientes não mágicos. Bolas de couro e baralhos escangalhados se acumulavam em mesas baixas acolchoadas e em cadeiras sem apoios para as costas. Bela e seu pai espalharam os móveis o máximo que puderam enquanto corriam, virando objetos e jogando-os para trás. Bela não ousou se virar, mas ficou contente ao ouvir alguns grunhidos frustrados e mobília se esmagando atrás dela.

Sem saber para onde ir, Bela escolheu corredores e salas a esmo. Eles acabaram na lavanderia: banheiras de água quente e ensaboada e varais de lençóis marcados por estranhas manchas bloqueavam a passagem. Pacientes mais calmos trabalhavam ali sob a supervisão atenciosa de cuidadoras, carregando pilhas de roupas e empurrando pranchas bem fundo nas banheiras fumegantes e alcalinas.

– Vocês estão livres! – Bela gritou para eles, escondendo-se atrás de uma banheira escaldante.
– Corram! – sugeriu Maurice, empurrando uma menina muito magra para fora de seu caminho.
– *FIQUEM LONGE DAS MINHAS ROUPAS LIMPAS!* – berrou uma grandalhona com um chapéu imponente.

Rosalind se esforçou para acompanhar os dois, segurando a mão de Maurice enquanto eles seguiam pelo labirinto de roupas sujas e molhadas.

– Deve haver uma porta ali adiante! – disse Maurice para Bela. – Para estender as roupas lá nos fundos!

Bela não tinha tempo de imaginar como ele teria adivinhado algo assim; ela mudou de direção em torno de uma paciente medicada de aparência confusa, com uma pilha alta de tecido branco em seus braços. Nenhuma das duas conseguiu se evitar de todo; houve um impacto, e logo fronhas e aventais flutuavam para o chão como anjos. Bela conseguiu se recuperar primeiro.

– Desculpe – disse ela, disparando. Não tinha certeza se a paciente sequer percebera o ocorrido.
Os guardas estavam logo atrás deles, quebrando varais para afastá-los e praguejando quando água escaldante respingava em sua pele.

Todavia, a porta de que seu pai falara estava realmente adiante.

– No três, Bela. – Maurice se abaixou, mirando com o ombro a saída, provavelmente trancada. – Um, dois, *três!*

Pai e filha correram para a frente e as portas cederam ante o peso e a força combinados de ambos – embora possivelmente um pouco mais devido a Maurice. Rosalind apressou-se atrás deles o melhor que pôde.

O que encontraram lá fora era difícil de entender.

Era o crepúsculo, o que complicava divisar qualquer coisa com clareza no lusco-fusco. Dúzias de pessoas corriam pelo grande gramado do hospício em vários estágios de vestimenta e angústia. Guardas

os perseguiram, alternando entre persuadi-los dengosamente para voltar ou gritando com violência e mirando cassetetes na cabeça deles. Era uma cena de caos infernal, que poderia ter sido pintada por Brugel ou Bosch.

A pouca distância dali, luzes furiosas se agitavam, aproximando-se.

Aquele é... Gaston? Liderando os aldeões?

– O que está acontecendo?

Um dos perseguidores do trio os alcançara – mas no instante em que estava prestes a colocar a mão sobre Bela, ficou tão transtornado com a cena dantesca quanto ela.

Maurice aproveitou a oportunidade para se virar e acertar um golpe em cheio no esterno do sujeito; ele se dobrou e o inventor deu-lhe outro soco, agora no queixo. Com aquilo, ele caiu, inconsciente.

– Seu valentão – rosnou Maurice. – Só está acostumado a atormentar os fracos.

– *Tia! Tia Foulfou!*

Bela reconheceu LeFou entre os aldeões carregando tochas. Alguns dos outros também procuravam por membros da família entre os pacientes fugitivos. Todos os outros pareciam ter vindo em busca de sangue; havia mosquetes e forcados de verdade nas mãos deles. A expressão em seus olhares era assustadora, ampliada pela luz das tochas.

– Vamos... dar a volta nisso – sugeriu Bela. Seja lá o que estivesse ocorrendo, era quase certo que não terminaria bem para ela. Nada que envolvesse Gaston e os aldeões parecia terminar bem para ela.

A pequena família continuou perto do hospício, correndo ao longo dele e tentando ficar longe de todos os outros. A menos que seu pai tivesse um plano melhor, a ideia de Bela era simplesmente chegar à estrada ou aos estábulos e roubar uma carruagem, ou apenas seguir em frente.

No entanto, quando fizeram a curva, quase trombaram com D'Arque, que estava esperando por eles.

Uma História (Tão Antiga Quanto o Próprio Tempo)

D'Arque carregava um pequeno mosquete e sorria de modo sombrio. Bela, Maurice e Rosalind se viraram para voltar por onde tinham vindo, mas havia três guardas enormes armados com cassetetes aproximando-se deles com a intenção nefasta de aplicar-lhes um xequemate.

– D'Arque! Qual é o problema com você? – exigiu saber Maurice, dando meia-volta.

– Você quer dizer *Frédéric* – disse Rosalind, cansada. – Lembra-se agora? Frédéric D'Arque?

Maurice pareceu confuso. Seus olhos piscaram em um ritmo estranho. Algo não de todo natural estava acontecendo em sua mente.

– Frédéric... – disse ele, lentamente. – Meu velho amigo... Frédéric. D'Arque? Como foi que eu... como foi que eu esqueci quem você era?

– Ele é, ou era, um *charmante* – disse Rosalind. – Meu próprio feitiço fez você se esquecer.

– Não sou mais da sua espécie, obrigado, de nada – disse D'Arque, com um sorriso malévolo e uma reverência ainda maior. – Consegui extirpar as impurezas de mim mesmo anos atrás.

– Mas... como você conseguiu tudo isso? – perguntou Maurice, devagar. – Todas essas pessoas... daqui, e de nossa casa... Como foi que você pegou, digo, *sequestrou* todas essas pessoas?

– Tive o apoio total do rei e da rainha – disse D'Arque, apurando-se, altivo. – Eles queriam se livrar do problema dos *charmantes*, mas por motivos mais... estratégicos do que os meus; eles consideravam a sua espécie uma ameaça ao poder deles. Assim que ouviram minhas próprias teorias e opiniões a respeito do assunto, eles me deram uma remuneração generosa, os fundos para comprar o velho hospício e o efetivo para reunir meus pacientes e espécimes de estudo.

– Era você que estava por trás dos sumiços desde o começo – disse Rosalind, sem inflexão alguma. – Você sequestrou e matou Vashti.

– Eu não a matei – corrigiu D'Arque. – Ela tirou sua própria vida, aqui, em algum momento. Às vezes eles fazem isso.

Bela viu a mãe ficar boquiaberta, suas mãos lentamente apertando-se e soltando-se como se segurassem um objeto que, obviamente, já não possuía mais.

Uma varinha, talvez?

– Frédéric... – disse Maurice, devagar. – Eu não compreendo. Nós éramos *amigos*... Como você pôde fazer isso?

– Minhas desculpas por pegar emprestados você e sua filha, puros e inocentes – disse ele, baixando os olhos de modo quase convincente. – Eu estava atrás de uma presa maior, digamos assim. Vocês eram apenas as iscas.

Os olhos de Bela se arregalaram.

– A Fera. Ah, não...

– Sim. Eu fiz a conexão depois que Gaston me contou sobre a “fera na floresta” de Maurice. Era o pequeno príncipezinho do esquecido reino de contos de fadas, crescido. Embora não um *homem*, precisamente.

Rosalind estreitou os olhos.

– O que quer que tenha acontecido a ele, não é culpa do rapaz. Deixe-o em paz.

– Eu não posso permitir um monstro avassalador à solta no interior do país – disse D’Arque, estalando a língua. – E quem é *você* para me dizer para deixar alguém em paz? Você, que sai por aí amaldiçoando príncipes e transformando *les naturels* em algo que eles não são? O que lhe deu esse direito?

Rosalind pareceu sentir uma agulhada.

– Eu cometi erros. Eu os corrigiria... Matar o Príncipe não resolve nada.

A curiosidade de Bela a forçou a falar, a despeito de tudo o que estava ocorrendo.

– Monsieur Lévi disse algo sobre você ter prometido não tocar em mim – disse ela, acusatória.

– Ah, sim, bem – disse D’Arque, dando de ombros. – Lévi era um dos *charmantes* menos nocivos, e tomava cuidado para nunca praticar magia no vilarejo. Em troca de ele não... expor minhas operações, concordei que nem eu, nem nenhum de meus associados a incomodariam.

– Mas você sequestrou a mim *e ao meu pai!* – disparou Bela. – *E ao monsieur Lévi!*

– Bem, por mais lamentável que seja quebrar minha promessa, foi por uma boa causa. E apenas com um *charmante*. Isso não significa nada, é como uma promessa a uma ave. Eu precisava garantir que ele não fosse ajudar Bela ou a Fera... Então imaginei que seria melhor mantê-lo a salvo, fora do caminho.

– Promessas a *uma ave*? – perguntou Maurice, com asco. – Frédéric, *nós éramos amigos*. Você foi ao batizado da Bela!

– Como é? – perguntou Bela, involuntariamente. Sua mente estava em disparada. Se ele era chegado o bastante para estar em seu batizado... – Vocês *todos* eram amigos... Você matou Alaric Samovar!

Ao ouvir *aquilo*, pela primeira vez, D’Arque pareceu incomodado, retirado de sua arrogância.

– Você sabia que ele estava ajudando a resgatar *les charmantes* para fora do reino... levando-os para *maman* e papai. Ou talvez não soubesse o que ele estava fazendo com eles *até* que o matou. E

quando descobriu, você foi atrás de minha mãe!

D'Arque se remexeu de maneira nervosa, irritada, de um pé para o outro em seus saltos caros e antiquados.

– Eu nunca pretendi ferir nenhum homem... nenhum *humano*. Menos ainda meu velho amigo. A traição dele foi mais do que enfurecedora e perigosa.

– A traição *DELE*? – indignou-se Bela. – Você deu as costas aos seus melhores amigos! Todos eles!

– *Ele deu as costas a sua própria raça!* – vociferou D'Arque. – Por que alguém nascido inocente, nascido *puro*, ajudaria *les charmantes*? Ele *sabia* o quanto eles eram perigosos!

– Nós vamos embora agora – disse Maurice, cuidadosamente. – E você vai nos deixar partir. Acho que você sabe exatamente o quanto é vil, Frédéric. Você é um sujeito esperto. Sempre foi. Você sabe que é desse jeito que as coisas precisam terminar. Adeus.

E Maurice pôs um braço ao redor da cintura da esposa e segurou a mão da filha, virando-se muito deliberadamente para partir.

– Você está incorreto, *velho amigo* – disse D'Arque, a voz se partindo.

Bela escutou quando ele engatilhou o mosquete com um clique baixo e apavorante.

Eles se viraram para o médico. Ele tinha a arma equilibrada com cuidado no antebraço e fazia mira com um olho fechado. Isso não era um gesto vazio – ele estava apontando para matar, se preciso fosse.

Bela começou a abrir a boca, pensando em todo tipo de coisas razoáveis e lastimáveis a dizer, racionalizar e implorar...

E foi então que a Fera saiu da multidão em disparada, saltando sobre a garganta de D'Arque.

Todos Juntos

-Fera! – gritou Bela.

Em momento algum durante sua estadia no castelo ela o vira assim. Ele estava babando – literalmente *babando*, espuma e saliva escorrendo de seus dentes curvos de marfim. Seus lábios estavam retraídos, revelando gengivas negras como as de um animal. Seus olhos ainda retinham o azul-claro habitual, mas não havia mais nenhum traço de humano ou remotamente inteligente neles. Ele estava louco como um cachorro com raiva.

D’Arque conseguiu disparar um tiro antes que a Fera aterrissasse em seu peito, derrubando-o no chão. E Bela não soube dizer para onde a bala tinha ido – se havia realmente penetrado na Fera, ele nem mesmo se encolheu.

Ele se agachou sobre o velho e ergueu as garras bem alto, pronto para despedaçá-lo, membro a membro, com a alegria de um leão faminto.

– *Espere!*

Bela adiantou-se correndo, soltando-se do abraço dos pais e indo até a Fera.

– Bela, não! – gritou seu pai.

O Príncipe, embora mantivesse a parte inferior do corpo perfeitamente imóvel, virou-se como uma doninha, de modo antinatural, para observar Bela. Ele farejou o ar ao redor dela, seu nariz úmido e a língua chegando perigosamente perto das bochechas dela.

Ela se manteve bem parada.

– Fera, sou eu – disse ela, lentamente oferecendo uma das mãos.

Ele observou o gesto, desconfiado.

Bela mordeu o lábio e tocou-lhe o braço quente e peludo com gentileza.

– Lembra-se? É a Bela. Sou eu, Bela. Eu li histórias pra você.

– *Bela* – disse a Fera, rouco, em uma voz quase ininteligível.

D’Arque aproveitou aquele momento inoportuno para se mover, tentando escapar de baixo de seu captor.

A Fera soltou um rugido e golpeou sua presa na lateral da cabeça para silenciá-lo.

– Não! – disse Bela, em tom alto e firme. – *Pare.*

A Fera rosnou.

– Se você o matar, isso fará de você um assassino. E você não é um assassino, *nem uma fera*.

Ele olhou para ela com olhos enormes, impossíveis de ler. Estariam eles pensando ou estariam sem compreensão alguma?

As garras dele se contraíram.

– Volte para mim – implorou Bela. – Volte para mim. Eu sei que você está aí. Por favor, volte.

A Fera piscou.

Bela se forçou a olhar nos olhos dele, a *mantê-lo* ali.

E ele olhou de volta. Olhos arregalados, mas inexpressivos.

– *Por favor* – murmurou ela. – Por mim.

Ela estendeu a mão devagar e tocou a juba dele, logo acima do chifre. O nariz dele se contorceu. Com gentileza, ela afagou a mecha ondulada ali, colocando-a atrás da orelha dele como faria com uma mecha de seu próprio cabelo.

A pata da Fera se ergueu de súbito e agarrou-lhe o pulso.

Bela não pôde conter um esgar de dor: o aperto dele era sólido, forte e inflexível como pedra. Mas ele não estava forçando, nem tentando esmagá-la. Ele apenas... *segurou* o braço dela ali.

– *Bela* – murmurou ele, quase vociferando.

– Você prometeu me devolver minha livraria – disse ela, tentando não chorar. – *Você me prometeu*.

Para poder ler mais histórias sobre João. Para eu poder ler histórias... *para você*...

A boca da Fera se abriu de forma estranha, seus dentes pontudos subitamente parecendo grandes demais e deslocados dentro de lábios tentando formar palavras de que não conseguia se lembrar.

E então ele se sacudiu – como um gato depois de um susto, ou um cachorro.

Ele olhou para Bela, os olhos agora acesos com inteligência.

– Eu *prometi, sim* – disse ele, a voz ficando mais forte e mais humana. – E... um rei *cumpre* suas promessas.

Bela quase soluçou de alívio.

Nesse momento a Fera se levantou de um salto e ergueu o velho consigo, colocando-o de pé com violência.

– A garota que você sequestrou acaba de salvar sua vida – rosnou ele. – *Agradeça a ela*.

– Ah, eu agradeço, sim – disse D’Arque, se limpando.

Bela ficou desconfiada no mesmo instante daquele comportamento calmo e... quase teatral. Ela olhou atrás de si. Os aldeões tinham se reunido atrás deles e assistiam a tudo. LeFou lançou-lhe um olhar curioso. Gaston, entretanto, não estava visível em lugar algum.

– Eu agradeço muito a ela por suas inclinações humanas à piedade e à compaixão – prosseguiu o líder do hospício. – Das quais você não compartilha de... nenhuma, naturalmente. – Em seguida, ele ergueu sua voz e dirigiu-se diretamente à multidão. – Vocês veem? É disso que eu venho protegendo vocês todos esses anos. As feras selvagens, enlouquecidas e *poderosas* que às vezes têm formato humano.

Ele lançou um olhar cheio de significado a Rosalind.

– A despeito de sua... aparência familiar, aqueles nascidos da magia e do sobrenatural não são humanos, e não têm nada da temperança, da compaixão, da lógica ou da moralidade de que nós, homens e mulheres, dispomos. Todos esses anos eu venho tentando agrupar essas criaturas, curá-las de sua insanidade sobrenatural, proteger vocês disso. Podem imaginar um mundo no qual elas estejam livres para causar rebuliço e fazer o que tiverem vontade?

– Você também era um dos *les charmantes* – gritou Maurice. – Você podia ver o futuro, Frédéric. Você está matando os seus.

– Não mais. Não um *dos meus* – disse D’Arque, com um sorriso vil. Ele empurrou seu cabelo para trás, sua *peruca*, para revelar um crânio brutalmente marcado e esburacado, como se o próprio osso tivesse sido quebrado e removido como peças de um quebra-cabeça.

Bela, seu pai e sua mãe olharam, horrorizados. As pessoas na multidão ofegaram, repugnadas.

– Estão vendo? – D’Arque recolocou sua peruca. – Eu retirei a parte não natural de mim, que levava a visões impróprias.

– Você também retirou uma parte de si, Frédéric – disse Maurice, entristecido. – Você nunca foi insano assim antes. Nunca *tão cheio de ódio*.

– Mas e a Bela? – alguém da multidão interrogou. – Não há nada de sobrenatural nela. Você a sequestrou! E a torturou!

– Ele torturou *todos nós*!

Isso foi expelido pelo sibilante monsieur Boulanger sênior. Ele se apoiava pesadamente nos ombros do filho e da filha, os quais pareciam, ambos, zangados e envergonhados.

Houve uma mudança palpável na multidão. Os pacientes, assinalados claramente em seus trajes pálidos e tênues, começaram a se mover para a dianteira, uma intenção assassina similar em seus olhos.

Os atendentes, enfermeiros e brutamontes empregados por D’Arque reagiram de imediato, preparando-se e brandindo seus cassetetes.

De repente, um dos pacientes disparou adiante com um grito, partindo diretamente para D’Arque.

Dois atendentes imediatamente saltaram para interromper seu trajeto, descendo os porretes no pescoço e nas costas dele com um impacto abafado e terrível.

Uma dúzia de mosquetes foram erguidos, preparados e engatilhados. Os aldeões, que antes estavam furiosos sem uma direção real para sua raiva, agora tinham um foco. Começaram a se mover ameaçadoramente adiante.

– Quero alertá-los que meus guardas são muito bem treinados – disse D’Arque.

– *Guardas*? Isso não é uma casa para pessoas de mente fraca – disse monsieur LeClerc, enojado. – Minhas doações estavam indo para uma... casa de violência física. O senhor é uma obscenidade, monsieur D’Arque.

– Vocês não estão vendo o quadro maior – disse D’Arque calmamente, como se todos fossem compreender ao longo do tempo. – Essas pessoas são *perigosas*...

– *COMO É QUE MEU PAI É PERIGOSO?* – indagou a filha de Boulanger. Ela puxou as mangas para cima de seus braços carnudos de padeira e avançou para cima dele. – Você disse que ele representava um perigo para si mesmo e para os outros! Nós acreditamos em você!

Um servente se postou firmemente diante dela.

– E a minha tia! – cuspiu LeFou. – Ela era um pouco confusa e agora não reconhece nem a mim!

Ele tinha um par de pequenas pistolas de pederneira – e não era um atirador de primeira viagem.

– Gente... – começou Bela, insegura.

– Você jurou – disse monsieur Lévi, saindo da multidão para se colocar junto a Bela e sua família. – Você jurou que *nunca* iria atrás da Bela. Você é um monstro que quebra sua própria palavra, ainda por cima.

– Eu tinha que me certificar de que Bela estava pura da doença nojenta da mãe dela – respondeu D’Arque, empertigado. – E honestamente, ela era uma isca para atrair a... a...

Bela – e todos os outros – esperaram que ele terminasse sua declaração, que foi acompanhada por uma expressão estranha de surpresa em seu rosto, os olhos arregalados.

Seu corpo se agitou de modo esquisito.

– Eu... hããã...

Sangue começou a escorrer de sua barriga em sua camisa.

Ele caiu adiante, revelando Gaston e seu facão de caça ensanguentado.

– *Eu* encontrei a tia de LeFou. Sentada em seus próprios lençóis sujos – rosnou Gaston no ouvido do moribundo conforme ele se encolhia.

Em seguida ele se levantou, o peito empinado, com expressão de satisfação.

– Eu derrotei o vilão que vinha abusando dessa cidade e seus malucos inocentes – anunciou em voz alta para a multidão. – Venham, vamos prender a Fera como havíamos combinado e colocar um fim nisso.

Ninguém se moveu nem disse nada. Até os pacientes fugitivos entre os aldeões estavam em silêncio, chocados, vendo seu captor despachado de forma tão violenta diante de seus olhos. Algumas pessoas olhavam entre si, desconfortáveis.

– Só existe um jeito de terminar essa história terrível em um tom menos sombrio – disse Gaston, com um sorriso triste. Ele deu meia-volta para encarar Bela e caiu, um joelho no chão, um sorriso no rosto. – Vamos fazer desse o “felizes para sempre” mais romântico de todo o *sempre*. Bela, quer se casar comigo?

Finais

Bela ficou parada, encarando Gaston. Assim também ficou o Príncipe que, tendo estado em modo bestial até um momento atrás, ficou tão surpreso que não conseguia sequer desejar despedaçar o caçador membro por membro. LeFou talvez tenha sacudido a cabeça e desviado o olhar por vergonha de seu amigo, mas essa foi a única reação imediata de qualquer dos presentes.

Ninguém fez qualquer gesto para segurar a Fera, ou atirar nele, ou trancafiá-lo.

Bela tentou se concentrar *nessas* coisas. Ela se forçou a pensar em todas as coisas ruins que *não estavam* acontecendo naquele instante, que poderiam estar acontecendo, em vez de focar apenas na demonstração teatral e doentia de um sujeito muito confuso e em como ela era agora o centro da atenção de todos.

Inclusive... de monsieur Lévi. Que olhava para ela cheio de interesse. Como se fascinado para ver o que ela faria em seguida. Como se confiasse nela e soubesse que, fosse lá o que fosse, seria a coisa certa.

Ela podia escutar um zumbido nos ouvidos. Fazia algum tempo desde a última vez que comera.

– Gaston, você queimou a livraria de monsieur Lévi?

Era estranho como a voz dela se amplificava. Ela não falou alto, apenas falou claramente. E ainda assim, suas palavras precisas ressoaram como se tivesse gritado a acusação.

As sobranceiras de Gaston se ergueram de surpresa.

– O quê? Sim! Mas eu estava procurando por Maurice. D’Arque me disse que ele podia estar lá. E ele também disse que Lévi não era... uma pessoa boa.

Porém, mesmo enquanto dizia isso, ele parecia confuso, percebendo como tudo soava ridículo.

– Ele *era* perigoso, de fato...

Bela apenas continuou olhando para ele.

– Bem, os livros dele são perigosos! – persistiu Gaston. – Eles te transformaram no que você é: uma menina tonta que não quer se casar comigo! *Comigo, Gaston!* Toda garota no vilarejo quer se casar comigo! E, também, eles apresentavam um perigo de incêndio...

Bela não conseguia nem começar a destrinchar seus pensamentos, ou o que realmente queria dizer a Gaston. Seus sentimentos iam desde *eu vou te matar* até *ah, pra que desperdiçar o esforço, ele é um caso perdido...*

E, pela maneira como a multidão o observava tagarelar, estava óbvio que a cidade também tinha se cansado de seu filho favorito.

Um discurso sobre como queimar as lojas das pessoas – e os livros – era um crime terrível não conquistaria muita coisa àquela altura.

Assim, Bela muito cuidadosamente deu as costas a Gaston e dirigiu-se a todos os outros, em vez disso.

– Obviamente, eu não vou me casar com Gaston hoje, por muitos motivos. Assim como ele entenderá, sem dúvida, quando pensar a respeito por um momento, quando tiver superado os eventos recentes.

– Bela? – murmurou Gaston, embaraçado.

Ela o ignorou.

– E nós *não vamos* trancafiar a Fera – anunciou ela em voz alta, aproximando-se e colocando a mão no braço dele. – Ele é o Príncipe, não, o *Rei*, de uma terra mágica esquecida do outro lado da floresta, sobre a qual alguns de vocês talvez comecem a se lembrar agora. Ele veio aqui para libertar seu povo, e vocês, de um homem que cometeu *inúmeras* atrocidades indizíveis. D’Arque sequestrou almas inocentes tanto daquele reino como desse vilarejo para executar experimentos horrendos nelas.

Bela se virou para que pudesse fitar os olhos do máximo de pessoas que conseguisse.

Ela respirou fundo.

– Eu recomendo uma busca meticulosa na casa e na propriedade dele. Além de quaisquer prisioneiros remanescentes, pode haver coisas que membros da família queiram ver... livros na biblioteca que listam todas as vítimas de D’Arque...

Ela foi se calando, sem saber o que mais dizer.

Atônitos e confusos pelos estranhos acontecimentos daquela noite, os aldeões escolheram se agarrar à sugestão dela. Era ao menos um lugar para começar a compreender tudo o que havia ocorrido. Os mais furiosos, tristes e curiosos foram explorar o hospício. As famílias dos pacientes ainda vivos os encontraram e finalmente os levaram para casa.

Alguns apenas continuaram em grupos, cochichando e resmungando a respeito da coisa toda.

Gaston assistiu a tudo com uma óbvia ausência de compreensão.

– Não, esperem aí – disse ele para ninguém em particular, levantando-se de um salto. – D’Arque *tinha* que morrer. Eu *tive* que matá-lo. Vocês não veem? Ele era um sujeito doente! Um *assassino*! Alguém precisava fazer isso...

– *Alguém*, Gaston – disse o açougueiro. – Um juiz. Um tribunal da lei. Um *carrasco*. Ou talvez ele tivesse sido sentenciado a apodrecer na cadeia. Não *você*.

– Ele era um homem mau – disse monsieur Sauveterre, com repugnância. – Mas eu não serei capaz de fechar os olhos nas próximas semanas sem vê-lo brutalmente assassinado à minha frente. Só agradeço a Deus por meus filhos não estarem aqui para verem isso também.

Gaston passou entre a multidão, rogando a outras pessoas, mas todos lhe deram as costas e se recusaram a ouvir.

Bela relaxou, apoiando-se contra a Fera. Ela se sentia com um milhão de anos, um milhão de dores em seu corpo. Não era *estritamente* um final feliz. Mas não deveria ser? Por que não era tudo bonitinho e arrumadinho, com um “fim”?

O Príncipe deve ter se sentido do mesmo jeito; ele ficou ali em silêncio, segurando-a.

Rosalind os abordou cautelosamente, seus olhos na Fera.

– Nada do que eu diga poderá compensar o que fiz – começou ela, depois de respirar fundo. – Eu achei que estava salvando o que restava de um reino. Pensei que estava vingando todos os que tinham sido feridos pelos atos de seus pais. E não fui melhor em nada do que aquele louco com o facão ali. Exceto que o que eu fiz teve consequências muito mais vastas e desastrosas.

A Fera olhou para ela por um longo momento antes de falar.

– Obrigado – disse ele, finalmente. E então seu rosto se abriu em um sorriso irônico e tristonho. – Acho que... como meu primeiro ato oficial... como *rei*, eu declaro anistia. Perdão para todos.

– Mas esquecimento, não – acrescentou Maurice bem depressa, com um calafrio. – Eu nunca mais quero me esquecer de nada. Aquilo foi rude, Rosalind. Aquele feitiço de esquecimento.

– Eu pensei que estava protegendo *les charmantes* – disse ela, com um suspiro melancólico. – Em vez disso, parece que apressei nossa extinção. Mas escutem... – Ela se recompôs e, apesar do cabelo prematuramente branco, do desgaste e cansaço que seu pobre corpo havia sofrido, Bela teve um vislumbre da mulher que ela já tinha sido: a Feiticeira poderosa, indomável. Ela se dirigiu ao Príncipe. – Você conseguiu evitar tornar-se uma fera por completo. Muito bem! Recuperar sua alma e sua mente humanas por conta própria, digo.

A Fera piscou.

– Permanentemente? Eu não vou... recair? Voltar a ser uma fera, digo, em minha mente, de novo?

– Claro que não – disse Rosalind, impaciente. – Enquanto seu amor por Bela, e o dela por você, durarem. O feitiço está quebrado, ou mitigado, ao menos.

Bela e a Fera se entreolharam, olhos arregalados.

A Fera subitamente começou a coçar a nuca, envergonhado. Bela corou.

E então se viu quase dominada pela vontade de rir.

– É bem óbvio – apontou Maurice com um sorriso.

– Sim, outro fator em minha punição – disse Rosalind, sombria. – A magia sempre retorna ao ponto de origem... É claro que seria minha filha a quebrar o feitiço. Eu sou uma idiota. E agora aqui está você, o futuro marido dela. Um *príncipe*.

– Rei – corrigiu Maurice, tranquilamente. – E, sério, isso é algo ruim?

– É, sim. Mas isso não vem ao caso. Eu tenho apenas um restinho de magia, crianças, mas é o suficiente para transformar você em humano de novo. Como você merece.

Os olhos da Fera se arregalaram. Sua boca se abriu e fechou várias vezes.

O coração de Bela deu um salto – pela primeira vez em anos, pareceu. Felizes para sempre *ia acontecer!* Igual aos livros! Realmente ia!

E então a Fera fez uma única pergunta.

– E os meus criados?

Bela imediatamente se sentiu uma idiota. Ela havia se esquecido por completo deles em seu entusiasmo.

– Está pior agora – a Fera lhe contou. – Eles estão todos... imóveis. Todos parados, sem falar. Móveis. Mortos.

– Ah, não... – disse Bela, horrorizada. – Madame Samovar...

– Você pode transformá-los de volta também?

Os lábios de Rosalind se espremeram enquanto ela pensava.

– Não – ela finalmente disse. – Só me resta magia suficiente para desfazer parte da maldição. Se eu libertar você do feitiço, não haverá mais nada para ajudá-los.

A Fera olhou no fundo dos olhos de Bela enquanto formulava uma segunda pergunta.

– Se você não... me transformar de volta, pode ajudá-los? Todos eles?

– Provavelmente – respondeu Rosalind, de imediato.

Bela sentiu os dedos gelados da realidade pousando sobre seus ombros.

Ela anuiu de modo quase imperceptível. Somente a Fera observou.

– Então... é isso o que eu desejo que faça. – A Fera depositou suas patas imensas nos ombros de Bela e a segurou com firmeza. – Salve o meu povo. Eles eram inocentes quando foram amaldiçoados, e ainda cuidaram de mim e do castelo por todos esses anos. Eles merecem ser libertados.

E então ele puxou Bela contra seu peito e a abraçou tão apertado quanto pôde. Ela exalou um único soluço estremecido antes de relaxar em seu enlace. As coisas eram imperfeitas e terríveis, mas ela se sentia segura. De alguma maneira, eles passariam por isso tudo.

– Ah – disse Rosalind, um pouco surpresa. – Tudo bem. Se é isso o que você quer.



A despeito do desejo da Fera de libertar os servos o mais breve possível, a noite estava sombria, fria, traiçoeira e totalmente inadequada para viajar, especialmente para Rosalind. Os quatro voltaram para o vilarejo com todos os outros, e passaram a noite em casa – embora não conseguissem dormir até quase de manhã. Muitos visitantes curiosos queriam visitar a fera-rei estranhamente humana, e muitos outros com memórias retornando aos poucos vieram perguntar sobre coisas que pensaram ter visto quando crianças, ou no hospício... Garotas com cascos em vez de pés, meninos com olhos dançantes e orelhas pontudas.

Finalmente Maurice se despediu do último convidado e trancou a porta, e a pequena família – mais o hóspede – dormiu unida tranquilamente pela primeira vez em anos. Quando Bela acordou no meio da noite, podia ver o interior do quarto dos pais sob a luz da lua e das estrelas. Maurice e Rosalind estavam entrelaçados um no outro.

Ela podia ouvir a Fera resfolegando em seu sono, enrodilhado diante do fogo como um cachorro – mas com um travesseiro sob a cabeça e um velho cobertor jogado sobre seus amplos ombros. Antes de tornar a sucumbir ao sono, Bela regozijou-se um pouco com o aconchego e a completude de seu lar.

Quando o sol surgiu e estava quente o bastante, os quatro partiram com Phillipe puxando um trenó emprestado de alguém da cidade.

Rosalind ia sentada, embrulhada em quantos casacos e cobertores eles conseguiram encontrar, mas ainda tremeu boa parte do caminho em seu estado enfraquecido. Maurice se sentou junto dela, e Bela montou o pobre cavalo – que ocasionalmente ganhava uma folga e era substituído pela fera fortíssima, que puxava a carroça em silêncio e sem reclamação.

O sol estava alto quando eles finalmente chegaram, faiscando na neve que derretia só um pouquinho nos locais mais quentes. O castelo estava coberto de goteiras e pingos, tanto de pingentes de gelo quanto das estranhas teias, os fios se dissolvendo e desaparecendo como se nunca tivessem existido.

– Hum. Nada mau – disse Rosalind a respeito do próprio trabalho.

– *Maman*, eu fiquei presa aí – apontou Bela, gentilmente. – Assim como todas essas pobres pessoas. A expressão da mãe descaiu quando ela se lembrou das consequências do que fizera.

Quando eles pisaram no interior do castelo, ele estava como na primeira vez de Bela: frio e escuro. Porém, como ela esperava que as criaturinhas se apresentassem para cumprimentá-la, o lugar pareceu ainda mais sombrio e solitário. Quando chegaram à cozinha, Bela deu uma olhada no triste quadro composto pelo candelabro, a bule e o relógio e quase caiu no choro.

– Eles pareciam tão vivos antes... – disse Maurice, espantado.

Rosalind estava obviamente exausta pela pequena jornada e apenas começava a se esquentar. Não obstante, não hesitou nem protestou: manteve uma expressão resoluta no rosto e começou a cantar.

Bela observou, maravilhada. Rosalind era complicada... Não era uma pessoa particularmente gentil ou compassiva, mas decerto era obstinada e disposta a fazer o que fosse necessário assim que resolvia que uma rota em especial era a correta. O que aquilo fazia dela? Não exatamente uma pessoa boa. Equivocada? Desinformada? Um poder que deveria ter sido mitigado?

Esta é a mãe que eu encontrei. Não a mãe que imaginei.

Um cheiro estranho encheu o ar... pinho fresco e primavera; não as agulhas quebradiças do solstício ou do Natal, mas os gravetos tenros e verde vivo de março.

De maneira semelhante a algo despertando de uma hibernação gelada, o relógio na mesa se espreguiçou, bocejou e continuou se alongando. Ele continuou se esticando até virar um homenzinho gorducho com um bigode, equilibrando-se sem jeito sobre a mesa. Ele estava um pouco pálido, mas, fora isso, saudável e vivo.

– Bom... bom Deus! – disse Horloge, olhando para sua mão e abrindo os dedos. – Eu sou... eu de novo! Mas a maldição...?

Ele saltou da mesa e viu a Fera e Bela, adivinhando no mesmo instante que algo não estava certo.

– É uma longa história – disse Bela. – Podemos contá-la mais tarde.

– Eu aguardo ansiosamente – disse Horloge, talvez um tanto ironicamente. Tão despreocupado quanto o pequeno mordomo podia ser. A Fera forçou um sorriso.

Em seguida veio Lumière, que acabou se revelando um camarada até que bonito, embora com um nariz longo. Ele imediatamente fez uma reverência, assim que foi capaz, e beijou Bela nas duas bochechas.

– *Ma chérie...* – disse ele, com um sorriso. – Eu não sei exatamente como esse final feliz aconteceu... mas sabia que seria você a trazê-lo!

Foi quando ele viu a Fera.

Ele deu de ombros.

– He, *bien*, ninguém é perfeito.

Madame Samovar foi a próxima, e ela estava se movendo e revirando antes mesmo de acabar de se tornar humana.

– Minha nossa! – exclamou ela. – Cadê meu filho? Zip! Zip é o próximo!

Bela abriu com cuidado a cristaleira e retirou a pequena xícara de chá, entregando-o à mãe. Em momentos, Madame Samovar tinha uma criança de cinco anos em seus braços, esperneando e se revirando, quase grande demais para segurar.

– Zip! – gritou a governanta, abraçando-o junto ao peito. Observando-a em sua forma humana, Bela se deu conta de que ela não era, de fato, tão idosa; eram apenas seus maneirismos e jeito de falar que a faziam parecer mais velha. – Nós somos nós mesmos de novo! Ah, Charles...

A Fera e Bela trocaram um sorriso. Se ele havia guardado alguma dúvida sobre sua decisão, elas já haviam desaparecido há muito tempo.



A magia de Rosalind se sustentou até o último servo... a arrumadeira-espanador antipática, que se revelou uma arrumadeira humana igualmente antipática. Qualquer interesse que Lumière tivesse sentido por ela tinha se acabado, desde sua declaração contra *les charmantes*.

Bela estava feliz, mas indolente, ainda exausta mas incapaz de repousar. Os sons de garrafas de champanhe sendo abertas e risos e música enchiam os corredores do castelo como não ocorria há um século. Todavia, ela não sentia vontade de se juntar aos outros. Não era *sua* festa. Ela era alguém que apenas tropeçara em uma situação ruim e ajudara, mais ou menos, a consertá-la. Ela subiu até seu antigo quarto e se sentou na cama, perguntando-se o que fazer a seguir.

– Ei, meu bem, venha se juntar a nós!

A mulher anteriormente conhecida como “guarda-roupa”, mas que agora era Ann, enfiou a cabeça dentro do quarto. Ela era muito alta, com um rosto bem-humorado e os malarres de alguém que podia muito bem ter sido uma Joana D’Arc ou uma princesa guerreira em outra era. Aqueles malarres estavam, no momento, rosados pelo vinho, e ela tinha uma taça dourada na mão.

– Daqui a pouquinho – disse Bela, educadamente.

– É melhor vir logo. Não vai sobrar nada – disse Ann, brindando antes de se afastar.

Bela suspirou e olhou pela janela para a paisagem nevada lá embaixo. Havia uma mancha cinzenta deslocada em meio à neve no jardim de rosas. Apenas algumas semanas atrás, ela teria suposto se tratar de um nômade ou algum outro desafortunado, mas agora reconhecia sua mãe. Rosalind estava sentada, encolhida, sozinha e parecendo pensativa.

Bela se levantou e correu para o andar inferior, parando apenas para jogar um manto sobre os ombros e pegar um para sua mãe também.

A primavera ainda estava distante, mas o sol resplandecente lhes dera uma alusão de dias mais quentes; tudo estava escorregadio e havia um som muito leve de pingos e goteiras. Bela pisava com cuidado e notou que seus sapatos estavam gastos e rachados, para além do ponto de serem consertados e receberem uma sola nova. Ou talvez o Príncipe pudesse mandar fazer um par novo para ela.

Aquele era um pensamento estranho. Ele lhe deu calafrios.

Reis e feras e feiticeiras como mães e a coisa que realmente me incomoda é a ideia de um rapaz comprando um novo par de sapatos para mim.

Ela sorriu para si mesma, mas essa expressão foi embora assim que ela se aproximou da mãe, que se sentava doridamente, sem ver nada.

Como se tivessem trocado de sentimentos, a mulher se alegrou, contudo, ao ver a filha.

– Bela! Venha se sentar comigo – disse ela, empolgada, abrindo espaço no banco úmido. Apesar da condição de suas roupas, Rosalind não pareceu se importar. Bela se juntou a ela com cautela e jogou o manto sobre os ombros da mãe. – Temos tanta coisa para conversar! Quero ouvir tudo.

– No que você estava pensando agora há pouco? Você parecia tão triste – perguntou Bela, em vez de responder.

– Ah. – Rosalind encolheu os ombros, embora o movimento parecesse lhe doer. – Eu estava pensando no que Frédéric... D’Arque... disse. E se, a seu próprio modo distorcido, ele estivesse correto? E se *les charmantes* pensarem realmente diferente, agirem de modo diferente dos humanos que *não possuem* magia? E se nós nos comportamos instintivamente de modos que são basicamente aberrantes à sociedade normal?

Bela suspirou.

– E se *você*, Rosalind, minha mãe, agir de maneira diferente dos humanos, e de todos os outros? Os aldeões, os servos, o governo? E se *você*, *pessoalmente*, se julgar acima da lei, como uma justiceira? E se for *apenas você*? Você está fazendo a mesma coisa que D’Arque fez... aplicando as ações de uma pessoa a todo um povo. Isso é ridículo. Seja você huguenote, católico, judeu, cigano, baixinho, tenha pele escura... ou azul. Todos são diferentes. Cada pessoa tem sua própria alma e é mestre, ou mestra, de seu próprio destino.

Rosalind lhe lançou um olhar de esguelha.

– Isso é muito sábio e astuto. Você ainda é uma leitora voraz.

– Não tanto nos últimos dias – disse Bela, com um sorriso.

– Todo mundo no vilarejo ainda te trata como uma esquisitona?

– Sim. – Bela esticou as pernas, olhou para os dedos dos pés. – Até ontem, pelo menos. Agora não sei o que eles pensam de mim.

– Estou tão contente por Lévi ter concordado em ser seu padrinho. Vocês dois são realmente perfeitos um para o outro.

– Eu queria ter *sabido* que ele era meu padrinho. Queria ter sabido... muitas coisas.

– Desejos – suspirou Rosalind. – Eu queria ter controlado melhor meu temperamento. Queria nunca ter amaldiçoado o Príncipe. Queria ter me compadecido do rei e da rainha em vez de procurar puni-los. Eu estava cheia de poder e vazia de sabedoria. E agora é o contrário... estou vazia de poder e apenas começando a ter o mais leve traço de sabedoria.

Bela não sabia o que dizer. Ela e a mãe estavam conversando como... adultos. Não como uma mãe falaria com uma filha que queria aprender a fazer massas, ou que estivesse chorando por causa de um joelho ralado, ou precisasse que alguém lesse uma história para ela. Não era o que ela imaginava sobre seu encontro com sua mãe.

Ouviu-se o som de botas esmagando o caminho de cascalho. Bela ergueu o olhar e viu algo tão estranho como qualquer outra visão que tivera no último mês: seu pai e a Fera, caminhando lado a lado, as cabeças próximas uma da outra, absortos em uma conversa. Entre a aparência da Fera e a expressão séria e concentrada de seu pai, por um momento foi difícil fazer a imagem funcionar em sua mente.

– Olá, senhoras – disse Maurice, o rosto se abrindo em um sorriso gigantesco. – Nós vimos as duas vindo aqui para fora... Estão evitando as multidões?

– Está um pouco demais para mim – admitiu Rosalind. – Não estou acostumada com eles. Como vão os seus súditos, Rei?

– Se empanturrando – disse a Fera, com um leve sorriso. Será que eram rugas de cansaço ao redor dos olhos dele? Feras podiam ter rugas? – Eles merecem.

– Eu andei pensando na sua... situação – prosseguiu a Feiticeira. A frase deixou Bela um pouco aborrecida. – A reversão dos amuletos, feitiços e maldições mais fortes pode ser alcançada por números mais elevados. Como o amuleto que falhou no batizado de Bela: foi porque nos faltavam algumas pessoas. Eu estou razoavelmente certa de que a maldição pode ser quebrada com uma reunião adequada.

A Fera olhou para Rosalind, sem esperança.

– Não restaram *charmantes*, exceto por algumas pobres almas libertadas do hospício.

– Ah, muitos deles escaparam antes que as coisas ficassem tão feias. Tudo o que precisamos fazer é encontrá-los – disse Rosalind levemente, agitando a mão.

– E se os encontrarmos, para onde poderíamos trazê-los para que pudessem ficar protegidos? Onde eles *desejariam* se reunir em grande número? – indagou a Fera, enfaticamente. – O que aconteceu aqui... também ocorreu no Novo Mundo. Eles não estão a salvo em lugar nenhum.

– Estão, sim – disse Bela, os olhos se abrindo com uma ideia.

Todos olharam para ela.

– Vocês não veem? *Este* é o único lugar do mundo onde eles estão a salvo! – Ela agitou os braços, indicando o castelo e o vale. – Sua maldição não está realmente quebrada. O castelo e todos dentro dele foram esquecidos. *Ninguém* se recorda deste lugar. Você pode encontrar todos *les charmantes* e trazê-los para cá. Trazê-los para casa. E acabar... desamaldiçoado.

– Humm – disse Rosalind, matutando. – Nada mau. É uma ideia estranha, considerando-se que este é o lugar onde quase encontramos nosso fim... mas é intrigante. Sim, eu gosto disso. Vá encontrar todo mundo e traga-os para casa. Realmente, é o mínimo que você pode fazer depois do que seus pais fizeram.

Maurice pode ter dirigido uma pequena carranca a Rosalind ao ouvir o final, mas ela deu de ombros. A Fera piscou, imóvel.

– Ir... encontrá-los? *Eu?*

– É! Por que não? – disse Bela com um sorriso, lendo a mente dele. – Você teria que realmente sair pelo mundo que vem observando há tanto tempo pelo espelho mágico.

– Com você – disse a Fera, sem pausa alguma. – Eu poderia fazer qualquer coisa, com você.

Bela sorriu e começou a responder...

... e então viu Maurice e Rosalind, ambos esperando para ver o que ela faria.

Bela tinha uma família outra vez. Ela tinha uma mãe – a mãe mais interessante e surpreendente do mundo –, que ela acabara de conhecer. Era muito para se pedir dela.

Mas esta era finalmente sua chance para sair naquelas aventuras com que sempre sonhara. Ilhas gregas abandonadas, o coração de florestas nunca vistas, até mesmo Paris e Roma... Eles viajariam pelo mundo procurando por *charmantes* reclusos para trazer para casa. Quem saberia o que eles poderiam ver!

Não era justo.

– Bela, vá – ordenou sua mãe. – Se eu tivesse a sua idade, não hesitaria nem por um instante. Você sempre voltará para cá, e eu sempre estarei aqui. E nós sempre teremos as conversas que precisarmos. Todo mundo deveria ter sua jornada, e todo mundo também deveria ter um lar. *Saia para o mundo em busca de aventura, volte para casa por amor.*

Maurice pareceu um pouco triste.

– Eu gosto de ter minhas duas garotas juntas de novo... mas nós temos tanta coisa a fazer que o tempo vai voar e você estará de volta em casa antes que a gente perceba.

– A fazer? – indagou a Fera.

– Bem, o vilarejo tem muita coisa com que lidar neste momento – disse o pai de Bela, com um sorriso pesaroso. – Desde parentes há muito perdidos que são, ou eram, *charmantes*... àqueles que genuinamente... hã... não estavam bem. Tem um monte de gente que esteve no que basicamente era uma prisão por muitos anos. Acho que os próximos meses serão instáveis, e talvez seja necessário um par de... *esquisitões* para ajudar um pouco a todos.

– E ainda temos que pensar no seu castelo – disse Rosalind, indicando uma janela através da qual alguém parecia estar agitando um par de roupas de baixo como uma bandeira. – Assim que todo o estardalhaço se acalmar, seu povo precisa decidir o que fazer. Tenho certeza de que ao menos alguns vão continuar aí... mas eles podem não se sentir mais como servos... Há um mundo inteiro aí fora, e você estará distante.

A Fera a observou, pensativo.

– Eu poderia nomear Lumière para administrar as coisas durante minha ausência, com Horloge...

– Ah, isso vai funcionar bem – disse Bela, já imaginando como aquilo acabaria: com Madame Samovar tomando as decisões finais, é claro.

A Fera a considerou.

– Você viria comigo, Bela? Você me ajudaria a fazer isso? Podemos não ser bem-sucedidos... eu posso ser uma fera para sempre.

– Não – disse Bela com um sorriso, tocando o nariz dele. – Você vai ser sempre o meu príncipe.

– Bem, você não é exatamente o que eu queria em um genro... por causa dos seus *pais*, não por causa da sua forma, digo – disse Rosalind rapidamente. – Mas sem dúvida é muito melhor do que aquele camarada, Gaston... Qual é a história *dele*, posso perguntar? Ele também era um paciente no hospício?

Bela quase sufocou de rir.

– Não, e aquela *não foi* a primeira vez que ele me propôs casamento.

– Acho – disse Maurice, colocando os braços ao redor do casal – que todos deveríamos ter uma última noite juntos antes de vocês partirem... só nós quatro. Há uma porção de histórias para contar antes que os vejamos de novo.

– E a maioria delas – observou Bela com um sorriso – parece *quase* ter um final feliz.



www.novoseculo.com.br



#Novo Século nas redes sociais

